

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 – 2005



Governo do Estado de Santa Catarina  
Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural  
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.



**Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005**

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Estudos de  
Safras e Mercados - Epagri/Cepa

**SÍNTESE ANUAL DA  
AGRICULTURA DE  
SANTA CATARINA  
*2004 - 2005***

*Dezembro 2005*

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Estado de Santa Catarina

Governador do Estado - Luiz Henrique da Silveira

Vice Governador - Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural - Moacir Sopelsa

Diretor Geral da Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural - Renato Broetto

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. - Epagri

Athos de Almeida Lopes

Chefe do Centro de Estudos de Safras e Mercados - Epagri/Cepa

Airton Spies

### Coordenação

Econ. Luiz Marcelino Vieira

### Elaboração

Eng. Agr. Admir Tadeo de Souza

Eng. Agr. Cesar A. Freyesleben Silva

Téc. Agr. Evandro Uberdan Anater

Oceanógrafo Fernando Soares Silveira

Econ. Francisco Assis de Brito

Eng. Agr. Guido Boeing

Eng. Agr. Juarez José Vanni Müller

Econ. Luiz Marcelino Vieira

Eng. Agr. Luiz Toresan

Biólogo Mauro Roczanski

Econ. Paulo Zoldan

Eng. Agr. Simão Brugnago Neto

Eng. Agr. Tabajara Marcondes

### Apoio

#### Editoração

Sidaura Lessa Graciosa

Zélia Alves Silvestrini

#### Capa

Vilton Jorge de Souza

#### Revisão Técnica

Geraldo Buógo

#### Colaboração

João Manoel Anderson

Márcia Janice Cunha Varaschin

Ilmar Bochart

Dálgio Cardoso de Mello Neto

Telmelita Senna

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -  
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976  
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura  
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri (2005 - )

1. Agropecuária Brasil SC Periódico. I. Instituto de Planejamento e  
Economia Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de  
Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de  
Estudos de Safras e Mercados - Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

## APRESENTAÇÃO

A partir de 22 de junho de 2005, a entidade criada em 1975 como Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (Cepa) e transformada em Instituto Cepa/SC em 1982, deixou de existir como instituição e se tornou o mais novo centro especializado da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). Passou, então, a denominar-se Epagri/Cepa – Centro de Estudos de Safras e Mercados.

A incorporação à Epagri permite a ampliação dos trabalhos nas áreas de informação e planejamento. Essa nova fase significa, portanto, a implementação de algumas novas atividades e a manutenção de outras, já bastante tradicionais e conhecidas pela sociedade catarinense.

As principais linhas de trabalho, como o acompanhamento conjuntural das cadeias produtivas, o sistema de preços pagos e recebidos pelos agricultores e no mercado atacadista, o assessoramento técnico à Secretaria de Agricultura, não apenas foram mantidos como estão sendo aprimorados.

Entre as atividades mantidas e aprimoradas, está, também, a Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. Elaborada desde 1976, temos a satisfação de apresentar neste ano de 2005 a 26ª edição impressa.

A publicação apresenta um importante material de consulta sobre o desempenho do agronegócio catarinense.

Entre outras informações, são analisados os principais produtos vegetais e animais do estado, a aquicultura e a pesca, o setor florestal e a produção de flores e plantas ornamentais. Apresenta, ainda, informações estruturais relativas a território, clima, população, mão-de-obra, bem como à estrutura econômica e social da agricultura. São apresentados também alguns dados do setor rural das trinta Secretarias de Desenvolvimento Regional criadas no atual governo.

A exemplo das edições a partir de 1995, essa 26ª edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina está sendo divulgada também no formato CD-ROM, o que facilita e reduz substancialmente os seus custos de distribuição, permitindo que um número muito mais significativo de usuários tenha acesso às informações.

Aproveitamos para nos colocarmos à disposição daqueles que quiserem contribuir para o aperfeiçoamento futuro desta publicação e para agradecermos a todas as pessoas e instituições que tornaram possível a presente edição. Esperamos que este documento ajude a subsidiar ações e políticas que contribuam na complexa tarefa de atingir o desenvolvimento rural sustentável em Santa Catarina.

Athos de Almeida Lopes  
Presidente da Epagri

**Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005**



## SUMÁRIO

### Parte I

#### Desempenho do agronegócio catarinense

Conjuntura Econômica e agricultura brasileira em 2004 e 2005 .....	9
--	---

#### Desempenho da produção vegetal

Alho .....	26
Arroz .....	34
Banana .....	48
Batata .....	66
Cebola .....	72
Feijão .....	80
Fumo .....	105
Maçã .....	114
Mandioca .....	122
Milho .....	137
Soja .....	147
Tomate .....	155
Trigo .....	168
Uva .....	178
Flores e plantas ornamentais .....	187
Calendário agrícola .....	215

#### Desempenho da produção animal

Carne bovina .....	216
Carne de frangos .....	220
Carne suína .....	224

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Leite.....	228
Mel .....	243

### **Desempenho da pesca e aquicultura ..... 255**

### **Desempenho do setor florestal..... 263**

## **Parte II**

Divisão política do território e informações climáticas .....	300
Caracterização socioeconômica .....	307
Estrutura de produção e comercialização .....	317
Informações econômicas da agropecuária .....	322
Preços agrícolas.....	327

## **Parte III**

Anexo I - Secretarias de Desenvolvimento Regional - Dados gerais do setor rural – Santa Catarina .....	335
Anexo II -Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das mesorregiões, microrregiões geográficas e municípios .....	366
Anexo III - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, segundo as secretarias de desenvolvimento regional .....	371
Anexo IV - Associações de municípios do estado de Santa Catarina .....	375
Anexo V - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios.....	379
Anexo VI - Conceitos .....	386
Lista de fontes .....	388
Lista de figuras .....	389
Lista de tabelas .....	392
Índice remissivo .....	399

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

## Siglas utilizadas

**Abraf** - Associação Brasileira de Produtos de Florestas Plantadas

**Abimóvel** – Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário

**Abipecs** – Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína

**Afubra** – Associação dos Fumicultores do Brasil

**Aincadesc** – Associação das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Santa Catarina

**Anda** – Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas

**Anfavea** – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

**Apinco** – Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte

**Bacen** – Banco Central do Brasil

**Bracelpa** – Associação Brasileira de Celulose e Papel

**BRDE** – Banco de Desenvolvimento do Extremo Sul

**Ceagesp** – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo

**Ceasa/SC** – Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S.A.

**Cidasc** – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

**Conab** – Companhia Nacional de Abastecimento

**Epagri/Cepa** - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Estudos de Safras e Mercados

**Epagri/Cepea** – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Referência em Pesquisa e Extensão Apícola

**Epagri/Climerh** – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro Integrado de Meteorologia e Recursos Hídricos

**FAASC** – Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

**FAO** – Food and Agriculture Organization of the United Nations

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**Ibraflor** – Instituto Brasileiro de Flores e Plantas Ornamentais

**Igra** - Instituto riograndense do Arroz

**MAPA** – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

**MDA** – Ministério do Desenvolvimento Agrário

**Ocesc** – Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina

**Secex/Decex** – Secretaria de Comércio Exterior/Departamento de Operações de Comércio Exterior

**Sindicarne** – Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados

**UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina

**Usda** – United States Department of Agriculture

## PARTE I

### Desempenho do agronegócio catarinense

#### Conjuntura econômica e agricultura brasileira em 2004 e 2005

O bom desempenho econômico nos principais mercados mundiais em 2004 acabou impulsionando a economia de países emergentes e gerando um clima de otimismo quanto à sustentação desse ciclo de crescimento.

Os EUA, conhecidos como a locomotiva planetária, cresceram quase 4,3%, acima de sua média histórica. Na zona do euro, a economia cresceu quase 2%, o que significou uma melhora significativa frente à quase estagnação do período anterior. Da mesma forma, o Japão voltou a crescer depois de anos de estagnação. Os países emergentes da Ásia, com destaque para a China, mantiveram acelerado ritmo de crescimento do Produto Interno Bruto – PIB -, que variou de 5% a 10%.

Em muito essa “onda” de crescimento influenciou a economia brasileira. O nível de atividade econômica no País se elevou a um patamar que não havia sido atingido desde o início do processo de estabilização iniciado com o Plano Real, em 1994. Apesar do impulso dado pelo comércio externo, a política econômica vigente, fundada no cumprimento de metas fiscais e na manutenção da estabilidade dos preços, conteve o potencial de crescimento

e fez com que o crescimento do Brasil ficasse abaixo das taxas dos principais países emergentes, inclusive das de alguns latino-americanos. Contudo, o risco-Brasil vem caindo e os investimentos externos aumentam.

De acordo com dados do IBGE, o PIB cresceu 5,2% em 2004 (em 2003 ficou em 0,55% e em 2002, em 1,92%). Em valores correntes, alcançou R\$ 1.769 bilhão no ano, ou US\$ 604.711 milhões (taxa média de câmbio de maio de 2005). O PIB per cápita ficou em US\$ 3.330, contra US\$ 2.789 em 2003.

Setorialmente, houve crescimento generalizado, com destaque para o setor industrial, que teve o melhor desempenho em 10 anos, crescendo 6,2%. O setor de serviços cresceu 3,7% e a agropecuária, 5,3%, mantendo uma taxa semelhante à dos quatro anos anteriores (2001 a 2004).

O mercado de trabalho também teve ligeira melhora no ano. A taxa total de desemprego aberto passou da média de 12,3% em 2003, para 11,5% em 2004, apresentando ainda pequena queda no primeiro trimestre de 2005. A taxa refere-se aos dados coletados nas principais regiões metropolitanas do País. O índice que mede o rendimento médio real do pessoal ocupado passou de 88,4 (base: set. 2001=100), na média de 2003, para 88,6, na média de 2004, continuando praticamente estável no primeiro trimestre de 2005.

O IPCA e o IGP-DI, índices de referência na variação dos preços, encerraram o ano de 2004 em 7,6% e 12,14%, respectivamente. As pressões inflacionárias, supostamente decorrentes de um ambiente econômico aquecido, embora estivessem sob controle das autoridades monetárias, representaram fator de preocupação frente à política de metas estabelecidas pelo Banco Central. Devido a isso, a taxa Selic, referência para os juros do País, passa a reverter o processo de queda iniciado em 2003 e volta a subir a partir do segundo semestre de 2004. O objetivo estava em conter o nível de atividade e persistiu em trajetória de alta no primeiro semestre de 2005.

O grande avanço comercial deveu-se à forte demanda internacional, especialmente por produtos em que o País é competitivo, com grande destaque para o agronegócio. As exportações totais cresceram 32%,

atingindo US\$ 96,5 bilhões; o saldo comercial cresceu 36% (chegando a US\$ 33,70 bilhões), e continua crescente no primeiro semestre de 2005, se comparado com o do mesmo período de 2004, consolidando uma recuperação iniciada em 2001.

As exportações do agronegócio brasileiro cresceram 29% em 2004 em relação ao ano anterior e representaram 36% do total exportado pelo País, atingindo US\$ 34,5 bilhões. Os produtos que mais se destacaram foram as carnes de aves e bovina, o complexo soja, o açúcar e cacau, o fumo, as madeiras e papel e papelão, que, juntos, concentram 75% do total exportado pelo setor.

Apesar da valorização cambial a partir do segundo semestre do ano, o comércio externo mostrou-se firme e continua sendo o motor de sustentação da economia nacional, embora os saldos sejam decrescentes.

As adversidades climáticas frustraram expectativas na safra agrícola. A seca no Sul e em algumas partes do Sudeste e Centro-Oeste prejudicou o setor.

A produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas<sup>1</sup> caiu 3,4%, passando de 123,6 milhões de toneladas em 2003 para 119,4 milhões de toneladas em 2004. Os principais problemas ocorreram nas lavouras de soja (-4,4%), milho (-13%), feijão (-9%) e trigo no Centro-Sul do País. Destacou-se naquela safra, no entanto, o expressivo crescimento da produção de arroz (29%), em virtude da expansão de áreas e do nível tecnológico utilizado.

Na Região Sul, a estiagem resultou em uma produção de grãos 17% menor em 2004 devido às perdas nas lavouras de milho, soja e feijão. A produção de arroz (basicamente irrigado) cresceu 27%.

O setor agrícola nacional registrou redução de 11% no rendimento médio da produção de grãos, calculado como a relação entre a produção e a área

---

<sup>1</sup> Este item inclui caroço de algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo, trigo e triticale.

cultivada, em relação ao aumento de 17,3% em 2003. A redução deveu-se a problemas climáticos, já que houve expansão na área cultivada e a utilização de fertilizantes permaneceu em níveis semelhantes aos do período anterior. A venda total de maquinário agrícola teve ligeira queda quando comparada com a do ano anterior.

De acordo com dados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais do IBGE, foram produzidos, em 2004, no País, 5,9 milhões de toneladas de carne bovina, 7,1 milhões de toneladas de carne de aves e 1,9 milhão de toneladas de carne de suínos, representando crescimentos de 19% e de 13,4% e recuo de 2,6%, respectivamente, frente a 2003. As exportações de carnes bovina, de aves e suínos atingiram 925,1 mil toneladas, 2,4 milhões de toneladas e 471 mil toneladas em 2004, com crescimentos respectivos de 49,2 %, 26,1% e 2,8% frente aos resultados de 2003.

Em 2005, o aumento dos custos de produção, a valorização cambial e a queda do preço das commodities agrícolas no mercado externo (que estavam aquecidas no ano anterior) se somam a mais um ano de adversidades climáticas, que levam a uma segunda queda na produção de grãos e fazem o setor enfrentar dificuldades.

A produção nacional da safra de cereais, leguminosas e oleaginosas está estimada em um volume de 113,468 milhões de toneladas (contra uma previsão inicial de 132 milhões), 5% inferior à da safra 2004. A redução se deve à previsão de queda de 21% na produção da Região Sul (que teve participação de 34% na produção nacional). As estimativas indicam crescimentos de 5,5% no Centro-Oeste (37% de participação); 3% no Sudeste (16% de participação); 9,8% no Nordeste (9% de participação) e 17% na Região Norte (3,7% de participação).

A agropecuária brasileira enfrenta, portanto, o segundo ano consecutivo de perdas na produção. Os produtores passaram a enfrentar dificuldades para honrar compromissos, o que certamente levará a um impacto negativo nas intenções de plantio da próxima safra.

O efeito multiplicador sobre os demais segmentos do agronegócio, como o da produção, comercialização de fertilizantes e agroquímicos, maquinário agrícola e produtos da indústria alimentar, dentre outros, já se faz sentir. Também a economia de um grande número de pequenos municípios, fortemente dependentes da agricultura, sofre o impacto negativo, principalmente no que se refere a vendas no varejo e a arrecadação de tributos.

A persistente valorização do real em 2005 tem suas principais causas na entrada de divisas comerciais e na política de juros altos, que atrai capitais externos especulativos. Os efeitos colaterais dessa política se refletem no crescimento da dívida interna e na desaceleração do crescimento econômico. A apreciação do real, além de reduzir a competitividade dos produtos nacionais, somou-se à queda nos preços internacionais de algumas commodities, significando redução da rentabilidade e comprometimento da capacidade de investimento dos produtores.

Os prejuízos, no entanto, têm diversas causas e afetam mais fortemente alguns segmentos. A produção de arroz, por exemplo, teve uma supersafra, competindo com o produto importado do Mercosul; os preços despencaram. Os atuais preços de mercado estão muito abaixo do custo de produção.

Na cultura do milho e da soja, os preços de comercialização em diversos estados não cobrem as despesas dos produtores com o plantio. Caso o País tivesse atingido seu potencial de produtividade, os preços teriam caído ainda mais e possivelmente a crise poderia ter provocado efeitos ainda maiores.

Na bovinocultura, o aumento dos custos de produção e a queda nos preços de comercialização levaram também a uma queda na renda. A suinocultura passou por uma melhora nas suas margens de lucratividade, graças à elevação do preço de venda do suíno vivo, à estabilidade da cotação do milho e a menores preços do farelo de soja. Os produtores se recuperam dos prejuízos de 2004.

Os prognósticos também são bons para a avicultura de corte em 2005. Há perspectivas de novo incremento das exportações e indicações de continuidade de crescimento do consumo interno. Em 2004, as exportações chegaram a 30% da produção nacional.

Já a capacidade financeira de produtores de trigo, mandioca, feijão, e outros produtos caiu significativamente.

Depois de crescer em termos de área plantada nas últimas safras, a agricultura brasileira chegou a uma capacidade de produção que supera os 130 milhões de toneladas. Este novo patamar não foi acompanhado por investimentos compatíveis em infra-estrutura e logística de transportes, armazéns e portos. A oferta de capital não tem sido suficiente para atender à demanda e complica ainda mais a perda de renda do setor. Investimentos realizados na expansão das safras recentes endividaram os agricultores, boa parcela já pressionada por débitos que vinham sendo renegociados.

O Plano Safra 2005/06 amplia mais uma vez a disponibilidade de recursos para o crédito e investimentos na área rural; mesmo assim, a área plantada deverá sofrer pequeno recuo. O governo está prorrogando o prazo para pagamento de dívidas dos agricultores que tiveram perdas por problemas climáticos.

O grande avanço do novo plano, no entanto, está na forma em que os incentivos serão dados. Deverá valorizar investimentos em projetos de adequação ambiental e sanitária, premiar propriedades em dia com as regras de reserva legal, estimular a integração entre pecuária e lavoura e de agregação de valor aos produtos agropecuários. A iniciativa está se colocando como um avanço no enfoque das políticas públicas do setor.

A figura 1/I mostra a evolução trimestral do PIB de 2004 até o primeiro trimestre de 2005. Os dados são do IBGE; apresentam a evolução por setor de atividade econômica e permitem observar um encolhimento da atividade no primeiro semestre de 2005.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

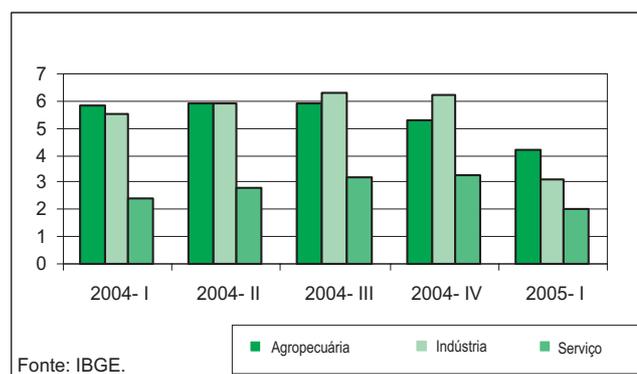


Figura 1/I. Produto interno bruto trimestral (%) - 2004-05

O PIB deverá crescer menos em 2005. Apesar da convergência do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – INPC – para níveis próximos da meta estabelecida pela autoridade monetária de 5,1%, as taxas de juros deverão voltar a cair lentamente, provavelmente a partir de setembro e seus efeitos somente ocorrerão em 2006. Preocupam agora as repercussões da crise política que o País vive e o desempenho da economia mundial. Apesar de tudo, a economia deverá crescer, mas a uma taxa menor que a obtida em 2004.

No ano passado, o crescimento em todos os grandes mercados emergentes foi significativo, ultrapassando as taxas de 2003, que já eram boas. A China cresceu 9,5%; a Argentina, 9,1%; a Turquia, 8,9% e a Rússia, 7,1%. Para 2005, o Brasil deverá continuar crescendo abaixo da média dos países emergentes. A alta do preço do petróleo (que possivelmente se estabilizará em níveis elevados), o aumento das taxas de juros (que estariam muito baixas em certos países) e os desequilíbrios macroeconômicos (em especial o déficit em conta corrente dos Estados Unidos) poderão afetar negativamente a economia mundial.

No Brasil, o aprofundamento dos problemas políticos e os escândalos relacionados à corrupção e a irregularidades que mais uma vez desviam a atenção pública, parecem cada vez mais se descolar do setor econômico,

mas seus desdobramentos certamente afetarão as expectativas dos agentes econômicos quanto às intenções de produção, investimento ou consumo.

A taxa de investimento, embora tenha reagido, ainda é baixa frente às necessidades do País de entrar em um ciclo de crescimento sustentável. As baixas taxas são o reflexo dessas expectativas frente a uma conjuntura de juros elevados, alta carga tributária e incertezas no campo político.

O País ainda carece de um ambiente mais propício para os negócios, pois, apesar dos avanços, a economia ainda é vulnerável frente ao forte endividamento do País, à precariedade da infra-estrutura e ao baixo nível dos investimentos e de inclusão social.

### **Desempenho da agropecuária catarinense na safra 2003/04**

Em Santa Catarina, o PIB agropecuário, após cinco anos de crescimento consecutivo (1999-003), teve uma queda de 0,6% em 2004, atingindo um valor estimado de R\$ 9,019 bilhões. A área plantada dos principais produtos da lavoura cresceu apenas 0,5%, atingindo 1.756.352 hectares. Os problemas climáticos, que resultaram em perdas na produção de grãos e a redução na produção de aves e suínos são as principais razões para essa baixa performance.

Entre os principais grupos de produtos utilizados na estimativa do PIB, os das lavouras permanentes, temporárias e horticultura tiveram uma queda de 0,9% em volume, que foi compensada pela recuperação dos preços recebidos, os quais, em média, aumentaram 8,2%. A produção pecuária, pelo segundo ano consecutivo, teve queda de 1,14% no volume produzido, mas também compensada pelo crescimento de 14,7% nos preços recebidos. Destaca-se o crescimento da silvicultura, de 6% em volume e 27,7% nos preços recebidos. Os valores acima referem-se às médias geradas em cada um dos segmentos. Apesar de uma redução no consumo aparente de fertilizantes, o número de máquinas e equipamentos agrícolas vendidos em

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

território catarinense teve um expressivo crescimento na comparação com o ano anterior.

A tabela 1 apresenta a participação de Santa Catarina em relação ao Brasil no tocante à área e à produção agrícola e também à posição do estado na produção nacional. Quando comparada com a da safra anterior, a classificação do estado perdeu posição nas culturas da batata, soja e trigo e ganhou nas de banana, feijão e tomate, mantendo-se nas demais. Os produtos agrícolas catarinenses que mais se destacam na produção nacional são a maçã, o fumo e a cebola, que contam com expressiva participação. O estado ainda se destaca na produção nacional de suínos, com cerca de 25% de participação e com 18% na de aves.

*Tabela 1/I. Área plantada, produção e posição de Santa Catarina na produção nacional, segundo os principais produtos agrícolas - Safra 2003/04*

Produto	Área plantada (ha)		Produção (t)		Posição de SC na produção nacional
	SC	SC/BR (%)	SC	SC/BR (%)	
Alho	2.145	14,36	15.656	13,36	40.
Arroz	151.598	4,02	1.011.592	7,63	30.
Banana <sup>(1)</sup>	30.069	6,03	655.680	10,11	30.
Batata	8.666	7,34	120.555	5,09	60.
Cebola	21.417	37,25	436.597	38,72	10.
Feijão	137.342	3,15	143.859	4,83	60.
Fumo	143.112	30,42	284.825	30,68	20.
Maçã <sup>(1)</sup>	17.644	53,50	583.205	59,64	10.
Mandioca	32.141	1,48	593.000	2,45	100.
Milho	816.133	6,34	3.257.770	7,78	60.
Soja	314.469	1,47	641.748	1,30	110.
Tomate	2.390	4,11	129.054	3,76	70.
Trigo	77.541	3,11	171.969	2,96	40.

<sup>(1)</sup> Área destinada à colheita.

Fonte: IBGE, LSPA, dezembro de 2004.

Em 2004, as exportações do agronegócio catarinense cresceram 31% em relação às do ano anterior e representaram 57% do total exportado pelo estado, atingindo US\$ 2,7 bilhões. Os produtos exportados estão altamente concentrados nas carnes suínas e de aves, no fumo, nos produtos da indústria da madeira, papel e papelão, os quais, juntos, representam 90% do total exportado pelo agronegócio no estado.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Uma abordagem mais específica da safra 2003/04, referente ao desempenho dos 17 principais produtos agropecuários de Santa Catarina<sup>2</sup>, pode ser observada na tabela 2/I. Os produtos foram agrupados e são apresentados conforme suas especificidades. Podem-se observar o valor bruto da produção (VBP) para cada um desses grupos e os totais da agricultura e da pecuária.

*Tabela 2/I. Valor bruto da produção (VBP) e variação da produção e dos preços na agropecuária catarinense, segundo grupos dos principais produtos - 2003/04*

Grupos de produto	VBP (mil R\$)		2004 (%)	Variação da produção (1)	Variação dos preços(2)
	2003	2004			
Grãos	2.385.693	2.308.884	23,50	(15,49)	14,51
Hortaliças	290.641	307.321	3,13	1,87	3,80
Raízes e Tubérculos	135.249	137.580	1,40	3,80	-2,00
Fumo (estufa)	840.556	1.193.417	12,15	33,51	6,35
Frutas	700.659	762.585	7,76	18,85	-8,43
Carnes(3)	3.869.624	4.484.721	45,65	(1,32)	17,45
Leite (mil l)	569.948	630.000	6,41	5,08	5,19
<b>Agricultura</b>	<b>4.352.797</b>	<b>4.709.786</b>	<b>47,94</b>	<b>1,26</b>	<b>6,85</b>
<b>Pecuária</b>	<b>4.439.573</b>	<b>5.114.721</b>	<b>52,06</b>	<b>(0,50)</b>	<b>15,79</b>
<b>Total</b>	<b>8.792.369</b>	<b>9.824.507</b>	<b>100,00</b>	<b>0,37</b>	<b>11,33</b>

(1) Indica o crescimento da produção entre as safras de 2002/03 e 2003/04.

(2) Indica a variação dos preços recebidos pelo produtor entre 2003 e 2004.

(3) Refere-se aos abates totais no estado.

Nota: Os dados apresentados nesta tabela referem-se a números-índices, portanto são agregados e referem-se aos grupos de produtos selecionados. Seus resultados fornecem uma dimensão econômica global da evolução do valor e volume dos principais produtos da agropecuária catarinense, não refletindo, portanto, a situação dos cultivos ou produções específicas.

Fonte: Epagri/Cepa.

Além disso, foram estimados os índices de preços e da produção nesses segmentos e para o total da agropecuária, a fim de se poder obter um panorama do desempenho global da safra agrícola e da produção pecuária no referido ano em relação ao ano anterior.

Os dados indicam que o VBP total cresceu 12%, graças a um crescimento de 0,37% na produção e de 11,3% nos preços recebidos pelos produtores.

<sup>2</sup> Inclui grãos (arroz, feijão, milho, soja, trigo); hortaliças (alho, cebola e tomate); raízes e tubérculos (batata-inglesa e mandioca); fumo; frutas (banana e maçã); carnes (bovinos, frangos e suínos) e leite.

A produção agrícola, quando comparada com a do ano anterior, cresceu apenas 1,3%, enquanto a da pecuária caiu 0,5%. A performance dos preços, de uma forma geral, permitiu compensar o baixo desempenho da produção daquele ano.

A queda na produção dos grãos e das carnes e a boa performance das culturas de fumo e frutas foram os principais destaques do ano no estado. Quanto aos preços, verificou-se a boa performance das carnes, cujo índice foi puxado pelo expressivo aumento verificado na suinocultura (31%) e na avicultura (12%).

Quanto aos grãos, a única cultura que teve aumento de produção foi a de trigo, mas sua pequena participação no total produzido é insuficiente para compensar a queda nos demais produtos. A produção de milho, que tem 41% de participação entre os grãos, foi 24% menor. A produção de arroz (28% de participação) foi 2,2% menor. A de soja (19% de participação) foi 10% menor e a de feijão caiu 25%.

No caso do milho, além de uma redução na área plantada, as estiagens resultaram em uma redução maior do que a esperada na produção obtida. Como decorrência da forte queda da produção, apesar de o consumo estadual ter diminuído em razão da redução da produção de suínos e aves, o déficit estadual aumentou para 1,31 milhão de toneladas. Os preços em 2004 foram sustentados pelas exportações e pelo mau desempenho da produção, mas ainda assim estiveram aquém das expectativas dos produtores.

A soja, devido aos bons preços vigentes à época da semeadura, às boas perspectivas comerciais e ao encolhimento da cultura do milho, teve um crescimento de 22,3% na área plantada. A produção, porém, sofreu fortes perdas em razão das estiagens. A comercialização interna, que em 2003 já havia apresentado bom desempenho, foi ainda melhor nos primeiros meses de 2004, e na média do ano superou a do ano anterior.

A produção de arroz, apesar de pequena queda, esteve próximo do nível recorde da safra anterior e representou 8% da produção nacional. Vale destacar que a produção estadual cresceu cerca de 40% entre 1999 e 2004.

O declínio da produção catarinense de feijão já dura dez anos. O pico da produção foi atingido entre o início e meados dos anos 90. A média da produção de 2003 a 2005 mostra uma redução a praticamente metade do montante produzido no início daquela década (147,5 mil toneladas). Este volume resultou do decréscimo em 68% na área colhida (para 132,5 mil hectares), paralelamente à expansão em 61% da produtividade das lavouras estaduais (para 1,1 tonelada por hectare).

A grande suscetibilidade das lavouras de feijão às adversidades climáticas, que resulta em perda de qualidade e de produtividade dos grãos, fortaleceu a tendência de os agricultores as substituírem por outras atividades produtivas. Outro elemento a ser considerado nesse processo tem sido a paulatina redução das dimensões do mercado nacional do produto.

A produção de hortaliças teve um desempenho melhor. A produção de cebolas, apesar da redução na área plantada, teve bons índices de produtividade e a produção foi 6,6% maior. A competição com o produto argentino, de melhor qualidade e padrão comercial, tem levado os produtores catarinenses a adotar novas e modernas técnicas, especialmente as de plantio direto e irrigação.

A produção de alho no estado cresceu cerca de 2%, mas tem sido desestimulada devido a prejuízos atribuídos ao excesso de produto importado no mercado brasileiro. Depois de passar por um período de boas perspectivas de mercado, que registrou forte expansão na cultura e grandes inversões tecnológicas, os produtores de Santa Catarina estão desestimulados e vêm perdendo espaço para outros estados da Federação.

A produção de batatas vem se concentrando espacialmente e em um número menor de produtores. O setor tem sofrido a concorrência da produção dos demais grandes estados produtores, que, por melhores condições de topografia e maior profissionalização, conseguem produtividades maiores. A produção catarinense de batatas caiu quase 6% em 2004 e continua concentrada principalmente nas microrregiões de Joaçaba e Campos de Lages. Os preços de comercialização ficaram aquém das expectativas e,

mais uma vez, poderão interferir negativamente no desempenho futuro da atividade.

A cultura da mandioca enfrentou alguns fatores climáticos adversos, que afetaram parcialmente a produção, tais como: baixo índice pluviométrico em alguns municípios; alternâncias bruscas de temperatura no verão passado (dias quentes intercalados com dias frios), que favoreceram o desenvolvimento de alguns focos de bacteriose, bem como a passagem do furacão Catarina na região Sul Catarinense. A produção, ainda assim, cresceu 10%, mas não atingiu os patamares de produção de 2001.

A produção de fumo teve expressivo crescimento, registrando novo recorde. Além do bom desempenho, as indústrias destacam que a qualidade do fumo foi um dos pontos fortes da safra 2003/04. Apesar dos problemas de comercialização, a fumicultura se consolida com uma atividade de grande importância econômica e social do agronegócio catarinense.

A área plantada de bananais no estado cresceu gradativamente nos últimos cinco anos. Estimulados pelos bons preços recebidos no início da década, os produtores aumentaram de 25.932 em 1999, para 30.069 hectares em 2004. O rendimento médio dos pomares, com base no aumento do uso da tecnologia recomendada, também apresentou evolução gradativa, com crescimento de 15,5% no mesmo período.

O mercado da fruta, em 2004, no entanto, foi bastante difícil e deverá arrefecer o ritmo de crescimento da cultura. O aparecimento da Sigatoka negra nos bananais do estado, além de devastar pomares do sul, provocou queda no consumo, já que, por má interpretação, o consumidor avaliou que a doença poderia ser prejudicial ao consumo humano. Outra consequência desastrosa foi a proibição, por parte das autoridades sanitárias federais, da venda da banana para fora do estado.

A seção que segue aborda aspectos relativos ao desempenho da agropecuária catarinense em 2005. Os resultados têm base nos dados disponíveis no 1º semestre do ano e se referem aos principais produtos

agropecuários do estado. Embora ainda preliminares, indicam mais um ano de dificuldades para os produtores, seja no que se refere ao clima, seja no comportamento do mercado.

### Desempenho da agropecuária catarinense na safra 2004/05

O PIB agropecuário catarinense deverá cair pelo segundo ano consecutivo em 2005. As estimativas preliminares do desempenho da produção para a safra 2004/05 indicam uma redução superior a 2%, prevendo-se que somente a agricultura deverá cair 7%. A pecuária, com base nos dados do primeiro semestre de 2005 em relação aos do mesmo período do ano anterior, deverá ter crescimento, compensando parte dos prejuízos na agricultura. A suinocultura e a avicultura cresceram 3,6% e 2,2%, respectivamente, mas a bovinocultura apresenta sensível queda.

Os dados estão baseados na análise de desempenho dos 17 principais produtos agropecuários, cujos dados constam na tabela 3. Os produtos estão agrupados conforme suas especificidades.

A situação mais crítica que se observa está na produção de grãos, segmento no qual, além da quebra na produção provocada por mais um ano de estiagem, houve uma forte redução nos preços médios recebidos pelos agricultores.

No caso do milho, as estimativas estão indicando uma redução tanto na produção estadual como na nacional, decorrente de novos períodos de estiagem, que provocaram perdas expressivas, especialmente nas Regiões Sul e Centro-Oeste. Com isso, os estoques finais deverão recuar para níveis bastante baixos. Apesar de o suprimento sinalizar para a possibilidade de os preços internos virem a registrar melhoras, seu avanço não deverá ser muito expressivo, uma vez que deverá estar atrelado aos custos de importação.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/I. Estimativa da evolução da produção e dos preços ao produtor na agropecuária catarinense, segundo grupo dos principais produtos - Safras 2003/04 - 2004/05

Grupos de produtos	Variação da produção <sup>(1)</sup>	Variação dos preços <sup>(2)</sup>
Grãos	(9,44)	(20,41)
Hortaliças	(9,85)	9,11
Raízes e Tubérculos	(0,86)	26,11
Fumo (estufa)	(2,56)	7,40
Frutas	(8,69)	4,24
Carnes(3)	1,96	8,01
Leite (mil l)	5,00	20,98
Agricultura	(7,35)	(6,77)
Pecuária	2,34	9,59
<b>Total</b>	<b>(2,31)</b>	<b>1,84</b>

<sup>(1)</sup> Variação percentual entre as safras 2003/04 e 2004/05. A estimativa para a produção pecuária em 2005 está baseada no desempenho do setor no primeiro semestre de 2005, em comparação com o mesmo período do ano anterior.

<sup>(2)</sup> Variação percentual dos preços médios mensais recebidos pelo produtor no primeiro semestre dos respectivos anos.

<sup>(3)</sup> Refere-se aos abates totais no estado.

Fonte: Epagri/Cepa.

A situação mais crítica que se observa está na produção de grãos, segmento no qual, além da quebra na produção provocada por mais um ano de estiagem, houve uma forte redução nos preços médios recebidos pelos agricultores.

No caso do milho, as estimativas estão indicando uma redução tanto na produção estadual como na nacional, decorrente de novos períodos de estiagem, que provocaram perdas expressivas, especialmente nas Regiões Sul e Centro-Oeste. Com isso, os estoques finais deverão recuar para níveis bastante baixos. Apesar de o suprimento sinalizar para a possibilidade de os preços internos virem a registrar melhoras, seu avanço não deverá ser muito expressivo, uma vez que deverá estar atrelado aos custos de importação.

No caso da soja, apesar da deterioração dos preços a partir do segundo semestre de 2004, a área plantada cresceu 8,6%. O clima, entretanto, reduziu o potencial da produção para patamares inferiores aos da já frustrada safra de 2004. No que diz respeito ao mercado interno, a queda da produção mais o recuo das cotações internacionais provocaram um acentuado declínio da renda dos produtores. Na média do primeiro semestre de 2005, por

exemplo, os preços ofertados aos produtores foram 34% menores que os do mesmo período do ano anterior.

A cultura de arroz, apesar de ter crescido um pouco depois das perdas da safra anterior, enfrenta problemas de comercialização. Os preços médios recebidos em 2005 estão 35% abaixo daqueles do mesmo período anterior. Há uma superoferta do produto no mercado interno brasileiro.

Os produtores de cebola também estão desestimulados pelos baixos preços recebidos em 2004, resultando em nova redução na área plantada, assim como na reconversão produtiva para cultivos mais rentáveis. Estima-se uma queda de 18% na produção de 2005 e os preços continuam muito aquém das expectativas dos produtores.

Para a safra catarinense de mandioca 2004/05, os dados preliminares demonstram um incremento de 2,5% em relação aos dados da safra passada. Contribuiu para este aumento o mercado favorável em 2004, que manteve os preços em alta para os seus derivados, beneficiando também o produtor de matéria-prima. No entanto, as intempéries - baixo índice de precipitação, ocorrência de ventos, queda de granizo e mudanças bruscas de temperatura - observadas nos primeiros meses deste ano dificultaram o desenvolvimento vegetativo de algumas plantações, favoreceram o aparecimento de doenças e o ataque de pragas.

A produção de bananas continua enfrentando dificuldades. No mercado internacional, enfrenta concorrência direta com outros países e, internamente, disputa a mesma fatia de mercado com outras frutas produzidas no País e as importadas. Os altos custos para a comercialização sem linhas de crédito, a realização de negócios sem a garantia de contratos, a deficiência na classificação e, ainda, a falta de padronização do produto e da embalagem são os principais entraves para uma maior inserção do produto no mercado.

Apesar do aumento na área cultivada, a produção de fumo deverá cair em volume, apesar de as perdas mais significativas terem sido as de qualidade do fumo colhido. O preço médio recebido pelos produtores catarinenses, embora tenha sido melhor que o pago aos agricultores gaúchos, não deixou de frustrar os produtores.

Outro destaque deste primeiro semestre está na produção de leite, que teve aumento de 5% no volume ofertado às indústrias e um desempenho bastante favorável dos preços recebidos.

A produção de aves e suínos voltou a crescer no primeiro semestre, mas os produtores ainda precisam recuperar-se dos prejuízos e margens justas enfrentadas em anos anteriores. No caso da avicultura estadual, a situação é mais crítica, pois, além de enfrentarem pressão de custos, os preços recebidos caíram. Apesar do aumento das exportações e do crescimento do mercado interno no estado, a atividade se sustenta provavelmente por ser conduzida por mão-de-obra familiar. Já a produção de suínos está em melhor fase, com crescimento na produção e bom desempenho nos preços recebidos. As exportações neste primeiro semestre tiveram um bom desempenho, tanto em volume como em valor.

A seguir se fará uma análise específica de cada um dos principais produtos agrícolas do estado. A abordagem traz uma ampla perspectiva de produção e mercado, que compreende desde aspectos regionais até uma perspectiva nacional ou internacional, conforme as características de mercado desses produtos. Também se fará uma análise do setor de flores e plantas ornamentais, da aqüicultura e pesca, do setor florestal e das culturas de mel, uva e vinhos, segmentos que emergem com grande potencial econômico e social no estado.

## Desempenho da produção vegetal

### Alho - Dificuldades ameaçam o setor produtivo

A produção catarinense de alho, correspondente ao ano agrícola 03/04, apresentou como resultado final, levantado pelo IBGE, uma oferta bruta de 15,6 mil toneladas do bulbo.

Do total em questão, estima-se que aproximadamente 90% tenha sido originado dos municípios onde a cultura se reveste de maior importância econômica e onde a atividade se fundamenta basicamente no cultivo de alhos nobres, de melhores características produtivas e padrões de comercialização. O percentual restante, constituído de alhos comuns, vem de diversos municípios, principalmente os localizados na faixa litorânea e em áreas de menor altitude, de características edafoclimáticas menos apropriadas à cultura.

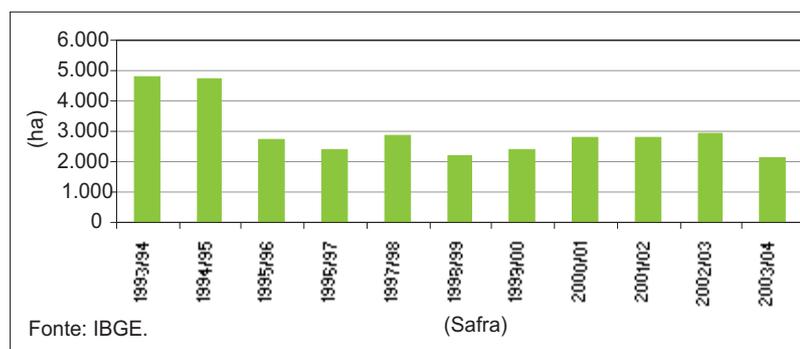
O volume da produção catarinense obtido nesta safra evoluiu 2,4% comparativamente ao do cultivo precedente, exclusivamente em razão da produtividade média das lavouras estaduais, que alcançou ao redor de 7.300 kg/ha e superou em mais de 40% a da safra anterior.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

O extraordinário índice de rendimento físico registrado nessa campanha, por sua vez, refletiu diretamente as boas condições de clima verificadas durante todo o ciclo vegetativo da cultura e, principalmente, da constante determinação dos agricultores de melhorar as suas técnicas de cultivo.

O total da área plantada somou ao redor de 2.145 hectares, com diminuição de 27,4% frente aos 2.955 hectares implantados na safra anterior, e caracterizou-se, em Santa Catarina, como o menor plantio do bulbo nos últimos anos, conforme demonstrado na figura 1/I.



Fonte: IBGE.  
Figura 1/I - Alho - Evolução da área plantada em Santa Catarina - Safras 1993/94 - 2003/04

O desempenho da cultura em Santa Catarina, por microrregião produtora, segundo pesquisas realizadas pelo IBGE, apresentou-se de acordo com a tabela 1/I.

Tabela 1/I. Alho – Área plantada, produção e rendimento obtido por microrregião geográfica – Santa Catarina – 2003/04 <sup>(1)</sup>

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)	Produção colhida (t)	Rendimento obtido (kg/ha)
Curitibanos	1.659	12.860	7.752
Joaçaba	278	1.438	5.173
Lages	164	1.140	6.951
Tubarão	13	86	6.615
Concórdia	12	63	5.250
Tabuleiro	7	25	3.571
Chapecó	5	23	4.600
Outras	7	21	3.000
<b>Total</b>	<b>2.145</b>	<b>15.656</b>	<b>7.299</b>

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Não obstante a cultura revelar números de certa forma otimistas, a atividade no estado vem perdendo espaço a cada ano, em virtude da forte concorrência imposta ao produto local pelo alho importado, especialmente da China.

Com efeito, após registrar, conforme demonstrado na figura 2/1, um período de forte expansão, resultante da incansável busca e adoção por parte dos produtores de novas e mais modernas tecnologias produtivas, objetivando aumentar a produtividade e melhorar a qualidade do alho com vistas a reduzir a grande dependência em relação ao produto importado, a alhicultura catarinense experimenta um período de declínio, determinado exclusivamente pelo excesso de produto importado no mercado brasileiro, com grande desestímulo e prejuízos para os agricultores, além de descapitalização e abandono da atividade por parte de muitos deles.

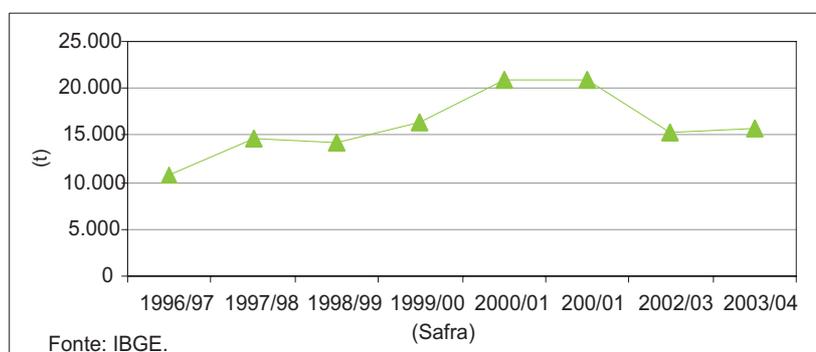


Figura 2/1 - Alho - Evolução da produção catarinense - Safras 1996/97 - 2003/04

O cenário registrado para a cultura em Santa Catarina é também verificado nos demais estados da Região Sul, sem dúvida os mais intensamente prejudicados pelas importações normalmente realizadas pelo País, haja vista que no período de comercialização da safra sulina as compras externas do produto representam, normalmente, mais de 60,0% do total anual das aquisições brasileiras.



Assim, nas últimas safras também se verificou uma acentuada diminuição da área cultivada e da produção colhida nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, onde muitos produtores têm acumulado prejuízos sobretudo por conta da forte concorrência imposta pelo alho importado da China e, não menos intensamente, do alho de semente chinesa proveniente da Argentina.

Não obstante o fraco desempenho nacional registrado pela cultura nos estados sulinos, o resultado final desta campanha revelou números extraordinários e novos recordes relacionados à atividade.

Com efeito, os dados oficiais conclusivos desta safra - ainda sujeitos a pequenas alterações decorrentes de ajustes nas informações regionais - registraram uma oferta bruta de aproximadamente 123,1 mil toneladas do produto - novo recorde de produção interna, 7,6% maior que o resultado da campanha imediatamente precedente.

Os produtores brasileiros de alho, nos últimos anos, empenharam-se, com o apoio de técnicos seriamente envolvidos com o setor, na procura de melhores tecnologias produtivas, buscando conquistar a melhoria da produtividade e do padrão comercial do produto interno, com o objetivo principal de aumentar, com qualidade, a produção nacional, objetivando a auto-suficiência na oferta brasileira.

Produtores e técnicos tiveram sucesso em sua empreitada. Selecionaram novas cultivares, mais produtivas e de melhor aceitação pelo mercado; substituíram técnicas de cultivo ultrapassadas por sistemas produtivos que permitem ganhos de produtividade com redução dos custos; investiram em tecnologias de pós-colheita, classificação e embalagem; realizaram campanhas de comercialização, divulgando junto aos consumidores as características do alho nacional, com vistas a aumentar o consumo *in natura* e buscaram uma maior aproximação com importadores e operadores atacadistas do produto.

Deram exemplo de como alcançar sucesso num setor totalmente desprotegido de apoio e benesses do setor público e responderam à altura à necessidade imperiosa de substituir as importações.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

De fato, nos últimos dez anos, não obstante o recuo de aproximadamente 15,0% no total da área plantada, a produção nacional registrou aumento superior a 45,0%, evoluindo de 84,2 mil toneladas para um volume de oferta bruta de 123,1 mil toneladas do bulbo.

O desempenho da produção brasileira no período em questão é mostrado no figura 3/I.

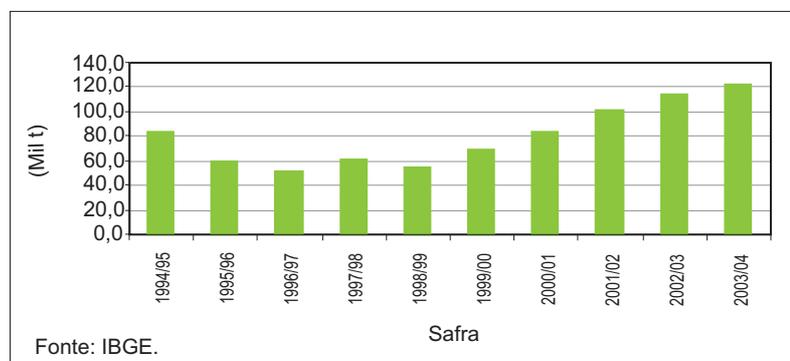


Figura 3/I - Alho - Comportamento da produção brasileira - Safras 1994/95 - 2003/04

O total da área plantada na campanha 03/04 no Brasil situou-se ao redor de 15,1 mil hectares, ou seja, recuou 4,2% em relação à safra anterior. O rendimento médio obtido foi de 8.153 kg/ha, revelando, portanto, um crescimento superior a 12,0%. Nos últimos dez anos, o índice da produtividade média nacional evoluiu mais de 70,0%, conforme demonstrado na figura 4/I.

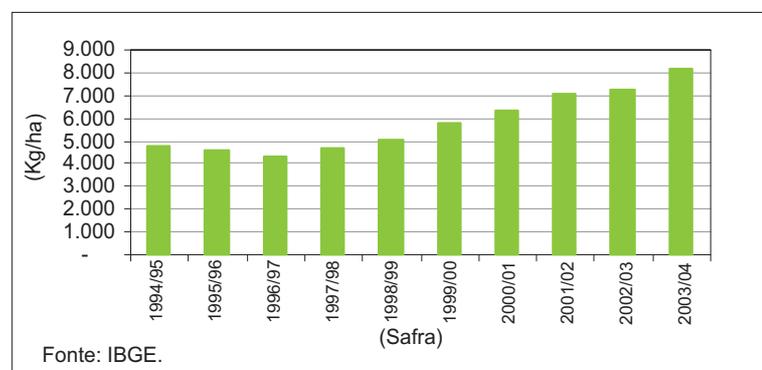


Figura 4/I - Alho - Evolução da produtividade brasileira - Safras 1994/95 - 2003/04



Lamentavelmente, a meta da auto-suficiência na produção interna ainda não foi alcançada, tendo em vista as facilidades e favorecimentos oficiais proporcionados aos importadores nas compras externas do produto.

A propósito das importações do bulbo, de acordo com informações disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil, o volume das aquisições externas realizadas pelo País no corrente ano somou 101,2 mil toneladas, com gastos de aproximadamente US\$ 48,2 milhões/FOB.

O volume em questão é cerca de 10,5% maior que o total das importações realizadas durante todo o ano de 2003 e supera em 27,5% e 30,0%, respectivamente, as compras efetuadas em 2002 e 2001.

Conforme já anteriormente destacado, os principais fornecedores internacionais do produto têm sido a Argentina e a China; menos intensamente, surgem a Espanha e a Bolívia e, eventualmente, Chile, Paraguai, México e Hong Kong.

No corrente ano, cerca de 64,5% das compras externas brasileiras vieram da Argentina e 30,7%, da China. O restante veio da Espanha, de Hong-Kong, da Bolívia, do Chile e do Paraguai.

A comercialização dessa safra catarinense, a exemplo das últimas campanhas, realizou-se com dificuldades e valores de venda muito aquém das expectativas e pouco remuneradores, considerando-se os elevados custos despendidos na implantação da lavoura.

As razões desse comportamento são bastante óbvias e conhecidas de todos os integrantes da cadeia produtiva do bulbo e estiveram, normalmente, relacionadas às importações indiscriminadas do produto, além, é claro, do elevado custo de produção e do baixo consumo interno.

Como consequência dessas afirmativas, tem-se observado, nos últimos anos, um cenário de mercado por demais desfavorável para o produto, ou seja, um mercado superabastecido para uma demanda extremamente reprimida,



tendo em vista o insignificante poder de compra da grande maioria da população.

Os reflexos negativos desse quadro recaem, evidentemente, sobre os preços recebidos pelos produtores, que se apresentaram em patamar bastante baixo, especialmente nesta última temporada, que revelou as mais baixas cotações dos últimos anos.

O comportamento dos valores médios mensais de comercialização do alho tipo 6 e 7, recebidos pelos produtores de Santa Catarina, nos últimos anos, é mostrado na figura 5/1.

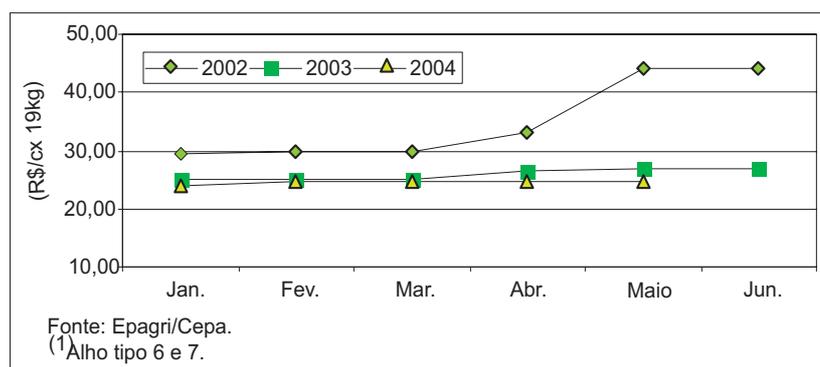


Figura 5/1 - Alho - Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina<sup>(1)</sup> - 2002-04

Para a nova safra, correspondente ao ano agrícola 04/05, os indicadores oficiais revelam tendência de forte diminuição da área a ser plantada e da produção a ser colhida em todos os principais estados produtores do País.

Em Santa Catarina, onde esta campanha já foi definitivamente concluída, os números disponíveis indicam um plantio da ordem de 1,5 mil hectare e produção colhida de apenas de 11,4 mil toneladas, ou seja, valores que, se confirmados, representarão reduções de 30,0% e 27,0%, respectivamente, em comparação aos registrados na safra anterior.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tendência semelhante foi também verificada nos demais estados sulinos e deverá ser ratificada em todos os demais estados da Federação, de vez que as projeções oficiais para o País indicam níveis de produção bruta bastante inferiores a 100 mil toneladas.

Tabela 2/I. Alho - Área plantada, produção e rendimento - Brasil e principais estados - 2001/02-2003/04

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2001/02	2001/02	2003/04 <sup>(1)</sup>	2001/02	2001/02	2003/04 <sup>(1)</sup>	2001/02	2001/02	2003/04 <sup>(1)</sup>
Distrito Federal	323	324	300	2.711	2.936	2.700	8,393	9,062	9,000
Goiás	1.620	1.909	2.393	13.590	19.525	24.272	8,389	10,228	10,143
Bahia	1.394	1.558	1.674	11.872	13.167	13.963	8,516	8,451	8,341
Ceará	29	28	26	90	90	81	3,103	3,214	3,115
Paraíba	15	10	10	47	43	46	3,133	4,300	4,600
Piauí	23	21	23	88	82	88	3,826	3,905	3,826
Rio Grande do Norte	5	0	0	20	0	0	4,000	-	-
Espírito Santo	414	414	272	2.673	3.003	1.834	6,457	7,254	6,743
Minas Gerais	2.522	2.869	3.293	20.537	26.669	33.830	8,143	9,296	10,273
Rio de Janeiro	0	18	0	0	108	0	#DIV/0!	6,000	#DIV/0!
São Paulo	200	180	150	1.460	1.089	1.365	7,300	6,050	9,100
Paraná	691	888	816	3.333	4.037	3.692	4,823	4,546	4,525
Rio Grande do Sul	4.321	4.586	3.997	24.635	28.391	25.572	5,701	6,191	6,398
Santa Catarina	2.792	2.955	2.145	20.861	15.296	15.656	7,472	5,176	7,299
<b>BRASIL</b>	<b>14.349</b>	<b>15.760</b>	<b>15.099</b>	<b>101.917</b>	<b>114.436</b>	<b>123.099</b>	<b>7,103</b>	<b>7,261</b>	<b>8,153</b>

Fonte: IBGE/PAM.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.



## Arroz - Produção mundial volta a crescer com perspectiva de recorde, mas comércio continua limitado

A produção mundial de arroz, após três anos consecutivos de baixa, entra novamente em ascensão, iniciada em 2003.

As projeções mais recentes da FAO (órgão de agricultura e alimentação da ONU) e do Usda (Ministério da Agricultura dos Estados Unidos) prevêem novo recorde, mesmo que de pequena monta (entre 2% e 2,5%) na produção mundial de arroz no ano em curso.

Se alcançar 620 milhões de toneladas de arroz em casca, se terão quase nove milhões de toneladas a mais do que na safra de 1999 (611,3 milhões de toneladas), até aqui a recordista.

Tabela 1/I. Arroz em casca no mundo - Produção, área cultivada e rendimento médio - 1999-2004

Discriminação	1999	2003	2004
<b>Valores absolutos</b>			
Quantidade produzida (mil t)	611.340.811	589.125.843	605.758.530
Área cultivada (mil ha)	153.364.794	153.522.318	151.295.524
Rendimento (kg/ha)	3.986,2	3.837,4	4.003,8
<b>Variação percentual (%)</b>			
		2004/1999	2004/2003
Quantidade produzida		(0,9)	2,8
Área cultivada		(1,3)	(1,5)
Rendimento		0,4	4,3

Fonte: Faostat.org. julho/05.

Entre 2003 e 2004, registrou-se 3% a mais em quantidade produzida deste cereal no mundo, em virtude da elevação de 4,3% em seu rendimento médio, ao tempo em que sua área cultivada se retraiu 1,5% (Tabela 1/I).



Um movimento ascensional com estas características se respaldou basicamente na recuperação dos patamares produtivos dos países asiáticos (90% da produção mundial), embora tenha tido expressão entre os sul-americanos (4%) e africanos (3%).

Entre os dois países responsáveis pela metade da produção mundial, a China (que responde por 29% deste total) voltou a crescer 9,5% entre 2003 e 2004, em que pese ter declinado 19% desde 1999.

A Índia, o segundo maior produtor, continua a reduzir paulatinamente sua produção: -4% de 1999 a 2004 e -1% entre 2003 e 2004.

Dos demais países grandes produtores, apenas o Japão seguiu os passos da China ao declinar (5%) desde 1999, apesar de ter crescido 12% entre os dois últimos anos.

Tabela 2/I. Arroz em casca - Produção dos onze principais países 1999-2004

Discriminação	1999	2003	2004
Quantidade produzida (t)			
China	200.403.308	162.304.280	177.434.000
Índia	134.495.904	130.500.000	129.000.000
Indonésia	50.866.388	52.137.600	54.060.816
Bangladesh	34.430.000	39.090.000	37.910.000
Vietnã	31.393.800	34.568.800	36.117.800
Tailândia	24.172.000	27.241.000	26.948.000
Mianmar	20.126.038	23.136.000	22.000.000
Filipinas	11.786.600	13.499.900	14.496.800
Brasil	11.709.700	10.319.900	13.251.200
Japão	11.468.800	9.740.000	10.912.000
EUA	9.343.954	9.033.610	10.469.730
Demais países	71.144.319	77.554.753	73.158.184

Fonte: Faostat.org - julho/05.

Mais significativo foi o desempenho das Filipinas e do Vietnã: crescimento de 23% e 15%, respectivamente, no período maior, e de 7,5% e 4,5% nos dois últimos anos (Tabela 2/I).

Esta evolução da produção do cereal, no entanto, não se reflete proporcionalmente na comercialização internacional. Isto porque, além do caráter segmentado de acordo com os tipos de grão (longo-

finos, catetos, basmati, pretos, etc.), os principais países produtores deste mercado são também os principais consumidores – exceto os Estados Unidos.

Enquanto a atividade exportadora se concentra em poucos países, a importadora se dispersa entre numerosos países sem auto-suficiência produtiva.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

A evolução da comercialização entre os países, de 1999 a 2003 (último ano disponibilizado pela FAO), mostra:

- um volume de exportações mundiais de arroz que não chega a representar 5% do total produzido, percentual em torno do qual se elevou desde meados dos anos 1990;
- que cinco países terminam por abarcar 80% do volume total; e
- que 11 países dentre os maiores importadores não atingem, em conjunto, a metade da quantidade importada no mundo (Tabela 3).

Tabela 3/I. Arroz - Comércio mundial - 1999-2003

Discriminação	1999	2003
<b>Exportações</b>	<b>25.276.458</b>	<b>27.537.236</b>
% sobre a quantidade mundial produzida	4,1	4,7
Tailândia	6.838.900	8.394.979
Vietnã	4.508.277	3.813.000
Estados Unidos	2.668.066	3.784.544
Índia	1.895.250	3.401.931
China	2.819.010	2.597.176
<b>Subtotal</b>	<b>18.729.503</b>	<b>21.991.630</b>
% sobre a quantidade total exportada	74,1	79,9
<b>Importações</b>	<b>27.240.280</b>	<b>25.310.670</b>
% sobre a quantidade mundial produzida	4,5	4,3
Indonésia	4.748.060	1.625.753
Bangladesh	2.215.322	1.250.712
Brasil	984.265	1.066.208
Irã	852.000	945.729
Senegal	625.160	890.044
Arábia Saudita	840.000	844.182
Filipinas	834.379	842.159
Coréia do Norte	250.250	802.700
Nigéria	812.452	761.879
Costa do Marfim	422.633	735.771
Japão	664.227	706.065
<b>Subtotal</b>	<b>13.248.748</b>	<b>10.471.202</b>
% sobre a quantidade total importada	48,6	41,4

Fonte: Faostat.org, julho/05.

No ano de 2004, portanto, o volume de transações comerciais continua exíguo e mais suscetível a fatores conjunturais, como:

- crescimento dos níveis produtivos em países tradicionalmente importadores (entre eles, Brasil, Indonésia, Irã e Nigéria);
- retenção do produto por parte de países asiáticos para, assim, manter estáveis a oferta e os preços internos; e
- perspectiva de rebaixamento dos preços em função do aumento da oferta.

Em razão disso, projeta-se para o ano em curso uma redução do comércio mundial para 25,5 milhões de toneladas.



## Produção do Mercosul bate recorde, causando excesso de oferta

Após ter atingido seu recorde de produção em 1999 (14,8 milhões de toneladas), os quatro países componentes do bloco econômico do Cone Sul das Américas passaram a declinar sua produção.

Até 2003, a quantidade de arroz produzida pelo bloco havia caído para 12,4 milhões de toneladas (-16%).

A recuperação veio somente em 2004, quando a quantidade produzida expandiu-se 27% sobre a produção do ano imediatamente anterior, quase alcançando 15,7 milhões de toneladas.

Os ganhos de produtividade tiveram grande responsabilidade nesta virada. Basta ver que em seis anos (1999-04) cresceram 12%, 9% dos quais entre 2003 e 2004, enquanto a área cultivada total recuou 5%, mesmo tendo-se expandido 16% neste biênio.

Embora os arrozaes brasileiros tenham tido maior percentual de crescimento em rendimento médio por hectare (16% desde 1999), este desempenho permitiu-lhes apenas ultrapassar metade do índice alcançado nas plantações uruguaias e argentinas.

Entre os dois últimos anos aqui considerados, porém, tão somente a produtividade média do arroz uruguaio teve baixo crescimento (3%).

No tocante à variação de área cultivada, observou-se que apenas a do Paraguai cresceu nos seis anos em questão (12%).

A dos outros três países do bloco sofreram redução, por sinal bastante acentuada, na Argentina (-41,5%).

No mesmo biênio acima, os maiores percentuais de ascensão ficaram por conta das áreas cultivadas na Argentina (27%) e no Brasil (17%).

A produção brasileira, portanto, continua predominando amplamente, com um pouco mais de 84% da total de arroz do bloco.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Esta mesma produção foi, ainda por cima, a única a evoluir positivamente desde 1999 (13%), conquanto entre 2003 e 2004 todas as produções nacionais tenham crescido: a argentina, 48%; a brasileira, 28,5%; a paraguaia, 13,5%, e a uruguaia, 1% (Tabela 4).

Tabela 4/I. Arroz em casca no Mercosul - Produção, área cultivada e rendimento médio por país - 1999-2004

Discriminação	1999	2003	2004
<b>Quantidade produzida (t)</b>			
Mercosul	14.824.215	12.397.750	15.724.461
Brasil	11.709.700	10.319.900	13.276.861
Uruguai	1.328.222	1.250.000	1.262.600
Argentina	1.658.200	717.600	1.060.000
Paraguai	128.093	110.250	125.000
<b>Área cultivada (ha)</b>			
Mercosul	4.338.329	3.540.123	4.119.829
Brasil	3.813.270	3.186.820	3.733.164
Uruguai	208.089	190.000	186.465
Argentina	289.200	133.000	169.200
Paraguai	27.770	30.303	31.000
<b>Rendimento médio (kg/ha)</b>			
Mercosul	3.417,0	3.502,1	3.816,8
Uruguai	6.383,0	6.578,9	6.771,2
Argentina	5.733,7	5.395,5	6.264,8
Paraguai	4.612,6	3.638,3	4.032,3
Brasil	3.070,8	3.238,3	3.556,5

Fonte: IBGE.

Do total produzido, cerca de 423 mil toneladas do arroz uruguaio e 262 mil toneladas do argentino direcionaram-se ao mercado brasileiro.

Somada ao pequeno montante da produção paraguaia (15,5 mil toneladas), a participação dos países hispânicos do Mercosul no suprimento do mesmo mercado ficou por volta de 700 mil toneladas. É uma quantia equivalente a 75% do total das importações brasileiras do cereal em 2004, sendo 7% menor do que a de 2003 (755 mil toneladas) (Tabela 5).

Assim, enquanto em 2003 o montante disponibilizado pela produção do Mercosul para abastecer o mercado brasileiro tenha sido de 11,6 milhões de toneladas, em 2004 ficou próximo de 14 milhões de toneladas.

Dessa forma, o ingresso da safra 2003/04 no mercado brasileiro, mesmo sem contar os estoques de passagem, inverteu a relação entre a oferta e a demanda de arroz. Ao déficit de 2003, coberto principalmente pelas exportações norte-americanas, sucedeu o excesso de oferta, que emperrou o desempenho de mercado em boa parte do ano.

A safra 2004/05 do bloco não alterou a situação, uma vez que se prognostica um nível de produção semelhante ao da safra anterior.



*Tabela 5/I. Arroz - Importações brasileiras oriundas dos demais países do Mercosul - 1999-2004*

Países de Origem	1999	2003	2004
<b>Uruguai</b>			
Com casca	100.231	138.263	92.773
Beneficiado	333.031	421.436	324.389
Partido ou quirera	3.504	4.343	5.401
<b>Total</b>	<b>436.766</b>	<b>564.042</b>	<b>422.563</b>
<b>Argentina</b>			
Com casca	316.468	43.840	47.824
Beneficiado	199.534	143.072	213.643
Partido ou quirera	278	250	150
<b>Total</b>	<b>516.280</b>	<b>187.162</b>	<b>261.617</b>
<b>Paraguai</b>			
Com casca	1.685	1.487	11.595
Beneficiado	-	1.998	3.840
Partido ou quirera	-	-	-
<b>Total</b>	<b>1.685</b>	<b>3.485</b>	<b>15.435</b>
<b>Total Mercosul</b>	<b>954.731</b>	<b>754.689</b>	<b>699.615</b>
<b>Total das importações</b>	<b>1.207.417</b>	<b>1.293.761</b>	<b>926.757</b>
<b>% do Mercosul/total</b>	<b>79,1</b>	<b>58,3</b>	<b>75,5</b>

Fonte: Conab, jun./05.

### Produção brasileira mantém-se; mercado se imobiliza e preços caem

A produção brasileira, como se viu, alcançou sua quantidade máxima (13,3 milhões de toneladas) na safra 2003/04.

Esta quantidade se somou a um estoque de passagem pouco inferior a 360 mil toneladas e a 1,13 milhão de toneladas importadas (375 mil fora do Mercosul).

Assim, conformou-se um quadro de suprimento interno 12% superior ao do consumo nacional, calculado em 12,66 milhões de toneladas (Tabela 6).

A safra 2004/05, por sua vez, manteve a produção no mesmo patamar (13,2 milhões de toneladas, conforme o IBGE, e 13,3 milhões de toneladas, segundo a Conab).

A minúscula diferença entre as quantidades produzidas nas duas últimas safras brasileiras (- 0,5%) deveu-se, em grande medida, à contraposição



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

entre a redução da produtividade decorrente do prolongado período de estiagem no momento da implantação da safra gaúcha e ao crescimento generalizado da área colhida na grande maioria dos estados de maior produção.

*Tabela 6/I. Brasil - Arroz em casca - Balanço da oferta e demanda - Safras 1998/99-2002/03-2004/05*  
(mil t)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
1998/99	287,5	11.582,2	1.338,0	13.207,7	11.700,0	37,7	1.470,0
2002/03	663,2	10.367,1	1.601,6	12.631,9	12.250,0	23,5	358,4
2003/04	358,4	12.808,2	1.130,0	14.296,6	12.660,0	60,0	1.576,6
2004/05	1.576,6	12.809,4	700,0	15.086,0	12.830,0	250,0	2.006,0

Fonte: Conab (junho/05).

*Tabela 7/I. Arroz em casca - Produção, área cultivada e rendimento médio - Brasil - 1999-2005*

Brasil	1999	2004	2005
Área colhida (ha)	3.813.266	3.733.164	3.960.824
Rendimento médio (kg/ha)	3.070,8	3.556,5	3.332,6
Quantidade produzida (t)	11.709.694	13.276.861	13.199.921

Fonte: IBGE (jun/05).

Resultado disto: a produtividade média dos arrozais do País declinou 6,5%, enquanto o somatório de suas áreas colhidas elevou-se 6%.

Desde 1999, no entanto, foi de 13% a expansão da produção brasileira, resultante do incremento de 8,5% na produtividade média e de 4% na área colhida.

Os indicadores dos principais estados produtores apontaram crescimento generalizado da produção desde 1999, destacando-se, entre eles, o Pará (77%), Santa Catarina (40%) e Mato Grosso (31%).

Com as exceções de Tocantins e Maranhão (-13% e -7%, respectivamente), os principais estados produtores cresceram em produtividade média no período sexenal – especialmente o Pará (67%).



Dentro deste mesmo grupo de estados produtores, o Rio Grande do Sul, hoje responsável por 45% do total nacional, colheu menos arroz do que em 2003: -7% (em -3% em área e com -4% de rendimento).

Nos últimos seis anos, porém, os indicadores produtivos do estado gaúcho moveram-se em direção oposta: 5% em produção, 2% em área colhida e 2,5% em rendimento médio.

Já o Mato Grosso, responsável por 17% da quantidade de arroz produzido no País, desde 1999 aumentou 18% sua área colhida, sendo 16% nos dois últimos anos.

O rendimento médio de suas lavouras, porém, mesmo declinando 10% entre 2003 e 2004, cresceu 11% em seis anos.

Seu volume de produção, por consequência, expandiu-se 4% no biênio e 31% no sexênio.

Dos quatro estados seguintes na escala descendente de quantificação da produção de arroz, o Pará é o que mostra desempenho mais expressivo, conquanto ainda no baixo patamar de 2,31 t/ha. De fato, entre as duas últimas safras o rendimento médio de seus arrozaes elevou-se 8%; a área colhida, 7% e a quantidade produzida, 16%.

Durante os seis anos considerados, a produtividade média de suas lavouras expandiu-se 67% e a área colhida, 6%.

De qualquer maneira, quando todo este volume nacional de produção ingressou no mercado interno, este ainda dispunha de um estoque de pouco menos de 1,6 milhão de toneladas, quantidade quase 4,5 vezes superior à da safra antecedente.

Por esta razão, as pressões do setor produtivo se voltaram para conter as importações, especialmente as de outros países do Mercosul.

No final das contas, os segmentos de beneficiamento e comercialização do grão importaram um total de 927 mil toneladas - 367 mil a menos do que em 2003.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 8/I. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos principais estados produtores - Brasil - 1999-2005*

<b>Discriminação</b>	<b>1999</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
<b>Quantidade produzida (t)</b>			
<b>Brasil</b>	<b>11.709.694</b>	<b>13.276.861</b>	<b>13.199.921</b>
Rio Grande do Sul	5.630.077	6.338.139	5.893.134
Mato Grosso	1.727.339	2.177.125	2.265.320
Santa Catarina	758.837	1.011.592	1.061.537
Pará	414.928	636.645	736.452
Maranhão	646.134	733.484	709.520
Tocantins	438.767	417.139	464.087
Goiás	352.329	369.513	371.670
Demais estados	1.741.283	1.593.246	1.711.980
<b>Área colhida (ha)</b>			
<b>Brasil</b>	<b>3.813.266</b>	<b>3.733.164</b>	<b>3.960.824</b>
Rio Grande do Sul	989.562	1.044.124	1.010.500
Mato Grosso	726.682	738.165	856.721
Maranhão	449.615	516.740	529.162
Pará	300.247	297.065	318.448
Tocantins	163.967	161.655	199.088
Goiás	196.570	165.427	182.930
Santa Catarina	126.492	150.852	155.426
Demais estados	860.131	659.118	708.549
<b>Rendimento médio (kg/ha)</b>			
<b>Brasil</b>	<b>3.070,8</b>	<b>3.556,5</b>	<b>3.332,6</b>
Santa Catarina	5.999,1	6.705,9	6.829,9
Rio Grande do Sul	5.689,5	6.070,3	5.831,9
Mato Grosso	2.377,0	2.949,4	2.644,2
Tocantins	2.675,9	2.580,4	2.331,1
Pará	1.382,0	2.143,1	2.312,6
Goiás	1.792,4	2.233,7	2.031,8
Maranhão	1.437,1	1.419,4	1.340,8
Demais estados	2.024,4	2.417,2	2.416,2

Fonte: IBGE (jun/05).

Contribuiu decisivamente para tanto a redução para 700 mil toneladas das importações dos países hispânicos do Mercosul.

Em função disso tudo, o suprimento interno do grão ultrapassou ligeiramente 15 milhões de toneladas, ao tempo em que seu consumo interno em 2004 foi estimado em 12,8 milhões de toneladas.

Mesmo com o salto de 575% - de 37 mil toneladas em 2002 para 250 mil toneladas estimadas para o corrente ano -, as quantidades exportadas do produto não têm como reduzir o estoque de passagem, que deve chegar a dois milhões de toneladas.

Assim superofertado, o mercado interno manteve sua comercialização em ritmo lento e em pequenos volumes.

Os preços do produto, conseqüentemente, continuaram em queda.

É só observar a evolução dos preços médios recebidos pelos produtores catarinenses e gaúchos nos dois últimos anos. Alcançaram seu pico entre dezembro/03 e janeiro/04, pouco acima de R\$ 33,40/saca os primeiros e de R\$ 38,00/saca os segundos.

A partir daí, no Rio Grande do Sul, os preços começaram a cair desde o segundo semestre de 2004, até ficarem abaixo dos custos totais de produção:

- em outubro/04 a saca de 50 quilos de arroz estava em R\$ 29,64, enquanto os preços médios correntes de mercado eram de R\$ 27,57.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Em Santa Catarina, começaram a cair a partir dos primeiros meses do corrente ano (Tabela 9).

*Tabela 9/I. Arroz em casca - Evolução dos preços médios recebidos pelo produtor catarinense e gaúcho - Março/03 - Junho/05*

Mês	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
Mar/03	24,75	24,68
Jun/03	30,76	32,07
Set/03	31,57	33,23
Dez/03	33,42	38,01
Mar/04	31,88	31,48
Jun/04	31,38	30,43
Set/04	28,22	28,32
Dez/04	26,12	23,18
Mar/05	23,07	24,26
Jun/05	18,75	19,00

Fonte: Epagri/Cepa e Irga (jun./05).

### Produção catarinense, apesar de alguns tropeços, bateu recorde

A produção catarinense de arroz desta última safra esteve próximo de 1,07 milhão de toneladas, equivalendo a 8% do total nacional. Isto significa que:

- foi 3% maior do que na safra 2002/03 (1,03 milhão de toneladas), até aqui a safra estadual recorde;
- superou em 5,5% a safra 2003/04 (em torno de 1,01 milhão de toneladas); e
- cresceu cerca de 40% nos últimos seis anos (758,84 mil toneladas em 1999).

Sendo esta a produção catarinense de arroz, a produtividade média, colhida em 3,5% de área a mais do que na safra 2003/04, terá sido 1,5% maior.

Em relação à safra 1998/99, o crescimento é de 11% em rendimento médio e de 23% em área colhida.



Por outro lado, a produção do arroz irrigado neste estado vem ampliando seu avassalador predomínio: em 1999, detinha 97,5% da produção e 90% da área colhida; em 2004, 99% da produção e 95% da área colhida; hoje, 99,5% e 95%, respectivamente (Tabela 10).

*Tabela 10/I. Arroz em casca - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina - 1999-2005*

<b>Discriminação</b>	<b>1999</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
Quantidade produzida (t)	758.837	1.011.592	1.066.493
% irrigado	97,3	99,0	99,5
Área colhida (ha)	126.492	150.852	155.426
% irrigado	90,0	91,5	95,1
Rendimento médio (kg/ha)	6.485,1	7.067,3	7.182,5

Fonte: IBGE (jun./05).

A forte impulsão da produção em canchas inundadas proporcionou, desde 1999, um aumento de 44% em quantidade (de 738,34 mil para 1,06 milhão de toneladas), 30% em área colhida (de 113,9 mil para 147,8 mil hectares) e 11% em rendimento médio (de 6,49 para 7,18 toneladas por hectare).

Embora tenha crescido em todas as regiões do estado, nos seis anos em questão este incremento foi especialmente intenso no conjunto das regiões de produção pouco expressiva. Tendo produzido 188% a mais, passou a equivaler a 3,5% da quantidade produzida do irrigado estadual.

O percentual de expansão de área (149%) deu a maior contribuição para tal, enquanto o rendimento médio de suas lavouras se elevou 16%.

Na região Sul do Estado, que detém 59% do volume estadual da produção, este processo foi bastante dinâmico em Criciúma e Tubarão.

A primeira microrregião ampliou em 64% a quantidade produzida (de 90 mil para 149 mil toneladas); em 45% a área colhida (de 14,3 mil para 20,7 mil hectares) e em 13% a produtividade média (de 6,38 para 7,19 toneladas por hectare).



A segunda microrregião expandiu em 59% a quantidade produzida (de 89,8 mil para 143 mil toneladas), em 37% a área colhida (de 15,1 mil para 20,7 mil hectares) e em 16,5% a produtividade média (de 5,95 para 6,92 toneladas por hectare).

Araranguá, a terceira microrregião do sul, tendo contribuído com quase 1/3 da produção estadual, nos seis anos em questão; cresceu 34% em quantidade (de 246,5 mil para 330,9 mil toneladas), 26,5% em área (de 39,2 mil para 49,5 mil hectares) e 6% em rendimento médio (de 6,54 para 6,68 toneladas por hectare).

Na região do Vale do Rio Itajaí, responsável por pouco menos de um quarto da produção estadual, apenas a microrregião de Ituporanga tem pouco significado.

Das demais microrregiões, a de Itajaí, que abarca municípios da sua foz, incrementou em 52% a quantidade produzida (de 44,3 mil para 67,4 mil toneladas), em 47,5% a área colhida (de 6,54 mil para 10 mil hectares) e em 3% a produtividade média (de 6,29 para 6,74 toneladas por hectare).

A microrregião de Blumenau, que compreende municípios do Médio Vale, elevou a produção em 43% (de 50,2 mil para 71,7 mil toneladas), a área colhida em 23% (de 7,22 mil para 8,89 mil hectares) e em 16,5% a produtividade média (de 6,95 para 8,08 toneladas por hectare).

A outra importante região produtora catarinense, a microrregião de Joinville, produz 16% do total de irrigado estadual.

A evolução dos indicadores produtivos mostra uma ascensão de 26,5% em quantidade (de 133,8 mil para 169,2 mil toneladas), de 4,5% em área colhida (de 19,8 mil para 20,7 mil hectares) e em 21% a produtividade média (de 6,75 para 8,18 toneladas por hectare).

Do mesmo modo, entre as duas últimas safras, a produção catarinense de arroz irrigado foi ampliada em 6%, 3,5% e 1,5% em quantidade, área e produtividade, respectivamente.



Dentre as regiões produtoras do sul do estado, a de Tubarão foi a única a reduzir o volume de produção (-2,5%), uma vez que sua área de colheita cresceu mais de 1,5%, ao tempo em que a produtividade média caiu 4,5%.

Araranguá e Criciúma, ao contrário, tiveram acréscimos mais substantivos em quantidade produzida (13% e 11%, respectivamente).

Estes percentuais estão associados à maior expansão do rendimento médio, particularmente em Araranguá (12,5%).

Nesta microrregião, a incorporação de novas áreas ao cultivo não alcançou 1%.

Em Criciúma, tal expansão quase não se diferenciou da do rendimento médio, entre 5% e 5,5%.

Nas microrregiões do Vale do Itajaí, a de Itajaí, apesar de ter crescido 14% em área, diminuiu o volume de produção em 11% devido à redução de 22% em seu rendimento por área – o que talvez se deva à redução da área destinada à ressoca e a equívocos na contabilização da área cultivada/colhida.

Na microrregião de Blumenau, produziu-se praticamente a mesma quantidade da safra passada (-0,5%), basicamente em decorrência da perda de 1,5% no rendimento médio das lavouras, pois a área de colheita foi 1% maior.

A microrregião de Rio do Sul dilatou o volume de sua produção (8,5%), lastreada na incorporação de novas áreas (6,5%) e na expansão (2%) de seu já elevado rendimento médio.

A microrregião de Joinville, que engloba os municípios de Guaramirim e Massaranduba, cresceu 5% em produção, 3% em rendimento médio e 2% em área colhida (Tabela 11).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 11/I. Arroz irrigado em casca - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio por microrregião geográfica - Santa Catarina - 1999-2005

Microrregião geográfica	1999	2004	2005
<b>Quantidade produzida (t)</b>			
<b>Santa Catarina</b>	<b>738.339</b>	<b>1.001.720</b>	<b>1.061.537</b>
Araranguá	246.540	292.826	330.905
Joinville	133.776	161.286	169.166
Criciúma	91.020	133.978	148.961
Tubarão	89.825	147.003	142.966
Rio do Sul	70.168	86.894	94.361
Blumenau	50.180	72.141	71.747
Itajaí	44.311	75.385	67.358
Demais microrregiões	12.519	32.207	36.073
<b>Área colhida (ha)</b>			
<b>Santa Catarina</b>	<b>113.851</b>	<b>137.992</b>	<b>147.795</b>
Araranguá	39.195	49.200	49.520
Criciúma	14.258	19.693	20.715
Joinville	19.817	20.296	20.681
Tubarão	15.100	20.322	20.672
Rio do Sul	9.195	10.940	11.638
Itajaí	6.775	8.744	9.989
Blumenau	7.224	8.797	8.885
Demais microrregiões	2.287	5.145	5.695
<b>Rendimento médio (kg/ha)</b>			
<b>Santa Catarina</b>	<b>6.485,1</b>	<b>7.067,3</b>	<b>7.182,5</b>
Joinville	6.750,6	7.946,7	8.179,8
Rio do Sul	7.631,1	7.942,8	8.108,0
Blumenau	6.946,3	8.200,6	8.075,1
Criciúma	6.383,8	6.803,3	7.191,0
Tubarão	5.948,7	7.233,7	6.915,9
Itajaí	6.540,4	8.621,3	6.743,2
Araranguá	6.290,1	5.951,7	6.682,2
Demais microrregiões	5.474,0	6.259,9	6.334,2

Fonte: IBGE (jun/05).



## Banana - Importância econômica

A banana é uma fruta tropical, cultivada nas regiões quentes, produzindo praticamente durante o ano todo. No comércio mundial, é uma das frutas que apresentam grande volume de vendas por ser consumida também nas regiões frias e temperadas, adquirindo, por isso, papel relevante nas trocas internacionais.

Em países como Equador, Colômbia e muitos outros da América Central, a banana é importante por constituir a principal fonte de divisas.

É, portanto, uma das mais importantes espécies cultivadas no mundo, caracterizando-se também pelo grande número de empregos gerados na etapa de produção, assim como na atividade comercial.

Exerce especial importância na alimentação humana, uma vez que grande parte da população mundial tem a fruta como alimento básico na dieta diária; além disto, é muito apetitosa, de aroma e consistência próprios, de grande valor nutritivo, notadamente por seu alto valor energético.

A banana tem um grande aproveitamento: quando verde, é utilizada para fazer farinha-de-banana, tortas forrageiras, ou é consumida depois de cozida. Quando madura, pode ser consumida ao natural ou aproveitada na indústria, no preparo de purê de banana acidificado, néctar de banana, banana-passa, banana aromatizada, banana cristalizada, banana em calda, bananada, essências, vinho, vinagre, geléia e aguardente.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

A banana para consumo *in natura*, juntamente com o plátano, que serve para consumo depois de frito ou cozido, é a fruta que, nos últimos anos, apresentou o maior volume produzido, conforme dados divulgados pela FAO no último mês de julho de 2005, e que apresentamos na tabela 1.

Tabela 1/I. Quantidade produzida das principais frutas no mundo - 2000-004

Fruta	(mil t)				
	2000	2001	2002	2003	2004
Banana <sup>(1)</sup>	96.604	99.253	100.766	102.260	103.297
Melancia	75.335	81.245	85.518	91.790	93.481
Banana	66.144	67.792	68.015	69.286	70.629
Plátano	30.460	31.461	32.751	32.974	32.668
Uva	64.964	61.285	61.892	60.883	65.486
Laranja	65.903	62.490	63.381	60.046	63.040
Maçã	59.196	58.125	56.214	57.967	59.059
Coco	51.667	51.457	53.091	52.940	53.474
Melão	19.980	24.315	25.531	26.749	27.371
Manga	24.746	26.302	26.148	25.563	26.286
Tangerina	17.944	20.493	20.736	20.950	22.199
Pêra	16.755	16.618	17.391	17.191	17.909
Abacaxi	14.382	14.941	14.960	15.146	15.287
Pêssego e nectarina	13.192	13.473	13.643	14.788	15.561
Lima e Limão	11.127	11.404	11.153	12.452	12.126
Ameixa	9.064	9.116	9.004	10.110	9.837
Mamão	5.678	6.076	6.072	6.342	6.504
Abacate	2.638	2.769	2.950	3.040	3.188
Caqui	2.299	2.294	2.464	2.430	2.454
Caju	1.568	1.618	1.668	1.671	2.082
Cereja	1.904	1.846	1.746	1.872	1.897
Figo	1.066	987	1.103	1.088	1.089
Kiwi	1.020	1.038	997	995	1.009
Framboesa	379	382	407	384	389

Fonte: FAO (julho de 2005).

<sup>(1)</sup> Banana = banana + plátano.

### Produção mundial

Todo ano se verifica crescimento da bananicultura no mundo, sendo maior, a cada safra, o volume de oferta da fruta no mercado. A tabela 2 mostra que no último ano, segundo a FAO, a área plantada ocupou 4.545.668 hectares,



sendo 16,4% maior que na safra de 1998. A produtividade média dos pomares aumentou de 15.393 kg/ha em 1998 para 15.538 kg/ha em 2004, garantindo a produção de 70.629.047 toneladas; um incremento de 17,5% nos últimos sete anos.

*Tabela 2/I. Banana - Evolução da cultura no mundo – 1998-004*

Discriminação	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Área (mil ha)	3.904	4.031	4.138	4.173	4.356	4.566	4.546
Produção (mil t)	60.095	64.958	64.192	65.397	68.414	70.527	70.629
Rendimento (kg/ha)	15.393	16.117	15.512	15.672	15.704	15.448	15.538

Fonte: FAO (julho de 2005).

O mesmo acontece com a produção de plátanos, evoluindo a cada ano em termos de área e produtividade, com conseqüente aumento da produção mundial. A área aumentou 6,4% e a produção, 7,5%, entre os anos de 1998 e 2004, enquanto o rendimento médio das lavouras passou de 6.242 kg/ha em 1998 para 6.304 kg/ha em 2004, como se pode observar na tabela 3.

*Tabela 3/I. Plátanos - Evolução da cultura no mundo – 1998-004*

Discriminação	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Área (mil/ha)	4.896	4.805	4.888	5.044	5.117	5.148	5.182
Produção (mil/t)	30.392	30.408	30.642	31.531	32.233	32.509	32.668
Rendimento (kg/ha)	6.242	6.329	6.269	6.251	6.239	6.315	6.304

Fonte: FAO (julho de 2005).

A Índia continua liderando o processo produtivo de bananas, com participação de 23,8% na oferta mundial, como se pode observar na tabela 4, em que são apresentados os 30 países que mais produzem no mundo e o comparativo entre as duas últimas safras. Outras nações com significativa importância mundial na produção da fruta são, pela ordem: Brasil, China, Equador e Filipinas, com participações que variam de 7,8% a 9,3%. A Índia apresenta também a maior área plantada do mundo, contribuindo com 15,0%, seguida por Brasil (10,7%), Filipinas (8,8%), Indonésia e Burundi, ambos com 6,6%. A Guatemala foi destaque no último ano, repetindo o feito do ano anterior, com a maior produtividade média - 52.521kg/ha -, seguida da Costa



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Rica, com 44.573 kg/ha, enquanto a média mundial apresentou em 2004 um rendimento de 15.538 kg/ha.

*Tabela 4/I. Banana - Área plantada, produção e rendimento no mundo e nos principais países produtores – 2003-04*

(1.000)

País	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Índia	680	680	16.820	16.820	24,735	24,735
Brasil	513	486	6.775	6.593	13,211	13,571
China	260	270	6.126	6.220	23,601	23,071
Equador	219	220	5.883	5.900	26,900	26,818
Filipinas	400	400	5.500	5.500	13,750	13,750
Indonésia	309	300	4.312	4.400	13,977	14,667
México	73	73	2.027	2.027	27,897	27,897
Costa Rica	42	42	1.863	1.863	44,573	44,573
Tailândia	139	139	1.800	1.800	12,950	12,950
Burundi	300	300	1.600	1.600	5,333	5,333
Colômbia	43	44	1.511	1.550	35,385	35,227
Vietnã	100	100	1.221	1.220	12,250	12,200
Guatemala	19	19	1.000	1.000	52,521	52,521
Honduras	42	42	965	965	22,978	22,978
Egito	21	21	880	880	41,667	41,666
Papua Nova Guiné	62	62	870	870	14,032	14,032
Bangladesh	45	49	650	700	14,341	14,178
Venezuela	42	40	639	635	15,342	15,875
Camarões	65	65	630	630	9,692	9,692
Bolívia	64	64	627	627	9,831	9,830
Uganda	135	135	615	615	4,556	4,556
Panamá	14	14	550	550	40,741	40,741
Malásia	24	24	500	500	20,541	20,541
Rep. Dominicana	39	38	481	480	12,494	12,632
Espanha	9	9	405	409	45,022	45,411
Cuba	30	30	315	320	10,662	10,666
Rep. Dem. Congo	84	84	315	315	3,750	3,750
Martinica	11	11	310	310	27,679	27,679
Haiti	46	46	300	300	6,522	6,521
Angola	31	31	300	300	9,677	9,677
<b>Total</b>	<b>4.566</b>	<b>4.546</b>	<b>70.527</b>	<b>70.629</b>	<b>15,448</b>	<b>15,538</b>

Fonte: FAO (julho de 2005).

A produção mundial de plátanos é liderada pela Uganda, que participa com 32,8% da área destinada à colheita e com 30,6% do volume produzido no último ano. Outras produções que se destacam são as da Colômbia, Ruanda, Gana e Nigéria, com participação de 9,0%, 7,6%, 7,2% e 6,5%,



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

respectivamente. A maior produtividade é a da Guatemala, que em 2004 produziu 39.412 kg/ha, sendo 525% maior que a média mundial. A tabela 5 apresenta a área de plantio e a produtividade média dos vinte países que mais produzem plátanos no mundo e o comparativo dos anos 2003 e 2004.

*Tabela 5/I. Plátanos - Área plantada, produção e rendimento no mundo e nos principais países produtores – 2003-04*

(1.000)

País	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Uganda	1.700	1.700	10.000	10.000	5,882	5,882
Colômbia	370	380	2.911	2.950	7,873	7,763
Ruanda	360	372	2.048	2.470	5,688	6,639
Gana	287	296	2.329	2.380	8,128	8,041
Nigéria	301	301	2.110	2.110	7,010	7,010
Peru	130	130	1.600	1.600	12,308	12,308
Costa do Marfim	400	400	1.420	1.420	3,550	3,550
Rep. Dem. Congo	273	273	1.250	1.250	4,579	4,579
Camarões	200	200	1.200	1.200	6,000	6,000
Kênia	75	75	830	830	11,067	11,067
Cuba	94	95	797	800	8,513	8,421
Equador	96	96	651	652	6,783	6,792
Srilanka	52	52	610	610	11,731	11,731
Tanzânia	308	308	602	602	1,953	1,953
Venezuela	41	42	497	500	11,992	11,905
Guiné	83	83	430	430	5,181	5,181
Myanmar	50	50	430	430	8,600	8,600
Haití	43	43	283	283	6,581	6,581
Gabão	50	50	270	270	5,400	5,400
Guatemala	7	7	268	268	39,412	39,412
<b>Total</b>	<b>5.148</b>	<b>5.182</b>	<b>32.509</b>	<b>32.668</b>	<b>6,315</b>	<b>6,304</b>

Fonte: FAO (julho de 2005).



## Produção brasileira

A bananeira é uma das principais fruteiras cultivadas no Brasil. O volume de bananas aqui produzido é superado apenas pelo de laranjas, como é possível ver na tabela 6, que apresenta as produções e a evolução das principais frutas cultivadas no Brasil de 2000 a 2004.

Tabela 6/I. Principais frutas - Brasil - Quantidade produzida - 2000-004

(1.000 t)

Fruta	2000	2001	2002	2003	2004
Laranja	21.330	16.983	18.531	16.903	18.263
Banana	5.663	6.177	6.423	6.775	6.593
Coco	1.952	2.131	2.892	2.851	2.960
Mamão	1.440	1.489	1.598	1.600	1.600
Abacaxi	1.293	1.430	1.433	1.406	1.436
Uva	1.024	1.058	1.149	1.065	1.280
Tangerina	903	1.125	1.263	1.263	1.263
Maçã	1.153	716	857	835	978
Lima e Limão	578	965	985	950	950
Manga	538	782	842	845	845
Melancia	680	600	620	620	620
Caju	139	124	165	178	224
Pêssego e nectarina	182	223	218	215	215

Fonte: FAO (julho de 2005).

Mais que no aumento em volume, nos últimos anos a produção brasileira de bananas deu um salto em qualidade, da mesma forma que para outras frutas produzidas no Brasil.

A banana apresenta também grande importância no Brasil por ser ele o maior consumidor mundial e o segundo em produção. O consumo *per capita*, embora não tenha avançado muito nos últimos anos em razão da forte concorrência com outras frutas, está ao redor de 29,6 kg/habitante/ano, podendo ser considerado alto por ser um dos maiores, superado apenas pelo consumo de laranja, conforme relatório da FAO apresentado na tabela 7, onde se observa a evolução do consumo *per capita* das principais frutas de 1997 a 2002.



Tabela 7/1 - Consumo per capita de frutas no Brasil – 1997-002

Fruta	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Banana	27,6	26,6	27,0	27,6	29,6	29,6
Laranja	40,0	43,3	56,1	43,9	13,6	40,1
Maçã	4,8	4,8	4,9	5,7	3,8	4,2
Uva	2,9	2,8	2,5	3,1	3,0	3,4
Limão	2,2	2,3	2,2	2,1	4,3	4,4
Abacaxi	5,1	5,2	6,8	5,9	6,5	6,4

(kg/hab)

Fonte: FAO (julho de 2005).

A bananeira é cultivada, em maior ou menor escala, em todos os estados da Federação. Nos últimos anos, a atividade vem superando problemas, melhorando a qualidade e a apresentação, graças à dedicação dos produtores e a programas governamentais que estimulam o aumento das exportações. Estes fatos, em consequência, têm contribuído para a diminuição das perdas ao longo da cadeia produtiva. A maioria dos estados, que antes produzia para consumo local, hoje se dedica particularmente à venda para outras regiões e até para o exterior. A expansão da cultura nas regiões centrais do País também é um fato marcante, assim como o aumento da produtividade média dos bananais na maioria dos estados. Em 2004, a produção nacional totalizou 6.606.834 toneladas nos 504.666 hectares cultivados. O rendimento médio foi de 13.477 kg/ha, como divulgou o IBGE em relatório do mês de maio. A tabela 8 permite comparar as safras dos últimos três anos em cada estado.

A maior participação em área plantada e em produção continua sendo, entre os estados brasileiros, a do estado de São Paulo, com 16,05% e 9,67%, respectivamente, enquanto os produtores do Rio Grande do Norte se destacaram com a maior produtividade, conseguindo 31.433 kg/ha, o que lhes garantiu 133,2% acima da média nacional.

Em 2004, a grande preocupação dos bananicultores brasileiros foi o aparecimento da Sigatoka negra, doença cuja incidência teve início nas Regiões Norte e Centro-Oeste; no final do inverno apareceu no estado de São Paulo e daí se espalhou para as outras regiões produtoras do País. O maior problema provocado pela moléstia é o alto custo para seu efetivo controle, que em alguns casos pode inviabilizar a exploração comercial da fruta.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 8/I. Banana - Área plantada, produção e rendimento no Brasil e nos estados - 2002-04

Estado	Área plantada (mil ha)			Produção (mil t)			Produtividade (mil kg/ha)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004	2002	2003	2004
São Paulo	55,8	61,0	48,8	1.151,6	1.182,6	1.060,5	20,638	19,387	21,732
Bahia	51,0	51,5	61,1	771,4	749,9	844,7	15,125	14,561	13,825
Santa Catarina	29,1	29,7	30,1	628,9	618,4	655,7	21,612	20,822	21,784
Minas Gerais	43,5	40,2	40,2	607,6	544,0	561,7	13,968	13,532	13,973
Pará	52,7	54,2	42,3	720,1	702,6	540,3	13,664	12,963	12,773
Ceará	41,9	42,1	42,8	334,3	341,7	367,7	7,979	8,116	8,591
Amazonas	34,6	35,0	32,4	190,4	378,8	354,4	5,503	10,823	10,938
Pernambuco	38,2	43,9	39,1	368,3	417,8	350,7	9,641	9,517	8,969
Paraíba	16,9	16,3	16,5	287,7	283,8	284,9	17,024	17,411	17,267
Paraná	7,6	9,8	11,0	125,4	240,8	247,8	16,500	24,571	22,527
Rio G. do Norte	5,8	6,3	6,4	163,3	158,0	199,0	28,155	25,079	31,094
Espírito Santo	19,0	22,3	21,4	136,2	158,3	170,5	7,168	7,099	7,967
Rio de Janeiro	26,1	25,9	24,3	177,4	163,2	160,9	6,797	6,301	6,621
Goiás	13,1	13,9	14,3	158,2	160,0	159,7	12,076	11,511	11,168
Maranhão	11,7	11,8	12,9	126,7	128,1	127,4	10,829	10,856	9,876
Rio G. do Sul	10,9	10,8	10,7	115,3	114,7	95,0	10,578	10,620	8,879
Mato Grosso	16,1	13,9	10,9	93,8	83,2	67,0	5,826	5,986	6,147
Sergipe	4,1	4,6	4,3	59,8	63,8	64,9	14,585	13,870	15,093
Acre	6,7	7,5	7,7	52,1	57,9	62,5	7,776	7,720	8,117
Rondonia	5,6	6,9	6,9	46,4	56,0	56,1	8,286	8,116	8,130
Alagoas	4,7	5,3	4,3	64,5	55,5	51,8	13,723	10,472	12,047
Roraima	3,0	2,5	5,7	23,7	17,5	36,5	7,900	7,000	6,404
Tocantins	5,0	6,1	5,3	31,2	36,2	34,2	6,240	5,934	6,453
Piauí	2,8	2,5	2,2	34,9	31,5	29,0	12,464	12,600	13,182
Mato G. do Sul	3,2	2,8	2,0	29,8	26,8	19,8	9,313	9,571	9,900
Amapá	0,6	0,5	0,9	2,5	2,3	2,1	4,167	4,600	2,333
Distrito Federal	0,2	0,1	0,1	3,0	1,5	2,0	15,000	15,000	20,000
<b>Total</b>	<b>509,9</b>	<b>512,8</b>	<b>504,7</b>	<b>6.504,2</b>	<b>6.775,0</b>	<b>6.606,8</b>	<b>12,756</b>	<b>13,212</b>	<b>13,091</b>

Fonte: IBGE (maio de 2005).

### Produção catarinense

A produção catarinense atende aos diversos mercados da fruta. Cerca de 15% dessa produção é absorvida pelas indústrias instaladas no estado; 20% destina-se ao consumo *in natura* no próprio estado; a maior parte, 40%, vai para outros mercados; o restante, 25%, é registrado como perdas que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor. Em 2004, as exportações absorveram 18% do total produzido, sendo a maioria destinada ao Mercosul, restando 22% para os mercados dos outros estados brasileiros.

A área plantada no estado cresceu gradativamente nos últimos cinco anos. Estimulados pelos bons preços recebidos no início da década, os produtores



aumentaram a área de 25.932 hectares em 1999 para 30.069 hectares em 2004. O rendimento médio dos pomares, com base no aumento do uso da tecnologia recomendada, também apresentou evolução gradativa, com crescimento de 15,5% no mesmo período. Em consequência, a produção estadual apresentou extraordinário ganho desde 1999, passando de pouco mais de 490 mil toneladas para, atualmente, 655,7 mil toneladas.

A bananeira é a principal frutífera em área cultivada no estado catarinense e se alterna com a macieira em importância econômica. O valor da produção está estimado em R\$ 106 milhões anuais. A cultura tem grande importância social, pois, segundo o Censo Agropecuário de 1995-1996 do IBGE, em Santa Catarina são 25.778 os produtores rurais que exploram a cultura - em cerca de 5 mil estabelecimentos agrícolas a banana é a principal fonte de renda. Aproximadamente 97,7% dos produtores catarinenses cultivam 10 hectares, ou menos.

A tabela 9 mostra a área plantada, a produção obtida, o rendimento médio dos bananais e o comparativo das duas últimas safras. Nas microrregiões geográficas de Criciúma e Araranguá se destaca a significativa queda no rendimento médio dos bananais, mas sem determinar resultado negativo no volume total produzido pelo estado. A baixa performance dos bananais do sul do estado decorreu do furacão Catarina, que atingiu a região no final do mês de março, destruindo cerca de 59% dos bananais. Sua produção, previa-se, superaria as 70 mil toneladas. Outro destaque foi a boa performance da produção nas microrregiões de Blumenau, Joinville e Itajaí, as mais produtivas do estado.

Na tabela 10 estão identificados, por ordem de produção, a área plantada, o volume produzido e o rendimento médio nos principais municípios produtores do estado. Observa-se, nestes municípios, que a maioria apresentou aumento na produtividade média; conseqüentemente, o volume da produção teve aumento significativo em Corupá e Luiz Alves, que registraram aumento de 45% e 25%, respectivamente, o que, inclusive, marcou Corupá como o município de maior produção do estado em 2004, com 22,6% de participação. No sul do estado, por causa do furacão, a situação se inverteu.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 9/I. Banana - Área, produção e rendimento médio nas microrregiões de Santa Catarina - 2003-04

Microrregião geográfica	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Araranguá	5.754	5.661	42.204	22.495	7.335	3.974
Blumenau	5.019	5.033	118.655	144.792	23.641	28.768
Canoinhas	30	30	210	210	7.000	7.000
Chapecó	14	14	112	112	8.000	8.000
Concórdia	20	20	310	310	15.500	15.500
Criciúma	2.016	1.937	26.763	15.688	13.275	8.099
Florianópolis	668	668	8.471	8.471	12.681	12.681
Itajaí	3.026	3.031	93.163	96.350	30.787	31.788
Joinville	12.444	12.854	317.907	353.537	25.547	27.504
S.Bento do Sul	286	286	5.720	5.720	20.000	20.000
Tabuleiro	16	16	186	186	11.625	11.625
Tijucas	205	305	2.170	5.290	10.585	17.344
Tubarão	216	214	2.532	2.519	11.722	11.771
<b>Santa Catarina</b>	<b>29.714</b>	<b>30.069</b>	<b>618.403</b>	<b>655.680</b>	<b>20.812</b>	<b>21.806</b>

Fonte: IBGE (maio de 2005).

Tabela 10/I. Banana - Área, produção e rendimento médio nos principais municípios produtores de Santa Catarina - 2003-04

Município	Área(ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Corupá	4.000	4.395	102.185	148.130	25.546	33.704
Luiz Alves	4.200	4.200	104.160	130.200	24.800	31.000
Jaraguá do Sul	1.900	1.880	43.975	45.600	23.144	24.255
Massaranduba	1.720	1.720	41.656	41.656	24.503	24.503
S.João Itaperiú	1.355	1.360	34.563	37.750	25.507	27.757
Schroeder	900	900	27.740	29.800	30.822	33.111
Garuva	1.298	1.303	32.400	28.546	24.961	21.907
Guaramirim	936	936	27.620	27.620	29.508	29.508
Barra Velha	840	840	25.200	25.200	30.000	30.000
Joinville	1.250	1.250	29.941	21.385	23.952	17.108
Piçarras	400	400	16.000	16.000	40.000	40.000
J. Machado	3.540	3.540	23.040	12.601	6.508	3.559
Araquari	250	280	8.750	7.390	35.000	26.392
Ilhota	180	180	7.200	7.200	40.000	40.000
Criciúma	800	800	11.040	6.384	13.800	7.980
Navegantes	150	150	6.000	6.000	40.000	40.000
Siderópolis	700	700	9.800	5.600	14.000	8.000
Santa Rosa Sul	1.000	900	8.300	4.120	8.300	4.577

Fonte: IBGE.



Os municípios de Santa Rosa do Sul, Jacinto Machado, Siderópolis e Criciúma apresentaram redução de 50%, 45%, 43% e 42% na produção, respectivamente, com produtividade até seis vezes menor que a média estadual, caso do município de Jacinto Machado. A maior área plantada em 2004 também foi a do município de Corupá, com participação de 14,6% no total plantado; o maior rendimento por área foi 83,4% maior que a média estadual, ou seja, 40.000 kg/ha, registrado nos municípios de Piçarras, Ilhota e Navegantes.

## Comércio mundial

As exportações mundiais de banana em 2003 apresentaram cifras que totalizaram 6,9 bilhões de dólares, movimentando 14,4 milhões de toneladas, constituindo-se no maior volume e nos maiores valores negociados nos últimos cinco anos, como se pode observar nas tabelas 11 e 12, onde está registrada a evolução do comércio mundial. Os preços oscilaram no período com significativa recuperação no último ano.

*Tabela 11/I. Banana - Evolução do comércio mundial das exportações - 1999-003*

Exportação	1999	2000	2001	2002	2003
Volume (mil t)	14.046	14.452	13.657	13.913	14.365
Valor (milhões) US\$)	6.538	6.108	5.896	5.858	6.923
Preço (US\$/ t)	460	423	432	421	482

Fonte : FAO (junho de 2005).

*Tabela 12/I. Banana - Evolução do comércio mundial das importações - 1999-003*

Importação	1999	2000	2001	2002	2003
Volume (mil t)	14.190	14.343	14.595	14.481	15.505
Valor (milhões) US\$)	4.708	4.239	4.203	4.289	4.786
Preço (US\$/ t)	332	296	288	296	309

Fonte : FAO (junho de 2005).



Alguns aspectos fazem com que a banana seja a fruta mais comercializada no mundo. Entre eles, podem-se apontar o grande rendimento por hectare, a vantagem de ser uma cultura de ciclo curto, a facilidade de propagação, a produção contínua, a facilidade de manejo da fruta verde e as condições de armazenamento e maturação acelerada.

O consumo de bananas é relativamente alto em diversos países e tem aumentado com a expansão do conhecimento do seu valor nutritivo, além de seu excelente sabor, geralmente muito apreciado.

As tabelas 13 e 14 apresentam os países que mais importaram e os que mais exportaram a fruta em 2003, bem como o percentual de participação em volume e valores em relação ao total comercializado. Os Estados Unidos têm sido, há muitos anos, o principal importador da fruta, enquanto o Equador é, com muita vantagem sobre os outros, o maior exportador. O Brasil figura como o 10º colocado nas exportações.

*Tabela 13 – Banana - Volume e valor das importações, por país - 2003*

País	Volume (mil t)	%	Valor (mil US\$)	%
Estados Unidos	3.871	26,9	1.331	19,2
Alemanha	1.180	8,2	823	11,9
Bélgica	946	6,6	804	11,6
Japão	863	6,9	541	7,8
Reino Unido	863	6,0	522	7,5
Rússia	802	5,6	273	3,9
Itália	597	4,2	378	5,5
China	421	2,9	93	1,3
Canadá	417	2,9	159	2,7
França	339	2,4	179	2,6
Irã	272	1,9	86	1,2
Argentina	230	2,0	39	0,7
<b>Total</b>	<b>14.365</b>		<b>6.923</b>	

Fonte: FAO (junho de 2005).



Tabela 14/I. Banana - Volume e valor das exportações, por país - 2003

País	Volume (mil t)	%	Valor (mil US\$)	%
Equador	4.665	30,1	1.084	22,9
Costa Rica	2.042	13,2	554	11,7
Filipinas	1.828	11,8	333	7,0
Colômbia	1.425	9,2	390	8,3
Guatemala	936	6,0	210	4,4
Bélgica	863	5,6	746	15,8
Honduras	508	3,3	160	3,4
Honduras	441	3,3	109	3,4
Estados Unidos	428	2,8	198	4,2
Panamá	385	2,5	105	2,2
Camarões	314	2,0	71	1,5
Cote d'Ivoire	242	1,6	88	1,9
Brasil	221	1,4	30	0,6
<b>Total</b>	<b>15.505</b>		<b>4.786</b>	

Fonte: FAO (junho de 2005).

## Mercado brasileiro

A produção brasileira enfrenta dificuldades na concorrência direta com outros países no mercado internacional; internamente, a banana disputa com outras frutas a mesma fatia de mercado, seja as produzidas no País, seja as importadas. Os altos custos da comercialização sem linhas de crédito, os negócios realizados sem a garantia dos contratos, a deficiência na classificação e, ainda, a falta de padronização do produto e da embalagem são os principais entraves para uma maior inserção do produto no mercado.

Aspectos relacionados a políticas de exportação específicas para a banana também devem ser considerados necessários para aumentar as oportunidades de mercado. Não fossem a falta de uma política específica de exportação e a inexistência de acordos comerciais para o produto do Mercosul, a banana brasileira poderia ocupar espaços hoje dominados pelo produto de origem equatoriana no Mercosul.

A tabela 15 apresenta a evolução das exportações brasileiras, refletindo as dificuldades do setor. Se, por um lado, houve crescimento significativo nos volumes comercializados, notadamente a partir de 2001, por outro, constata-se queda considerável nos preços recebidos pelo produto exportado.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 15/I. Banana - Exportações brasileiras  
- 1996-004

Ano	Valor (mil US\$)	Volume (t)	US\$/t
1996	6.227	29.957	207,86
1997	8.382	40.071	209,17
1998	11.629	68.555	169,63
1999	12.518	81.227	154,11
2000	12.359	71.812	172,10
2001	16.036	105.112	152,56
2002	33.574	241.038	139,28
2003	30.013	220.771	135,94
2004	26.983	188.087	143,46

Fonte: Secex/Decex.

Enquanto o volume das exportações cresceu 527,8% de 1996 a 2004, os preços médios em dólar, por tonelada, foram 31% menores no mesmo período.

A tabela 16 apresenta a exportação brasileira de banana nos últimos oito anos, os valores obtidos com a transação em cada ano e o valor unitário, por estado da Federação. Observa-se decréscimo acentuado na participação do estado de São Paulo; crescimento na participação de Santa Catarina a partir de 1996, superando o estado de São Paulo a partir de 1998; maior participação do Rio Grande do Norte a partir de 1997 e de Minas Gerais a partir de 2001. Destacam-se também a inclusão do estado do Ceará na participação das vendas externas, a gradual perda de participação do estado de Pernambuco e a regularidade dos estados do Paraná e o Rio Grande do Sul, apesar dos pequenos volumes registrados.

A tabela 17 apresenta os volumes de banana brasileira importada pelos diversos países desde 1996 e os valores das importações. Destaca-se o crescimento do número de países que hoje importam do Brasil, passando de quatro, em 1996, para 15 em 2004.

Destaque também merecem o aumento das vendas para a Europa, especialmente para a Itália e o Reino Unido, e o fortalecimento do comércio da fruta com a Argentina e o Uruguai.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 16/I. Banana - Evolução das exportações nos principais estados da Federação - Valor, volume e preço por tonelada - 1996-004

Ano	Unidade	CE	MG	PR	PE	RN	RS	SC	SP
1996	(1000 US\$)	...	...	193	3	54	339	1.783	3.549
	(t)	...	...	1.456	18	127	2.084	9.950	14.686
	(US\$/ t)	...	...	132,55	166,66	425,19	162,66	179,19	241,65
1997	(1000 US\$)	...	...	3	...	2.001	231	1.915	4.053
	(t)	...	...	22	...	6.634	1.691	12.024	18.609
	(US\$/ t)	...	...	136,36	...	301,62	136,60	159,26	217,79
1998	(1000 US\$)	...	40	124	...	2.230	1.175	3.785	4.231
	(t)	...	159	879	...	9.998	7.554	26.043	23.516
	(US\$/ t)	...	251,57	141,06	...	223,04	155,54	145,33	179,92
1999	(1000 US\$)	...	12	465	11	2.607	371	6.241	2.493
	(t)	...	102	3.438	82	9.902	2.885	46.354	16.196
	(US\$/ t)	...	117,64	135,25	134,14	263,28	128,59	134,63	153,92
2000	(1000 US\$)	...	19	596	68	5.537	117	4.284	1.334
	(t)	...	144	4.102	513	22.421	974	32.090	8.739
	(US\$/ t)	...	131,94	145,29	132,55	246,95	120,12	133,49	152,64
2001	(1000 US\$)	165	280	424	13	6.655	362	6.621	1.239
	(t)	523	2.179	3.162	59	28.330	3.609	55.561	9.695
	(US\$/ t)	315,48	128,49	134,09	220,33	234,90	100,30	119,16	127,79
2002	(1000 US\$)	343	432	239	...	13.673	299	17.155	998
	(t)	1.118	3.730	1.461	...	55.076	3.091	162.716	9.511
	(US\$/ t)	306,79	115,81	163,58	...	248,25	96,73	105,42	104,93
2003	(1000 US\$)	57	405	147	...	14.760	617	11.992	1.650
	(t)	80	45	724	...	57.673	8.659	129.034	16.283
	(US\$/ t)	712,5	111,90	203,00	...	225,90	71,20	92,90	101,30
2004	(1000 US\$)	39	276	78	...	14.813	42	10.478	1.064
	(t)	175	3.678	52	...	54.837	518	118.051	8.965
	(US\$/ t)	222,85	75,04	1500,00	...	270,12	81,08	88,70	118,60

Fonte: Secex/Decex.

Tanto os preços médios recebidos pelos produtores quanto os preços do atacado em Santa Catarina apresentaram, dependendo do tipo de banana, situações diferenciadas, afóra as diferenças de uma região a outra.

Enquanto, no sul do estado, os preços pagos ao produtor pela banana-prata em 2004 foram 26,5% superiores aos do ano de 2003, na região de Joinville eles se apresentaram 2,5% menores. No atacado, observou-se o mesmo comportamento, apenas com percentuais diferentes. Os preços do sul foram 36,1% mais altos e os do nordeste, apenas 1,8%. A banana-caturra apresentou uma situação mais preocupante para os produtores da região nordeste do estado, na região de Joinville, onde a média dos preços foi 21,5% menor em 2004 em comparação com a do ano de 2003, enquanto que nas regiões de Criciúma e de Araranguá, em 2004, foi 19,8% mais alta que em 2003. No



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

atacado, a região sul obteve preços 33,1% maiores e a região nordeste, 11,2% menores. Salientamos que os preços no atacado da região Sul do Estado referem-se à banana climatizada, portanto com agregação de valor.

Tabela 17/I. Banana - Destino das exportações brasileiras (volume e valor) - 1996-004

País	Unidade	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Alemanha	tonelada	4	2	1	113	4	7	2	3.073	2.542
	mil US\$	22	8	4	43	10	17	19	840	690
Argentina	tonelada	20.318	26.016	43.700	47.914	35.005	60.943	163.088	129.679	91.372
	mil US\$	3.620	4.569	7.075	6.758	5.489	7.954	18.036	11.699	7.594
Bélgica	tonelada	0	0	0	0	732	0	18	34	10
	mil US\$	0	0	0	0	185	0	44	84	25
Chile	tonelada	14	3	4	2	3	3	131	67	0,04
	mil US\$	55	12	16	8	11	10	22	8	0,1
Coréia do Sul	tonelada	0	0	0	0	0	0	0	16	32
	mil US\$	0	0	0	0	0	0	0	47	92
Espanha	tonelada	0	7	360	23	9	0	0	1	17
	mil US\$	0	25	158	87	34	0	0	0,2	5
E. Unidos	tonelada	0	3	0	2	1,3	6	7	5	2
	mil US\$	0	4	0	7	4	29	18	16	7
Finlândia	tonelada	0	0	0	0	0	0,1	0	0	0
	mil US\$	0	0	0	0	0	0,2	0	0	0
Guatemala	tonelada	0	0	0	0	0,2	0	4	2	2
	mil US\$	0	0	0	0	0,5	0	14	6	8
Itália	tonelada	0	0	52	2.065	0	0	8.218	21.857	20.762
	mil US\$	0	0	17	547	0	0	2.217	6.053	5.706
Japão	tonelada	0	0	0	0	1	0	0,5	1	0,3
	mil US\$	0	0	0	0	7	0	2	5	4
Holanda	tonelada	0	19	11	513	2.892	800	16	19	401
	mil US\$	0	70	44	150	780	242	46	4	166
Paraguai	tonelada	0	0	0	0	0	98	0	0	0
	mil US\$	0	0	0	0	0	10	0	0	0
Reino Unido	tonelada	0	0	0	2.830	9.846	15.972	30.094	25.897	30.631
	mil US\$	0	0	0	855	2.647	4.526	9.214	7.489	8.325
Uruguai	tonelada	9.621	14.020	24.427	27.766	23.307	27.278	39.452	40.095	42.293
	mil US\$	2.529	3.694	4.315	4.062	3.183	3.242	3.931	3.747	4.340

Fonte: Secex/Decex.



Este comportamento dos preços revelou um ano bastante difícil para a bananicultura catarinense, e se deu, basicamente, em razão do aparecimento da Sigatoka negra nos bananais do estado, provocando, no início, queda no consumo da fruta por má interpretação do fato. Por se tratar de uma doença, o público consumidor avaliou que seu consumo poderia ser prejudicial ao homem, tal qual a doença da vaca-louca na Europa, ou a doença-aviária na Ásia. Outra consequência desastrosa, no primeiro momento, foi a significativa queda na procura do produto em Santa Catarina, provocada pela proibição, por parte das autoridades sanitárias federais, por conta da legislação, da venda da banana para fora do estado. Estes fatos também geraram queda no ritmo das exportações para a Argentina.

Os que mais sentiram as consequências destes problemas foram os produtores das regiões de Joinville, Blumenau e Itajaí, como se pode ver nas tabelas 18 e 19, pois os da região Sul do Estado já tinham sido afetados com a passagem do furacão Catarina, razão por que a oferta na região era reduzida e os preços se comportaram mais favoravelmente.

*Tabela 18/I. Banana-caturra - Média dos preços em Santa Catarina - 2003-04*

Dsicriminação	Região	2003	2004
Produtor	Nordeste	5,09	4,00
	Sul <sup>(1)</sup>	4,33	5,19
Atacado	Nordeste	6,79	6,03
	Sul <sup>(1)</sup>	8,10	10,78

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Banana climatizada.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 19/I. Banana-prata - Média dos preços em Santa Catarina - 2003-04*

Dsicriminação	Região	2003	2004
Produtor	Nordeste	7,26	7,08
	Sul <sup>(1)</sup>	6,45	8,16
Atacado	Nordeste	9,57	9,74
	Sul <sup>(1)</sup>	10,86	14,78

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Banana climatizada.

Estes resultados poderão desestimular os produtores para a próxima safra, estabelecendo diminuição da área plantada no estado e, principalmente, prejudicar o andamento de um processo que condiciona o aumento da qualidade da fruta e que está sendo posto em prática em Santa Catarina.

*Admir Tadeo de Souza*



## Batata – Atividade declina em Santa Catarina

A cultura da batata, em Santa Catarina, tem apresentado acentuado declínio nos últimos anos. Já não mais se caracteriza como atividade de pequenos e tradicionais produtores, mas de médios e grandes agricultores locais.

Independentemente da regionalização, o setor tem sofrido forte tendência de redução, determinada, principalmente, pela concorrência da produção dos demais grandes estados produtores, como Paraná, São Paulo e Minas Gerais. Nestes estados, face às melhores condições de topografia e a uma mais alta profissionalização dos agricultores, que fazem uso de melhores tecnologias produtivas, são registradas produtividades substancialmente mais elevadas comparativamente às obtidas em solo catarinense, resultando, portanto, em menores valores de implantação da cultura e maior lucratividade.

Após anos seguidos de estabilidade estadual no montante da área plantada, nas duas últimas campanhas locais, conforme pode ser observado na figura a seguir, o setor registrou forte desinteresse pela atividade, que resultou, conseqüentemente, em acentuado declínio no total cultivado no estado. (Figura 1).

Na safra correspondente ao ano agrícola 03/04, este cenário novamente obedeceu à regra, e o resultado final da atividade apresentou, mais uma vez, números ligeiramente inferiores aos registrados nas campanhas imediatamente anteriores. Segundo informações disponibilizadas pelo IBGE, a produção estadual dessa campanha totalizou 120,6 mil toneladas do



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

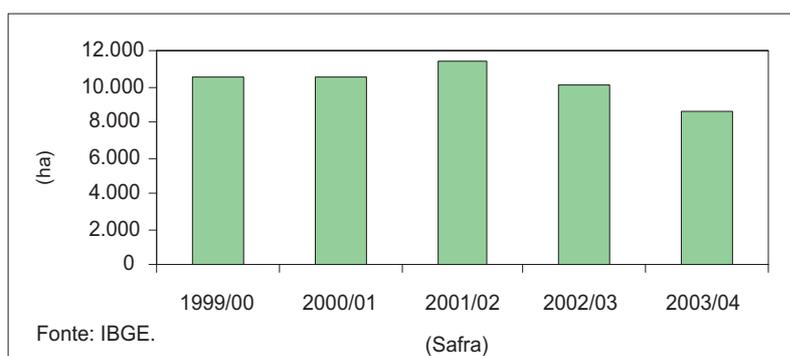


Figura 1/I. Batata - Evolução da área plantada em Santa Catarina - Safras 1999/00 - 2003/04

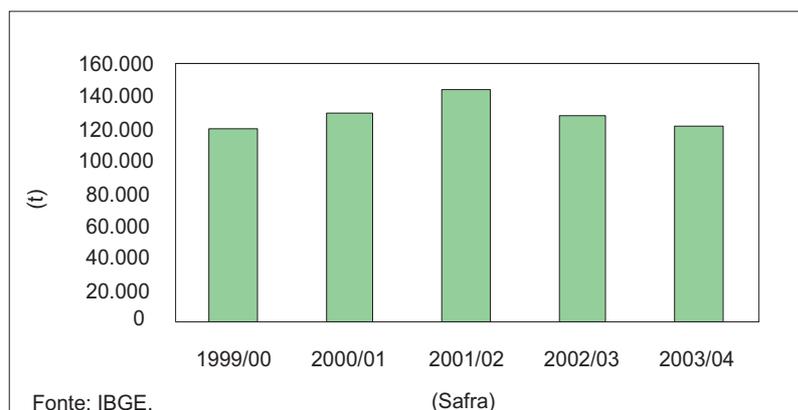


Figura 2/I. Batata - Comportamento da produção catarinense - Safras 1999/00 - 2003/04

tubérculo, ou seja, um volume cerca de 6,0% menor relativamente ao montante colhido na safra 2002/03.

O total da área plantada somou apenas 8.666 ha, registrando uma diminuição de 14,1%.

A produtividade média alcançou 13.911 kg/ha e superou em 9,4% o rendimento da safra anterior.

O desempenho apresentado pela cultura da batata em Santa Catarina nos últimos anos, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE, apresentou-se conforme a figura 2 .

Na primeira safra, a das águas, a produção estadual alcançou 94.313 toneladas, oriundas de cerca de 6.630 hectares

cultivados. Na segunda, a das secas, a área de plantio somou apenas 2.036 hectares e a produção colhida, 26.242 toneladas.

Não obstante desenvolver-se em praticamente todas as regiões, a produção catarinense de batatas continua concentrada principalmente nas microrregiões de Joaçaba e dos Campos de Lages, as quais, em conjunto, responderam na última campanha por mais de 40,0% do total colhido no estado. Seguem-se, em ordem decrescente de importância, as microrregiões de Tubarão, Tabuleiro, Canoinhas e Criciúma. Juntas, elas foram responsáveis por cerca de 77,5% da produção catarinense colhida na safra em análise.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

O desempenho da produção estadual nesta safra, por microrregião produtora, de acordo com informações divulgadas pelo IBGE, apresentou-se de acordo com a tabela 1/I.

No contexto nacional, os números projetados para esta campanha também revelam valores ligeiramente menores que os obtidos na safra do ano passado, repetindo, dessa forma, a tendência de desempenho já verificada na safra precedente.

*Tabela 1/I. Batata – Área plantada, produção e rendimento obtido por microrregião geográfica – Santa Catarina – 2003/04 <sup>(1)</sup>*

Microrregião Geográfica	Área Plantada (ha)	Produção Colhida (t)	Rendimento Obtido (kg/ha)
Joaçaba	1.126	26.781	23,784
Campos Lages	2.195	25.202	11,482
Tubarão	930	15.268	16,417
Tabuleiro	825	10.450	12,667
Canoinhas	530	8.309	15,677
Criciúma	506	7.388	14,601
Rio do Sul	632	6.461	10,223
Ituporanga	310	3.625	11,694
Tijucas	320	3.453	10,791
São B. Sul	260	2.930	11,269
Chapecó	296	2.626	8,872
Curitibanos	156	2.323	14,891
Florianópolis	174	2.046	11,759
Xanxerê	150	1.664	11,093
Concórdia	201	1.613	8,025
São M. Oeste	30	210	7,000
Blumenau	25	206	8,240
<b>Total</b>	<b>8.666</b>	<b>120.555</b>	<b>13,911</b>

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

De acordo com as últimas pesquisas de acompanhamento e avaliação das safras agrícolas do País, promovidas pelo IBGE nos principais estados brasileiros produtores do tubérculo, considerando-se os diversos cultivos implantados ao longo do ano, o total da produção brasileira prevista para esta safra está avaliado em aproximadamente 2.931,2 mil toneladas. A área estimada de plantio é de 139,9 mil hectares e a produtividade esperada, de 20.943 kg/ha.

Dessa forma, conforme apresentado na figura 3, pelo segundo ano consecutivo o desempenho da atividade no Brasil apresentou declínio, comportamento que espelha o descontentamento do meio produtor, financeiramente bastante comprometido em virtude do fraco resultado alcançado nas últimas comercializações.

Em comparação com o resultado da campanha anterior, o atual mostra-se 5,1% inferior no total da produção colhida e 8,0% em relação ao montante da área cultivada. Estas reduções estão diretamente atreladas aos valores de comercialização registrados no segundo semestre de 2003 e no primeiro semestre de 2004, os quais, evidentemente, interferiram de forma determinante nas intenções de plantio da safra em análise.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

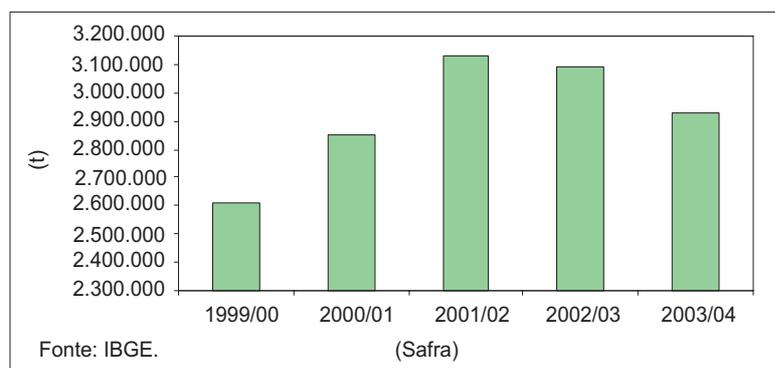


Figura 3/1. Batata - Comportamento da produção brasileira - Safras 1999/00 - 2003/04

Do total da oferta prevista para o País neste ano agrícola, cerca de 49,0% veio da primeira safra, ou das águas – que apresentou, como dados conclusivos levantados pelo IBGE, uma área cultivada de 72,1 mil hectares e um montante de produção colhida de aproximadamente 1.437,8 mil toneladas. Outros 33,0% provieram da segunda safra, ou

das secas – cujo plantio somou ao redor de 47,4 mil hectares e a produção colhida totalizou ao redor de 971,9 mil toneladas. Da terceira safra, ou de inverno, vieram os restantes 18,0%, resultantes de uma área implantada de 20,5 mil hectares e uma oferta bruta de 521,5 mil toneladas do tubérculo.

O desempenho projetado para a atividade na safra 2003/04, por estado produtor, segundo dados levantados pelo IBGE, apresenta-se de acordo com a tabela 2/1.

Relativamente aos valores de comercialização dessa safra, pode-se afirmar com segurança que ficaram muito aquém das expectativas, pois não remuneraram suficientemente a atividade e, mais uma vez, poderão interferir negativamente, em nível nacional, no desempenho futuro da atividade.

Durante o longo período de comercialização dessa safra, verificaram-se duas situações bastante distintas.

Num primeiro momento, correspondente ao primeiro semestre do ano, o mercado operou normalmente muito calmo e com cotações em patamar muito baixo, inferiores às registradas em idêntico período de 2003.

Este comportamento foi creditado, de modo particular, ao grande volume de oferta da primeira safra, ou das águas, que normalmente responde por cerca de 50,0% do total da produção anual do País.



Tabela 2/I. Batata – Área plantada, produção e rendimento obtido – Brasil – 2003/04 <sup>(1)</sup>

Estado produtor	Área plantada (ha)	Produção colhida (t)	Rendimento obtido (kg/ha)
Minas Gerais	37.364	966.008	25.854
São Paulo	31.930	779.320	24.407
Paraná	29.336	580.350	19.783
Rio G. do Sul	26.036	294.913	11.327
Bahia	5.600	177.000	31.607
Santa Catarina	8.666	120.555	13.911
Outros	1.028	13.038	12.683
<b>Brasil</b>	<b>139.960</b>	<b>2.931.184</b>	<b>20.943</b>

<sup>(1)</sup>Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.

Num segundo momento, relativo ao segundo semestre do ano, o cenário de mercado foi simplesmente o oposto, tendo operado firme e com valores substancialmente mais elevados, seja comparativamente aos registrados no primeiro semestre, seja em relação aos preços de igual período de 2003.

A recuperação da atividade nesse período foi determinada exclusivamente pela

menor produção colhida na segunda e na terceira safra, um pouco mais acentuadamente nesta, ou seja, a de inverno, pois, desestimulados pelos baixos preços do início do ano, os produtores deixaram de investir mais intensamente na cultura.

O comportamento dos valores médios mensais de comercialização recebidos pelos produtores catarinenses durante o ano de 2004 e o comparativo em relação aos preços do ano anterior são mostrados na figura 4.

Diante do cenário de comercialização registrado na campanha agrícola do ano 03/04, é bastante provável que os números da próxima safra nacional, 2004/05, continuem declinando, tendo em vista as dificuldades financeiras enfrentadas pelo setor.

Para Santa Catarina, esta tendência parece já se confirmar. De acordo com informações levantadas pelo IBGE, o desempenho da primeira safra (das águas) deverá ficar novamente inferior ao resultado obtido nos últimos anos. Com efeito, as pesquisas de campo referentes à primeira safra revelam expectativas de colheita bruta de apenas 88,3 mil toneladas, o que representa menos 6,4% comparativamente ao volume colhido em 2004. O total da área cultivada é avaliado em 6,5 mil hectares e se mostra ligeiramente reduzido.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

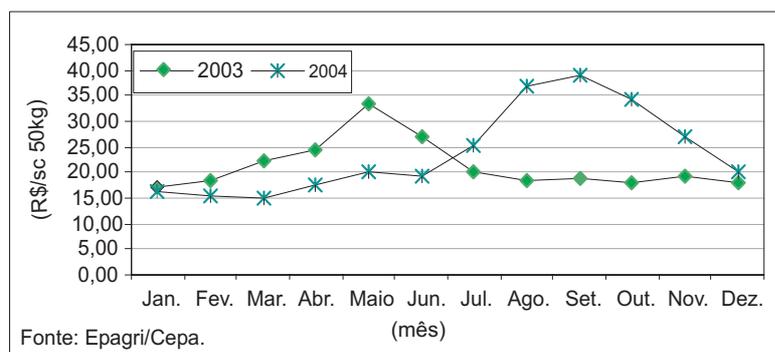


Figura 4/I. Batata - Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - 2003-2004

Tabela 3 - Batata - Área plantada, produção e rendimento por estado - 2001/02-2003/04

Estado	Área Plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2001/02	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>	2001/02	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>	2001/02	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>
Distrito Federal	148	94	25	4.063	2.330	650	27,453	24,787	26,000
Goiás	4.512	2.515	0	161.560	87.804	0	35,807	34,912	-
Bahia	3.134	3.917	5.600	91.020	114.510	177.000	29,043	29,234	31,607
Paraíba	455	602	441	2.235	4.856	3.390	4,912	8,066	7,687
Pernambuco	37	26	0	390	136	0	10,541	5,231	-
Espirito Santo	533	573	562	8.538	8.733	8.998	16,019	15,241	16,011
Minas Gerais	39.546	40.274	37.364	943.795	1.026.350	966.008	23,866	25,484	25,854
Rio de Janeiro	96	93	0	1.270	1.240	0	13,229	13,333	-
São Paulo	31.530	33.638	31.930	726.740	791.030	779.320	23,049	23,516	24,407
Paraná	33.786	30.704	29.336	659.230	610.663	580.350	19,512	19,889	19,783
Rio Grande do Sul	35.938	29.463	26.036	384.115	313.157	294.913	10,688	10,629	11,327
Santa Catarina	11.424	10.083	8.666	143.455	128.207	120.555	12,557	12,715	13,911
<b>Brasil</b>	<b>161.139</b>	<b>151.982</b>	<b>25</b>	<b>3.126.411</b>	<b>3.089.016</b>	<b>2.931.184</b>	<b>19,402</b>	<b>20,325</b>	<b>20,943</b>

Fonte: IBGE/PAM.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Guido Boeing



## Cebola – Região Sul define resultados da safra 2003/04

Pelo quinto ano consecutivo, a produção brasileira de cebola ultrapassou a marca de um milhão de toneladas.

Esta afirmativa assenta-se nas informações recentemente divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - e resulta da última pesquisa de avaliação do desempenho da cultura, correspondente ao ano agrícola 03/04, realizada nos mais diversos estados produtores do País.

De acordo com a mesma fonte, a produção nacional desta safra totalizou aproximadamente 1.132,9 mil toneladas, representando uma diminuição de oferta de 7,9%, comparativamente à registrada no cultivo anterior.

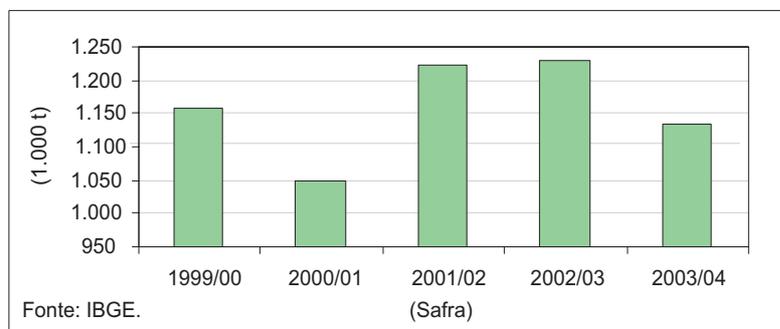


Figura 1/I. Cebola - Desempenho da produção brasileira - Safras 1999/00 - 2003/04

Diante deste resultado, o comportamento da produção nacional apresentou-se, nos últimos anos, de acordo com o demonstrado na figura 1.

O menor volume da colheita nacional foi exclusivamente creditado à diminuição verificada no montante da área plantada, 16,7% relativamente à área implantada na safra 2002/03. A



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

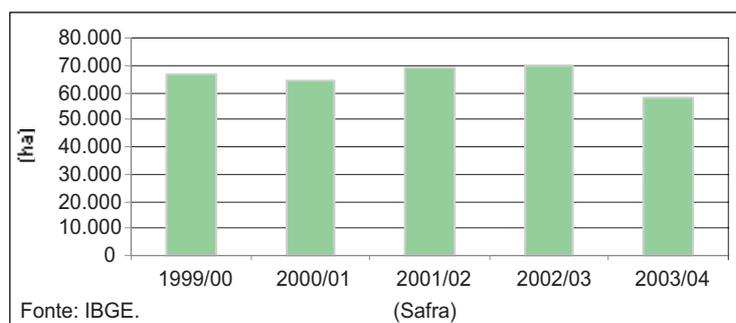


Figura 2/I. Cebola - Comportamento da área plantada no Brasil - Safras 1999/00 - 2003/04

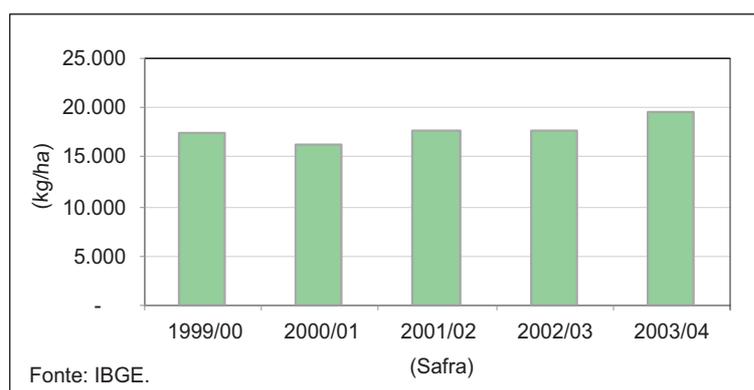


Figura 3/I. Cebola - Evolução da produtividade média brasileira - Safras 1999/00 - 2003/04

propósito, o total da área cultivada com cebola no Brasil, nessa safra, foi de 57.790 hectares. Nos últimos cinco anos, a área de plantio no País apresentou o comportamento demonstrado na figura 2.

A produtividade média da cultura obtida no País nessa campanha foi a mais expressiva já registrada em nível nacional nos últimos anos, conforme pode ser verificado na figura 3. Situou-se em 19.604 kg/ha, representando, portanto, um crescimento de 10,6% frente ao resultado alcançado no cultivo anterior.

O crescimento registrado nos índices de produtividade média da cultura no País, nos últimos anos, reflete diretamente a adoção pelos agricultores de novas e mais modernas tecnologias produtivas,

especialmente as relacionadas às técnicas de plantio direto e de irrigação da cultura, objetivando com isso baixar custos e aumentar os rendimentos por unidade de área plantada, visando, em última análise, a fazer frente à cebola importada da Argentina, tradicionalmente de melhor qualidade e padrão de comercialização.

O comportamento nacional da cultura da cebola, na safra em questão, por estado produtor, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE, apresentou-se conforme demonstrado na tabela 1.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 1/I. Cebola – Área plantada, produção e rendimento obtido – Brasil – 2003/04 <sup>(1)</sup>

Estado Produtor	Área plantada (ha)	Produção colhida (t)	Rendimento obtido (kg/ha)	Participação na produção (%)
Santa Catarina	21.417	436.597	20.386	38,54
São Paulo	6.590	186.120	28.243	16,43
Rio G. do Sul	11.252	158.086	14.050	13,95
Bahia	6.187	131.464	21.248	11,60
Paraná	5.927	80.326	13.553	7,09
Pernambuco	4.210	74.205	17.626	6,55
Minas Gerais	2.207	66.122	29.960	5,84
<b>Brasil</b>	<b>57.790</b>	<b>1.132.920</b>	<b>19.604</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

O bom desempenho da cebolicultura brasileira na safra correspondente ao ano agrícola 03/04 deveu-se, principalmente, ao ótimo resultado quantitativo registrado nos estados da Região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Todos eles mostraram aumento nos índices de volume colhido. A produção, no conjunto dos estados, revelou um montante de aproximadamente 675,0

mil toneladas de cebolas, um crescimento de colheita de 10,8% comparativamente à oferta sulina da safra 2002/03. A oferta do Sul do País, de outra parte, representou um pouco mais de 60,0% da produção nacional.

O estado de Santa Catarina continua destacando-se como o principal produtor de cebolas do Brasil, tendo contribuído, na safra em questão, com aproximadamente 38,5% do total da produção nacional.

Nos demais principais estados produtores de cebola das Regiões Sudeste e Centro-Oeste do País (São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia), o resultado final da atividade nessa campanha apresentou-se de maneira totalmente oposta ao verificado na Região Sul. Todos os estados, sem exceção, acusaram redução no volume ofertado, cenário este creditado aos baixos valores de mercado recebidos pelos agricultores na comercialização da safra anterior e a situações adversas de clima, ocorridas especialmente nos estados de Pernambuco e Bahia. A produção oficializada desses estados totalizou apenas 457,9 mil toneladas do bulbo, com um recuo de 22,2% relativamente ao resultado da safra 2002/03.

A participação percentual dos principais estados produtores de cebola em nível nacional, na campanha correspondente ao ano agrícola 03/04, pelos dados do IBGE, apresentou-se de acordo com o demonstrado na figura 4.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

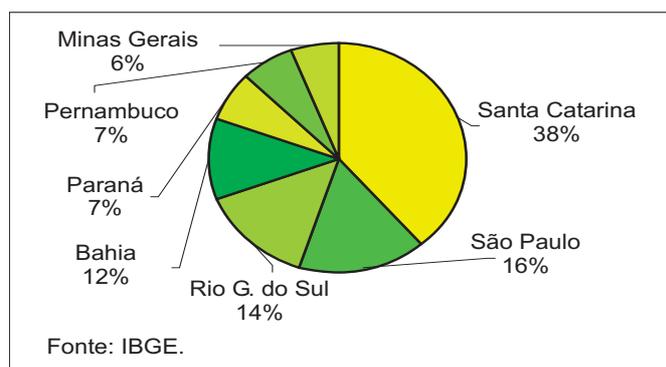


Figura 4/1. Cebola - Participação dos estados no total da produção - Brasil - Safra 2003/04

Na safra do ano passado, a produção colhida do País encolheu, especialmente por causa da redução da oferta nos estados das Regiões Sudeste e Nordeste. Os estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia registraram, relativamente ao total plantado na safra precedente, diminuição da área de cultivo. As safras nessas regiões foram severamente afetadas por problemas de ordem climática, e por tal razão o mercado da cebola no Brasil, não obstante manter

a tendência do comportamento histórico dos preços, apresentou um cenário de comercialização e de valores praticados jamais visto em nível nacional, tanto ao produtor quanto no atacado.

Estes fatos foram registrados especialmente a partir do final do mês de maio, quando as ofertas provenientes do Sul do País praticamente cessaram, num momento em que os demais estados produtores, pelas razões anteriormente expostas, já não dispunham de produto suficiente para garantir a normalidade do abastecimento.

Como conseqüência, a partir desse período a demanda interna, hoje avaliada entre 70 mil e 75 mil toneladas por mês, necessitou ser suprida em sua quase totalidade por produto importado, especialmente da Argentina, nosso principal parceiro comercial, muito embora, diante do cenário de mercado que se verificava, também se fizessem importações do Chile, do Uruguai, da Bolívia, da Espanha, dos Estados Unidos, de Portugal e até mesmo dos Países Baixos (Holanda).

O resultado dessa grave dependência de bulbos externos, a fim de garantir a normalidade do consumo nacional, foi o registro de um mercado operando extremamente firme e com valores de comercialização fortemente majorados nos diversos segmentos.



Este cenário perdurou por praticamente cinco meses, estendendo-se do final do mês de maio até o final do mês de setembro. A partir de outubro, com o aumento da oferta interna, o mercado novamente retornou à normalidade e a praticar preços mais ajustados com os níveis salariais da grande maioria da população brasileira.

No período em análise, no entreposto atacadista da Ceagesp - principal pólo de consumo do País -, os preços mensais de venda da cebola nacional oscilaram entre R\$ 20,00 e R\$ 37,73/sc de 20 kg. A cebola importada recebeu valores que variaram entre R\$ 22,93 e R\$ 44,72/sc.

O comportamento dos preços acima referidos afetou, indistintamente, o mercado de todos os estados brasileiros, mesmo os tradicionais produtores de cebola.

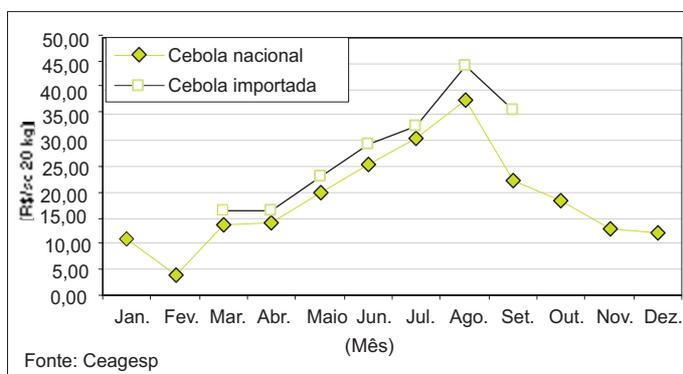


Figura 5/I. Cebola - Preços médios mensais de comercialização - Entreposto da Ceagesp/SP - 2004

A fim de melhor exemplificar o quadro da comercialização do bulbo durante o ano de 2004, apresentam-se, na figura 5, a evolução dos valores da cebola nacional e os da cebola importada no entreposto atacadista da Ceagesp, principal mercado expedidor nacional do produto e formador de preços para todas as demais regiões brasileiras.

Também no segmento produtor brasileiro os preços estiveram significativamente elevados, mas poucos benefícios trouxeram aos agricultores, principalmente aos do Sul do País, de vez que os níveis de oferta apresentavam-se bastante reduzidos.

A análise conclusiva da safra de Santa Catarina revelou valores médios finais praticamente idênticos aos da campanha 2002/03. A figura 6 permite observar a evolução mensal dos preços recebidos pelos agricultores do estado.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

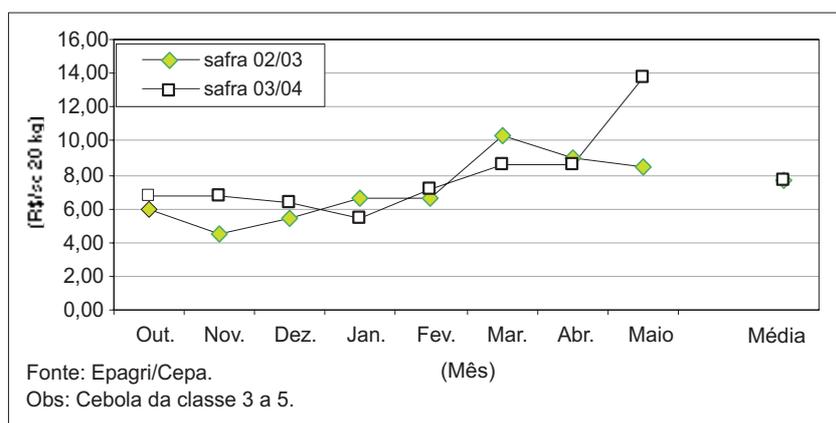


Figura 6/I. Cebola - Preços médios mensais ponderados recebidos pelos produtores de Santa Catarina - Safras 2002/03-2003/04

A grande diferença ficou por conta do montante de recursos movimentados pelo produtor na comercialização desta safra, que totalizou aproximadamente R\$ 123,33 milhões, contra R\$ 76,88 milhões na campanha 2002/03, resultante, única e exclusivamente, do maior volume ofertado (320 mil toneladas na presente safra,

e 200,0 mil toneladas na safra 2002/03)

Em decorrência da falta de cebolas produzidas internamente, conforme já se destacou anteriormente, houve necessidade de se buscar um maior volume do produto na Argentina e em outros tradicionais produtores mundiais do bulbo.

Por tudo isso, o montante das importações brasileiras de 2004 apresentou-se mais elevado relativamente às compras de 2003, mas substancialmente maior se comparado às aquisições dos anos imediatamente precedentes.

Com efeito, de acordo com informações disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil, as aquisições externas de cebola pelo Brasil em 2004 totalizaram aproximadamente 192,6 mil toneladas, um aumento de 11,6% comparativamente às compras efetuadas em 2003. Representaram um dispêndio de divisas de US\$ 26.563,3 mil, com o produto sendo internalizado a um valor médio de US\$ 0,14/quilo.

Do total das importações realizadas pelo Brasil durante o ano passado, cerca de 171,2 mil toneladas, ou o correspondente a 88,9% das aquisições externas, vieram da Argentina. O volume restante, conforme se destacou, foi originário



dos seguintes países: Chile, Uruguai, Bolívia, Espanha, Estados Unidos, Portugal e Holanda.

Na figura 7 apresenta-se o comportamento das importações brasileiras de cebolas nos últimos cinco anos, de acordo com informações da secretaria de Comércio Exterior.

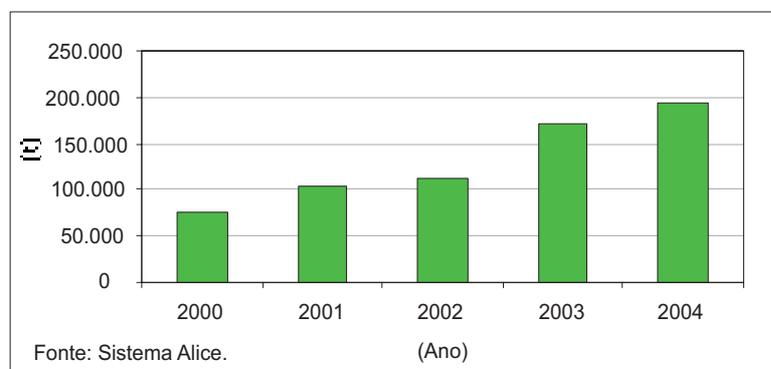


Figura 7/I. Cebola - Importações brasileiras - 2000-04

As informações oficiais relativamente à nova campanha ceboleira do Brasil, correspondente ao ano agrícola 04/05, limitam-se aos estados da Região Sul do País, ou seja, aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nas demais regiões produtoras do bulbo, a cultura encontra-se ainda em entressafra.

Assim, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, o total da área cultivada nesta safra nos estados sulinos está sendo avaliado ao redor de 36,7 mil hectares, apresentando uma diminuição de plantio de 4,9% frente à safra anterior.

A produção estimada a ser colhida é de aproximadamente 578,2 mil toneladas de cebolas, volume 14,3% menor comparativamente ao montante obtido na safra 03/04.

A menor área de plantio prevista para esta campanha é atribuída aos baixos valores de mercado alcançados pelos agricultores no ano de 2004, assim como à migração de muitos cebolicultores, especialmente de Santa Catarina, para a cultura do fumo, que nos últimos anos tem mostrado resultados financeiros mais atrativos.

A queda prevista no volume de oferta é creditada, em primeiro lugar, à redução da área de plantio, assim como à ocorrência de condições climáticas

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

adversas ao longo do ciclo vegetativo da cultura. No decorrer desta safra, a Região Sul registrou um período de inverno bastante prolongado, com baixas temperaturas e elevado número de dias sem insolação, prejudicando o normal desenvolvimento das plantas e determinando redução do tamanho dos bulbos.

A safra ceboleira dos estados sulinos já foi totalmente colhida. Os atuais valores estimativos poderão, em função de ajustes nas estimativas dos principais municípios produtores, eventualmente sofrer pequenas alterações.

Tabela 2/I. Cebola - Área plantada, produção e rendimento, por estado - 2001/02-2003/04

Estado	Área plantada (ha)			Produção			Rendimento (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04 <sup>(1)</sup>	01/02	02/03	03/04 <sup>(1)</sup>	01/02	02/03	03/04 <sup>(1)</sup>
Distrito Federal	140	192	0	5.364	8.345	0	38,314	43,464	
Goiás	349	510	0	19.430	20.710	0	55,673	40,608	
Mato Grosso do Sul	5	11	0	142	159	0	28,400	14,455	
Bahia	5.593	6.218	6.187	134.723	150.836	131.464	24,088	24,258	21,248
Paraíba	6	6	0	90	92	0	15,000	15,333	
Pernambuco	4.936	4.316	4.210	89.082	91.353	74.205	18,047	21,166	17,626
Piauí	10	8	0	62	35	0	6,200	4,375	
Espírito Santo	60	100	0	1.200	2.500	0	20,000	25,000	
Minas Gerais	2.562	2.600	2.207	70.819	79.683	66.122	27,642	30,647	29,960
São Paulo	9.380	9.695	6.590	270.930	266.895	186.120	28,884	27,529	28,243
Paraná	6.161	6.202	5.927	73.356	76.362	80.326	11,907	12,312	13,553
Rio Grande do Sul	14.055	13.651	11.252	162.344	123.325	158.086	11,551	9,034	14,050
Santa Catarina	25.767	25.905	21.417	394.582	409.553	436.597	15,313	15,810	20,386
<b>Brasil</b>	<b>69.024</b>	<b>69.414</b>	<b>57.790</b>	<b>1.222.124</b>	<b>1.229.848</b>	<b>1.132.920</b>	<b>17,706</b>	<b>17,718</b>	<b>19,604</b>

Fonte: IBGE/PAM.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

**Guido Boeing**



## Feijão

### Produção Mundial cai em 2004, mas se mantém em patamar elevado

Na revisão de seus dados, a Organização de Alimentos e Agricultura da ONU - FAO - coloca a produção mundial dos diversos tipos de feijão de 2003 como a maior já registrada.

Produziu 19,7 milhões de toneladas, ocupou 27,1 milhões de hectares e rendeu 727,2 quilos por hectare.

A produção deste mesmo ano superou as de 2002 e de 2004 em 880 mil (4,5%) e em um milhão de toneladas (5,5%), respectivamente.

Este comportamento se deve, sobretudo, ao novo recuo da produtividade média das lavouras em 2004 (4,5%), que atingiu inclusive nível inferior ao de 2002 (710,6 kg/ha contra 695,3 kg/ha), recuo ancorado em incidências climáticas negativas.

Certamente, tal comportamento reflete, em grande medida, a redução do rendimento médio de alguns dos principais países produtores.

De fato, o rendimento do feijão da Índia recuou 17%; o dos Estados Unidos, 10,5% e o do Brasil, 6,5%.

EUA e Brasil contraíram, ainda, suas respectivas áreas plantadas em 7% e 1,5%.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Os Estados Unidos, aliás, seguem em trajetória descendente no tocante aos indicadores produtivos do feijão.

Nestes três anos, sua área plantada reduziu-se em 27,5%; o rendimento médio de suas lavouras, em 14% e, sua produção, em 38%.

A produção indiana, ao contrário e apesar da queda em 2004, cresceu 36,5% devido ao aumento de 14% em área plantada e de 20% em produtividade (Tabela 1).

*Tabela 1/I. Feijão seco - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Mundo e principais países produtores - 2002-04*

Mundo e países produtores			
Quantidade produzida (t)	2002	2003	2004
<b>Mundo</b>	<b>18.858.743</b>	<b>19.736.295</b>	<b>18.724.766</b>
Brasil	3.064.230	3.309.900	3.054.049
Índia	2.200.000	3.600.000	3.000.000
China	2.158.366	1.908.600	2.009.000
Mianmar	1.600.000	1.650.000	1.650.000
México	1.549.090	1.400.160	1.400.160
Estados Unidos	1.359.600	1.021.260	847.900
<b>Total principais países</b>	<b>11.931.286</b>	<b>12.889.920</b>	<b>11.961.109</b>
Área cultivada (ha)	2002	2003	2004
<b>Mundo</b>	<b>26.539.041</b>	<b>27.140.263</b>	<b>26.931.788</b>
Índia	7.900.000	9.000.000	9.000.000
Brasil	4.140.530	4.089.910	4.033.209
México	2.054.360	1.947.680	1.947.680
Mianmar	1.900.000	1.900.000	1.900.000
China	1.434.600	1.254.800	1.205.000
Estados Unidos	698.860	545.080	505.900
<b>Total principais países</b>	<b>18.128.350</b>	<b>18.737.470</b>	<b>18.591.789</b>
Rendimento médio (kg/ha)	2002	2003	2004
<b>Mundo</b>	<b>710,6</b>	<b>727,2</b>	<b>695,3</b>
Estados Unidos	1.945,5	1.873,6	1.676,0
China	1.504,5	1.521,0	1.667,2
Mianmar	842,1	868,4	868,4
Brasil	740,1	809,3	757,2
México	754,0	718,9	718,9
Índia	278,5	400,0	333,3
<b>Total principais países</b>	<b>658,2</b>	<b>687,9</b>	<b>643,4</b>

Fonte: FAO.



Entretanto, a evolução da produção mundial dos feijões, em um prazo de 15 anos, indica o alcance de um patamar superior nos três anos e nos três indicadores até aqui considerados.

Com efeito, o crescimento da produção está sendo estimado em 18%; o da área cultivada, em 6% e o do rendimento médio, em 11%.

Ademais, os números não deixam dúvidas sobre o maior ímpeto de crescimento após 1996-98 - exceto no país de maior exportação, Mianmar, vigoroso desde 1990-92.

A evolução das médias trienais dos principais países produtores indica, em todo o período, declínio nas produções estadunidense e indiana.

Com efeito, o país americano cultivou menos 22% em área e obteve rendimento 2% maior, reduzindo a quantidade produzida em 20%.

A nação asiática, de sua parte, ainda que tenha crescido substancialmente nos três últimos anos, no período maior reduziu sua área cultivada em 8% e seu rendimento médio em 17%, diminuindo sua quantidade produzida em 23%.

Notou-se, também, entre 1996-98 e 2002-04, uma inversão de tendências entre estas duas produções nacionais: enquanto a produção indiana atenuou seu declínio (-2%), a estadunidense o acelerou (-19%).

Nos demais grandes produtores, a tendência é de crescimento do cultivo: em Mianmar, 345%; na China, 96%; no México, 28% e no Brasil, 21%.

A base desse crescimento foi, sem dúvida, a intensificação do uso de tecnologia: o Brasil elevou em 51% sua produtividade média; a China, em 39%; o Mianmar, em 34% e o México, em 18%.

Mas Mianmar e China, além disso, incrementaram sua área produtiva: o primeiro, em 234%; a segunda, em 51% (Tabela 2).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 2/I. Feijão seco - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Total mundial e principais países produtores 1990-92 - 1996-98 - 2002-04*

<b>Mundo e principais países produtores</b>			
Quantidade produzida (t)	1990-92	1996-98	2002-04
<b>Mundo</b>	<b>16.253.476</b>	<b>16.300.291</b>	<b>19.106.601</b>
Brasil	2.592.105	2.493.597	3.142.726
Índia	3.828.100	2.987.867	2.933.333
China	1.033.474	1.477.527	2.025.322
Mianmar	366.733	993.790	1.633.333
México	1.128.152	1.191.604	1.449.803
Estados Unidos	1.342.200	1.325.900	1.076.253
<b>Total principais países</b>	<b>10.290.765</b>	<b>10.470.285</b>	<b>12.260.772</b>
Área cultivada(ha)	1990-92	1996-98	2002-04
<b>Mundo</b>	<b>25.421.357</b>	<b>25.092.793</b>	<b>26.870.364</b>
Índia	9.405.900	8.211.600	8.633.333
Brasil	5.087.477	4.001.967	4.087.883
México	1.792.862	1.936.642	1.983.240
Mianmar	567.900	1.343.390	1.900.000
China	857.698	1.155.903	1.298.133
Estados Unidos	745.700	731.440	583.280
<b>Total principais países</b>	<b>18.457.536</b>	<b>17.380.942</b>	<b>18.485.870</b>
Rendimento médio (kg/ha)	1990-92	1996-98	2002-04
<b>Mundo</b>	<b>639,4</b>	<b>649,7</b>	<b>711,0</b>
Estados Unidos	1.792,1	1.813,7	1.831,7
China	1.127,4	1.276,6	1.564,2
Mianmar	640,5	740,5	859,6
Brasil	508,6	625,8	768,9
México	620,8	614,5	730,6
Índia	408,1	362,8	337,3
<b>Média principais países</b>	<b>557,4</b>	<b>602,3</b>	<b>663,1</b>

Fonte: FAO.

### Mercosul sem novidades: hegemonia absoluta do Brasil e queda continuada na Argentina

Em 2004, a produção do bloco econômico dos quatro países do Cone Sul das Américas foi ligeiramente inferior a 3,3 milhões de toneladas, continuando a participar com 18% da quantidade mundial.

O total de sua área colhida alcançou 4,2 milhões de hectares, 15% da mundial.

O rendimento médio de suas lavouras, por sua vez, manteve-se 11% acima da média mundial.



Internamente ao Mercosul, a produção brasileira é absolutamente hegemônica.

Sua participação está em torno de 94% da quantidade produzida e de 96% da área cultivada.

Sua produtividade média, no entanto, foi 35% inferior à da Argentina e apenas 9% superior à média mundial.

A produção deste país platino, aliás, se reduziu nos últimos três anos quase à metade em quantidade (-46%); sua área colhida, a mais da metade (-53%), mas sua produtividade cresceu 16%.

O Paraguai estabilizou-se na faixa das 54 mil toneladas, em 66 mil hectares colhidos e 818 kg/ha, o que pode denotar dificuldades na coleta confiável de dados estatísticos.

A produção uruguaia continua muito pouco expressiva - em torno de 0,1% do total do Mercosul (3,4 mil toneladas e 5,4 mil hectares) (Tabela 3).

Em 15 anos (1990/92 – 2002/04), entretanto, a produção do Mercosul declinou 18% em área e elevou em 47% sua produtividade, propiciando um incremento de 20% em quantidade.

A contribuição brasileira foi determinante para o alcance destes patamares produtivos.

Em primeiro lugar, basta verificar o recuo em 20% da área cultivada neste país e a elevação em 51% do rendimento médio das lavouras, que aumentaram em 21% a quantidade produzida.

A produção paraguaia, por seu turno, cresceu 41% em área e perdeu 11% em produtividade. Em consequência, aumentou seu volume de produção em 26%.

A produção uruguaia não conseguiu se avolumar nestes quinze anos, mesmo tendo elevado em 14% a quantidade, em 11% a área cultivada e em 2,5% a produtividade.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/I. Feijão - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Total mundial e países do Mercosul - 2002-04

Mundo e países do Mercosul			
Quantidade produzida(t)	2002	2003	2004
Brasil	3.064.230	3.309.900	3.054.049
Argentina	278.100	215.550	151.278
Paraguai	53.961	54.000	54.000
Uruguai	3.350	3.400	3.400
<b>Mercosul</b>	<b>3.399.641</b>	<b>3.582.850</b>	<b>3.262.727</b>
<b>Mundo</b>	<b>18.858.743</b>	<b>19.736.295</b>	<b>18.724.766</b>
Área cultivada(ha)	2002	2003	2004
Brasil	4.140.530	4.089.910	4.033.209
Argentina	256.750	185.400	120.525
Paraguai	65.970	66.000	66.000
Uruguai	5.350	5.400	5.400
<b>Mercosul</b>	<b>4.468.600</b>	<b>4.346.710</b>	<b>4.225.134</b>
<b>Mundo</b>	<b>26.539.041</b>	<b>27.140.263</b>	<b>26.931.788</b>
Rendimento médio (kg/ha)	2002	2003	2004
Argentina	1.083,2	1.162,6	1.255,2
Paraguai	818,0	818,2	818,2
Brasil	740,1	809,3	757,2
Uruguai	626,2	629,6	629,6
<b>Mercosul</b>	<b>760,8</b>	<b>824,3</b>	<b>772,2</b>
<b>Mundo</b>	<b>710,6</b>	<b>727,2</b>	<b>695,3</b>

Fonte: FAO.

De sinal trocado tem sido a evolução da produção argentina, que em quase nada alterou seu nível de produtividade, mas diminuiu sua área cultivada em 3%, o que acarretou a redução de 2,5% em sua quantidade total.

Em segundo lugar, registra-se a intensificação da produção de feijão no Mercado Comum do Sul durante o subperíodo 1996-98 – 2002-04, puxada pela produção brasileira.

É só comparar: o aumento de área cultivada no Brasil foi de 2% e, no conjunto do Mercosul, de 1%; o da produtividade brasileira, 23%; a do Mercosul, 20%; a quantidade produzida, de 26% e 22%, respectivamente.

Em terceiro lugar, observa-se que a produção da Argentina (queda de 10% em produtividade, crescimento de 32% em área e 19% em quantidade) e a do Paraguai (43% em área, queda de 14% em produtividade e 24% em quantidade), mesmo com redução de produtividade, tiveram maior impulso no subperíodo 1990-92.



A produção brasileira, por sua feita, apenas cresceu em rendimento (23%), caindo em área (21%) e em quantidade (4%)(Tabela 4).

Tabela 4I. Feijão - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Total mundial e países do Mercosul - 1990-92 - 1996-98 - 2002-04

Total mundial e países do Mercosul			
Quantidade produzida(t)	1990-92	1996-98	2002-04
Brasil	2.592.105	2.493.597	3.142.726
Argentina	220.564	263.359	214.976
Paraguai	42.860	53.306	53.987
Uruguai	2.967	3.100	3.383
Mercosul	2.858.496	2.813.362	3.436.497
<b>Mundo</b>	<b>16.253.476</b>	<b>16.300.291</b>	<b>19.106.601</b>
Área cultivada (ha)	1990/92	1996/98	2002/04
Brasil	5.087.477	4.001.967	4.087.883
Argentina	193.343	255.174	187.558
Paraguai	46.845	67.196	65.990
Uruguai	4.833	5.100	5.383
Mercosul	5.332.498	4.329.437	4.368.440
<b>Mundo</b>	<b>26.539.041</b>	<b>27.140.263</b>	<b>26.931.788</b>
Rendimento médio (kg/ha)	1990/92	1996/98	2002/04
Argentina	1.145,3	1.027,9	1.146,2
Paraguai	915,9	785,4	818,1
Brasil	508,6	625,8	768,9
Uruguai	613,8	607,8	628,5
Mercosul	535,2	652,8	786,9
<b>Mundo</b>	<b>639,4</b>	<b>649,7</b>	<b>711,0</b>

Fonte: FAO.

Neste subperíodo, a Argentina chegou a produzir 263,3 mil toneladas, a maior parte das quais de poroto-negro e alúbia (branco).

Destaque-se que este país vizinho colheu, em 2004, cerca de 1% do volume de produção mundial, mas vem participando com mais de 8% das exportações mundiais.

## A produção brasileira tende a crescer e a deslocar-se do Sul

Ao longo dos últimos 16 anos (de 1990-92 a 2003-05), a quantidade total produzida aumentou em torno de 20%, em consonância com o aumento de 55% na produtividade média dos cultivos e recuo de 23% na área plantada.



As maiores contribuições para esse desempenho vieram de alguns dos principais estados produtores, como Paraná, Minas Gerais e Goiás (45% do total nacional), que cresceram 78%, 68% e 113%, respectivamente.

Em direção oposta evoluíram as produções dos dois estados sulinos (Santa Catarina, -48%; Rio Grande do Sul, -19%) e o conjunto dos estados de menor produção (-20%) e São Paulo (-2%).

Ainda dentre os estados mais produtivos, pode-se destacar, ao longo desses 16 anos, o crescimento de 112% no Mato Grosso e de 119% no Pará.

Tais aumentos de produção refletiram o avanço generalizado dos níveis de rendimento médio das lavouras brasileiras.

Os estados de maior rendimento mostraram indicadores que variam entre 200% (Goiás e Mato Grosso), 50% (Santa Catarina) e 44% (Amazonas).

Os demais estados produtores, em conjunto, tiveram um ganho de produtividade médio de 20% (Tabela 5).

Em nível macrorregional, de um lado, destaca-se o maior ímpeto do crescimento deste último indicador no conjunto dos estados da Região Centro-Oeste, a ponto de proporcionar-lhe a quase duplicação da produção.

De outro lado, observa-se o decréscimo da produção da Região Sul, que perde, no corrente ano, a condição hegemônica.

A evolução da produção nos últimos três anos, no entanto, vem tomando direção diversa.

Começou por alcançar os níveis mais elevados de produção, sendo a de 2003 apenas suplantada levemente pela de 1994. A produção começou por alcançar níveis mais elevados de produção (2003 e 1994).

A produção do ano seguinte em 2004, atingida por adversidades climáticas de maior impacto, foi 10% menor, por ter contraído sua área em 3% e seu rendimento médio em 7,5%.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 5/I. Feijão – Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores  
– 1990-92 - 1997-99 - 2003-05

Brasil e estados produtores			
Quantidade produzida (t)	1990-92	1997-99	2003-05 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>2.592.105</b>	<b>2.620.770</b>	<b>3.088.812</b>
Paraná	359.332	513.435	639.022
Minas Gerais	302.621	356.981	507.491
Bahia	344.833	347.642	367.035
São Paulo	288.267	256.377	282.547
Goiás	117.929	183.417	250.922
Ceará	129.190	127.216	163.495
Santa Catarina	282.895	198.494	147.516
Rio Grande do Sul	142.851	139.144	115.807
Pernambuco	76.946	62.939	90.206
Pará	29.899	49.340	65.748
Paraíba	70.527	39.879	64.136
Demais estados	446.815	345.907	394.887
Área colhida (ha)	1990-92	1997-99	2003-05 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>5.087.478,0</b>	<b>3.956.528,3</b>	<b>3.934.744,7</b>
Bahia	678.864	633.170	681.853
Ceará	529.580	443.142	546.431
Paraná	585.669	583.959	493.192
Minas Gerais	523.835	446.282	421.743
Pernambuco	261.275	174.459	251.630
Piauí	287.552	201.445	218.904
São Paulo	337.533	227.587	190.393
Paraíba	264.743	107.337	185.826
Rio Grande do Sul	218.088	188.329	133.695
Santa Catarina	388.282	230.082	131.958
Goiás	168.352	118.499	118.162
Demais estados	843.706	602.238	560.956
Rendimento médio (kg/ha)	1990-92	1997-99	2003-05 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>509,5</b>	<b>662,4</b>	<b>785,0</b>
Distrito Federal	1.204,9	1.907,2	2.380,5
Goiás	700,5	1.547,8	2.123,5
Mato Grosso	493,7	744,1	1.487,3
São Paulo	854,0	1.126,5	1.484,0
Paraná	613,5	879,2	1.295,7
Minas Gerais	577,7	799,9	1.203,3
Mato Grosso do Sul	654,0	935,6	1.153,1
Santa Catarina	728,6	862,7	1.117,9
Amazonas	738,8	854,0	1.044,2
Tocantins	341,1	487,9	930,2
Rio Grande do Sul	655,0	738,8	866,2

<sup>(1)</sup> Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - maio 2005.  
Fonte: IBGE.



Já as três safras de 2005 caminham em outra direção: devem recuperar o nível de rendimento médio de 2003 (-0,5%), em uma área 8,5% menor, gerando 9% menos produção.

Neste curto período de três anos, observam-se também mudanças na evolução das produções estaduais.

Os quatro estados que compunham a antiga Região Sul do Brasil vêm retrocedendo progressivamente em suas produções. Neste ano tendem a alcançar 45% no Rio Grande do Sul, 42% em Santa Catarina, 23% no Paraná e 13,5% em São Paulo.

Em sentido oposto, as produções de Pernambuco, Mato Grosso, Bahia e a do conjunto de estados de menor expressão expandiram-se em 108%, 36%, 16% e 11%, respectivamente (Tabela 6).

No presente ano agrícola, as duas primeiras safras continuaram a sofrer o impacto dos eventos climáticos desfavoráveis ocorridos desde 2004.

Entre suas primeiras conseqüências, conta-se o atraso do cronograma produtivo em algumas regiões (especialmente da safra das águas).

Mais tarde, comprovaram-se perdas em qualidade e produtividade.

Além desses fatores naturais, o nível dos preços vigentes à época do plantio eram desestimuladores.

Mesmo assim, **a primeira safra anual de feijão** continua a abarcar quase metade (48%) da produção nacional.

Plantada em área 6% menor do que a precedente e tendo obtido um rendimento médio 8,5% superior, a safra das águas logrou aumentar em 1,5% o montante de produção.

Em relação a 2003, porém, o presente ano agrícola colheu quantidade 11% em produção e área, a uma produtividade média 2,5% maior.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 6/1. Feijão - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 2003-05*

Brasil e estados produtores			
Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>3.302.038</b>	<b>2.965.085</b>	<b>2.999.313</b>
Paraná	707.530	664.334	545.202
Minas Gerais	544.147	464.290	514.035
Bahia	356.300	330.734	414.072
São Paulo	303.190	282.330	262.120
Goiás	289.172	209.835	253.759
Ceará	208.792	129.821	151.871
Pernambuco	57.322	93.760	119.535
Santa Catarina	188.626	143.859	110.064
Rio Grande do Sul	137.865	133.688	75.868
Mato Grosso	50.274	66.492	68.261
Pará	68.772	63.829	64.644
Área colhida (ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>4.090.568</b>	<b>3.975.862</b>	<b>3.737.804</b>
Bahia	729.939	704.331	611.288
Ceará	599.096	548.688	491.509
Paraná	539.602	503.585	436.388
Minas Gerais	438.775	408.016	418.439
Pernambuco	201.021	263.003	290.866
Piauí	213.001	219.692	224.019
Paraíba	185.177	186.151	186.151
São Paulo	221.990	190.190	159.000
Santa Catarina	146.792	134.568	114.515
Goiás	139.852	104.422	110.212
Rio Grande do Sul	155.937	136.456	108.692
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>807,2</b>	<b>745,8</b>	<b>802,4</b>
Distrito Federal	2.483,4	1.999,1	2.529,4
Goiás	2.067,7	2.009,5	2.302,5
São Paulo	1.365,8	1.484,5	1.648,6
Mato Grosso	1.317,2	1.529,4	1.596,2
Paraná	1.311,2	1.319,2	1.249,4
Minas Gerais	1.240,2	1.137,9	1.228,5
Amazonas	848,4	1.171,3	1.171,3
Mato Grosso do Sul	1.275,7	1.121,5	1.014,1
Santa Catarina	1.285,0	1.069,0	961,1
Rio de Janeiro	838,9	829,3	842,8
Pará	849,7	838,6	837,5

<sup>(1)</sup>Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - maio 2005.  
Fonte: IBGE.

Tais índices respondem à contraposição entre a queda das produções dos três estados do Sul, do Ceará, do Piauí e de Goiás, e a elevação no conjunto dos estados de menor produção, além dos do Sudeste (especialmente São Paulo e Minas Gerais) e da Bahia (Tabela 7).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 7/I. - Feijão 1ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 2003-05

Brasil e estados produtores			
Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
Brasil	1.625.372	1.426.825	1.449.802
Paraná	492.037	484.019	400.719
Minas Gerais	231.382	169.619	242.451
Ceará	195.829	116.709	137.930
Bahia	119.686	129.778	133.135
Rio Grande do Norte	46.538	41.739	42.407
São Paulo	93.760	118.790	105.400
Santa Catarina	136.694	117.528	91.849
Piauí	46.538	31.196	45.653
Rio Grande do Sul	97.567	122.140	69.473
Goiás	83.166	30.755	67.634
Demais estados	86.725	64.552	113.151
Área colhida (ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
Brasil	2.356.263	2.242.943	2.104.017
Ceará	584.759	534.598	477.263
Paraná	607.575	360.186	297.587
Bahia	336.865	333.482	244.043
Minas Gerais	213.287	193.086	214.354
Piauí	204.977	209.183	214.282
Pernambuco	136.808	145.544	145.544
Rio Grande do Norte	89.105	89.673	87.896
Rio Grande do Sul	117.744	109.056	91.221
Santa Catarina	104.881	101.695	86.031
São Paulo	73.560	76.260	63.900
Demais estados	109.327	90.180	181.896
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
Brasil	689,8	636,1	689,1
Distrito Federal	2.329,9	1.400,0	2.398,0
Goiás	1.819,2	1.062,3	1.906,3
São Paulo	1.274,6	1.557,7	1.649,5
Paraná	809,8	1.343,8	1.346,6
Mato Grosso do Sul	1.383,3	1.028,3	1.227,6
Minas Gerais	1.084,8	878,5	1.131,1
Santa Catarina	1.303,3	1.155,7	1.067,6
Mato Grosso	708,6	836,7	1.120,7
Rio de Janeiro	783,3	815,8	839,6
Rio Grande do Sul	828,6	1.120,0	761,6
Espírito Santo	696,2	738,7	753,2

<sup>(1)</sup> Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - maio 2005.  
Fonte: IBGE.



A **segunda safra brasileira, ou safrinha**, contribui com 38% da produção total do País, totalizando 1,14 milhão de toneladas.

Embora tenha apresentado melhores resultados do que a safrinha precedente, mantém-se em níveis inferiores aos de 2003 – a começar pelo seu rendimento médio, superior ao da safrinha 2004 em 3,5%, mas inferior ao de 2003 em 5,5%.

Um pouco diferente foi a evolução da área cultivada, que se reduziu em 2% entre os dois últimos anos, e em 1,5% em relação à safrinha de 2003.

A quantidade produzida, portanto, foi maior do que a de 2004 em 1,5% e menor em 7% em relação à de 2003.

A escassez hídrica registrada nos dois primeiros meses do corrente ano, nos estados meridionais e São Paulo concorreu mais fortemente para esta situação – agravada pelo ataque de mosca branca no sudeste deste último estado.

Tanto assim é que, entre os dois últimos anos agrícolas, estes mesmos estados diminuíram sua produção: São Paulo, 13%; Paraná, 22%; Santa Catarina, 31% e Rio Grande do Sul, 45%.

Também tiveram reduzida sua área de cultivo em 21% (São Paulo), 4% (Paraná), 13% (Santa Catarina) e 36% (Rio Grande do Sul).

Sua produtividade média, no entanto, decresceu 4,5% em São Paulo, 19% no Paraná, 20% em Santa Catarina e 13% no Rio Grande do Sul (Tabela 8).

A **terceira safra nacional**, realizada sob pivôs e a se colher até outubro, possivelmente se recuperará da redução de 11% em 2004, tendendo a ficar 1% abaixo da quantidade produzida desde 2003.

Seu nível de rendimento médio deve voltar ao de 2003 (2,13 t/ha), após recuar 5% entre os dois primeiros anos deste triênio.

Estas estimativas apontam para uma contração da área cultivada com a terceira safra nacional em 6% a partir de 2004 e em 11% a partir de 2003.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 8/I. Feijão 2ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 2003-05*

Brasil e estados produtores			
Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>1.222.208</b>	<b>1.122.063</b>	<b>1.138.167</b>
Bahia	234.896	200.956	280.937
Minas Gerais	185.592	169.027	182.210
Paraná	194.874	165.057	129.225
Pernambuco	19.151	65.941	60.124
Pará	68.759	63.829	64.644
São Paulo	95.540	74.550	64.720
Paraíba	68.372	62.018	62.018
Alagoas	12.743	37.924	47.500
Rondonia	34.191	42.295	43.669
Sergipe	18.848	26.434	41.072
Demais estados	289.242	213.992	150.495
Área colhida (ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>1.516.383</b>	<b>1.526.740</b>	<b>1.495.765</b>
Bahia	391.802	370.849	367.245
Paraíba	185.177	186.151	186.151
Minas Gerais	170.693	159.959	162.791
Paraná	132.065	122.081	117.483
Pernambuco	64.213	117.459	120.890
Alagoas	30.827	75.421	95.000
Pará	80.942	76.111	77.184
Rondonia	56.101	62.190	62.645
Sergipe	38.252	47.297	58.145
São Paulo	78.790	54.780	43.100
Demais estados	287.521	254.442	194.932
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>806,0</b>	<b>734,9</b>	<b>760,9</b>
Distrito Federal	1.729,6	890,8	1.780,0
Goiás	1.377,5	1.795,8	1.414,6
São Paulo	1.212,6	1.360,9	1.501,6
Rio Grande do Norte	886,9	835,7	1.274,8
Amazonas	848,4	1.171,3	1.171,3
Minas Gerais	1.087,3	1.056,7	1.119,3
Paraná	1.475,6	1.352,0	1.099,9
Mato Grosso	861,0	894,6	1.006,7
Mato Grosso do Sul	1.277,5	1.133,9	1.000,0
Ceará	904,2	930,6	978,6

<sup>(1)</sup> Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - maio 2005.

Fonte: IBGE.



Indicam, ademais, um afunilamento da produção nos três estados, que hoje detêm 87,5% da quantidade produzida na terceira safra nacional - Goiás, Minas e São Paulo.

Este último, porém, mostrou tendência a acompanhar a queda dos estados de menor expressão produtiva - em torno de 20% -, à exceção de Mato Grosso, que cresceu 50% no triênio em causa, apesar de recuar 10% entre as duas últimas terceiras safras (Tabela 9).

*Tabela 9/I. Feijão 3ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento - Brasil e principais estados produtores - 2003-05*

Brasil e estados produtores			
Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>462.320</b>	<b>416.197</b>	<b>425.430</b>
Goiás	152.554	131.529	141.920
Minas Gerais	127.420	125.644	125.644
São Paulo	119.940	88.900	92.000
Mato Grosso	26.032	43.157	38.989
Paraná	20.389	15.258	15.258
Distrito Federal	13.600	11.240	11.240
Mato Grosso do Sul	2.385	379	379
Área colhida (ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>217.264</b>	<b>206.179</b>	<b>198.813</b>
Minas Gerais	55.295	54.971	54.971
São Paulo	68.550	59.150	52.000
Goiás	53.334	49.015	50.534
Paraná	22.357	21.318	21.318
Mato Grosso	10.825	17.220	15.485
Distrito Federal	4.840	4.058	4.058
Mato Grosso do Sul	2.063	447	447
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>2.128</b>	<b>2.019</b>	<b>2.140</b>
Goiás	2.860	2.683	2.808
Distrito Federal	2.810	2.770	2.770
Mato Grosso	2.405	2.506	2.518
Minas Gerais	2.304	2.286	2.286
São Paulo	1.750	1.503	1.769
Mato Grosso do Sul	1.156	848	848
Paraná	912	716	716

<sup>1)</sup> Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - maio 2005.  
Fonte: IBGE.



## Produção catarinense em queda livre. O declínio da produção catarinense de feijão já dura dez anos

O pico da produção estadual foi atingido entre o início e meados dos anos 90.

Concretamente, a média da produção de 2003 a 2005 mostra uma redução praticamente à metade do montante produzido no início dessa década (147,5 mil toneladas).

Esta quantia resultou do decréscimo de 68% na área colhida (para 132,5 mil hectares), em contraponto à expansão de 61% no rendimento das lavouras estaduais (para 1,1 tonelada por hectare).

A evolução negativa das produções regionais deste estado durante esses 16 anos mostrou-se mais acentuada nas regiões de Chapecó e São Miguel d'Oeste (-77%), Tubarão (-52%) e no conjunto das regiões menos produtivas (-65%).

De outra parte, a queda de área colhida só foi inferior a 30% em apenas duas regiões, sendo nas demais maior que 45%.

A produtividade média deste período, portanto, caminhou em direção oposta, expandindo-se vigorosamente na maior parte das regiões – algumas como Xanxerê e São Bento do Sul mais que dobraram seus índices (140% e 112%, respectivamente)(Tabela 10).

Entre 2003 e 2005, o recuo da produção de feijão no estado foi acentuado (em torno de 42%).

Com isto, mal passou de 110 mil toneladas, patamar produtivo do final dos anos 1970.

Além disso, teve reduzida sua área colhida em quase 10%, em contraposição com a expansão do rendimento médio, que foi de 35%.

De mais a mais, entre as dez regiões de maior produção, apenas São Bento do Sul, que detém 3% da produção estadual, cresceu neste triênio (59%).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 10/I. Feijão - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas (MRG) - 1990-92 - 1997-99 - 2003-05*

Santa Catarina e MRG			
Quantidade produzida (t)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>282.895</b>	<b>198.494</b>	<b>147.516</b>
Canoinhas	25.560	18.453	24.557
Curitibanos	30.858	42.605	23.908
Campos de Lages	26.362	25.517	19.903
Chapecó	85.303	45.172	18.940
Joaçaba	16.678	13.295	13.793
Xanxerê	16.718	9.657	13.111
Criciúma	8.225	8.819	6.928
Tubarão	11.143	5.416	5.345
São Miguel do Oeste	18.990	8.552	4.310
Ituporanga	4.755	2.479	3.312
Demais MRG	38.304	18.529	13.413
Área colhida (ha)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>388.282</b>	<b>230.082</b>	<b>131.958</b>
Curitibanos	31.833	31.587	21.990
Chapecó	134.710	74.781	20.926
Campos de Lages	36.783	27.386	20.045
Canoinhas	27.932	14.582	15.543
Joaçaba	20.217	12.463	10.992
Xanxerê	25.887	11.106	8.454
Criciúma	8.770	9.227	7.438
Tubarão	13.956	6.749	5.220
São Miguel do Oeste	31.167	15.427	4.777
Concórdia	23.917	9.142	2.733
Demais regiões	33.111	17.631	11.521
Rendimento médio (kg/ha)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>728,6</b>	<b>862,7</b>	<b>1.117,9</b>
São Bento do Sul	932,7	935,5	1.979,3
Canoinhas	915,1	1.265,4	1.579,9
Xanxerê	645,8	869,5	1.550,9
Ituporanga	798,4	855,4	1.327,3
Tabuleiro	904,5	900,1	1.302,9
Joaçaba	825,0	1.066,7	1.254,8
Rio do Sul	744,1	907,4	1.152,7
Curitibanos	969,4	1.348,8	1.087,2
Tijucas	834,3	865,3	1.076,3
Florianópolis	859,6	1.011,7	1.054,8

Fonte: IBGE.

Na outra ponta, as regiões campeãs de produção contraíram sua participação entre 46% e 58% - exceto Canoinhas, 15% (Tabela 11).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 11/I. Feijão - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas (MRG) - 2003-05

Santa Catarina e MRG			
Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>188.626</b>	<b>143.859</b>	<b>110.064</b>
Canoinhas	27.910	21.915	23.845
Curitibanos	36.821	17.919	16.985
Campos de Lages	25.075	21.129	13.506
Chapecó	23.847	22.764	10.208
Joaçaba	18.138	13.927	9.314
Xanxerê	17.661	14.227	7.444
Criciúma	9.570	4.454	6.760
Tubarão	6.377	5.057	4.602
São Miguel do Oeste	4.360	5.076	3.494
São Bento do Sul	2.096	3.463	3.338
Demais microrregiões	16.781	13.928	10.568
Área colhida (ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>146.792</b>	<b>134.568</b>	<b>114.515</b>
Campos de Lages	20.325	20.231	19.578
Curitibanos	24.295	23.860	17.815
Chapecó	23.973	23.833	14.973
Canoinhas	18.500	13.330	14.800
Joaçaba	11.399	11.527	10.050
Criciúma	8.665	6.770	6.880
Xanxerê	10.130	9.876	5.355
Tubarão	6.296	5.324	4.040
São Miguel do Oeste	5.900	5.265	3.485
MRG Concórdia	3.945	2.370	1.885
Demais microrregiões	13.364	12.182	9.018
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>1.285,0</b>	<b>1.069,0</b>	<b>961,1</b>
São Bento do Sul	1.656,9	2.079,9	2.132,9
Canoinhas	1.508,6	1.644,0	1.611,1
Tabuleiro	1.158,9	1.373,3	1.404,1
Xanxerê	1.743,4	1.440,6	1.390,1
Ituporanga	1.379,1	1.253,0	1.324,4
Rio do Sul	1.026,0	1.180,9	1.315,6
Tubarão	1.012,9	949,8	1.139,1
Tijucas	1.100,2	1.052,2	1.058,0
Florianópolis	1.064,5	1.046,8	1.052,1
São Miguel do Oeste	739,0	964,1	1.002,6

<sup>(1)</sup>Estimativas de maio de 2005.

Fonte: IBGE.



Mas essa grande suscetibilidade das lavouras de feijão às adversidades climáticas, ao trazer consigo a perda de qualidade e de produtividade dos grãos, fortaleceu também a tendência de os agricultores as substituírem por outras atividades produtivas.

Entre elas, contam-se o milho, o fumo e o leite entre os pequenos agricultores; entre os médios e grandes, a soja.

Outro elemento a ser considerado nesse processo tem sido a paulatina redução das dimensões do mercado nacional do produto.

Neste último caso, além de alterações no ritmo e no volume dos negócios para menos, ainda relativizaram o potencial motivador dos atuais patamares de preços.

Estes preços, em se tratando do feijão-carioca, vêm-se elevando desde o início do corrente ano, sem, no entanto, alcançar os níveis de preços dos quatro primeiros meses de 2003 (entre R\$ 80,00 e R\$ 90,00/sc de 60 kg).

Em se tratando do feijão-preto, vem-se recuperando desde setembro/outubro de 2004, tendo, a partir do início deste ano, superado os preços praticados em abril/03 em 16,5%.

Das duas safras que compõem a produção catarinense de feijão, a primeira delas, a safra das águas, deve contribuir com mais de 70%.

Ao longo dos últimos dezesseis anos, porém, decresceu 43%.

Foi um processo especialmente intenso na mesorregião Oeste Catarinense, até há pouco tempo o celeiro de produção de feijão do estado.

Ali, apenas na microrregião de Joaçaba a produção se contraiu em níveis moderados (-18%) .

Nas demais, baixou drasticamente; em Xanxerê, -55%, São Miguel d'Oeste, -72%; Chapecó, -78% e Concórdia, -86%.



A redução de área foi da ordem de 62%, sendo mais destacada nestas mesmas regiões do oeste e nas de Tubarão (mesorregião sul) e de Campos de Lages (mesorregião serrana).

Os ganhos de produtividade média do cultivo ao longo desse período, por sua vez, giraram em torno de 49%, ultrapassando 1,1 t/ha.

As regiões com maiores acréscimos de rendimento foram: Xanxerê e São Bento do Sul, com mais de 120%; Canoinhas, com 86%, e Ituporanga, com 72% (Tabela 12)

No triênio 2003-05, na safra das águas deste estado, os três indicadores se reduziram: a produção, em 27%; a área colhida, em 12,5% e a produtividade média, em 17%.

Nesse período, só as pequenas produções de São Bento do Sul e Tabuleiro cresceram expressivamente (64% e 10%, respectivamente).

Das regiões de maior produção, apenas Canoinhas manteve-se no mesmo patamar produtivo; as demais decresceram expressivamente, quer as da região oeste, quer as da região serrana.

A evolução da área cultivada mostrou-se negativa na maioria das regiões produtoras, sendo positiva apenas em São Bento do Sul (27%).

O rendimento médio, nestes três anos, declinou mais fortemente em Curitiba (-37%) e Concórdia (-42%).

Na região dos Campos de Lages sequer alcançou 700 kg/ha na última safra (Tabela 13).

Os efeitos da estiagem provocaram enorme impacto sobre a primeira safra da região serrana, e também sobre grande parte das áreas de cultivo da safrinha catarinense, semeada praticamente à mesma época.

A exceção correu por conta da região Sul do Estado, cuja safrinha foi implantada um pouco mais tarde, já fora do período de estiagem.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 12/I. Feijão 1ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 1990-92 - 1997-99 - 2003-05

Santa Catarina e MRG			
Quantidade produzida (t)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>215.024</b>	<b>141.610</b>	<b>115.360</b>
Curitibanos	30.075	40.832	23.867
Canoinhas	24.446	18.594	21.471
Campos de Lages	26.362	23.587	19.903
Joaçaba	16.531	11.779	13.558
Chapecó	57.723	20.920	13.018
Xanxerê	14.308	7.661	6.437
São Miguel do Oeste	13.011	4.099	3.595
São Bento do Sul	1.352	563	2.769
Concórdia	13.786	3.901	1.999
Tubarão	3.322	1.567	1.780
Demais microrregiões	14.108	8.110	6.963
Área colhida (ha)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>272.360</b>	<b>157.082</b>	<b>97.536</b>
Curitibanos	30.683	29.923	21.955
Campos de Lages	36.783	26.227	20.045
Canoinhas	26.550	14.033	12.520
Chapecó	80.663	37.928	12.483
Joaçaba	19.993	11.520	10.788
Xanxerê	19.963	8.340	3.973
São Miguel do Oeste	18.687	9.292	3.845
Concórdia	16.033	6.812	2.260
Tubarão	4.496	2.015	1.671
São Bento do Sul	1.437	619	1.333
Demais microrregiões	17.071	8.431	5.688
Rendimento médio (kg/ha)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>789,5</b>	<b>912,8</b>	<b>1.182,8</b>
São Bento do Sul	940,8	909,5	2.076,8
Canoinhas	920,8	1.325,0	1.714,9
Xanxerê	716,7	918,6	1.620,0
Ituporanga	838,4	1.022,5	1.443,4
Tabuleiro	950,3	1.094,1	1.403,1
Rio do Sul	844,1	969,3	1.316,4
Joaçaba	826,8	1.022,4	1.256,8
Tijucas	877,6	1.028,9	1.208,0
Curitibanos	980,2	1.364,6	1.087,1

Fonte: IBGE.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 13/I. Feijão 1ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 2003-05

Santa Catarina e MRG			
Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>136.704</b>	<b>117.528</b>	<b>91.849</b>
Canoinhas	22.670	19.203	22.540
Curitibanos	36.761	17.877	16.963
Campos de Lages	25.075	21.129	13.506
Joaçaba	17.744	13.713	9.218
Chapecó	12.228	18.488	8.338
Xanxerê	6.328	7.560	5.422
São Miguel do Oeste	2.971	4.649	3.166
São Bento do Sul	1.901	3.286	3.120
Tubarão	1.900	1.712	1.728
Tabuleiro	1.531	1.681	1.692
Demais microrregiões	10.103	11.684	6.156
Área colhida (ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>104.881</b>	<b>101.695</b>	<b>86.031</b>
Campos de Lages	20.325	20.231	19.578
Curitibanos	24.255	23.825	17.785
Canoinhas	14.600	11.410	11.550
Joaçaba	11.102	11.292	9.970
Chapecó	13.870	14.939	8.640
Xanxerê	4.155	4.750	3.015
São Miguel do Oeste	4.310	4.255	2.970
Concórdia	3.095	2.025	1.660
Tubarão	1.821	1.589	1.604
São Bento do Sul	1.100	1.500	1.400
Demais microrregiões	6.248	5.879	4.936
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>1.303,4</b>	<b>1.155,7</b>	<b>1.067,6</b>
São Bento do Sul	1.728,2	2.190,7	2.228,6
Canoinhas	1.552,7	1.683,0	1.951,5
Xanxerê	1.523,0	1.591,6	1.798,3
Ituporanga	1.328,7	1.454,9	1.598,3
Rio do Sul	1.097,9	1.445,0	1.431,1
Tabuleiro	1.398,2	1.406,7	1.404,1
Tijucas	1.219,6	1.203,8	1.190,4
Criciúma	811,8	1.124,6	1.081,2
Tubarão	1.043,4	1.077,4	1.077,3
São Miguel do Oeste	689,3	1.092,6	1.066,0

<sup>(1)</sup> Estimativas de maio de 2005.  
Fonte: IBGE.



Esta segunda safra catarinense de feijão, aliás, vem registrando um decréscimo acentuado.

A média de produção dos três últimos anos, por exemplo, caiu a menos da metade da dos três primeiros anos da década de 90 (para 32,2 mil toneladas).

Tudo se deveu à redução em 70% (para 34,4 mil hectares) da área colhida e ao crescimento em 60% (para 934 kg/ha) da produtividade média das lavouras.

Das regiões produtoras desta safrinha, cresceram no período: Canoinhas, Xanxerê (170%), Campos de Lages (142%) e Ituporanga (40%).

As demais caíram, algumas fortemente. As mais destacadas delas foram o conjunto das regiões de menor produção (-87%), Chapecó (-78%), Araranguá (-64%) e Tubarão (-54%).

Ao mesmo tempo, Canoinhas (119%) e Lages (44%) foram as únicas regiões, ao longo desse período, a aumentar suas respectivas áreas cultivadas.

O aumento da produtividade média dessas áreas foi a constante de todas as regiões.

Sua expressão máxima aconteceu na região de Xanxerê, que hoje supera em 3,5 vezes a média do triênio 1990-92 (Tabela 14).

De 2003 a 2005, a produção estadual da safrinha contraiu-se 65%, situando-se em 18,2 mil toneladas.

As perdas de área, entretanto, não passaram de 32%.

A quebra de produtividade, da ordem de 48%, denuncia seu principal agente causal: as adversidades climáticas dos dois últimos anos.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 14/I. Feijão 2ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas (MRG) - 1990-92 - 1997-99 - 2003-05

Santa Catarina e MRG			
Quantidade produzida (t)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>67.872</b>	<b>43.012</b>	<b>32.159</b>
Xanxerê	2.411	2.897	6.674
Chapecó	27.580	12.247	5.922
Criciúma	6.715	8.724	5.707
Campos de Lages	2.162	4.570	5.237
Tubarão	7.821	4.425	3.565
Canoinhas	1.114	2.220	3.086
Ituporanga	1.563	1.476	2.193
Araranguá	3.920	2.707	1.399
Tijucas	1.098	917	793
Demais microrregiões	22.692	7.638	2.954
Área colhida (ha)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>115.922</b>	<b>73.000</b>	<b>34.423</b>
Chapecó	54.048	32.315	8.443
Criciúma	6.850	8.570	6.205
Xanxerê	5.923	3.437	4.480
Campos de Lages	2.667	4.431	3.833
Tubarão	9.460	4.993	3.549
Canoinhas	1.382	2.115	3.023
Ituporanga	2.148	1.982	1.720
Araranguá	5.493	3.708	1.665
São Miguel do Oeste	12.480	5.349	1.038
Rio do Sul	5.247	3.030	838
Demais microrregiões	23.778	5.842	2.350
Rendimento médio (kg/ha)	1990-92	1997-99	2003-05
<b>Santa Catarina</b>	<b>585,5</b>	<b>604,5</b>	<b>934,2</b>
Xanxerê	407,0	842,9	1.489,6
Campos de Lages	810,6	1.031,4	1.366,3
Ituporanga	727,5	744,5	1.275,0
São Bento do Sul	700,0	750,0	1.191,9
Joaçaba	639,9	721,9	1.135,0
Curitibanos	709,5	932,4	1.091,7
Florianópolis	759,7	954,9	1.061,2
Canoinhas	806,3	1.049,4	1.020,6
Tubarão	826,7	886,3	1.004,7
Tijucas	804,6	800,4	981,0

(1) Estimativas de maio de 2005.

Fonte: IBGE.

Estas suprimiram quantidades produzidas e reduziram a qualidade dos grãos que vingaram.

Em relação às regiões produtoras, nestes três anos verifica-se quebra de pequena monta: apenas na região de Araranguá (1,5% da produção estadual), que perdeu o mesmo percentual em área colhida e manteve a mesma produtividade.

Mesmo assim, foi de Xanxerê a maior perda em produtividade do triênio (Tabela 15).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 15/1 - Feijão 2ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 2003-05

Santa Catarina e MRG			
Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>51.932</b>	<b>26.331</b>	<b>18.215</b>
Criciúma	8.397	3.082	5.641
Tubarão	4.477	3.345	2.874
Xanxerê	11.333	6.667	2.022
Chapecó	11.619	4.276	1.870
Araranguá	1.720	877	1.600
Ituporanga	3.533	1.609	1437
Canoinhas	5.240	2.712	1.305
Rio do Sul	940	986	395
São Miguel do Oeste	1.389	427	328
Tijucas	1.223	920	236
Demais microrregiões	12.633	6.970	507
Área colhida(ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>41.911</b>	<b>32.873</b>	<b>28.484</b>
Chapecó	10.103	8.894	6.333
Criciúma	7.220	5.550	5.845
Canoinhas	3.900	1.920	3.250
Tubarão	4.475	3.735	2.436
Xanxerê	5.975	5.126	2.340
Araranguá	1.720	1.675	1.600
Ituporanga	2.530	1.425	1205
São Miguel do Oeste	1.590	1.010	515
Rio do Sul	1.005	1.124	385
Tijucas	1.200	950	275
Demais microrregiões	10.112	5.427	587
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>1.239,1</b>	<b>801,0</b>	<b>639,5</b>
São Bento do Sul	1.181,8	1.072,7	1.321,2
Joaçaba	1.299,7	909,8	1.200,0
Ituporanga	1.396,4	1.129,1	1.192,5
Tubarão	1.000,4	895,6	1.179,8
Rio do Sul	935,3	877,2	1.026,0
Araranguá	1.000,0	523,6	1.000,0
Blumenau	849,1	957,1	970,1
Criciúma	1.163,0	555,3	965,1
Joinville	900,0	900,0	900,0
Xanxerê	1.896,7	1.300,6	864,1

<sup>1)</sup> Estimativas de maio de 2005.  
Fonte: IBGE.



## Fumo - Situação mundial e brasileira

Segundo os números da FAO, a produção mundial de fumo em 2004 apresentou sensível recuperação em relação a 2003. Isto se deve, especialmente, aos incrementos verificados nas produções dos três maiores produtores mundiais: China, Brasil e Índia.

No caso da China e da Índia, a produção de 2004 significa apenas a recuperação de quantidades já produzidas anteriormente. Esta situação se repete para a grande maioria dos maiores produtores mundiais: são raros os casos em que a produção de 2004 foi superior a outras já atingidas historicamente.

A situação do Brasil é diferente. Nas duas últimas safras, a produção foi consideravelmente aumentada em relação aos parâmetros históricos. Os números do mês de julho do IBGE indicavam que na safra 2003/04 foram colhidas 919,770 mil toneladas e estimavam-se 878,630 mil toneladas para a safra 2004/05.

Não fossem algumas adversidades climáticas na Região Sul, que responde por cerca de 97% da produção brasileira de fumo, a produção nacional desta última safra teria sido bem maior. De qualquer maneira, o Brasil consolida sua posição de segundo produtor mundial.

A maior parte de sua produção se destina ao mercado externo. As exportações brasileiras cresceram substancialmente nos últimos anos e o



Brasil continua destacadamente como o maior exportador mundial em quantidade de fumo em folha.

Além do Brasil, nos anos mais recentes a China também vem aumentando sensivelmente sua participação no mercado mundial. Segundo dados da FAO, em 2003 respondeu por 8,5% do volume mundial exportado, superando os Estados Unidos, que, ao longo dos anos, perderam muito espaço no mercado internacional.

Em 2004, ao contrário do verificado em 2003, quando ficaram abaixo do esperado, as exportações brasileiras cresceram significativamente. O desempenho superou as expectativas mais otimistas e foi atingindo um novo recorde na quantidade exportada, 24% a mais que em 2003. No valor exportado, o crescimento foi maior (31%), mas houve anos em que o Brasil alcançou cifras mais significativas.

### Safra 2004/05 - Situação do Sul do País e de Santa Catarina

A produção da safra 2004/05 da Região Sul foi menor que a da safra 2003/04.

Segundo os números do mês de julho do IBGE, ainda provisórios, a área plantada aumentou 6,8% (passou de 436,608 mil para 466,469 mil hectares), mas a produção deverá ser quase 5% menor (passou de 895,105 mil para 850,919 mil toneladas).

Os números finais da Afubra são um pouco diferentes: área plantada de 439,22 mil hectares e produção de 842,99 mil toneladas. Em relação à safra 2003/04, houve crescimento de 6,8% na área plantada e redução de pouco menos de 1% na produção.

Isto mostra que, apesar de as perdas mais significativas da safra 2004/05 terem sido as de qualidade do fumo colhido, houve também comprometimento na quantidade. Considerando os números da Afubra, se na safra 2004/05 se repetisse o rendimento médio da safra 2003/04 - de 2.069kg/ha -, a produção dos três estados do Sul do Brasil teria alcançado 908,746 mil toneladas.

Ainda que a produção tenha ficado abaixo da inicialmente esperada, foi a segunda grande safra consecutiva, o que, conjugado à qualidade comprometida, trouxe algumas dificuldades à comercialização.

As indústrias foram mais rigorosas do que nas safras mais recentes, voltando a exigir dos produtores uma classificação adequada do produto. Em função disso, o preço médio recebido pelos produtores dos três estados do Sul ficou em R\$ 4,33/kg, abaixo do fixado na tabela de preços para a classe TO2 (R\$ 4,49/kg), normalmente uma referência para o preço médio, o que não acontecia desde a safra 1999/00.

É importante destacar que a tabela de preços da safra 2004/05 foi cerca de 10% superior à da safra 2003/04. Caso este percentual fosse aplicado sobre o preço médio da safra passada, de R\$ 4,24/kg, o desta safra alcançaria R\$ 4,66/kg.

Como os problemas de safra foram mais intensos no Rio Grande do Sul, os produtores gaúchos, ainda que não todos, foram os mais prejudicados na comercialização. O preço médio recebido (R\$ 4,23/kg) foi inferior inclusive ao da safra 2003/04 (R\$ 4,34/kg).

Em Santa Catarina, o resultado da safra 2003/04 ficou quase igual ao da Região Sul. A área plantada aumentou, mas a produção deve ficar próximo à da safra 2003/04.

Os números da Afubra indicam que a área plantada aumentou 5,4% e a produção, 1,3%. Os números provisórios do IBGE indicam o mesmo percentual de crescimento para a área plantada, mas redução de 2,6% na produção.

O preço médio recebido pelos produtores catarinenses esteve bem melhor que para os produtores gaúchos, mas não deixou de lhes frustrar a expectativa.

Na realidade, era esperada esta frustração com os preços. Muitos produtores de Santa Catarina e dos demais estados do Sul realizaram o plantio da safra 2004/05 acreditando que os preços seriam bem maiores que os da safra anterior, o que, antecipadamente se sabia, seria difícil de se concretizar.



## Perspectivas para 2005/06

Se o comportamento da produção ficou abaixo do esperado, o das exportações continua bastante satisfatório. No primeiro semestre de 2005, em relação ao mesmo período de 2004, as exportações brasileiras cresceram 20,4% em quantidade e 28,8% em valor.

Se este desempenho for mantido até o final do ano, poder-se-ão alcançar 713,7 mil toneladas e 1,84 bilhão de dólares, números bem maiores que os normalmente conseguidos.

Isto, entretanto, parece bem pouco provável. Considerando não apenas o que aconteceu no ano passado, mas o comportamento histórico, a quantidade exportada em 2005 não deverá ser muito diferente da de 2004.

Este já seria um desempenho bastante significativo. A quantidade exportada em 2004 (592,8 mil toneladas) representa cerca de 67% da produção estimada para a safra brasileira 2004/05.

Para a safra 2005/06 do Sul do Brasil, depois dos sensíveis avanços de áreas nas safras mais recentes, a expectativa, neste momento, é de que a área de plantio não sofra variações significativas em relação à da safra 2004/05.

Ainda assim, se o comportamento do clima favorecer, será possível alcançar um novo recorde na produção, o que deixa mais ou menos clara a tendência a uma comercialização com novas dificuldades para os produtores.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 1/I. Fumo - Produção mundial e dos principais países - 1990-2004

(peso bruto em mil t)

País	1990	1995	2000	2002	2003	2004
China	2.645,6	2.326,7	2.563,9	2.454,1	2.262,7	2.409,5
Brasil	445,5	456,0	578,5	670,3	656,1	928,3
Índia	551,6	566,7	520,0	550,0	490,0	598,0
EUA	737,7	576,0	477,6	398,5	364,1	398,8
Turquia	296,0	204,4	200,3	152,9	160,3	160,0
Indonésia	156,4	140,2	135,6	143,2	155,0	141,0
Grécia	135,7	148,5	136,6	127,2	126,7	121,0
Argentina	67,6	79,0	114,5	125,4	117,8	118,0
Itália	214,9	124,5	129,9	122,2	125,0	102,8
Paquistão	68,1	80,9	107,7	94,5	88,2	83,7
Tailândia	69,5	48,8	74,2	76,0	81,0	80,0
Zimbábue	130,4	198,4	227,7	178,4	102,7	80,0
Malauí	101,0	129,4	98,7	69,4	69,5	69,5
Coréia do Norte	65,0	60,0	63,0	64,4	64,0	64,0
Bulgária	76,5	18,8	32,3	62,3	60,0	60,0
<b>Mundo</b>	<b>7.137,4</b>	<b>6.273,8</b>	<b>6.664,7</b>	<b>6.397,2</b>	<b>5.994,4</b>	<b>6.496,4</b>

Fonte: FAO.

Tabela 2/I. Fumo - Comparativo das safras do Brasil - 1995/96 - 2004/05

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1995/96	320.117	476.638	1.489
1996/97	338.240	596.952	1.765
1997/98	358.155	505.353	1.411
1998/99	341.731	629.525	1.842
1999/00	310.633	579.727	1.866
2000/01	305.676	568.505	1.860
2001/02	344.798	670.309	1.944
2002/03	392.925	656.200	1.670
2003/04 <sup>(1)</sup>	460.750	919.770	1.996
2004/05 <sup>(2)</sup>	493.335	878.630	1.781

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

<sup>(2)</sup> Dados preliminares (julho/04).

Fonte: IBGE.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo os estados e regiões do Brasil - 2001/02 - 2003/04

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2001/02	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>	2001/02	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>	2001/02	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>
Rio Grande do Sul	165.213	196.369	229.007	339.832	322.078	482.951	2.057	1.640	2.109
Santa Catarina	112.067	120.899	143.112	223.382	213.339	284.825	1.993	1.765	1.990
Paraná	41.977	49.855	64.489	82.459	97.237	127.329	1.964	1.950	1.974
<b>Região Sul</b>	<b>319.257</b>	<b>367.123</b>	<b>436.608</b>	<b>645.673</b>	<b>632.654</b>	<b>895.105</b>	<b>2.022</b>	<b>1.723</b>	<b>2.050</b>
Alagoas	9.698	9.525	11.125	10.425	8.775	12.455	1.075	921	1.120
Bahia	11.164	12.458	10.894	9.947	11.192	9.730	891	898	893
Sergipe	1.363	1.252	1.552	1.752	1.662	2.009	1.285	1.327	1.294
Paraíba	331	299	338	236	227	246	713	759	728
Rio Grande do Norte	189	185	-	132	127	-	698	686	-
Ceará	77	79	58	71	79	75	922	1.000	1.293
Piauí	7	4	-	6	3	-	857	750	-
Pernambuco	83	23	-	34	6	-	410	261	-
<b>Região Nordeste</b>	<b>22.912</b>	<b>23.825</b>	<b>23.967</b>	<b>22.603</b>	<b>22.071</b>	<b>24.515</b>	<b>987</b>	<b>926</b>	<b>1.023</b>
Minas Gerais	1.862	1.391	-	1.480	1.037	-	795	746	-
São Paulo	176	181	175	143	151	150	813	834	857
<b>Região Sudeste</b>	<b>2.038</b>	<b>1.572</b>	<b>175</b>	<b>1.623</b>	<b>1.188</b>	<b>150</b>	<b>796</b>	<b>756</b>	<b>857</b>
Acre	226	96	-	187	90	-	827	938	-
Pará	178	123	-	101	80	-	567	650	-
Amazonas	187	186	-	122	117	-	652	629	-
<b>Região Norte</b>	<b>591</b>	<b>405</b>	<b>-</b>	<b>410</b>	<b>287</b>	<b>-</b>	<b>694</b>	<b>709</b>	<b>-</b>
<b>Brasil</b>	<b>344.798</b>	<b>392.925</b>	<b>460.750</b>	<b>670.309</b>	<b>656.200</b>	<b>919.770</b>	<b>1.944</b>	<b>1.670</b>	<b>1.996</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 4/I. Fumo - Quantidade produzida e exportada pelo Brasil - 1992-004

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	(%)Exp./Prod.
1992	575.652	276.337	48,0
1993	655.739	279.321	42,6
1994	519.541	335.567	64,6
1995	455.986	321.298	70,5
1996	476.638	365.254	76,6
1997	596.952	409.919	68,7
1998	505.353	392.875	77,7
1999	629.525	358.746	57,0
2000	579.727	353.022	60,9
2001	568.505	443.846	78,1
2002	670.309	474.472	70,8
2003	656.112	477.550	72,8
2004	919.770	592.844	64,5
<b>Média</b>	<b>600.755</b>	<b>390.850</b>	<b>65,1</b>

Fonte: IBGE e Secex/Decex.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 5/I. Fumo - Exportações brasileiras - 1992-004*

Ano	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	(US\$/kg)
1992	276.337	981.604	3,55
1993	279.321	900.782	3,22
1994	335.567	1.030.708	3,07
1995	321.298	1.174.961	3,66
1996	365.254	1.515.392	4,15
1997	409.919	1.664.806	4,06
1998	392.875	1.558.990	3,97
1999	358.746	961.237	2,68
2000	353.022	841.474	2,38
2001	443.846	944.316	2,13
2002	474.472	1.008.169	2,12
2003	477.550	1.090.259	2,28
2004	592.844	1.425.763	2,40

Fonte: Secex/Decex.

*Tabela 6/I - Fumo - Exportações brasileiras - 1995-004*

Ano	Valor (US\$ 1.000)	Taxa de câmbio <sup>(1)</sup>	Valor (R\$ 1.000)
1995	1.174.961	0,91767	1.078.223
1996	1.515.392	1,00508	1.523.083
1997	1.664.806	1,07799	1.794.647
1998	1.558.990	1,16052	1.809.233
1999	961.237	1,81473	1.744.389
2000	841.474	1,83020	1.540.069
2001	944.316	2,35044	2.219.559
2002	1.008.169	2,92115	2.945.016
2003	1.090.259	3,07828	3.356.122
2004	1.425.763	2,92589	4.171.627

<sup>(1)</sup> Média anual.

Fonte: Secex/Decex.

*Tabela 7/I. Fumo - Exportações catarinenses - 1992-004*

Ano	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	(US\$/kg)
1992	24.641	96.075	3,90
1993	27.763	83.110	2,99
1994	33.173	84.677	2,55
1995	38.070	116.055	3,05
1996	39.452	140.674	3,57
1997	34.909	122.125	3,50
1998	38.735	127.255	3,29
1999	31.449	84.388	2,68
2000	37.882	88.697	2,34
2001	48.101	90.579	1,88
2002	45.968	88.211	1,92
2003	43.264	88.232	2,04
2004	57.811	133.424	2,31

Fonte: Secex/Decex.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 8/I - Fumo - Comparativo das safras da Região Sul do Brasil - 2002/03 - 2004/05

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04 <sup>(1)</sup>	2004/05 <sup>(1)</sup>
Rio Grande do Sul	182.790	207.090	218.260	296.720	445.990	422.960	1.623	2.154	1.938
Santa Catarina	120.530	137.380	144.810	212.810	275.220	278.840	1.766	2.003	1.926
Paraná	50.490	66.820	76.150	91.010	129.850	141.190	1.803	1.943	1.854
<b>Região Sul</b>	<b>353.810</b>	<b>411.290</b>	<b>439.220</b>	<b>600.540</b>	<b>851.060</b>	<b>842.990</b>	<b>1.697</b>	<b>2.069</b>	<b>1.919</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações (jul/05).

Fonte: Afubra.

Tabela 9/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - 1996/97 - 2004/05

Safr	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
1996/97	1,91	1,94	1,76	1,90	1,80	1,83	1,66	1,79
1997/98	1,90	1,96	1,72	1,91	1,67	1,72	1,51	1,68
1998/99	1,82	1,88	1,80	1,84	1,04	1,08	1,03	1,06
1999/00	2,01	2,01	1,93	2,00	1,12	1,12	1,08	1,12
2000/01	2,51	2,43	2,25	2,45	1,17	1,13	1,05	1,14
2001/02	2,86	2,89	2,71	2,85	1,17	1,18	1,11	1,17
2002/03 <sup>(1)</sup>	4,02	3,94	3,77	3,95	1,24	1,22	1,16	1,22
2003/04	4,34	4,19	4,03	4,24	1,46	1,41	1,36	1,43
2004/05	4,23	4,51	4,24	4,33	1,64	1,75	1,65	1,68

<sup>(1)</sup> Dado calculado pelo Epagri/Cepa/SC.

Obs: Conversão em dólar realizada por Epagri/Cepa.

Fonte: Afubra.

Tabela 10/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - 1996/97 - 2004/05

Safr	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
1996/97	1,94	1,80	1,14	1,90	1,83	1,70	1,08	1,79
1997/98	1,94	1,83	1,20	1,91	1,71	1,61	1,06	1,68
1998/99	1,85	1,82	1,24	1,84	1,06	1,04	0,71	1,06
1999/00	2,03	1,90	1,32	2,00	1,14	1,06	0,74	1,12
2000/01	2,52	2,22	1,44	2,45	1,17	1,03	0,67	1,14
2001/02	2,92	2,62	1,69	2,85	1,20	1,07	0,69	1,17
2002/03 <sup>(1)</sup>	4,10	3,43	2,21	3,95	1,27	1,06	0,68	1,22
2003/04	4,36	3,76	2,65	4,24	1,47	1,27	0,89	1,43
2004/05	4,43	3,93	2,49	4,33	1,72	1,53	0,97	1,68

<sup>(1)</sup> Dado calculado pelo Epagri/Cepa/SC.

Obs. Conversão em dólar realizada por Epagri/Cepa/SC.

Fonte: Afubra.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 11/I. Fumo - Comparativo das safras de Santa Catarina - 1995/96 - 2004/05

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1995/96	102.951	166.468	1.617
1996/97	104.804	200.736	1.915
1997/98	116.761	163.768	1.403
1998/99	105.523	204.675	1.940
1999/00	96.117	188.327	1.959
2000/01	93.678	178.207	1.902
2001/02	112.067	223.382	1.993
2002/03	120.899	213.339	1.765
2003/04	143.112	284.825	1.990
2004/05 <sup>(1)</sup>	150.832	277.520	1.840

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.  
Fonte: IBGE.

Tabela 12/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões de Santa Catarina - 2001/02 - 2003/04

Micro/Mesorregião	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04
São Miguel do Oeste	11.370	12.057	13.752	21.146	19.289	24.476	1.860	1.600	1.780
Chapecó	11.759	12.595	14.837	22.543	20.022	26.731	1.917	1.590	1.802
Xanxerê	1.675	1.957	2.593	3.217	3.164	4.695	1.921	1.617	1.811
Joaçaba	881	922	1.492	1.660	1.488	2.714	1.884	1.614	1.819
Concórdia	562	575	1.029	1.076	931	1.926	1.915	1.619	1.872
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>26.247</b>	<b>28.106</b>	<b>33.703</b>	<b>49.642</b>	<b>44.894</b>	<b>60.542</b>	<b>1.891</b>	<b>1.597</b>	<b>1.796</b>
Canoinhas	21.775	23.874	28.924	43.464	43.841	60.322	1.996	1.836	2.086
São Bento do Sul	611	671	906	1.268	1.194	1.890	2.075	1.779	2.086
Joinville	41	35	32	83	63	68	2.024	1.800	2.125
<b>Norte Catarinense</b>	<b>22.427</b>	<b>24.580</b>	<b>29.862</b>	<b>44.815</b>	<b>45.098</b>	<b>62.280</b>	<b>1.998</b>	<b>1.835</b>	<b>2.086</b>
Curitibanos	591	654	795	1.080	1.023	1.509	1.827	1.564	1.898
Campos de Lages	1.019	1.087	1.197	2.052	1.944	2.119	2.014	1.788	1.770
<b>Serrana</b>	<b>1.610</b>	<b>1.741</b>	<b>1.992</b>	<b>3.132</b>	<b>2.967</b>	<b>3.628</b>	<b>1.945</b>	<b>1.704</b>	<b>1.821</b>
Rio do Sul	17.811	19.553	22.656	35.571	34.598	46.228	1.997	1.769	2.040
Blumenau	876	933	957	1.762	1.729	1.868	2.011	1.853	1.952
Itajaí	1	5	4	2	9	8	-	1.800	2.000
Ituporanga	8.956	10.310	14.330	18.276	18.825	28.011	2.041	1.826	1.955
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>27.644</b>	<b>30.801</b>	<b>37.947</b>	<b>55.611</b>	<b>55.161</b>	<b>76.115</b>	<b>2.012</b>	<b>1.791</b>	<b>2.006</b>
Tijucas	2.933	2.967	3.546	6.055	5.377	7.376	2.064	1.812	2.080
Florianópolis	8	4	9	15	8	18	1.875	2.000	2.000
Tabuleiro	609	688	1.044	1.232	1.255	2.169	2.023	1.824	2.078
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>3.550</b>	<b>3.659</b>	<b>4.599</b>	<b>7.302</b>	<b>6.640</b>	<b>9.563</b>	<b>2.057</b>	<b>1.815</b>	<b>2.079</b>
Tubarão	8.886	9.251	10.214	17.998	16.822	21.520	2.025	1.818	2.107
Criciúma	7.353	7.589	7.770	15.179	14.049	16.213	2.064	1.851	2.087
Araranguá	14.350	15.172	17.025	29.703	27.708	34.964	2.070	1.826	2.054
<b>Sul Catarinense</b>	<b>30.589</b>	<b>32.012</b>	<b>35.009</b>	<b>62.880</b>	<b>58.579</b>	<b>72.697</b>	<b>2.056</b>	<b>1.830</b>	<b>2.077</b>
<b>Total</b>	<b>112.067</b>	<b>120.899</b>	<b>143.112</b>	<b>223.382</b>	<b>213.339</b>	<b>284.825</b>	<b>1.993</b>	<b>1.765</b>	<b>1.990</b>

Fonte: IBGE.

**Tabajara Marcondes**



## Maçã - Panorama mundial

A estimativa da FAO da produção mundial de maçã em 2004 era de aproximadamente 59,1 milhões de toneladas, em uma área colhida de 5,3 milhões de hectares, o que representou um incremento de 0,47% e 1,25%, respectivamente, em relação ao ano de 2003.

A China alcançou o primeiro lugar em volume produzido, com 34,72% do total, seguida pelos Estados Unidos, com 7,26%, pela Polônia, com 4,23%, pela França, com 4,06% e pelo Irã, com 3,98%, os quais perfazem, no conjunto, 54,25% da produção mundial (Tabela 1).

Nos anos de 2001 a 2003, o volume total das exportações de maçãs comercializadas nos principais centros consumidores mundiais foi de 17,20 milhões de toneladas, tendo representado um montante financeiro de 8,72 bilhões de dólares (valor médio anual de 2,91 bilhões de dólares).

Considerando-se as vendas médias no período, o mercado francês liderou as vendas com 10,7%, seguido pelo italiano, com 11,2%, o americano, com 10,8%, o chileno, com 10,3%, o chinês, com 8,6% e o belga, com 6,2%, conforme demonstrado na tabela 2.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 1/I. Maçã - Área colhida e produção - Total e principais países - 2001/02 - 2003/04

País	Área colhida (1.000 ha)			Quantidade produzida (1.000 t)		
	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04
<b>Mundo</b>	<b>5.087</b>	<b>5.215</b>	<b>5.281</b>	<b>55.883</b>	<b>58.782</b>	<b>59.059</b>
Alemanha	70	70	70	1.471	1.578	1.600
Argentina	50	50	40	1.157	1.307	1.262
Brasil	32	31	33	857	835	978
Chile	36	36	36	1.050	1.100	1.100
China	1.939	2.101	2.101	9.251	21.105	20.503
Rep. da Coreia	71	71	71	660	660	660
Espanha	45	41	40	651	791	614
Estados Unidos	163	160	163	3.866	3.907	4.290
Federação Russa	435	440	450	1.900	1.800	1.900
França	78	78	78	2.432	2.137	2.400
Hungria	36	36	36	527	508	680
Índia	240	250	250	1.160	1.470	1.470
Irã	149	152	150	2.334	2.358	2.350
Itália	61	61	60	2.199	1.945	2.012
Japão	42	42	41	926	842	881
Polônia	168	159	160	2.168	2.428	2.500
Romênia	72	72	71	492	811	810
África do Sul	24	26	28	579	652	701
Turquia-	109	109	109	2.200	2.500	2.300
Ucrânia	193	170	200	522	871	850
Demais países	1.074	1.060	1.094	19.481	9.177	9.198

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Tabela 2/I. Maçã - Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países - 2001-03

País	Quantidade (t)			Valor (US\$1.000)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
<b>Mundo</b>	<b>5.325.609</b>	<b>5.668.195</b>	<b>6.204.132</b>	<b>2.422.260</b>	<b>2.882.754</b>	<b>3.415.133</b>
Alemanha	73.920	64.724	69.609	34.055	38.180	52.130
Argentina	194.822	165.944	200.431	97.021	63.192	81.987
Áustria	44.368	43.896	70.795	22.279	23.419	44.384
Brasil	35.786	65.927	76.466	18.139	31.403	37.834
Bélgica	325.385	394.806	340.094	190.088	221.663	259.871
Canadá	61.432	62.775	49.179	34.333	37.715	35.271
República Checa	41.231	80.592	42.135	4214	5.886	6.139
Chile	614.759	548.194	601.248	236.203	279.345	265.133
China	343.701	480.220	652.795	128.713	177.922	232.458
Espanha	86.656	106.527	72.679	36.837	45.649	39.220
Estados Unidos	714.879	596.126	546.244	411.697	379.786	364.425
França	777.796	766.992	803.778	453.530	542.539	611.933
Irã	89.081	92.078	108.873	13.143	13.855	19.844
Itália	532.987	687.771	707.712	254.032	368.786	468.407
Nova Zelândia	261.861	318.860	322.758	134.022	196.422	235.680
Holanda	234.109	258.475	349.414	127.123	171.205	233.348
Polônia	245.939	327.823	348.656	27.607	49.518	67.523
África do Sul	238.614	256.467	325.809	70.529	83.597	143.045

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).



No mesmo período, foram importados 16,4 milhões de toneladas de maçã e desembolsados 9,7 bilhões de dólares. Considerando-se o volume médio comercializado (2001 a 2003), as maiores compras foram da Alemanha, com 13,7% das aquisições, seguida pela Federação Russa, com 7,9%, pela China, com 4,9%, pela Bélgica, com 4,4%, pela Espanha, com 3,8% e pelos Estados Unidos, com 3,1%, conforme demonstrado na tabela 3.

*Tabela 3/I. Maçã – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2001-03*

País	Quantidade (t)			Valor (US\$1.000)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
<b>Mundo</b>	<b>5.007.822</b>	<b>5.387.075</b>	<b>5.959.865</b>	<b>2.765.358</b>	<b>3.070.652</b>	<b>3.818.524</b>
Alemanha	652.053	777.014	812.653	351.653	433.238	572.530
Arábia Saudita	106.180	126.198	120.761	43.177	47.431	73.371
Áustria	102.289	61.857	80.448	17.897	16.050	26.750
Brasil	65.921	53.487	42.363	29.234	17.957	15.764
Bélgica	224.395	246.644	249.609	148.370	178.986	218.245
Canadá	118.446	138.945	142.054	83.506	106.273	117.513
China	258.853	269.985	254.404	163.807	161.019	166.321
Dinamarca	64.685	69.066	74.509	35.633	43.409	53.400
Emirados Árabes	71.800	100.323	78.373	31.200	47.122	41.416
Espanha	178.128	207.770	236.114	93.472	120.905	171.805
Estados Unidos	157.120	170.354	186.763	117.579	108.434	165.218
Federação Russa	322.595	362.071	608.297	97.285	113.812	197.880
Filipinas	48.942	49.942	62.128	9.532	8.655	12.853
Finlândia	55.007	46.445	52.996	32.954	33.077	44.255
França	117.250	137.759	116.464	61.058	80.359	90.156
Indonésia	81.899	83.769	71.390	47.010	68.343	61.815
Itália	35.536	54.191	55.630	25.425	39.179	45.106

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).

### Panorama nacional - Safra 2003/04

Na safra nacional 2003/04 de maçã, foram colhidas cerca de 973,3 mil toneladas, em uma área de 32,8 mil hectares (IBGE, maio de 2005). Verificou-se, em comparação com os dados da safra anterior (835,3 mil toneladas), um aumento de 16,6% na quantidade.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Alguns fatores contribuíram para o crescimento da atividade nos últimos anos, dentre os quais: a política de estímulo empreendida pelos diversos agentes da cadeia produtiva da fruta (organização do produtor, ganho de produtividade, qualidade, certificação e apresentação do produto, manutenção e conquistas de novos mercados); os fatores climáticos favoráveis (quantidade de frio suficiente e chuva no momento certo); o trabalho de polinização e a expansão da área cultivada com macieiras (em idade produtiva).

Tabela 4/I. Maçã – Área colhida e produção – Brasil e principais estados – 2001/02 - 2004/05

Discriminação	Área Colhida (ha)				Quantidade Produzida (t)			
	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>
Brasil	31.519	31.532	32.848	35.723	857.388	841.821	973.325	855.535
Santa Catarina	15.907	16.348	17.644	18.831	474.516	475.095	583.205	516.786
Rio Grande do Sul	13.638	13.355	13.447	14.952	346.799	329.461	353.140	296.599
Paraná	1.717	1.603	1.607	1.790	33.222	34.623	35.105	35.573
São Paulo	224	185	150	150	2.710	2.370	1.875	1.875

Fonte: IBGE (LSPA/junho de 2005).

<sup>(1)</sup> Estimativas.

A expansão das vendas da fruta nacional para o mercado internacional começou em 1999, continuou crescendo nos anos seguintes, atingindo em 2004 a cifra recorde de 153 mil toneladas - mais que dobrou em relação a 2003 o volume negociado (101%). Este fato resultou num valor financeiro de US\$ 72,5 milhões, tendo proporcionado um superávit acumulado de aproximadamente US\$ 60 milhões na balança comercial brasileira da fruta. São mais de 30 países (principalmente do Continente Europeu) que dão preferência ao nosso produto, devido à sua qualidade, ao seu tamanho e sabor característico.

Os nossos maiores parceiros comerciais, com participação média no período de 2000 a 2004, foram a Holanda, com 39,1%; o Reino Unido, com 12,6%; a Alemanha, com 9,2%; a Suécia, com 5,8%; a Bélgica, com 4,7%; a Itália e a Espanha, com 3,9% cada uma, perfazendo, no conjunto, 79,2% de todas as vendas. Merecem destaque as operações comerciais mais recentes,



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

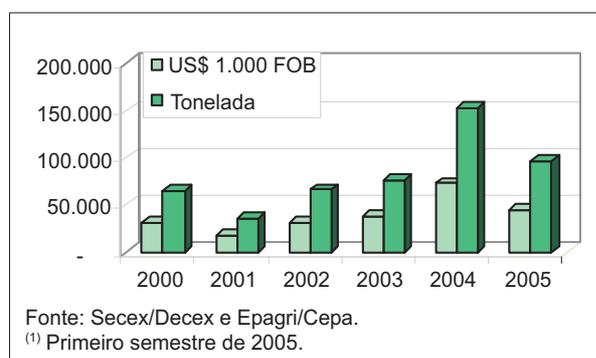


Figura 1/I. Maçã - Quantidade e valor exportado - Brasil - 2000/05(1)

efetivadas com os mercados da Federação Rússia, do Japão, da Índia e do Canadá, além do aumento gradativo do volume de negócios para outros países do Continente Asiático.

As vendas da maçã no mercado externo no período de janeiro de 2000 a maio de 2005 tiveram o seguinte comportamento, assinalado na figura 1, esclarecendo-se que a diminuição nas exportações em 2001 foi atribuída à frustração da safra.

O mercado brasileiro tem diminuído, a cada ano, a dependência das importações de maçã graças ao empenho dos agentes da cadeia produtiva dessa atividade. Em 1996, foi adquirido um total de 158,6 mil toneladas (desembolso de US\$ 87,8 milhões); em 1999, tal montante diminuiu para 66,4 mil toneladas (foram pagos US\$ 27,2 milhões); em 2003 e 2004, as compras mantiveram-se estáveis em torno de 42,4 mil toneladas, tendo sido desembolsados US\$ 15,8 milhões em 2003 e US\$ 17,6 milhões em 2004. No primeiro semestre de 2005, as aquisições nacionais da fruta aumentaram 33,7% em relação a igual período do 2004, passando de 16,6 mil para 22,2 mil toneladas.

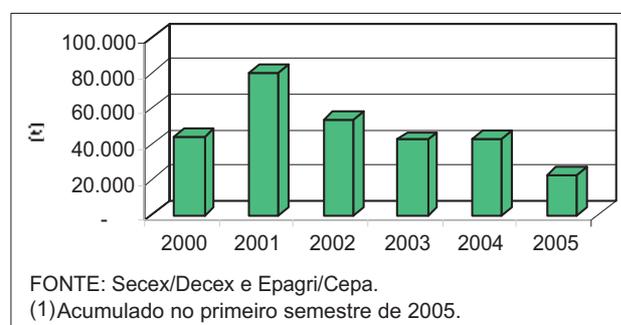


Figura 2/I. Maçã - Quantidade importada - 2000-05

O mercado argentino mantém o maior percentual de vendas para o Brasil, com participação de 85%, seguido pelo chileno, com 10%, e o uruguaio, com 3%. Com uma menor participação nas vendas, aparecem Portugal, Espanha, França, Itália, Estados Unidos, dentre outros.

O comportamento do volume médio das importações brasileiras de maçã no período de janeiro de 2000 a junho de 2005 é visualizado na figura 2.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Em 2004, as vendas de maçã no mercado interno ocorreram dentro do esperado. Foram comercializadas entre 55 mil e 60 mil toneladas mensais. Os preços no atacado só ficaram abaixo dos de 2003 e só não foram menores devido à qualidade da maçã (embora um pouco miúda) e ao comprometimento da oferta de algumas frutas tropicais (melão, manga, abacaxi, dentre outras), que tiveram a safra prejudicada pelo excesso de chuvas em alguns municípios nordestinos. Este fato contribuiu para o aumento da demanda da fruta nos principais centros consumidores do País.

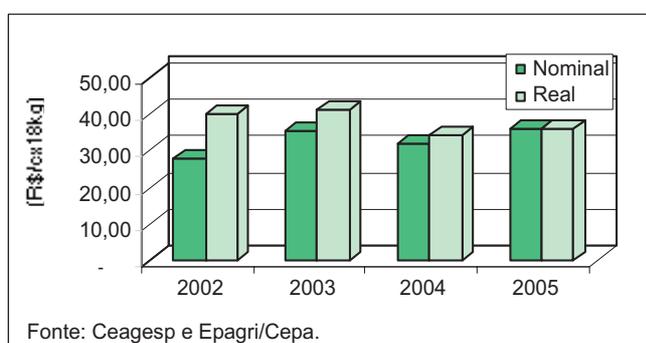


Figura 3/I. Maçã - Preço no atacado da Ceagesp - Jan.-2002/Jun.-2005

O preço médio no atacado, coletado pela Companhia de Entrepósitos de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) durante o período de janeiro de 2000 a junho de 2005<sup>1</sup>, apresentou em 2003 a melhor remuneração: R\$ 41,19/caixa de 18 quilos; em 2002, baixou para R\$ 40,23/caixa de 18 quilos; continuou caindo em 2004, até atingir R\$ 34,23/caixa de 18 quilos do produto, conforme demonstrado na figura 3.

### Panorama estadual - Safra 03/04

Na safra catarinense 2003/04 de maçã, a exemplo dos demais estados produtores, o número de horas de frio foi considerado suficiente e contribuiu para que os pomares continuassem mantendo as condições favoráveis a uma produção de qualidade em tamanho, coloração e sabor. Desta forma, o inverno regular, além de contribuir na dormência da fruta, permitiu que a brotação e a floração transcorressem em condições normais e de forma saudável.

<sup>1</sup> Corrigido pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna, publicado pela Fundação Getúlio Vargas - tomando-se como referência básica o mês de maio de 2005.



No entanto, durante a primavera ocorreram alguns fatores climáticos adversos, como: excesso de chuvas, que favoreceu o surgimento de sarna na fruta (*Venturia inaequalis*); frio fora de época; baixo índice de insolação e queda de granizo, o qual atingiu algumas unidades produtoras e afetou parcialmente o rendimento nos pomares de macieiras e diminuiu a produtividade média da safra.

A ocorrência desses fatores contribuiu para aumentar em torno de 5% a oferta do produto para industrialização. Segundo dados da Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM), cerca de 25% da produção estadual da fruta foi absorvida pelas indústrias processadoras.

A área de maçã destinada à colheita foi de 17.644 hectares, alcançando uma produção de 583.205 toneladas (IBGE/GCEA - junho de 2005), resultando, em relação aos dados da safra anterior, num incremento de 7,9% e 22,8% na área e na produção .

### Safra 2004/05

Na safra nacional 2004/05 de maçã, a ocorrência de fatores climáticos adversos, como o baixo índice pluviométrico, a queda de granizo e frio fora de época, afora algumas doenças como a sarna da macieira e a podridão amarga, influíram na qualidade dos frutos, na produtividade e no volume produzido.

As expectativas iniciais dos diversos segmentos da cadeia produtiva da lavoura - de redução no volume produzido e de reflexo na qualidade do fruto, influenciados pelo baixo índice pluviométrico, frio fora de época, queda de granizo, doenças e ataque de pragas durante a safra - foram amenizadas pela quantidade de chuva que caiu no final do mês de março, já que, além de resolver a questão de falta de água nas lavouras, contribuiu para uma melhora no desenvolvimento dos frutos em alguns pomares do estado.

Os dados de desempenho apresentados pelo IBGE (LSPA de junho de 2005) apresentavam uma tendência de queda de 12,1% no volume de maçã



produzida (855.535 toneladas) e de 8,8% de incremento na área colhida (35.723 hectares), em relação à safra passada.

Santa Catarina destaca-se no ranking nacional como o primeiro produtor, respondendo por cerca de 60% da produção, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 36%.

Em relação à safra anterior, constata-se uma diminuição de 11,4% no volume produzido, embora se observe um incremento de 6,3% na área colhida.

No mercado nacional, as vendas transcorrem em ritmo normal. Inicialmente, foi comercializada a produção de qualidade inferior, destinada principalmente às indústrias processadoras. As frutas menores e de boa qualidade continuam tendo a preferência dos consumidores em São Paulo e nos estados nordestinos.

Os produtos de melhor calibre, entretanto, foram armazenados em câmaras frias para serem comercializados a partir do segundo semestre deste ano, na expectativa de obtenção de melhores preços e de aumento de consumo interno.

As vendas de maçãs para o mercado externo, no primeiro semestre deste ano, foram menores do que as de igual período de 2004. O aumento da oferta mundial do produto (que influiu nas cotações médias da fruta comercializada) e a valorização da moeda nacional frente ao dólar americano foram os fatores que mais limitaram a manutenção das vendas da maçã brasileira nos principais centros consumidores mundiais.

A alternativa para o setor foi buscar continuamente outros consumidores potenciais; neste particular, os países do Sudeste Asiático, do Oriente Médio e do Golfo Pérsico constituem excelente expectativa de realização de bons negócios.

*Luiz Marcelino Vieira*



## Mandioca - Panorama mundial

Nos últimos anos, a lavoura de mandioca tem demonstrado crescimento positivo, tanto na área quanto na produção nos principais países produtores, especialmente os africanos e os asiáticos, onde a atividade constitui uma das principais fontes energéticas de alimento, bem como uma das alternativas de renda para a população.

Em 2004, as estimativas da produção mundial de raiz de mandioca realizadas pela FAO giravam em torno de 195,6 milhões de toneladas, numa área colhida de 17,9 milhões de hectares, representando um aumento de 2,9% e 1,4%, respectivamente, em relação ao ano de 2003.

As maiores produções pertencem ao Continente Africano, o qual responde por 53,3% da produção mundial, seguido pelo Asiático, com 30,1%, e pela América do Sul, com 16,6%.

A Nigéria destaca-se no ranking mundial como o primeiro produtor, sendo responsável por 17,1% da produção total, seguida pelo Brasil (com 12,4%), a Tailândia (com 10,4%), a Indonésia (com 9,8%), a República Democrática do Congo (com 7,6%) e Gana (com 5,0%). Estes países somam cerca de 62,4% do volume total de produção mundial de raiz de mandioca (Tabela 1).

Esta lavoura ainda é explorada de forma incipiente e continua sendo considerada um alimento básico para uma parte expressiva da população



do Continente Africano. A comercialização da produção, tanto a *in natura* quanto a processada, ocorre em feiras livres, mercearias, supermercados, bem como em regiões produtoras próximas aos centros de consumo. Nos anos mais recentes, no entanto, essa atividade começa a ter uma maior importância comercial, em consequência de uma melhor organização do produtor e da expansão de investimentos em pesquisas com vistas à melhoria de produtividade e das formas de processamento.

Tabela 1/I. Raiz de mandioca - Área colhida, produção mundial e principais países produtores - 2001/02 - 2003/04

País	Área colhida(1.000 ha)			Quantidade produzida(1.000 t)		
	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04
Mundo	17.343	17.625	17.871	186.214	190.095	195.574
Angola	593	644	640	5.620	5.699	5.600
Brasil	1.675	1.646	1.781	23.066	22.147	24.230
Rep. Dem. Congo	1.840	1.900	1.900	14.929	14.929	14.945
Gana	794	807	819	9.731	10.239	9.828
Índia	270	270	270	7.000	7.100	7.100
Indonésia	1.277	1.240	1.286	16.913	18.474	19.197
Moçambique	1.020	1.046	1.046	5.925	6.150	6.150
Nigéria	3.455	3.500	3.500	34.476	33.379	33.379
Tailândia	988	1.050	1.050	16.868	18.430	20.400
Tanzânia	660	660	660	6.888	6.888	6.890
Uganda	398	400	400	5.373	5.400	5.400
Demais países	4.373	4.462	4.519	39.424	41.259	42.455

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Por outro lado, nos países asiáticos, com destaque para a Tailândia e a Indonésia (responsáveis por mais de 60% da produção do continente) e no Brasil (que representa cerca de 74% da produção na América do Sul), a cultura diferencia-se justamente pelo crescente avanço da industrialização e das alternativas de mercado. A Tailândia é exemplo disso: apesar de ser o quarto maior produtor, detém o maior parque industrial de fécula e de "pellets" do Planeta.

Nos segmentos de farinha e de amido natural, o volume total das exportações comercializadas nos principais centros consumidores mundiais gerou, no período de 2001 a 2003, um montante financeiro anual de 570 milhões de dólares, o que representa um valor médio (2001 a 2003) de 190 milhões de



dólares. A Tailândia é líder absoluta nas vendas, com participação de mais de 90%, seguida do mercado chinês e do brasileiro (Tabelas 2 e 3).

*Tabela 2/I. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2001-03*

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
Mundo	116.805	87.476	84.550	19.602	17.406	16.525
Brasil	1.470	1.229	1.332	434	307	522
Gana	741	143	625	303	57	112
Nigéria	-	2.300	2.195	-	200	138
Portugal	83	491	1.128	19	79	158
Cingapura	268	932	122	108	428	171
Tailândia	114.176	82.142	75.960	18.654	15.016	13.429

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).

*Tabela 3/I. Amido de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2001-03*

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
Mundo	832.518	867.405	1.167.736	146.700	160.015	209.717
Alemanha	810	1.052	1.556	488	690	1.490
Brasil	17.936	24.780	15.741	4.304	5.222	4.744
China	34.029	39.752	90.721	9.236	10.497	23.543
Equador	4.297	3.656	369	539	287	28
Estados Unidos	4.629	3.355	1.722	1.380	1.106	935
Indonésia	10.928	20.082	4.484	2.820	3.028	1.013
Paraguai	2.178	933	21.271	466	190	5.164
Holanda	2.832	3.697	3.756	1.373	2.203	2.940
Cingapura	3.444	513	1.103	1.292	210	432
Tailândia	748.819	767.420	1.023.073	123.242	135.020	166.080

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Nas importações de amido de mandioca, o mercado chinês tem aumentado sensivelmente a sua participação, destacando-se como o maior comprador mundial. Em 2003, adquiriu cerca de 56,0% de todas as compras, seguido pelo mercado da Indonésia, com 11,0%, e pelo mercado japonês, com 7,3%. Por outro lado, no item de farinha de mandioca, as maiores aquisições foram feitas pelos mercados de Níger, Laos e Cingapura, com participação relativa de 32,7%, 19,7% e 16,2%, respectivamente, no volume total comercializado (Tabelas 4 e 5).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 4/I. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2001-03*

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
<b>Mundo</b>	<b>14.933</b>	<b>10.974</b>	<b>14.954</b>	<b>3.677</b>	<b>3.130</b>	<b>4.179</b>
Canadá	1.061	1.120	1.441	353	378	502
Japão	478	461	669	104	102	143
Laos	1.760	2.114	2.938	320	485	584
Níger	3.572	3.007	4.882	253	200	257
Portugal	631	462	636	213	140	256
Cingapura	6.181	3.097	2.424	1.727	1.051	905

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).

*Tabela 5/I. Amido de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2001-03*

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
<b>Mundo</b>	<b>967.626</b>	<b>1.147.881</b>	<b>1.564.343</b>	<b>182.138</b>	<b>223.703</b>	<b>293.648</b>
Bangladesh	11.000	17.835	19.561	1.400	2.498	2.796
Brasil	3.302	12.395	27.123	837	2.533	6.583
China	545.134	709.388	940.697	99.446	131.040	164.528
Rep. da Coreia	3.684	9.051	7.554	743	1.898	1.515
Estados Unidos	13.321	16.366	15.183	4.927	4.318	4.415
Federação Russa	1.426	10.529	16.909	303	2.050	2.990
Filipinas	34.441	43.102	30.572	5.482	8.150	5.447
Indonésia	66.344	25.754	183.923	9.969	4.722	32.277
Japão	122.907	115.462	111.190	23.221	24.013	21.509
Malásia	66.627	81.970	73.305	11.528	15.720	16.882
Cingapura	39.545	40.305	44.073	6.752	7.782	7.900
África do Sul	2.165	8.452	18.963	344	1.442	3.485

Fonte: FAO (junho de 2004). Disponível em (<http://www.fao.org>).

### Panorama nacional - Safra 2003/04

Na safra nacional 2003/04 de mandioca, segundo o IBGE (LSPA de maio de 2005), foram colhidos 1 milhão e 751 mil hectares, o que resultou numa produção de 23,781 milhões de toneladas, apresentando um incremento de 6,37% e de 7,38%, respectivamente, em relação à safra 2002/03. O aumento de área nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País foi o principal responsável por este desempenho.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

A Região Nordeste permanece líder nacional, com 8,736 milhões de toneladas, seguida, em ordem de importância, pelas Regiões: Norte, com 6,510 milhões de toneladas; Sul, com 4,784 milhões de toneladas; Sudeste, com 2,437 milhões de toneladas e Centro-Oeste, com 1,314 milhão de toneladas. Por estado, as maiores produções pertencem ao Pará, com 18,7%; seguem a Bahia, com 17,5% e o Paraná, com 12,4%, os quais perfazem um total de 11,559 milhões e representam praticamente metade da produção de raiz de mandioca no País.

A tabela 6 mostra o comportamento de área e produção da raiz no Brasil e nos principais estados produtores nas safras 2002/03-2004/05.

*Tabela 6/I. Raiz de mandioca - Área colhida e produção - Brasil e principais estados - Safras 2002/03 - 2004/05*

Discriminação	Área colhida (1.000 ha)			Quantidade produzida (1.000 t)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
<b>Brasil</b>	<b>1.645,72</b>	<b>1.750,53</b>	<b>1.895,33</b>	<b>22.146,80</b>	<b>23.781,48</b>	<b>26.223,88</b>
Bahia	330,61	334,13	342,48	3.908,27	4.347,60	4.335,04
Pará	292,64	298,4	298,74	4.468,65	4.445,52	4.492,64
Paraná	110,67	150,22	204,54	2.351,17	2.956,77	4.095,20
Maranhão	164,61	172,94	191,85	1.241,66	1.274,10	1.533,82
Amazonas	83,75	78,03	78,03	804,94	750,55	750,55
Rio Grande do Sul	88,91	88,08	88,92	1.315,21	1.234,81	1.093,48
Ceará	82,05	81,04	93,57	857,88	754,57	876,96
Minas Gerais	60,64	58,35	60,14	850,59	881,45	929,38
Pernambuco	41,76	48,70	53,75	440,44	526,88	609,48
São Paulo	36,69	43,80	43,80	864,23	1086,40	1.086,40
Piauí	39,79	40,84	49,36	358,87	430,3	527,61
Santa Catarina	28,42	32,14	33,52	538,93	591,99	606,58
Rio Grande do Norte	37,19	52,74	55,20	385,81	590,74	611,86
Mato Grosso do Sul	22,91	28,82	41,16	485,29	491,19	695,88
Mato Grosso	25,76	37,34	37,34	355,96	536,07	536,07

(<sup>1</sup>) Safra 04/05 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE (LSPA de dezembro de 2004 e maio de 2005).

O aumento de área e produção na maioria dos estados foi consequência do comportamento favorável do mercado, que manteve, em 2003, os preços da raiz e dos seus derivados mais remuneradores do que a média histórica dos últimos dez anos; das condições climáticas favoráveis - choveu na maioria dos estados nordestinos - e da iniciativa dos empreendedores do



setor, principalmente nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, que estabeleceram um preço-mínimo-referência para o agricultor com a finalidade de garantir o abastecimento de matéria-prima das agroindústrias processadoras durante a safra.

Observou-se, entretanto, que durante o ciclo vegetativo da planta ocorreram casos isolados de focos de bacteriose ou sapeco (*Xanthomonas campestris*) na Região Sul; falta de chuvas nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, e excesso em alguns estados nordestinos.

A colheita da safra nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul iniciou-se em janeiro de 2004. As agroindústrias tiveram algumas dificuldades de abastecimento da raiz. A situação persistiu no mês seguinte, voltando à normalidade somente em março. Nos demais estados das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a oferta de matéria-prima manteve-se de forma regular, apesar de algumas interrupções temporárias ocasionadas pelo excesso ou falta de chuva, interferindo, em alguns casos, na operacionalização da capacidade plena das agroindústrias do setor.

Em 2004, o mercado nacional de farinha apresentou-se praticamente estabilizado durante todo o ano. As alternativas de estímulo de consumo praticamente inexistiram. Os estados produtores das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, mais uma vez, continuaram apostando na demanda da população nordestina, embora conscientes de que a estabilidade nos negócios dependeria do comportamento da safra nos estados dessa região, o qual, por sua vez, dependeria da adversidade climática, que dependeria da sorte, e assim por diante.

No segmento da fécula, observou-se uma expansão nas vendas em diversos ramos de atividades, com destaque para o alimentício, o químico e o farmacêutico, sendo ofertados produtos tanto *in natura* como na forma de amido modificado.

No âmbito internacional, aumentam as possibilidades de negócios, principalmente na linha de produtos modificados – atualmente liderado pelo mercado tailandês, com cerca de 90% das vendas.



### Safra 2004/05

As estimativas da safra brasileira 2004/05 de mandioca, feitas pelo IBGE (LSPA de maio de 2005), indicavam uma tendência de aumento da lavoura: área a ser colhida, de 1,895 milhão de hectares; produção, de 26,224 milhões de toneladas e rendimento médio, de 13,84 toneladas por hectare, com um incremento de 8,3%, 10,3% e 1,8%, respectivamente, comparado com os dados da safra passada.

As áreas da lavoura que mais cresceram foram as da Região Sul, com 21,2%, e as do Centro-Oeste, com 20,3%; em menor proporção, o Nordeste, com 9,2%; o Norte, com 4,1% e o Sudeste, com 3,8%. Tais percentuais resultam da comparação com os dados da safra passada.

O crescimento da safra tem como fator responsável o mercado favorável durante os anos de 2003 e 2004, durante os quais os preços dos produtos e subprodutos de mandioca se mantiveram em alta, inclusive acima da média histórica dos últimos dez anos.

Além disso, a continuidade dos trabalhos dos empreendedores do setor, principalmente nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, contribuiu para a expansão do volume de contratos de compras de matéria-prima, estabelecendo um preço-referência com o objetivo de aumentar a produção de raiz e manter abastecidas as agroindústrias durante a safra.

A ocorrência de fatores climáticos adversos no primeiro trimestre deste ano na maioria das regiões brasileiras, como falta de chuva, frio fora época, queda de granizo, dentre outros fatores, prejudicou o desempenho das lavouras e pastagens nacionais.

A cultura de mandioca, entretanto, por suas características, mostra-se mais resistente às intempéries e não foi afetada com a mesma intensidade, muito embora se tenha constatado um ligeiro atraso no desenvolvimento vegetativo de algumas plantações, além de contribuir para o aparecimento de doenças e o ataque de pragas – fatores considerados costumeiros e sem maiores preocupações para o segmento.



O processamento da raiz, com início na segunda quinzena de janeiro de 2005, principalmente nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, intensificou-se um pouco mais no mês seguinte. A partir do segundo trimestre, com o aumento da oferta de matéria-prima, as agroindústrias de farinha e fécula continuaram operando com mais intensidade, porém abaixo da capacidade instalada.

O mercado nacional apresentou-se, durante o primeiro semestre deste ano, praticamente estável. O volume de negócios nas farinhas também se manteve quase igual, enquanto o de fécula cresceu um pouco mais, ainda que abaixo da expectativa do setor.

Os preços de produtos e subprodutos da mandioca, que no início do ano se apresentaram em alta, passando a impressão de que continuariam firmes por muito mais tempo, não se sustentaram. À medida que aumenta a oferta de raiz para processamento, os preços recebidos caem gradativamente, em consequência da baixa remuneração dos segmentos de farinha e fécula.

O mercado, por sua vez, não consegue absorver toda a produção de farinha e fécula disponibilizada, obrigando as agroindústrias a diminuírem as suas atividades, gerando sérias dificuldades para o setor.

Diante deste quadro, para o segundo semestre deste ano é bastante provável que o mercado nacional continue estável, principalmente nos meses de julho a setembro, com tendência de melhora nos meses subsequentes. O segmento das farinhas manterá praticamente o mesmo volume de negócios, enquanto o da fécula, além de manter os contratos existentes, poderá ampliá-los, inclusive com possibilidades de novos contratos para o mercado externo.

### Panorama estadual - Safra 2003/04

A safra catarinense 2003/04 de mandioca, em comparação com a safra passada (IBGE – maio de 2005), aponta para o seguinte quadro: área plantada,



32,1 mil hectares (13,1%); quantidade obtida, 592,0 mil toneladas (9,8%); rendimento médio, 18,4 toneladas (-2,8%).

Durante a fase de desenvolvimento vegetativo da planta ocorreram alguns fatores climáticos adversos que afetaram parcialmente a produção, tais como: baixo índice pluviométrico em alguns municípios; alternâncias bruscas de temperatura no verão passado (dias quentes intercalados com dias frios, favorecendo o desenvolvimento de alguns focos de bacteriose ou sapeco - *Xanthomonas campestris*); passagem do furacão Catarina (na madrugada de 28 de março) na região Sul Catarinense.

A oferta de matéria-prima para as agroindústrias processadoras – normalmente a partir de março -, em 2004, aconteceu excepcionalmente em abril nas microrregiões geográficas de Imaruí e Laguna, e em maio nas microrregiões geográficas de Criciúma e Araranguá. O atraso da colheita foi ocasionado pela diminuição da área remanescente da lavoura (mandioca de dois ciclos).

No ano passado, na região Sul Catarinense, as agroindústrias abriram as negociações estipulando um valor de compra para a raiz de R\$ 219,88 a tonelada, enquanto no Alto Vale do Itajaí foram pagos R\$ 195,04 a tonelada. Mesmo com a intensificação da colheita, a cotação média estadual se manteve em torno de R\$ 192,06 a tonelada, possibilitando aos agricultores um ganho real de 12,4% e 1,8% nas Regiões Sul Catarinense e Alto Vale, respectivamente, em relação à safra 2002/03.

O rendimento médio industrial obtido na produção da farinha, do polvilho azedo e da fécula na safra decresceu em relação ao da safra 2002/03. Na região Sul Catarinense, atingiu a média de 322 quilos de farinha por tonelada de raiz processada (338 quilos na safra anterior); o segmento de polvilho azedo oscilou entre 180 e 200 quilos por tonelada de raiz (240 a 250 quilos na safra 2002/03). No Alto Vale do Itajaí, a produção de fécula alcançou 254,8 quilos por tonelada de raiz (277,2 quilos obtidos na safra passada).

Esta queda poderá ser atribuída, dentre outros fatores, a um volume maior de matéria-prima (mandioca de um ciclo), disponibilizada e processada logo



no início da safra; à baixa qualidade da raiz – consequência do furacão Catarina, que atingiu parte expressiva dos municípios na região Sul Catarinense, interrompendo o ciclo normal da planta (fazendo com que as reservas nutricionais concentradas nas raízes fossem utilizadas para uma nova brotação); ao excesso de terra nas raízes transportadas para os engenhos (com influência na pesagem); finalmente, à podridão das raízes.

O mercado catarinense dos derivados da mandioca apresenta-se movimentado no primeiro semestre de 2004. Apesar disso, no segundo semestre o consumo não tem conseguido acompanhar o ritmo de incremento da produção, obrigando o segmento produtivo a reter parte do volume produzido, aumentando os estoques existentes, principalmente das farinhas. O segmento de polvilho azedo, entretanto, mantém praticamente constantes os níveis de venda durante todo o ano.

Durante o ano de 2004, os preços reais<sup>1</sup> ao produtor, comparados com os de 2003, atingiram remunerações superiores para os seguintes produtos: raiz (abril e maio – região Sul Catarinense; maio a setembro - Alto Vale); farinha fina (janeiro a agosto); farinha grossa (janeiro a maio); fécula (janeiro a agosto); polvilho azedo (janeiro a dezembro); fécula na indústria (janeiro a maio e de julho a agosto - região Sul Catarinense e janeiro a julho – Alto Vale), conforme figuras de 1 a 7.

A tabela 7 mostra o comportamento das safras 2001/02 a 2003/04 de mandioca nas microrregiões geográficas de Santa Catarina.

### Safra 2004/05

Para a safra catarinense 2004/05 de mandioca, em maio de 2005 o IBGE/GCEA-SC estimava em 33,5 mil hectares a área colhida e a produção, em

---

<sup>1</sup> Os preços da raiz, farinha, fécula e polvilho azedo foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços ao Consumidor (IGP-DI) publicados pela Fundação Getúlio Vargas, tomando-se por referência o mês de maio de 2005.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

606,6 mil toneladas, demonstrando um incremento de 4,3% e 2,5%, respectivamente, em relação aos dados da safra passada.

Contribuiu para este aumento o mercado favorável em 2004, que manteve os preços em alta para os derivados da mandioca nos diferentes níveis de comercialização, beneficiando também o produtor de matéria-prima.

*Tabela 7/I. Raiz de mandioca - Área colhida e produção - Santa Catarina e microrregiões geográficas - Safras 2001/02 - 2003/04*

Microrregião geográfica	Área colhida (1.000 ha)			Quantidade produzida (1.000 t)		
	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04
Santa Catarina	32.081	28.417	32.141	582.995	538.930	591.997
Araranguá	2.440	1.250	1.316	36.120	18.550	10.389
Blumenau	2.005	2.132	2.532	40.108	42.388	52.388
Campos de Lages	63	90	48	694	1.030	649
Canoinhas	200	200	200	3.200	3.200	3.200
Chapecó <sup>(1)</sup>	4.888	4.326	4.831	77.715	74.691	80.732
Concórdia	1.251	1.036	926	21.824	18.257	16.457
Criciúma	780	660	740	14.220	12.315	12.380
Curitibanos	41	29	28	573	393	378
Florianópolis	1.630	1.640	1.305	26.060	26.760	21.735
Itajaí	248	248	210	3.723	3.723	3.135
Ituporanga	1.215	935	935	28.675	21.825	21.825
Joaçaba	199	199	204	3.045	3.045	3.230
Joinville	1.381	1.371	1.287	24.343	24.179	23.887
Rio do Sul	4.250	3.995	3.800	93.015	93.280	82.810
São Bento do Sul	70	70	70	1.095	1.075	1.095
São Miguel do Oeste	2.758	2.575	3.305	55.105	57.905	78.637
Tabuleiro	690	690	630	13.550	13.550	12.350
Tijucas	925	945	1.370	16.425	16.785	24.890
Tubarão	6.565	5.540	7.900	117.420	99.670	135.590
Xanxerê	482	486	504	6.085	6.309	6.240

<sup>(1)</sup>Deve-se observar que a produção da microrregião de Chapecó se destina, em sua grande maioria, à alimentação animal.

Fonte: IBGE.

No estado, as intempéries - baixo índice de precipitação, ocorrência de ventos, queda de granizo e mudanças bruscas de temperatura - observadas nos primeiros meses deste ano dificultaram o desenvolvimento vegetativo de algumas plantações, além de favorecer o aparecimento de doenças, como o ataque de pragas.



Na região do Alto Vale do Itajaí, as agroindústrias de farinha e de polvilho azedo, que começaram as atividades na segunda quinzena de abril, mantiveram os preços da raiz comercializada em aberto (sem cotação) para pagamento após a normalização da colheita, em meados de maio.

Na região Sul Catarinense, como é tradição, a colheita da safra de mandioca de dois ciclos começou primeiramente nos municípios de Laguna e Imaruí, intensificando-se gradativamente, a partir de junho, nos demais municípios produtores da região.

O mercado catarinense, no mês de maio, já dava os primeiros sinais de como se comportaria durante o primeiro semestre, pois, à medida que aumentava o volume da produção dos derivados da raiz, em meados do mês de junho, os valores médios comercializados continuavam declinando e, conseqüentemente, influenciando negativamente as cotações dos preços recebidos pelo agricultor.

No segmento de farinha, por exemplo, mesmo com a entrada do produto novo, os preços não reagiram, ajustando-se gradativamente de acordo com a realidade do mercado, embora no segmento de polvilho azedo a estabilidade de preços no atacado até o mês de maio e um maior rendimento industrial observado logo nas primeiras colheitas da safra tivessem assegurado ao fornecedor de matéria-prima uma melhor remuneração da produção.

Para o segundo semestre, a expectativa dos diversos segmentos do setor é de que os preços da farinha, da fécula e do polvilho azedo continuem gradualmente caindo no mercado catarinense, influenciados pelas vendas que deverão manter-se estáveis nos principais centros consumidores nacionais até meados de setembro.

Para o produtor, o comportamento de preços mensais (corrigidos pelo IGP-DI, com base no mês de maio de 2005) da raiz, da farinha, do polvilho azedo e da fécula na indústria, nas regiões produtoras Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí, nos anos de 2003 a 2005, é demonstrado nas figuras de 1 a 7.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

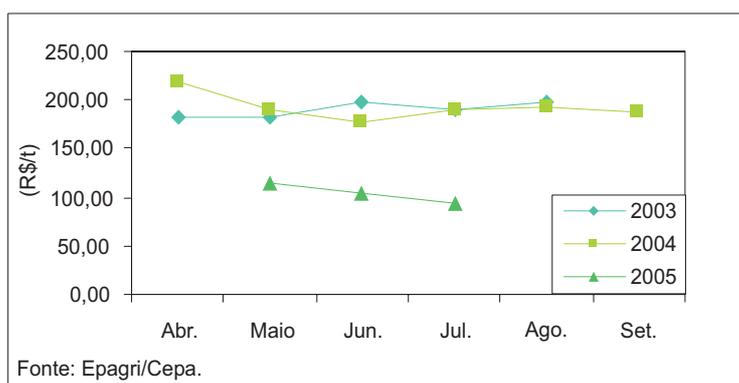


Figura 1/I. Raiz - Preços mensais recebidos pelo produtor - Sul Catarinense - 2003-05

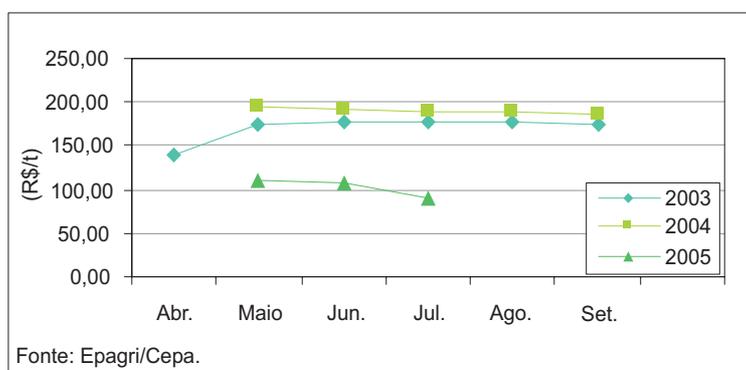


Figura 2/I. Raiz - Preços mensais recebidos pelo produtor - Alto Vale - 2003-05



# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

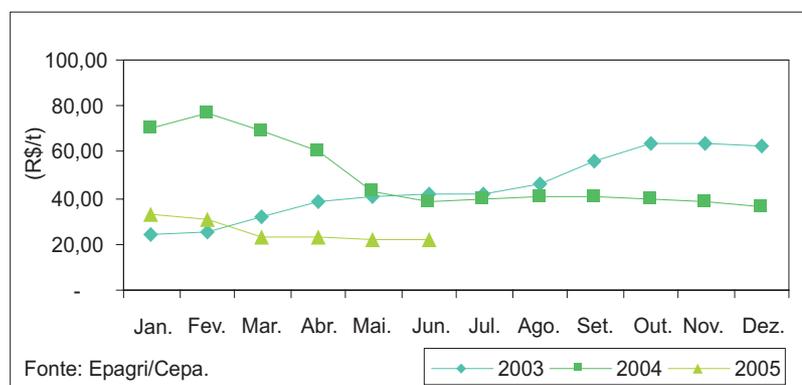


Figura 3/I - Farinha grossa - Preço recebido na Região Sul Catarinense - 2003-05

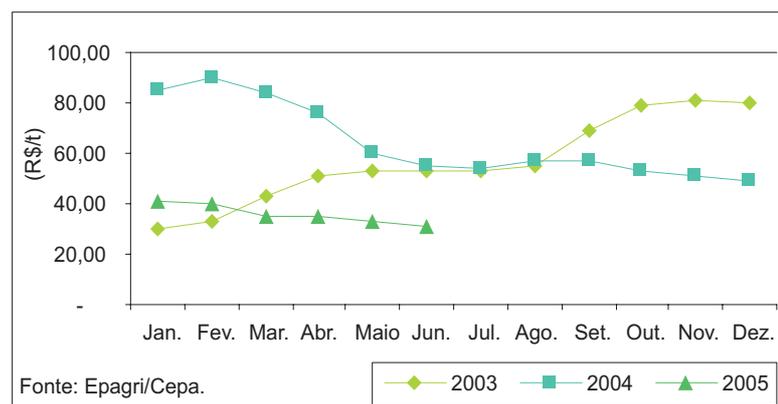


Figura 4/I - Farinha fina - Preço recebido na Região Sul Catarinense - 2003-05

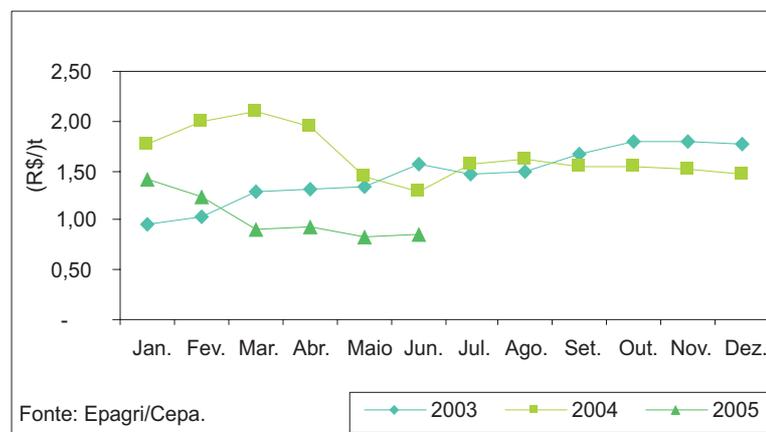


Figura 5/I - Fécula - Preço na indústria - Região Sul Catarinense - 2003-05



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

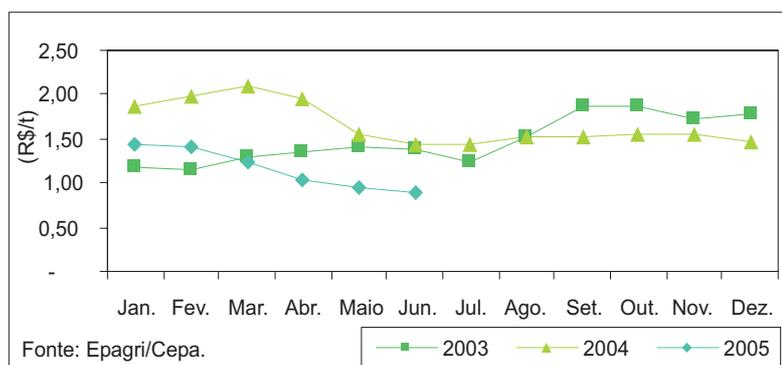


Figura 6/I. Fécula - Preço na indústria - Região do Alto Vale do Itajaí - 2003-05

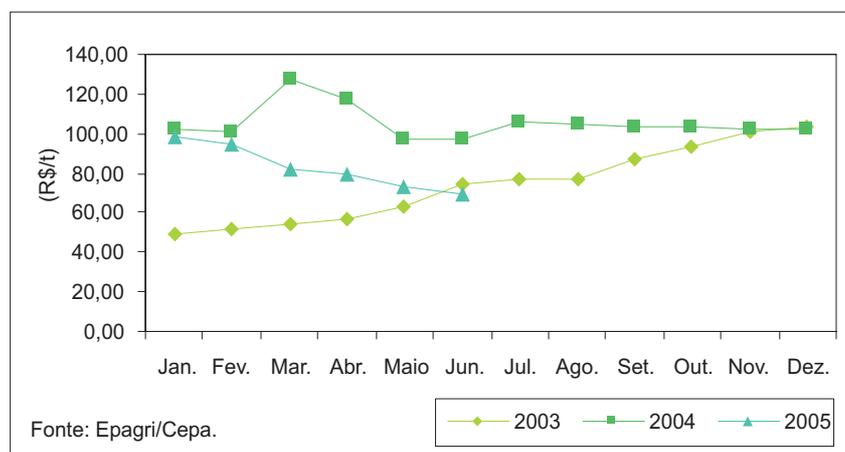
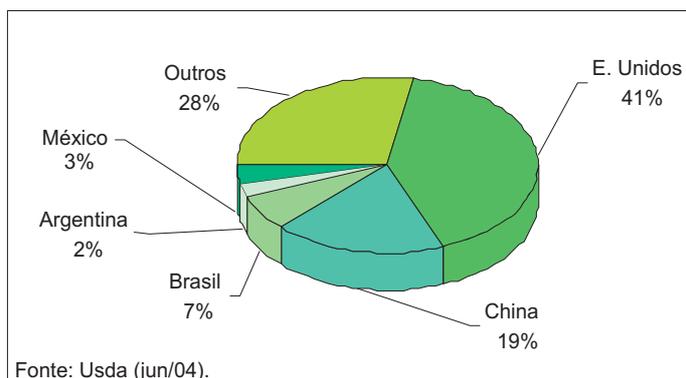


Figura 7/I. Polvilho azedo - Preço recebido - Região Sul Catarinense - 2003-05



## Milho - Panorama internacional



Fonte: Usda (jun/04).

Gráfico 1/I. Milho - Principais produtores - 03/04 (623,8 milhões de t)

Segundo o Usda, a produção mundial de milho da safra 2003/04 situou-se em 623,76 milhões de toneladas, quantidade 3,6% superior à da safra anterior (601,85 milhões). O avanço em relação à safra 02/03 decorreu especialmente da boa recuperação da safra norte-americana, de 227,8 milhões para 256,3 milhões de toneladas. A distribuição espacial da produção mundial da safra 2003/04 pode ser visualizada na figura 1.

Para 2004/05, as projeções do Usda (jun./05) apontaram para uma produção mundial de 706,3 milhões de toneladas. O avanço em relação à safra 2003/04 se deveu, além do novo e grande avanço da safra norte-americana (de 256,3 milhões para 299,9 milhões de toneladas), à melhora da produção da Comunidade Européia, da Federação Russa, da China e da Argentina.

A produção mundial no ano agrícola 03/04, de qualquer modo, continuou bastante inferior ao potencial do consumo (647,2 milhões de toneladas), fato que provocou nova redução dos estoques de passagem. Estes, que já haviam caído de 147,9 milhões na temporada 2001/02 para 123,6 milhões na



temporada 2002/03, declinaram para 100,2 milhões de toneladas ao final da temporada 2003/04.

Na temporada 2004/05, entretanto, a curva dos estoques mundiais se inverteu. Como a produção, ao contrário dos últimos anos, superou largamente o

Tabela 1/I. Milho - Oferta/demanda mundial e norte-americana  
- 2003/04 - 2004/05 - 2005/06

Discriminação	Mundial			Estados Unidos		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Estoque inicial	122,60	100,15	127,99	27,60	24,34	56,27
Produção	623,76	706,29	673,34	256,28	299,92	279,03
Cons. doméstico	647,21	678,45	680,87	211,72	222,51	221,50
Exportação	77,13	74,73	74,48	48,18	45,72	49,53
Estoque final	100,15	127,99	122,10	24,34	56,27	64,53

Fonte: Usda (jun./05).

consumo, os estoques subiram para 128,0 milhões de toneladas. Para a temporada 2005/06, as primeiras projeções apontam para um pequeno decréscimo em termos de estoques mundiais (Tabela 1).

Dentro do contexto global, vale ressaltar o comportamento dos estoques norte-americanos, os quais, após terem caído de 27,6 milhões de toneladas em 2002/03 para 24,3 milhões em 2003/04, apresentaram forte avanço em 04/05 e deverão continuar aumentando em 2005/06. Vale destacar também o caso da China, cujos estoques, em razão da relativa estabilidade da produção e do aumento do consumo, permanecem em gradativa queda, passando de 65,0 milhões na temporada 2002/03 para 35,5 milhões na temporada 2004/05.

O mercado internacional, que, diante da queda dos estoques e das incertezas quanto à nova safra dos Estados Unidos, apresentara um comportamento bastante firme nos primeiros meses de 2004, entrou em gradativo declínio à medida que foi se configurando uma produção recorde naquele país.

Em Chicago, os contratos da primeira posição subiram, em termos médios, de US\$ 105,30/t em janeiro para US\$ 124,20/t em abril, apresentando avanço de 23,8% em relação ao mesmo período do ano anterior.

A partir de maio, todavia, com a configuração de uma grande safra nos Estados Unidos, as cotações entraram em gradativo declínio, situando-se



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

em dezembro na média de US\$ 79,70/t, 19,5% abaixo das cotações do mesmo mês de 2003.

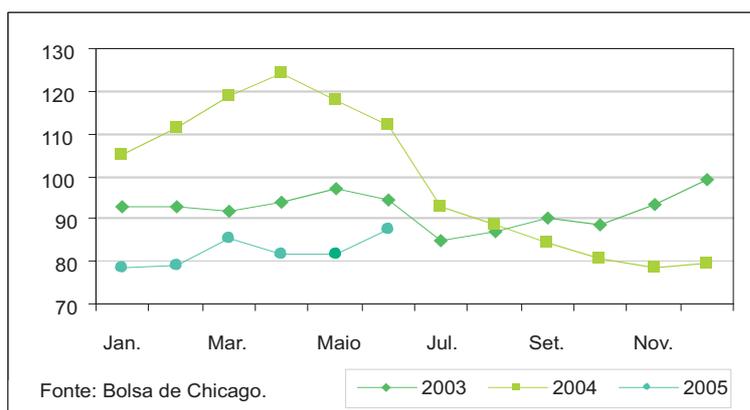


Figura 2/I. Milho - Evolução das cotações internacionais (US\$/t)

No início de 2005, diante da estimativa de um quadro do suprimento mundial mais folgado, embora apresentando leve melhora em abril, as cotações não se mostraram muito deferentes das registradas no segundo semestre de 2004 (Figura 2).

## Panorama do Mercosul

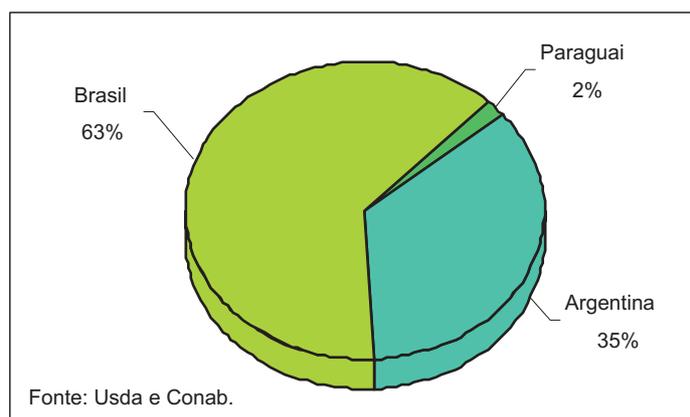


Figura 3/I. Milho - Produção do Mercosul - 03/04 (62,8 milhões t)

Na safra 2003/04, a produção de milho do Mercosul situou-se em pouco mais de 58,0 milhões de toneladas, 9,0% a menos que na safra anterior (63,7 milhões). A diminuição da produção argentina (de 15,5 milhões para 15,0 milhões de toneladas) e o expressivo declínio da produção brasileira foram responsáveis pelo desempenho negativo. A participação dos países na produção do Mercosul pode ser visualizada na figura 3.

Para a safra 2004/05, as últimas projeções apontaram para uma produção regional em torno de 56,3 milhões de toneladas. A previsão decorre, a despeito do bom incremento da safra argentina (19,5 milhões de toneladas),



do significativo decréscimo previsto para a produção do Brasil, que não deverá passar de 36,0 milhões de toneladas.

Tabela 2/I. Milho – Oferta/demanda da Argentina (mil t)

Discriminação	2002/03	2003/04	2004/05
Estoque inicial	0,33	0,53	0,22
Produção	15,50	15,00	19,50
Cons. doméstico	4,10	4,40	5,20
Exportação	11,20	10,94	14,00
Estoque final	0,53	0,22	0,53

Fonte: Usda (maio/05).

Ainda no que se refere à Argentina, a pequena queda de produção e o leve aumento do consumo interno em 2004 repercutiram nas exportações, que declinaram de 11,2 milhões para 10,94 milhões de toneladas. Para 2005, entretanto, o bom crescimento da produção deverá elevar o potencial das exportações portenhas para 14,0 milhões de toneladas (Tabela 2).

## Panorama brasileiro

A produção da primeira safra brasileira de 2003/04 situou-se, segundo a Conab, em 31,62 milhões de toneladas, montante 8,7% inferior ao de idêntico período de 2003. Além da diminuição de 2,1% na área plantada, as estiagens - que provocaram grandes perdas de produção no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina - foram responsáveis pelo decréscimo da produção.

A safrinha (em razão da queda de 5,8% na área e por ter sido afetada no plantio e na produção pela falta de chuvas, especialmente no Paraná) situou-se em 10,57 milhões de toneladas, patamar 17,8% inferior ao colhido no ano anterior.

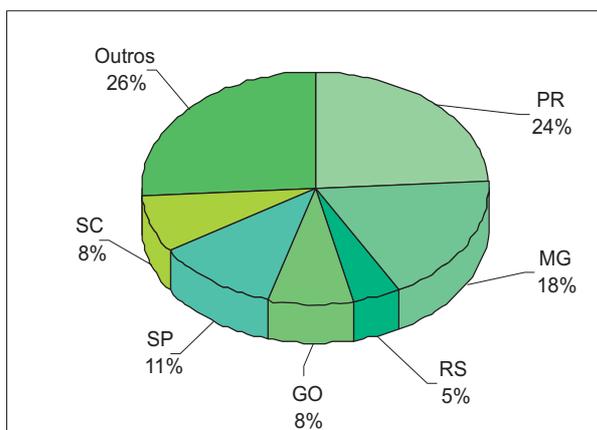


Figura 4/I. Milho - Brasil - Principais estados produtores - 03/04 (42,1 milhões t)

Na soma das duas safras, a produção brasileira atingiu 42,18 milhões de toneladas, volume 11,0% menor que o de 2003 (47,41 milhões).

O Paraná, com 27% do total, permaneceu como o principal produtor, seguido, em importância, por Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Goiás e Santa Catarina (Figura 4).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/I. Milho – Oferta/demanda – Brasil  
-2001/02 - 2002/03 e 2004/05

Discriminação	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05
Estoque inicial	4.322,9	1.047,0	6.595,2	4.853,6
Produção	35.280,7	47.410,9	42.128,4	34.769,0
Importação	362,4	806,6	299,4	1.600,0
Consumo	36.410,0	38.700,0	39.400,0	39.500,0
Exportação	2.509,0	3.969,3	4.769,4	1.100,0
Estoque final	1.047,0	6.595,2	4.853,6	622,7

Fonte: Conab (jun./05).

Com tal produção e mais os estoques de entrada, a oferta nacional situou-se na faixa de 49,0 milhões de toneladas. Este volume, diante de um consumo de 39,4 milhões e de exportações de 4,77 milhões de toneladas, redundou em estoques de passagem de 4,85 milhões de toneladas (Tabela 3).

A safra catarinense, que, em razão da queda de 4,7% na área plantada, já apontava para uma produção inferior à da anterior, ficou muito aquém das expectativas. A falta de chuvas nos primeiros meses de 2004 reduziu o potencial da produção de 4,1 milhões para apenas 3,26 milhões de toneladas. Este patamar significou uma queda de 24,4% em relação aos 4,31 milhões colhidos na safra 2002/03.

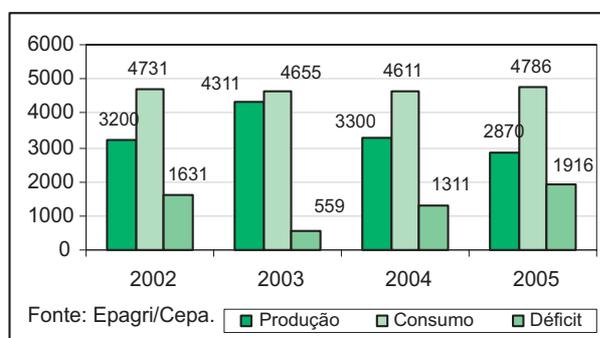


Figura 5/I. Milho -Evolução da produção, do consumo e do déficit (mil t)

Como decorrência da forte queda da produção, apesar de o consumo estadual ter diminuído em razão da redução da produção de suínos e aves, o déficit estadual aumentou de pouco menos de 600 mil toneladas em 2003 para 1,31 milhão de toneladas em 2004 (Figura 5).

Nos primeiros meses de 2004, a comercialização apresentou um desempenho melhor que no mesmo período do ano anterior; mesmo assim, frustrou as expectativas dos

produtores, pois, a partir de abril/maio, os preços entraram em gradativo e continuado processo de enfraquecimento.

Os preços ofertados aos produtores de Chapecó - que, em termos médios, no início do ano estavam na faixa de R\$ 16,00/sc e que, sustentados pelo bom comportamento das exportações e pelas notícias de problemas com o desenvolvimento da safrinha haviam subido para R\$ 20,20/sc - a partir de abril começaram a declinar, situando-se na faixa dos R\$ 15,00/sc em meados de dezembro (Figura 6).



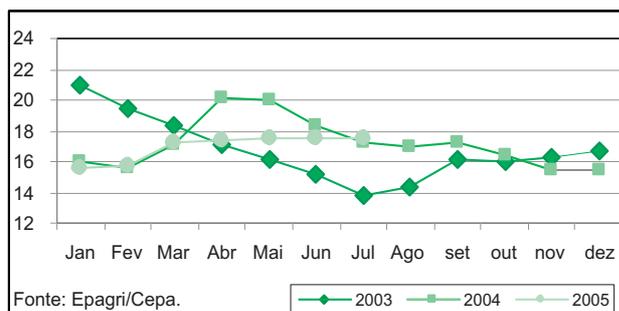


Figura 6/1. Milho - Preços ao produtor de Chapecó (R\$/sc)

Este comportamento, além de um resultado melhor que o esperado da safrinha (o que reforçou expressivamente a oferta no segundo semestre), decorreu da perda de competitividade nas exportações devido à queda das cotações internacionais e do fortalecimento do real frente ao dólar.

Apesar deste expressivo declínio, os preços ainda apresentaram, na média do ano, um crescimento de 2,5% em comparação aos de 2003.

### Perspectivas para 2005

No levantamento de junho, a Conab estimou a produção da primeira safra nacional em 27,15 milhões de toneladas, montante que acusa um decréscimo de 14,0% em relação ao colhido no mesmo período do ano anterior. A redução se deveu à estiagem, pelas perdas expressivas que causou, especialmente nas Regiões Sul e Centro Oeste.

A falta de chuvas também prejudicou seriamente a safrinha. Além de ter impedido que parte da área prevista fosse semeada, afetou severamente a produtividade, em particular a das lavouras do Paraná e do Mato Grosso do Sul. Como consequência, a produção, que no levantamento extra de março já havia sido revista para 9,72 milhões de toneladas, foi reavaliada em junho para apenas 7,62 milhões de toneladas.

No global, em junho a produção brasileira foi estimada em 34,77 milhões de toneladas, quantidade 17,5% menor que a da safra 2003/04.

Com esta produção, a estimativa da Conab é de que a disponibilidade total de milho (produção mais estoques de entrada e importações) deverá situar-se na faixa de 41,22 milhões de toneladas. Como a demanda (consumo



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

mais exportações) está projetada em 40,6 milhões de toneladas, os estoques finais deverão recuar de 4,83 milhões para apenas 622,7 mil toneladas.

Ainda no que tange à oferta/demanda brasileira, vale registrar que, em razão do quadro de aperto de oferta, a Conab reduziu a projeção para o consumo de milho (de 40,1 milhões para 39,5 milhões de toneladas), no pressuposto de que haverá substituição de parte do cereal por sorgo e outras matérias-primas.

A safra catarinense, pelo segundo ano consecutivo, foi severamente prejudicada pela falta de chuvas nos primeiros meses de 2005. Como consequência, a produção estadual, estimada pelo IBGE em dezembro de 2004 em 4,14 milhões de toneladas, foi reavaliada em abril para 2,8 milhões de toneladas, ou seja, apresentou uma quebra de 32,4%.

Tabela 4/I. Milho - Oferta/demanda - Santa Catarina - 2002-05  
(mil t)

Discriminação	2002	2003	2004	2005
1 - Consumo	4.731,5	4.654,9	4.438,9	4.695,5
- Humano	85,0	90,0	90,0	90,0
- Animal	4.592,5	4.411,9	4.235,9	4.502,5
Suínos	2.151,0	1.950,1	1.849,4	1.943,5
Aves	2.227,1	2.161,2	2.077,5	2.226,0
Outros	214,4	300,0	309,0	333,0
- Indústrias/outros	54,0	63,00	63,0	63,0
- Saídas	-	90,0	50,0	40,0
2 - Perdas	100,0	215,0	172,0	90,0
3 - Necessidade total	4.831,5	4.869,9	4.610,9	4.785,5
4 - Produção <sup>(1)</sup>	3.200,0	4.311,0	3.300,0	2.870,0
5 - Déficit	1.631,5	558,9	1.310,9	1.915,5

<sup>(1)</sup> Produção de milho, mais outros produtos substitutos.

Fonte: Estimativas do Epagri/Cepa (maio de 2005).

Como consequência da forte redução da produção, o déficit estadual de milho, que em 2004 (também como decorrência da frustração da safra) já havia crescido de 559 mil para 1,3 milhão de toneladas, deverá registrar novo avanço em 2005. A estimativa do Epagri/Cepa é de que, mesmo com certo aporte de produtos substitutos para o consumo dos animais, a carência de milho poderá situar-se próximo de 1,9 milhão de toneladas (Tabela 4).

O mercado do milho, que iniciou 2005 ainda com o mesmo comportamento dos últimos meses do ano anterior, apresentou melhoras a partir de meados de fevereiro, na medida em que a falta de chuvas indicava uma forte quebra da produção. A partir de fins de março, entretanto, os preços começaram a esboçar sinais de estabilidade e até de pequeno recuo.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

A intensificação da colheita e os boatos sobre prováveis importações de milho da Argentina provocaram aumento de oferta e retração dos compradores, fatos que se refletiram na acomodação dos preços.

Em Chapecó, os preços mais comuns ofertados aos produtores, que em meados de fevereiro haviam subido de R\$ 15,20/sc para R\$ 17,70/sc na penúltima semana de março, estabilizaram-se em seguida próximo dos R\$ 17,50/sc até meados de junho (Figura 6).

Para o restante de 2005, apesar do cenário de aperto de suprimento, a perspectiva é de que, a exemplo de 2003 e 2004, os preços internos possam apresentar um comportamento mais fraco do que o do primeiro semestre.

Tabela 5/I. Milho - Área, produção e rendimento mundial - Safras 2002/03 - 2004/05

Nível geográfico	Área colhida (milhões de ha)			Produção (milhões de t)			Rendimento Médio (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Mundo	137,24	141,24	142,89	600,99	623,76	706,29	4.380	4.420	4.940
E. Unidos	28,06	28,71	29,80	227,77	256,28	299,92	8.120	8.930	10.070
China	24,63	24,07	24,50	121,30	115,83	128,00	4.920	4.810	5.220
Brasil	12,96	12,44	11,70	44,50	42,00	35,50	3.430	3.380	3.030
Argentina	2,45	2,30	2,70	15,50	15,00	19,50	6.330	6.520	7.220
México	7,03	7,69	7,79	19,28	21,80	22,00	2.740	2.830	2.830
França	1,83	1,65	1,77	16,44	11,98	16,05	8.980	7.240	9.050
Índia	6,30	7,42	7,00	11,10	14,72	13,60	1.760	1.980	1.940
Itália	1,11	1,16	1,20	10,85	8,10	10,98	9.490	6.960	9.160
África do Sul	3,65	3,30	3,50	9,68	9,70	12,00	2.650	2.940	3.430
Canadá	1,28	1,23	1,07	9,00	9,60	8,84	7.010	7.800	8.240
Outros	47,94	51,27	51,86	115,57	118,75	139,90	2.410	2.316	2.698

Fonte: Usda (junho de 2005).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 6/I. Milho - Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 2002/03 - 2004/05

Estados	Área plantada (1.000 ha)			Produção (1.000 t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Rondônia	100,0	131,5	144,3	184,0	275,4	297,7	1.840	2.094	2.063
Acre	34,0	34,0	34,0	49,5	52,0	52,0	1.456	1.529	1.529
Amazonas	10,9	10,9	19,9	15,7	15,7	43,3	1.400	1.440	2.176
Roraima	8,9	17,3	13,0	42,7	43,3	32,5	4.798	2.503	2.500
Pará	293,4	290,5	285,0	528,1	522,9	570,0	1.800	1.800	2.000
Amapá	1,5	1,5	1,5	1,2	1,2	1,2	800	800	800
Tocantins	69,0	77,9	77,8	158,0	179,2	261,5	2.290	2.300	3.361
Maranhão	360,2	371,0	385,8	414,2	430,4	424,4	1.150	1.160	1.100
Piauí	282,8	297,8	291,0	287,3	134,0	305,6	1.016	450	1.050
Ceará	713,7	681,6	654,3	749,4	372,8	475,0	1.050	547	726
Rio Grande Norte	109,3	124,1	87,7	71,0	58,3	38,4	650	470	438
Paraíba	178,5	192,8	192,8	123,2	135,3	135,3	690	702	702
Pernambuco	178,5	273,8	202,6	123,2	67,1	132,3	690	245	653
Alagoas	57,0	79,0	79,0	18,0	21,7	21,7	316	275	275
Sergipe	110,9	132,0	134,6	133,1	126,2	195,2	1.200	956	1.450
Bahia <sup>(1)</sup>	797,3	785,9	707,3	1.399,2	1.656,8	1.384,2	1.755	2.108	1.957
Minas Gerais <sup>(1)</sup>	1.269,1	1.346,5	1.357,6	5.327,3	6.000,4	6.163,9	4.198	4.456	4.540
Espírito Santo	52,7	49,5	47,6	144,9	125,2	123,8	2.750	2.529	2.601
Rio de Janeiro	9,7	11,4	11,6	22,1	23,9	24,5	2.278	2.096	2.112
São Paulo <sup>(1)</sup>	1.091,0	1.058,1	1.053,7	4.553,4	4.499,6	4.130,2	4.174	4.253	3.920
Paraná <sup>(1)</sup>	2.805,8	2.447,1	2.188,2	13.657,2	11.192,1	9.008,8	4.867	4.574	4.117
Santa Catarina	848,6	814,7	806,6	4.234,5	3.340,3	2.847,3	4.990	4.100	3.530
Rio Grande do Sul	1.408,9	1.296,2	1.257,3	5.283,4	3.499,7	1.595,5	3.750	2.700	1.269
M. G. do Sul <sup>(1)</sup>	701,9	613,3	475,7	3.039,7	2.352,9	1.386,8	4.331	3.818	2.915
Mato Grosso <sup>(1)</sup>	879,3	970,9	1.027,6	3.227,8	3.446,4	3.401,7	3.671	3.550	3.310
Goiás <sup>(1)</sup>	715,0	676,8	578,9	3.484,3	3.372,3	2.736,3	4.873	4.983	4.727
Distrito Federal <sup>(1)</sup>	31,6	32,9	33,5	179,6	183,3	200,1	5.684	5.571	5.973
<b>Brasil</b>	<b>13.226,2</b>	<b>12.822,0</b>	<b>12.148,9</b>	<b>47.410,9</b>	<b>42.128,4</b>	<b>35.989,2</b>	<b>3.585</b>	<b>3.286</b>	<b>2.962</b>

<sup>(1)</sup>Safra, mais safrinha.

Fonte: Conab (abril de 2005).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 7/I. Milho - Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 2002/03 - 2004/05

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>
São M. do Oeste	123.650	107.579	108.830	558.786	347.665	305.000	4.519	3.232	2.803
Chapecó	201.423	197.690	180.305	944.546	796.366	570.000	4.689	4.028	3.161
Xanxerê	85.590	81.177	82.530	581.116	482.467	440.000	6.790	5.943	5.331
Joaçaba	87.430	89.400	89.400	481.753	361.788	275.000	5.510	4.047	3.076
Concórdia	76.192	72.263	68.923	339.737	236.084	160.000	4.459	3.267	2.321
Canoinhas	77.200	70.100	71.400	510.030	373.720	368.120	6.607	5.331	5.156
São B. do Sul	8.440	8.240	8.240	56.040	54.840	54.840	6.640	6.655	6.655
Joinville	1.294	1.301	809	4.440	4.725	3.068	3.431	3.631	3.792
Curitibanos	50.690	47.100	49.750	289.342	160.965	173.000	5.708	3.418	3.477
Campos de Lages	46.960	46.425	47.940	156.688	119.886	135.570	3.337	2.582	2.828
Rio do Sul	30.510	26.470	23.625	119.496	66.539	63.050	3.917	2.514	2.669
Blumenau	6.023	6.023	5.758	18.542	18.293	17.150	3.078	3.037	2.978
Itajaí	37	30	30	79	64	60	2.135	2.133	2.000
Ituporanga	19.450	18.750	17.550	83.415	75.615	65.660	4.289	4.033	3.741
Tijucas	4.680	4.830	4.560	20.080	21.335	17.745	4.291	4.417	3.891
Florianópolis	1.565	1.595	1.595	5.304	5.607	5.607	3.389	3.515	3.515
Tabuleiro	5.780	5.880	5.380	22.040	23.090	20.690	3.818	3.927	3.846
Tubarão	12.093	13.935	13.015	46.608	50.548	45.320	3.854	3.627	3.482
Criciúma	9.110	9.085	7.865	42.254	40.170	39.500	4.638	4.422	5.022
Araranguá	8.310	8.260	8.340	30.638	18.003	33.150	3.687	2.180	3.975
<b>Santa Catarina</b>	<b>856.427</b>	<b>816.133</b>	<b>795.845</b>	<b>4.310.934</b>	<b>3.257.770</b>	<b>2.792.530</b>	<b>5.034</b>	<b>3.992</b>	<b>3.509</b>

<sup>1)</sup> Estimativa do Epagri/Cepa (junho de 2005).  
Fonte: IBGE (16, 19).



## Soja - Panorama mundial

A produção mundial de soja da safra 2003/04, segundo o Usda, situou-se em 186,26 milhões de toneladas, 5,5% a menos que na anterior (197,04 milhões). O declínio decorreu principalmente da queda da safra dos Estados Unidos (de 75,0 milhões para 66,8 milhões de toneladas) e, em menor escala, da redução da produção do Mercosul (de 92,0 milhões para 87,4 milhões de toneladas).

No que tange ao Mercosul, vale registrar, em razão do forte incremento da área semeada, que as primeiras projeções apontavam para uma produção de 102 milhões de toneladas e que seu potencial foi reduzido pelos problemas das estiagens na Argentina e no Sul do Brasil, pelo excesso de chuvas no Centro-Oeste e pela incidência da ferrugem asiática em parte dos estados produtores do Brasil.

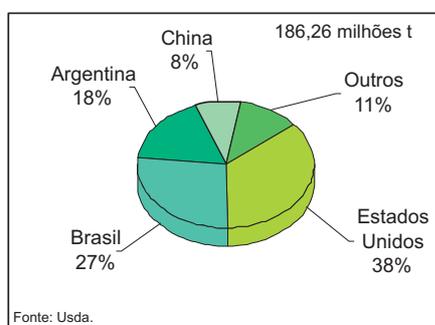


Figura 1/I. Soja - Principais produtores mundiais - Safra 2003/04

A participação percentual dos principais países produtores pode ser visualizada na figura 1.

Para a safra 2004/05, as projeções do Usda (jun./05) apontam para uma produção mundial de 216,32 milhões de toneladas, patamar 16,1% maior que o da anterior. Este desempenho decorreu, além do aumento da produção dos Estados Unidos (para 85,48 milhões de toneladas), do crescimento da produção da Argentina (de 33,0 milhões para 39,0 milhões

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

de toneladas) e da safra da China (de 15,4 milhões para 18,0 milhões de toneladas).

Como a produção do ano agrícola 03/04 se situou num patamar inferior ao do consumo (190,8 milhões de toneladas), os estoques mundiais, que na temporada anterior haviam crescido para 40,4 milhões de toneladas, declinaram para 35,00 milhões no período 2003/04. Para a temporada 2004/05, entretanto, em razão do forte incremento da produção, os estoques deverão evoluir para algo próximo de 47,2 milhões de toneladas (Tabela 1).

*Tabela 1/I. Soja-grão - Oferta/demanda mundial e norte-americana - 2002/03 - 2004/05*

(milhões de t)

Discriminação	Mundial			Norte-Americana		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Estoque inicial	33,26	40,40	35,00	5,66	4,85	3,06
Produção	197,04	186,26	216,32	75,01	66,78	85,48
Moagem	165,02	163,75	174,16	43,95	41,63	45,59
Exportação	61,57	55,67	61,94	28,42	23,95	30,21
Consumo doméstico	190,73	190,14	203,31	47,52	44,78	49,76
Estoque final	40,75	35,00	47,16	4,85	3,06	8,71

Fonte: Usda (junho de 2005).

Diante da quebra da safra norte-americana, o mercado internacional, que já vinha em ascensão desde os últimos meses de 2003, iniciou o ano ainda mais firme, sustentado pelas dificuldades enfrentadas pela safra da América do Sul.

Em termos médios, os contratos da primeira posição evoluíram de US\$ 301,65/t em janeiro para US\$ 363,50/t em abril, quando atingiram o maior patamar do ano.

A partir de maio, diante das boas perspectivas para a safra dos Estados Unidos, as cotações começaram a perder fôlego. Este movimento se acentuou à medida que o grande potencial da produção daquele país (em 85,7 milhões de toneladas) ia se confirmando e se consolidava o sentimento de que a produção sul-americana deveria apresentar forte recuperação.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

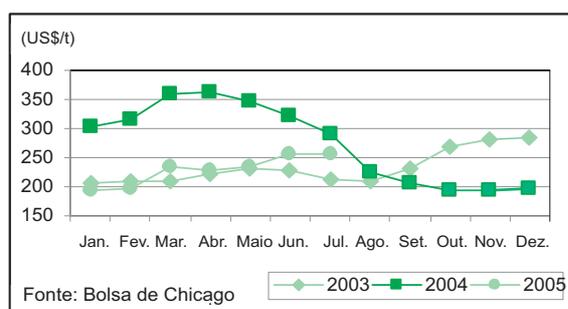


Figura 2/I. Soja - Cotações internacionais 2003-05

Como consequência desse quadro favorável, a cotações declinaram nos últimos meses de 2004 para um patamar médio de US\$ 197,40/t (Figura 2).

Nos primeiros meses de 2005, apesar de terem apresentado uma certa melhora em relação às do final de 2004, as cotações internacionais continuaram pressionadas pelas boas perspectivas em relação ao suprimento mundial.

Para o restante do ano, a não ser que a safra dos Estados Unidos se deteriore a ponto de influir mais fortemente sobre o quadro da demanda mundial, a expectativa é de que não haverá grande chance de uma recuperação mais acentuada do mercado internacional.

## Panorama do Mercosul

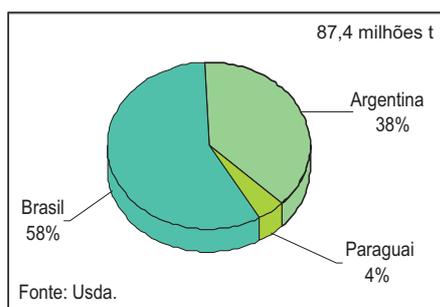


Figura 3/I - Soja - Produção do Mercosul - 2003/04

A produção do Mercosul, inicialmente estimada em até 102,0 milhões de toneladas, caiu para 87,4 milhões de toneladas em razão das estiagens no Sul do Brasil e na Argentina. A participação percentual de cada país no montante da produção pode ser visualizada na figura 3.

Para a safra 2004/05, a estimativa do Usda (jun./05) apontou para uma produção de 95,8 milhões de toneladas, ou seja, para um aumento de 9,6% em relação à anterior. O crescimento decorreu especialmente da boa safra da Argentina, que evoluiu de 33,0 milhões para 39,0 milhões

de toneladas. A produção brasileira, que chegou a ser projetada em mais de 60,0 milhões, sofreu forte impacto com a carência de chuvas, e estava sendo estimada pelo Usda em 53,0 milhões de toneladas. A safra do Paraguai também sofreu perdas e situou-se em apenas 3,8 milhões de toneladas.

## Panorama brasileiro

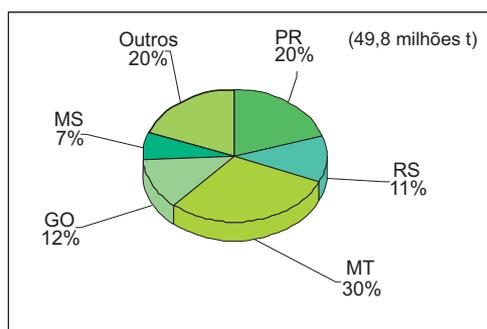


Figura 4/1. Soja - Brasil - Principais estados Produtores - 2003-04

A safra brasileira 2003/04, estimulada pelo bom desempenho da comercialização no ano anterior e pelas boas perspectivas para os preços em 2004, apresentou um incremento 15,0% no plantio. Mesmo com este aumento de área, os problemas climáticos e a ferrugem asiática reduziram o potencial da produção de 60,0 milhões para apenas 49,8 milhões de toneladas.

O Mato Grosso, com uma produção de 15,0 milhões de toneladas, continuou como o primeiro produtor nacional, seguindo-se, por ordem de importância, Paraná (10,0 milhões), Goiás (6,15 milhões), Rio Grande do Sul (5,56 milhões) e Mato Grosso do Sul (3,32 milhões).

A produção nacional permitiu exportações de aproximadamente 19,3 milhões de toneladas de grãos, 14,5 milhões de farelo e 2,5 milhões de toneladas de óleo. O volume das vendas para o exterior, portanto, somou 36,3 milhões de toneladas, contra 36,0 milhões na temporada 02/03, ou seja, manteve-se praticamente estável (Tabela 2).

Tabela 2/1. Complexo soja – Brasil – Oferta/demanda - 2001/02 - 2002/03

(mil t)

Discriminação	Grão		Farelo		Óleo	
	2001/02	2002/03	2001/02	2002/03	2001/02	2002/03
Estoque inicial	2.388,8	2.055,7	326,2	441,2	170,2	390,2
Produção	41.916,9	52.017,5	20.145,0	22.300,0	4.845,0	5.400,0
Importação	1.050,0	1.000,0	370,0	200,0	135,0	80,0
Consumo	27.300,0	30.800,0	7.600,0	8.100,0	2.960,0	3.100,0
Exportação	16.000,0	20.300,0	12.800,0	14.500,0	1.800,0	2.400,0
Estoque final	2.055,7	3.973,2	441,2	341,2	390,2	370,2

Fonte: Conab (abr./04).

Apesar da estabilidade quantitativa, a receita cambial do complexo, em razão do melhor comportamento das cotações internacionais, cresceu de 8,0 bilhões para 10,0 bilhões de dólares em 2004.

### Panorama catarinense

A safra catarinense, estimulada pelos bons preços vigentes à época da semeadura e pelas boas perspectivas que se desenhavam para a comercialização da nova safra, além do encolhimento do plantio de milho, apresentou um crescimento de 22,3% na área plantada.

A produção, que chegou a ser estimada próximo de 820 mil toneladas, em razão das fortes perdas provocadas pelas estiagens situou-se em apenas 641,7 mil toneladas, patamar que representou um decréscimo de 10,2% em comparação ao da safra 2002/03. No contexto nacional, Santa Catarina passou de nono para décimo produtor da oleaginosa.

A comercialização interna, que em 2003 já havia apresentado bom desempenho, foi ainda melhor nos primeiros meses de 2004. Os preços ofertados aos produtores de Chapecó, por exemplo, que na média de fevereiro se situaram em R\$ 43,50/sc (nível próximo aos R\$ 44,00/sc de dezembro do ano anterior), atingiram, estimulados pelo expressivo fortalecimento das cotações internacionais, o "pico" médio de R\$ 49,70/sc em abril.

Apesar de terem apresentado gradativo decréscimo a partir de maio e caído para R\$ 38,20/sc em julho, os preços ainda apresentaram, entre os meses de fevereiro e julho, um incremento médio de 23,5% quando comparados aos do mesmo período de 2003.

Todavia, em razão do continuado enfraquecimento do mercado internacional e da valorização do real frente ao dólar, o movimento de queda se estendeu pelo restante do ano, ficando os preços em apenas R\$ 30,00/sc na média de dezembro (figura 5).

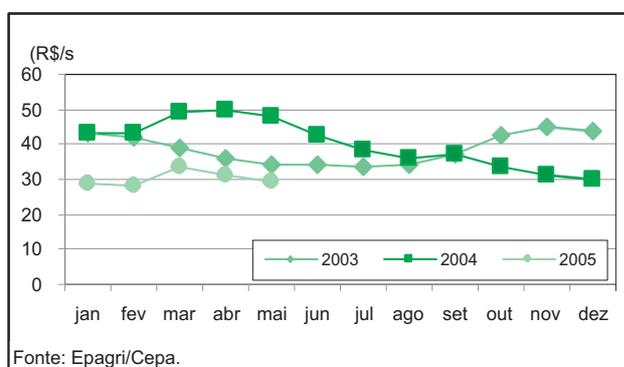


Figura 5/1. Soja - Produtor de Chapecó - 2004-05

## Perspectiva para 2005

Para a safra 2004/05, apesar da deterioração dos preços no segundo semestre, a área semeada apresentou um crescimento de 8,6%. Como decorrência disso e da perspectiva de que, ao contrário da última safra, o clima poderia apresentar-se normal, a primeira estimativa apontava para uma produção de até 61,4 milhões de toneladas. O clima, entretanto, voltou a mostrar-se desfavorável, especialmente na Região Sul e no Mato Grosso do Sul, fato que reduziu o potencial da produção para apenas 50,2 milhões de toneladas.

A safra catarinense também apresentava de início boas perspectivas. O aumento da área de 314,47 mil para 355,7 mil hectares permitia, desde que o clima se mostrasse normal, estimar uma produção de 918,0 mil toneladas, o que representaria um incremento 43,0% em relação à frustrada safra 2003/04. As estiagens dos primeiros meses de 2005, entretanto, reduziram a produção para apenas 600,0 mil toneladas, ou seja, para um patamar 6,7% inferior ao da safra 2003/04.

Devido à forte queda da produção nacional, o volume das exportações deverá situar-se na casa de 36,5 milhões de toneladas, muito próximo, portanto, dos 36,2 milhões embarcados na temporada passada.

Deste montante, 19,2 milhões de toneladas seriam de soja-grão, 14,8 milhões de farelo e 2,85 milhões de toneladas de óleo, contra, respectivamente, 19,25 milhões, 14,49 milhões e 2,85 milhões de toneladas exportadas na temporada anterior.

Apesar da relativa estabilidade em volume, as receitas do complexo, em razão da perspectiva menos favorável do mercado internacional, deverão ficar muito aquém dos 10 bilhões de dólares obtidos no ano passado. A estimativa é de que oscilarão em torno de 8,0 bilhões de dólares.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

No que diz respeito ao mercado interno, a queda da produção, o recuo das cotações internacionais e a taxa de câmbio provocaram um acentuado declínio da renda dos produtores. Na média dos primeiros cinco meses de 2005, por exemplo, os preços ofertados aos produtores de Chapecó foram 35,4% menores que os do mesmo período do ano anterior.

Tabela 3/I. Soja - Área, produção e rendimento mundial e do Mercosul - Safras 2002/03 - 2004/05

Nível geográfico	Área colhida (milhões de ha)			Produção (milhões de t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
<b>Mundo</b>	<b>81,38</b>	<b>88,44</b>	<b>92,59</b>	<b>197,31</b>	<b>186,26</b>	<b>216,32</b>	<b>2.420</b>	<b>2.110</b>	<b>2.340</b>
Estados Unidos	29,34	29,33	29,93	75,01	66,78	85,48	2.560	2.280	2.860
Brasil	18,40	21,52	22,80	52,50	50,50	53,00	2.850	2.350	2.320
Argentina	12,60	14,00	14,40	35,50	33,00	39,00	2.820	2.360	2.710
China	8,72	9,31	9,80	16,51	15,39	18,00	1.890	1.650	1.840
Índia	5,67	6,45	7,20	4,00	6,80	5,50	710	1.050	760
Paraguai	1,55	1,75	2,00	4,50	3,91	3,80	2.900	2.230	1.900
Canadá	1,02	1,04	1,18	2,34	2,26	3,05	2.280	2.170	2.580
União Européia	0,28	0,30	0,27	0,89	0,63	0,79	3.160	2.120	2.890
Outros	3,80	4,47	5,01	6,06	6,99	7,70	1.595	1.475	1.537
<b>Mercosul</b>	<b>32,55</b>	<b>37,27</b>	<b>39,20</b>	<b>92,5</b>	<b>87,41</b>	<b>95,80</b>	<b>2.842</b>	<b>2.345</b>	<b>2.444</b>
Brasil	18,40	21,52	22,80	52,50	50,50	53,00	2.850	2.350	2.320
Argentina	12,60	14,00	14,40	35,50	33,00	39,00	2.820	2.360	2.710
Paraguai	1,55	1,75	2,00	4,50	3,91	3,80	2.900	2.230	1.900

Fonte: Usda (Junho de 2005).

Para o restante do ano, a não ser em caso de queda da produção norte-americana ou de uma retomada mais consistente da taxa de câmbio, a tendência é de os preços internos permanecerem enfraquecidos.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/I. Soja – Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras - 2002/03 - 2004/05

Estados	Área plantada (1.000 ha)			Produção (1.000 t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>
Roraima	3,0	12,0	20,0	7,2	28,8	56,0	2.400	2.400	2.800
Tocantins	148,1	243,6	350,8	377,7	606,6	898,0	2.550	2.490	2.560
Rondonia	41,0	59,5	68,4	123,00	177,9	205,0	3.000	2.990	2.997
Pará	15,5	35,2	46,5	44,2	95,0	135,8	2.850	2.700	2.920
Maranhão	274,0	342,5	383,6	654,9	924,1	1.031,9	2.390	2.698	2.690
Piauí	116,3	159,3	197,1	308,2	396,7	554,4	2.650	2.490	2.813
Bahia	850,4	821,5	870,8	1.556,2	2.218,1	2.507,9	1.830	2.700	2.880
Minas Gerais	873,6	1.065,8	1.103,1	2.332,5	2.659,2	2.978,4	2.670	2.495	2.700
São Paulo	615,3	761,1	772,5	1.735,1	1.815,2	1.587,5	2.820	2.385	2.055
Paraná	3.637,6	3.935,9	4.081,5	10.971,0	10.036,5	9.387,5	3.016	2.550	2.300
Santa Catarina	255,8	307,0	340,8	738,5	656,7	586,2	2.887	2.139	1.720
Rio Grande do Sul	3.593,7	3.971,0	4.090,1	9.631,1	5.559,4	2.310,9	2.680	1.400	565
Mato Grosso do Sul	1.415,1	1.797,2	2.030,8	4.103,8	3.324,8	3.777,3	2.900	1.850	1.860
Mato Grosso	4.419,6	5.148,8	6.024,1	12.949,4	15.008,8	16.927,7	2.930	2.915	2.810
Goiás	2.170,5	2.572,0	2.662,0	6.359,6	6.147,1	7.054,3	2.930	2.390	2.650
Distrito Federal	43,2	49,6	59,0	119,7	132,4	188,2	2.770	2.670	3.190
<b>BRASIL</b>	<b>18.474,8</b>	<b>21.284,1</b>	<b>23.103,9</b>	<b>52.017,5</b>	<b>49.792,7</b>	<b>50.195,4</b>	<b>2.816</b>	<b>2.339</b>	<b>2.173</b>

Fonte: Conab.

<sup>(1)</sup> Estimativa (abril de 2005).

Tabela 5/I. Soja - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2002/03 - 2004/05

Microrregiões geográficas	Área plantada(ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>
São Miguel Oeste	12.970	19.548	23.185	37.040	36.691	29.789	2.856	1.877	1.285
Chapecó	44.425	53.685	59.067	111.242	95.628	65.228	2.504	1.781	1.104
Xanxerê	80.750	94.109	102.845	239.790	201.749	169.497	2.970	2.144	1.648
Joaçaba	10.651	14.954	17.770	28.199	26.827	21.551	2.648	1.749	1.213
Concórdia	1.640	2.100	3.180	4.278	4.106	4.624	2.609	1.955	1.454
Canoinhas	63.150	76.440	82.310	179.619	191.792	204.790	2.844	2.509	2.488
São Bento do Sul	3.100	3.150	3.750	7.470	8.505	8.725	2.410	2.700	2.327
Curitibanos	37.275	44.878	52.700	96.233	65.012	68.154	2.582	1.449	1.293
Campos Lages	3.050	4.920	9.770	8.168	10.208	24.674	2.678	2.075	2.525
Ituporanga	20	415	410	37	828,0	650	1.850	1.995	1.585
Rio do Sul	55	270	545	99	402	774	1.800	1.489	1.420
Blumenau	-	-	200	-	-	500	-	-	2.500
<b>Santa Catarina</b>	<b>257.086</b>	<b>314.469</b>	<b>355.732</b>	<b>712.175</b>	<b>641.748</b>	<b>598.956</b>	<b>2.770</b>	<b>2.041</b>	<b>1.684</b>

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa do IBGE/GCEA/SC (abril de 2005).

*Simão Brugnago Neto*

## Tomate - Panorama Mundial - Safra 2004-2005

Os dados da FAO (junho de 2005) situam a produção mundial de tomates da safra 2003/04 em 115,95 milhões de toneladas, o que representa, sobre a safra anterior, um volume 4,9% maior e sobre a safra 2001/02, um incremento de 5,9%.

Na safra 2003/04, observa-se um incremento de 5,7% na área semeada em comparação com a safra 2002/03 e de 8,7% em relação à safra 2001/02.

A China permanece absoluta como maior produtor mundial de tomates, respondendo por 26% da produção obtida no planeta e cultivando 28,5% da área. Os números chineses mostram que tanto a produção como a área plantada em 2003/04 apresentou significativo aumento em relação à safra 2002/03. A produção mostrou-se 16,6% maior e a área cultivada expandiu-se em 13,6%.

O segundo maior produtor mundial são os Estados Unidos, que detêm 10,7% da produção mundial e 4% da área cultivada.

Neste cenário internacional, a produção brasileira equivale a 2,9% da produção mundial, ocupando 1,3% da área cultivada com tomates no planeta. É o oitavo maior produtor e detém a décima maior área cultivada.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Em relação à produtividade alcançada na safra 2003/04, em primeiro lugar aparecem os Estados Unidos, com 70.454 kg/ha; o Brasil, com 59.100 kg/ha, aparece em segundo lugar; na terceira posição está a Espanha, com um rendimento médio de 56.034 kg/ha em suas lavouras; cabe à Itália a quarta colocação, com 50.000 kg/ha.

Convém salientar que a China, embora possua a maior produção de tomate do planeta, é a que tem a segunda pior produtividade, com 24.015 kg/ha, sendo superior somente à da Índia, que mal chega a 14.074 kg/ha.

Relativamente à produtividade global, a safra 2003/04 apresentou um rendimento médio de 26.365 kg/ha. Considerando o rendimento obtido em 2002/03, de 26.557 kg/ha, percebe-se uma pequena queda (menos 0,72%) na produção das lavouras; em relação à safra 2001/02, que produziu 27.055 kg/ha, a retração da produtividade é de 2,6%.

A tabela 1 permite avaliar a área plantada e a produção obtida nos principais países produtores de tomate no período compreendido entre as safras 2001/02 e 2003/04; as figuras 1 e 2 objetivam demonstrar a distribuição do plantio e da produção de tomates nestes mesmos países produtores.

*Tabela 1/I. Tomate - Área plantada e produção obtida nos principais países produtores - Safras 2001/02 - 2003/04*

País	Área plantada (ha)			Produção obtida (t)		
	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04
China	1.005.153	1.105.153	1.255.103	26.151.121	25.851.121	30.142.040
Estados Unidos	176.730	177.000	176.000	12.266.810	12.275.000	12.400.000
Índia	520.000	520.000	540.000	7.420.000	7.420.000	7.600.000
Turquia	225.000	225.000	220.000	9.000.000	9.000.000	8.000.000
Egito	181.000	181.000	191.000	6.350.000	6.350.000	6.780.000
Itália	122.045	130.932	130.000	5.547.700	6.894.544	6.500.000
Brasil <sup>(1)</sup>	62.647	61.593	57.439	3.652.923	3.641.402	3.394.677
Espanha	59.500	64.100	69.600	3.878.400	3.803.000	3.900.000
Irã	110.000	112.000	115.000	3.000.000	3.005.000	3.150.000
México	67.372	67.084	67.084	1.989.990	2.148.130	2.148.130
Outros países	1.515.312	1.517.433	1.515.312	30.187.610	30.125.394	31.936.004
<b>Mundo</b>	<b>4.044.759</b>	<b>4.161.295</b>	<b>4.397.873</b>	<b>109.444.554</b>	<b>110.513.591</b>	<b>115.950.851</b>

Fonte: FAO.

<sup>(1)</sup>IBGE.



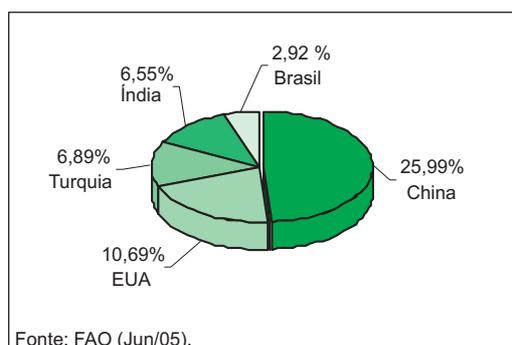


Figura 1/I - Tomate - Produção - Participação percentual dos principais países produtores Safra 2003/04

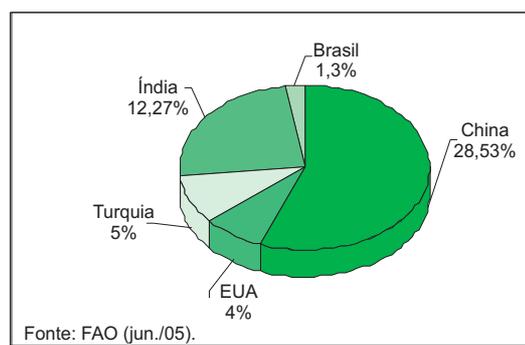


Figura 2/I. Tomate - Área colhida - Participação percentual dos principais países produtores Safra 2003/04

### Panorama da América do Sul

A produção de tomates da América do Sul na safra 2003/04 foi de aproximadamente 6,46 milhões de toneladas, repetindo a tendência de diminuição da produção em relação às safras anteriores, sendo 3,06% menor que a de 2002/03 e de 3,27% em relação à de 2001/02.

O Brasil ocupa posição de destaque na produção de tomates na América do Sul, sendo o maior produtor, responsável por 54% do volume produzido. O Chile aparece como segundo maior produtor, detendo 20,1% da produção; a Argentina fica com a terceira posição, com 10,4%, enquanto a Colômbia detém o quarto lugar, com 5,7% da produção sul-americana.

A participação destes quatro países na produção vem se mantendo praticamente inalterada nas últimas safras. Em 2002/03, a participação brasileira correspondia a 54,6% da produção; a chilena, a 19,5%; a argentina, a 10%; a colombiana, a 5,9%. Em 2001/02, estes números eram, respectivamente, de 54,4% para o Brasil, de 18,1% para o Chile, de 10,6% para a Argentina e de 6,3% para a Colômbia. O Brasil, com lavouras em praticamente todo o seu território, fato aliado ao clima que permite produção o ano todo e mais a constante e gradativa profissionalização de seus produtores, vem se mantendo praticamente estável em relação à sua participação sobre o global da safra sul-americana.



A produtividade das lavouras na América do Sul tem-se mantido praticamente a mesma nas últimas safras. Na safra 2001/02, a rentabilidade média das lavouras foi de 44.762 kg/ha; em 2002/03, atingiu 44.542 kg/ha e em 2003/04 sofreu uma pequena variação negativa, alcançando 44.201 kg/ha, ou seja, menos 0,76% em relação a 2002/03 e menos 1,25% em relação à safra 2001/02.

Embora o Brasil se destaque na produção de tomates da América do Sul, ocupa em produtividade o segundo lugar (58.633 kg/ha), sendo superado neste indicador pelo Chile, cujas lavouras têm uma produtividade de 65.000 kg/ha; a Argentina, com 38.285 kg/ha, vem em terceiro lugar e a Colômbia, com 24.666 kg/ha, ocupa a quarta posição.

A área cultivada com tomate na América do Sul, em 2003/04, foi de 146.173 hectares e representou queda de 2,31% em 2002/03 e de 2,04% em 2001/02.

O Brasil possui a maior área ocupada com a cultura na América do Sul, semeando 59.510 hectares. A segunda maior área cultivada pertence ao Chile, que planta 20 mil hectares; logo a seguir vêm a Argentina, com 17.500 hectares plantados, e a Colômbia, com 15.000 hectares.

Analisando-se separadamente, os demais países - Brasil, Chile, Argentina e Colômbia - revelam números surpreendentes em relação à safra continental. Em 2003/04, juntos, estes países produziram 90,2%; em 2002/03, atingiram 90%, enquanto em 2001/02, 90,3%.

Em relação à área cultivada, em 2003/04 respondiam por 76,6% do plantio na América do Sul. Em 2002/03, a participação era de 77,1% e em 2001/02, de 78%.

A tabela 2 mostra o comportamento da área plantada e da produção da safra sul-americana nas safras 2001/02 a 2003/04. As figuras 3 e 4 buscam retratar a ascendência dos principais produtores de tomate, anteriormente citados, sobre os demais países produtores na safra 2003/04.



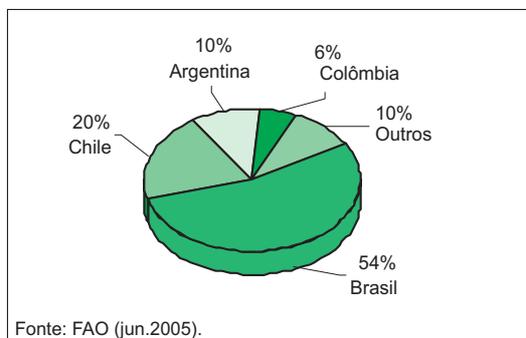
## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/I. Tomate – Área plantada e quantidade produzida nos países da América do Sul – 2001/02 - 2003/04

País	Área plantada(ha)			Produção obtida(t)		
	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04
Brasil <sup>(1)</sup>	62.647	61.593	59.510	3.652.923	3.641.402	3.489.268
Argentina	17.000	17.000	17.500	667.753	667.753	670.000
Bolívia	8.832	8.832	10.153	153.389	153.389	135.167
Chile	19.500	20.000	20.000	1.287.000	1.300.000	1.300.000
Colômbia	17.246	16.800	15.000	422.544	395.000	370.000
Equador	6.462	6.462	6.500	70.159	72.870	75.000
Paraguai	1.699	1.700	1.700	57.934	58.000	58.000
Peru	5.203	6.000	5.100	129.913	150.000	150.000
Uruguai	884	1.500	2.000	41.242	30.000	36.000
Venezuela	9.037	9.037	8.000	189.172	189.172	170.000
Outros	710	710	710	7.390	7.560	7.560
<b>Total</b>	<b>149.220</b>	<b>149.634</b>	<b>145.463</b>	<b>6.679.419</b>	<b>6.665.146</b>	<b>6.453.435</b>

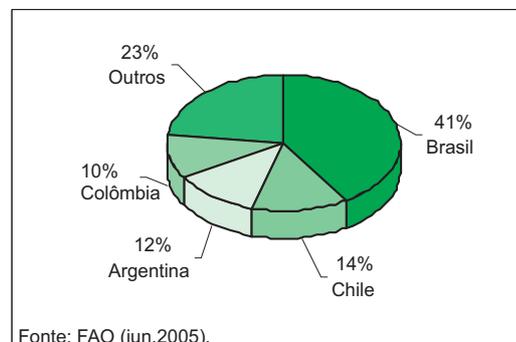
Fonte: FAO (junho de 2005).

<sup>(1)</sup>IBGE.



Fonte: FAO (jun.2005).

Figura 3/I. Produção - Participação percentual dos principais países produtores América do Sul - Safra 2003/04



Fonte: FAO (jun.2005).

Figura 4/I. Tomate - Área Colhida - Participação percentual dos principais países produtores - América Latina - Safra 2003/04

## Panorama Nacional

A safra nacional 2003/04 de tomates, no que diz respeito à área plantada, repetiu o comportamento da safra anterior, quando esta também apresentou redução de área. Em 2003/04, o recuo no plantio em relação à safra anterior foi de 4,8% e em relação à de 2001/02, de 5%.



A redução de área deu-se principalmente nos maiores estados produtores. Goiás, que há vários anos detinha o título de maior produtor nacional de tomates, apresentou uma redução de área equivalente a 1.812 hectares - 13,7% a menos que em 2002/03. São Paulo, o segundo maior produtor nacional, também consolidado nesta posição há vários anos, reduziu sua área de plantio em 590 hectares, ou 4,9%. Este recuo, ligeiramente inferior ao verificado em Goiás, valeu-lhe, ao menos para a safra 2003/04, o posto de maior plantador de tomates do Brasil, ultrapassando o estado de Goiás, que ficou em segundo lugar. Minas Gerais, o terceiro maior produtor nacional, também repetiu na área plantada o comportamento dos estados de Goiás e São Paulo, reduzindo suas lavouras em 1.044 hectares, o equivalente a menos 10,1% em relação à safra de 2002/03.

O estado de Santa Catarina ocupa neste cenário nacional posição intermediária no que tange ao plantio de tomates. É detentor há vários anos, da nona maior área semeada. A exemplo dos maiores produtores nacionais, na safra 2003/04, não conseguiu repetir a área plantada em 2002/03, ficando 4,7% menor, ou 117 hectares. Estendendo-se esta comparação também à safra 2001/02, verifica-se que o recuo foi ainda mais significativo: 5,2%, ou 131 hectares. Fatores climáticos, descapitalização, ausência - em maior ou menor grau - de profissionalização do produtor, de investimentos em implementos e técnicas operacionais (que em tempos de globalização das atividades são vitais) constituem-se, entre outras, nas razões para explicar estas variações anuais sobre a área de plantio.

A produção nacional de 2003/04 totalizou 3.489.268 toneladas, volume 5,5% menor que o obtido em 2002/03 e 4,5% menor que em 2001/02.

Embora na safra 2003/04 o estado de Goiás tenha plantado menos que o estado de São Paulo, a produção de 871.945 toneladas lhe assegurou o posto de maior produtor nacional. Esta produção, embora expressiva, é 14,2% menor que a da safra 2002/03, e 8,4% menor que a da safra 2001/02. São Paulo, o maior plantador, com uma produção de 749.750 toneladas, permaneceu como segundo maior produtor nacional de tomates, mas produzindo 2,4% a menos que na safra 2002/03 e 2,1% a menos que na safra 2001/02.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Minas Gerais, produzindo 622.339 toneladas, figura como terceiro maior produtor do País; entretanto, cabe salientar que esta produção é 9,7% menor que a obtida em 2002/03 e 2,3% menor que a da safra 2001/02.

O rendimento médio da safra nacional de 2003/04 ficou em 58.633 kg/ha. Se comparado ao da safra anterior, verifica-se um ganho de produtividade de 4%; estendendo-se esta comparação à safra 2001/02, observa-se um ganho mínimo de produtividade de 0,6%.

Destacam-se em produtividade no cenário nacional os estados de Goiás (que produziu em 2003/04 um total de 76.593 kg/ha), o Rio de Janeiro (67.720 kg/ha), Minas Gerais (67.360 kg/ha) e Espírito Santo (65.922 kg/ha).

Santa Catarina detém o oitavo maior rendimento do País em suas lavouras, com uma produtividade média de 53.997 kg/ha.

As figuras 5 e 6 retratam o predomínio de área e produção que os cinco maiores estados, plantadores e produtores, mais Santa Catarina, detêm sobre a safra nacional. A tabela 3 traz os números relativos à safra nacional de tomates no período compreendido entre 2001/02 e 2003/04.

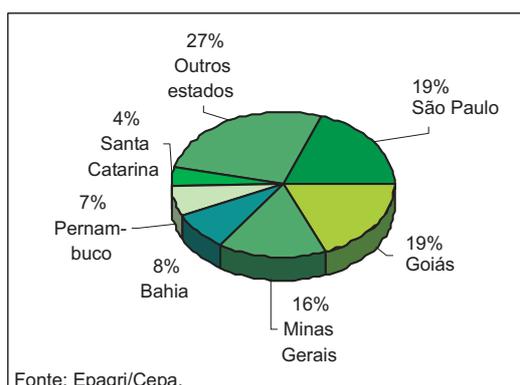


Figura 5/l. Área plantada - Participação percentual por estado - Safra 2003/04

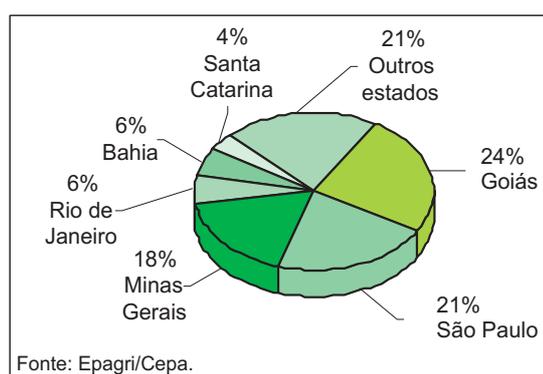


Figura 6/l. Tomate - Produção - Participação percentual por estado - Safra 2003/04



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/1. Tomate – Área plantada, produção obtida e rendimento médio nos estados brasileiros – Safras 2001/02 - 2003/04

Estado	Área plantada (ha)			Produção obtida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04	2001/02	2002/03	2003/04
Goiás	12.512	13.196	11.384	951.410	1.016.788	871.945	76.040	77.077	76.593
Minas Gerais	9.765	10.295	9.251	637.219	689.275	622.339	65.255	66.972	67.360
São Paulo	11.930	12.020	11.430	765.990	767.980	749.750	64.207	63.892	65.595
Rio de Janeiro	2.703	2.798	3.131	163.134	176.569	203.228	60.353	63.105	67.720
Bahia	5.298	5.194	4.931	237.723	211.750	192.216	44.870	40.768	38.981
Santa Catarina	2.521	2.507	2.390	127.350	129.096	129.054	50.516	51.494	53.997
Paraná	3.474	3.159	3.197	141.076	162.181	161.537	40.609	51.339	50.528
Espírito Santo	1.687	1.823	1.904	109.539	118.109	125.383	64.931	65.038	65.922
Rio G. Sul	2.735	2.659	2.572	102.153	98.658	97.838	37.350	37.131	38.040
Pernambuco	4.414	3.833	4.275	206.630	154.104	159.319	46.812	40.822	37.531
Ceará	1.789	1.874	1.872	95.745	101.277	101.264	53.519	54.043	54.094
Distrito Federal	255	225	232	15.279	14.066	15.210	59.918	62.516	65.560
Paraíba	522	523	540	14.941	15.165	16.136	28.623	29.677	30.338
Mato Grosso Sul	182	116	124	7.110	4.080	4.538	39.066	35.922	36.894
Rio G. Norte	360	369	480	11.178	11.895	17.543	31.050	32.679	36.548
Maranhão	368	382	330	7.209	7.476	6.495	19.590	19.571	19.682
Sergipe	294	320	277	5.033	5.573	4.773	17.119	17.416	17.231
Roraima	360	300	449	3.500	2.893	5.268	9.722	9.643	12.000
Mato Grosso	118	116	115	2.355	2.204	2.234	19.958	19.000	19.426
Outros estados	1.360	793	626	48.349	4.693	3.198	35.551		
<b>Brasil</b>	<b>62.647</b>	<b>62.502</b>	<b>59.510</b>	<b>3.652.923</b>	<b>3.693.832</b>	<b>3.489.268</b>	<b>58.310</b>	<b>56.392</b>	<b>58.633</b>

Fonte: IBGE.

### Panorama Catarinense

A cultura do tomate se destaca, no território catarinense, como uma das principais atividades hortícolas, estando presente em mais de 10 mil estabelecimentos rurais.

Outro aspecto bastante peculiar desta cultura, no estado, é o fato de, em função da heterogeneidade climática estadual, obter-se produção em todos os meses do ano.

A produção estadual da safra 2003/04, de 129.054 toneladas, foi praticamente idêntica à da safra anterior, quando foram produzidas 129.096 toneladas. Se comparada à safra de 2001/02, mostra-se 1,33% maior. A agregação de produtividade, por área, tem permitido que, mesmo com recuo significativo no plantio, a produção se mantenha nos patamares dos anos anteriores.



O rendimento médio das lavouras catarinenses vem apresentando, neste período, um significativo incremento. Na safra 2003/04, o rendimento de 53.997 kg/ha é 4,86% maior que o rendimento da safra 2002/03 e 6,89% maior que o da safra 2001/02. Estes ganhos representativos e contínuos do produtor catarinense devem-se a uma conjugação de fatores, como a adoção das modernas tecnologias colocadas à disposição dos produtores, a opção por variedades mais adaptadas e produtivas e utilização da irrigação e fertiirrigação, entre outras.

A área estabelecida com a cultura, ao contrário do rendimento, vem nas últimas safras apresentando retração. Na safra 2003/04 foram plantados 2.390 hectares, o que significou uma redução de 4,66% em área na comparação com a safra 2002/03 e de 5,19% em relação à safra 2001/02.

Fragmentando-se o estado em microrregiões, destacam-se no plantio e produção de tomates a microrregião de Joaçaba, mais precisamente o município de Caçador, a microrregião de Florianópolis e a microrregião do Tabuleiro.

Estas três microrregiões, juntas, concentram 74,72% da área cultivada no estado. A microrregião de Joaçaba responde por 36,56% desta área; a de Florianópolis, por 19,6% e a do Tabuleiro, por 18,53%.

Este "domínio" sobre a área cultivada reflete-se também sobre a produção estadual. Estas microrregiões detêm 76,10% dessa produção. A de Joaçaba responde por 38,63%; a de Florianópolis, por 19,45% e a do Tabuleiro, por 18,0%.

A comercialização da safra catarinense vem mantendo as características dos anos anteriores. Enquanto a microrregião de Joaçaba comercializa sua produção com os principais centros consumidores do Sudeste brasileiro, mais a capital do Amazonas (Manaus) no Norte do País e, dependendo do câmbio, com a Argentina, a microrregião de Florianópolis destina 30% de sua produção para Porto Alegre e Curitiba; os 70% restantes são negociados na Central de Abastecimento de Santa Catarina (Ceasa/SC – município de São José) que, por sua vez, abastece todos os grandes centros



consumidores do litoral. A microrregião do Tabuleiro comercializa sua safra nos moldes da de Florianópolis, admitida alguma variação esporádica em função da oferta, da qualidade e do "humor" do mercado.

A tabela 4 retrata a distribuição da área plantada, da área colhida e da quantidade produzida de tomates por microrregião geográfica de Santa Catarina nas safras 2001/02 a 2003/04, enquanto as figuras 7 e 8 reproduzem a distribuição do plantio e da produção nas principais regiões produtoras do estado na safra 2003/04.

*Tabela 4/I. Tomate – Área colhida e quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina – Safras 2001/02 - 2003/04*

Microrregião geográfica	Área colhida (ha)			Quantidade produzida (t)		
	2001/02	2002/03	2003/04	01/02	02/03	03/04
Blumenau	73	71	73	2.875	2.795	2.875
Campos de Lages	132	151	175	7.450	7.595	9.850
Canoinhas	26	19	19	1.860	1.500	1.500
Chapecó	53	56	33	1.965	2.655	1.444
Concórdia	7	10	9	248	398	330
Criciúma	27	26	21	1.205	1.175	905
Curitibanos	48	48	43	1.920	1.870	1.610
Florianópolis	530	519	469	28.770	28.360	25.110
Ituporanga	70	34	27	3.875	1.850	1.670
Joaçaba	865	870	874	44.603	46.172	49.872
Joinville	10	10	8	418	393	303
Rio do Sul	38	43	26	1.720	1.970	1.420
São Bento do Sul	13	13	13	520	520	520
Tabuleiro	437	443	443	21.000	21.435	23.235
Tijucas	75	77	75	3.375	3.820	3.750
Tubarão	111	107	73	5.306	5.888	4.380
Xanxerê	6	10	9	240	700	280

Fonte: IBGE.

A comercialização da safra é sempre um período de muita ansiedade e incertezas para o produtor. Estando o produto pronto, no ponto para comercializar, restam poucas ferramentas de barganha ao tomaticultor que precisa desovar sua produção, que neste momento fica como seu refém. Considerando-se por este aspecto e analisando-se os valores nominais recebidos pelos produtores na safra de 2004 em relação aos anos anteriores, pode-se concluir que a comercialização desta safra foi um período de menores incertezas.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

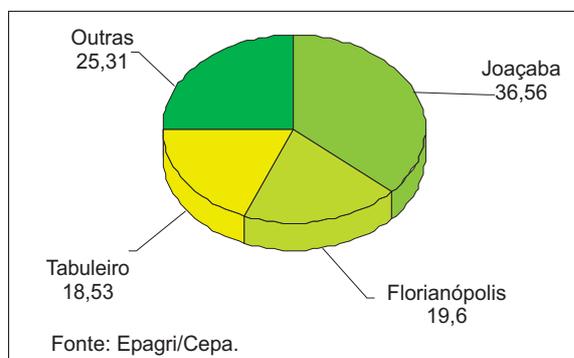


Figura 7/I. Tomate - Área plantada - Principais microrregiões geográficas de Santa Catarina - Safra 2003/04

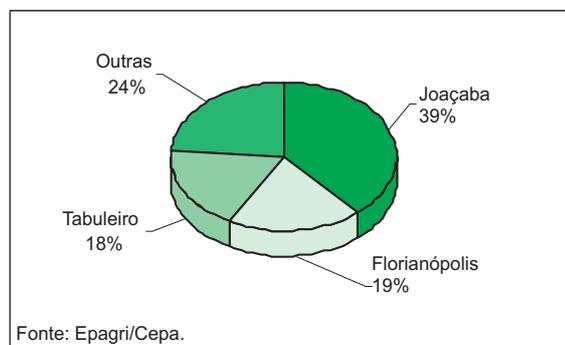


Figura 8/I. Tomate - Quantidade produzida nas principais regiões produtoras - Safra 2003/04

A tabela 5 traz uma série histórica de preços pagos aos produtores que nos permitem visualizar isto e tecer outros comentários.

Tabela 5/I. Tomate - Preços médios mensais pagos aos produtores em Santa Catarina - 2001-05

Mês	Longa vida "Extra AA"				
	2001	2002	2003	2004	2005
Jan	9,66	8,38	7,84	16,33	15,43
Fev	9,06	8,37	12,86	13,92	16,27
Mar	11,56	9,19	25,6	12,01	16,61
Abr	12,57	14,16	21,31	9,77	17,56
Mai	16,55	11,49	16,63	21,7	24,93
Jun	11,86	14,38	12,26	27,84	20,15
Jul	13,12	15,16	11,33	24,5	
Ago	10,96	14,8	10,3	42,56	
Set	7,52	20,4	13,39	27,2	
Out	7,88	16	16,11	21,15	
Nov	11,48	15,82	14,54	17,24	
Dez	13,35	10,37	14,57	14,46	
<b>Preço médio</b>	<b>11,3</b>	<b>13,21</b>	<b>14,72</b>	<b>20,72</b>	<b>18,49</b>

(R\$/cx 25kg)

Fonte: Epagri/Cepa.

Pode-se observar que o valor médio da caixa de tomates recebido pelos produtores em 2004 foi de R\$ 20,72. Este valor, se comparado com os de anos anteriores, é 40,8% maior que o valor médio de 2003, 56,8% maior que o de 2002 e 83,4% maior que o de 2001.

Comparando-se, mês a mês, os valores de 2004 com os de 2003, pode-se concluir que, exceto nos meses de março, abril e dezembro, nos demais



meses os preços recebidos pelos produtores foram superiores aos de igual período do ano anterior. A menor variação no período analisado ocorreu em fevereiro, com mais 8,2%, enquanto a maior variação foi registrada em agosto, com 313,2%.

De posse destas informações, considerando-se as microrregiões produtoras e a conseqüente oferta da produção, podemos constatar que a safra 2003/04 mostrou-se mais favorável aos produtores das microrregiões de Florianópolis e Tabuleiro, que produzem o ano todo, em detrimento aos produtores da microrregião de Joaçaba, que concentram sua produção nos meses de verão.

Já em relação aos preços médios relativos ao primeiro semestre de 2005, observa-se que estes mesmos produtores tiveram uma boa oportunidade, em preços nominais, de comercializar sua produção. Excetuando-se o mês de janeiro, nos demais meses em que possuíam produto para ofertar ao mercado as cotações mantiveram-se significativamente superiores às de 2004. A menor variação registrada foi em maio (+ 14,9%; a maior, em abril: + 81%).

A figura 9 permite acompanhar a variação dos preços recebidos pelos produtores de tomate, em Santa Catarina, no período compreendido entre janeiro de 2001 e junho de 2005.

Embora os números sugiram uma interpretação de que os preços estiveram favoráveis aos produtores nos últimos dois anos, é de salutar importância considerar que cada produtor se constitui numa realidade dentro de sua região, de sua propriedade, e que o que pode ser bom para um não necessariamente o é para outro. Por mais que o produtor seja competente, tenha boa produtividade, boa qualidade em sua produção, ele, isoladamente, sempre estará sujeito à volatilidade do mercado que invariavelmente tem excluído bons e maus produtores.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

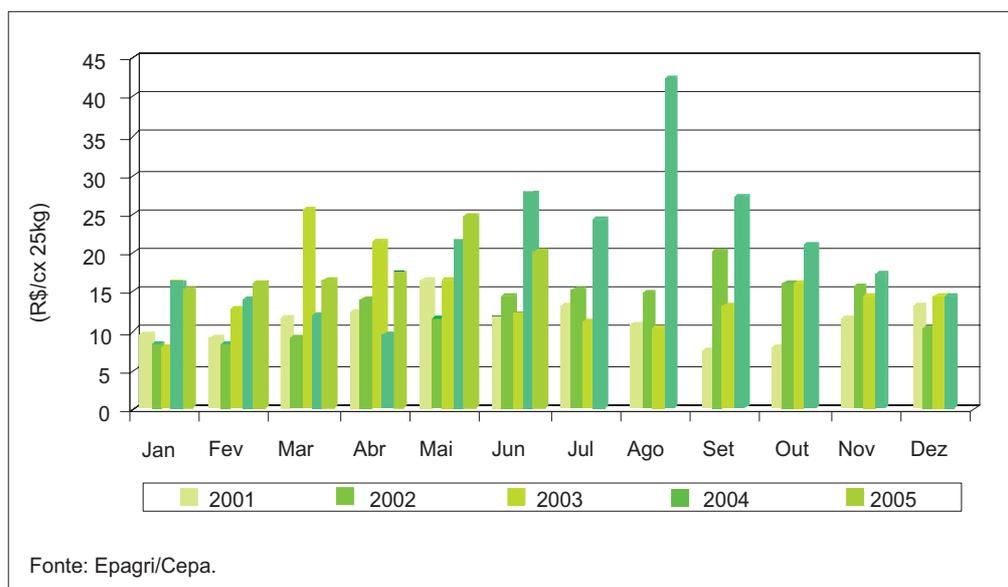


Figura 9/I. Tomate - Preços médios mensais recebidos pelo produtor de Santa Catarina - Safras 2000/01 - 2004/05

*Evandro Uberdan Anater*



## Trigo - Safra 2004/05

A produção mundial de trigo da safra 2004/05 reverteu uma tendência dos últimos anos. Foi significativamente maior que a alcançada na safra 2003/04. Com isto, o estoque final mundial também apresentou uma sensível recuperação.

A expansão da produção mundial foi decorrente do significativo crescimento na produção de alguns dos principais produtores mundiais de trigo, dentre os quais a Ucrânia, a Rússia, a União Européia, a Argentina, a Índia, o Canadá e a China, alguns deles grandes exportadores mundiais.

A safra brasileira não apresentou a mesma situação da mundial; a produção foi inferior à da safra 2003/04. Segundo os números do IBGE, a área plantada aumentou 9,4% e a produção foi reduzida em 6,6%. Como as condições climáticas em algumas regiões produtoras não foram tão favoráveis, o rendimento médio acabou sendo inferior ao alcançado na safra 2003/04.

Em Santa Catarina, a expectativa de que a comercialização desfavorável da safra de 2003 poderia desestimular o plantio em 2004 não se confirmou; houve crescimento de 9,6% na área plantada.

Alguns fatores pesaram para tal expansão: o ótimo resultado produtivo da safra de 2003; a tentativa de alguns produtores de buscarem no plantio do trigo uma maneira de tentar compensar parte dos prejuízos sofridos nas



lavouras de milho e soja; a melhora nos preços internos no período mais próximo ao da decisão do plantio da safra; e a expectativa de manutenção de um quadro de preços favoráveis para a comercialização da safra de 2004.

No estado, mesmo com algumas perdas quantitativas e qualitativas em algumas regiões produtoras, pelo excesso de dias de chuva no transcorrer do mês de novembro, houve crescimento também da produção - 10,6% em relação a 2003.

A produção e o rendimento médio da safra de 2004, de 190,133 mil toneladas e de 2.236 kg/ha, respectivamente, constituem novos recordes catarinenses. Nos dois casos, os recordes anteriores foram obtidos na safra de 2003: produção de 171,969 mil toneladas e rendimento médio de 2.218 kg/ha.

No aspecto produtivo, portanto, ainda que a produção nacional de 2004 pudesse ter sido maior, as duas últimas safras foram consideradas favoráveis pela maioria dos produtores, tanto os brasileiros quanto os catarinenses.

A comercialização de 2004 é que foi frustrante para a maioria dos produtores. Os preços recebidos ficaram abaixo das projeções mais pessimistas no momento da realização do plantio.

Os baixos preços internacionais, a taxa de câmbio e a grande safra nacional foram os responsáveis por este comportamento dos preços internos. A conjugação destes três fatores fez com que os preços aos produtores decrescessem mês a mês desde o início da comercialização.

### Perspectivas para a safra 2005/06

Segundo os números do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) do mês de setembro de 2005, a produção mundial estimada para a safra 2005/06 é levemente inferior à alcançada na safra 2004/05.



A produção projetada para alguns dos principais exportadores mundiais (Argentina, Canadá e União Européia) é sensivelmente menor que a da safra anterior, o que é parcialmente compensado pela produção esperada para outros grandes produtores mundiais (China, Paquistão, Rússia, Cazaquistão e Ucrânia).

Como os estoques iniciais da safra 2005/06 são bem melhores que os da safra 2004/05, mesmo com o decréscimo da produção, desenha-se uma situação mundial de oferta e demanda relativamente tranqüila.

Para os produtores brasileiros, interessa particularmente considerar os números da safra da Argentina.

Este interesse decorre do fato de que a produção e os preços do mercado argentino influem diretamente no mercado brasileiro. As oportunidades de importação brasileira fora do país vizinho, a preços competitivos, são bastante restritas. Não é por outra razão que a Argentina tem tanto peso nas importações brasileiras - média de 89,4% de 2001 a 2004 e 96% quando considerado apenas o ano de 2004.

A produção do país vizinho está estimada em apenas 12,5 milhões de toneladas, o que significa uma redução de quase 22% em relação à da safra 2004/05, o que não deixa de ser surpreendente. No início do plantio, em função do bom resultado da safra 2004/05, não se descartava a possibilidade de a produção ser até maior que os 16 milhões de toneladas da safra anterior.

Ocorre que a falta de chuvas em níveis adequados não apenas impediu o plantio em algumas regiões, como também afetou o desenvolvimento das lavouras de outras. Por conta disso, a área de plantio não atingiu o que se esperava e a produtividade das lavouras de algumas regiões também foi comprometida.

Para a safra brasileira de 2005, o decréscimo será bem superior ao mundial. Em relação à safra de 2004, as estimativas de julho do IBGE indicavam redução de pouco mais de 15% na área plantada e de quase 10% na produção.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Em Santa Catarina, o decréscimo esperado é ainda superior ao verificado em âmbito nacional. Segundo as primeiras estimativas do IBGE, a área plantada e a produção devem ser aproximadamente 15% menores que as do ano anterior.

Inicialmente, chegou-se a esperar que tanto no País, quanto no estado, a área plantada pudesse ser mantida em nível próximo ao de 2004, mas a decisão de plantio dos produtores acabou sendo mais influenciada pelo quadro negativo dos preços do que pelo positivo da produção.

Mesmo com a significativa redução na previsão da produção nacional e com a produção da Argentina bem inferior à da safra de 2004, o cenário desenhado para a comercialização da safra de 2005 não é dos mais favoráveis.

Caso o governo não atue mais rápida e firmemente do que na comercialização da safra de 2004 e os produtores não adotem uma estratégia de vender muito escalonadamente a produção, os preços internos dificilmente reagirão.

Isso poderia mudar muito com um eventual enfraquecimento do real frente ao dólar, o que aumentaria a competitividade do produto nacional em relação ao importado. A desvalorização do real, entretanto, cada vez mais necessária para alguns setores da economia brasileira, continua improvável a curto prazo.

*Tabela 1/I - Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 1994/95 - 2005/06*

Safra	Área (milhões de ha)	Produção (milhões de t)	Comércio (milhões de t)	Consumo (milhões de t)	Estoque final (milhões de t)
1994/95	214,4	523,2	101,5	542,4	162,1
1995/96	218,8	537,9	99,2	544,8	155,3
1996/97	230,2	582,6	104,0	573,4	164,5
1997/98	228,4	610,0	104,5	577,3	197,1
1998/99	225,1	590,0	102,0	579,0	208,1
1999/00	215,4	585,8	112,6	585,0	208,9
2000/01	217,6	581,5	104,0	583,9	206,5
2001/02	214,6	581,1	110,7	585,2	202,5
2002/03	214,6	567,4	109,9	604,0	165,8
2003/04	209,8	553,9	104,5	588,6	131,1
2004/05	217,2	624,2	111,9	607,3	148,0
2005/06	216,9	610,3	109,2	618,6	139,7

Fonte: USDA (set./05).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 2/1 - Trigo - Produção mundial e dos principais países produtores - 2001/02 - 2005/06*

(milhões de t)

País	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
União Européia	113,6	124,8	106,9	136,7	123,5
China	93,9	90,3	86,5	91,0	95,0
Índia	69,7	71,8	65,1	72,1	72,0
Estados Unidos	53,0	43,7	63,8	58,7	59,0
Rússia	46,9	50,6	34,1	45,3	48,5
Canadá	20,6	16,2	23,6	25,9	24,5
Austrália	24,3	10,1	26,2	21,5	21,5
Paquistão	19,0	18,2	19,2	19,0	21,0
Ucrânia	21,3	20,6	3,6	17,5	19,0
Turquia	15,5	16,8	16,8	18,0	17,5
Argentina	15,5	12,3	14,0	16,0	12,5
Cazaquistão	12,7	12,6	11,0	10,0	11,5
Outros	75,2	79,4	83,1	92,6	84,8
<b>Mundial</b>	<b>581,1</b>	<b>567,4</b>	<b>553,9</b>	<b>624,2</b>	<b>610,3</b>

Fonte: USDA (set./05).

*Tabela 3/1 - Trigo - Estimativa de exportação dos principais países e mundial - 2001/02 - 2005/06*

(milhões de t)

País	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
Estados Unidos	26,3	22,8	32,3	28,5	26,5
Canadá	16,8	9,4	15,5	15,1	16,0
Austrália	16,5	10,9	15,1	15,8	15,5
União Européia <sup>(1)</sup>	14,2	19,9	10,9	13,5	15,0
Rússia	4,4	12,6	3,1	8,0	10,0
Argentina	11,7	6,3	7,3	13,5	7,0
Ucrânia	5,5	6,6	0,1	4,4	6,0
Cazaquistão	4,0	6,2	4,1	2,7	4,0
Outros	11,5	15,1	16,0	10,5	9,2
<b>Mundial</b>	<b>110,7</b>	<b>109,9</b>	<b>104,5</b>	<b>111,9</b>	<b>109,2</b>

Fonte: Usda (set./05).

<sup>(1)</sup> Considerada apenas a exportação para países de fora da comunidade, exceto para 2002/03.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/I - Trigo - Estimativa de importação dos principais países e mundial - 2001/02 - 2005/06

(milhões de t)

País	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
Egito	6,9	6,3	7,3	8,1	7,5
União Européia <sup>(1)</sup>	10,7	13,9	5,9	7,2	6,7
Japão	5,8	5,6	5,8	5,7	5,7
Brasil	7,2	6,6	5,6	5,3	5,5
Argélia	4,6	6,1	3,9	4,9	5,5
Indonésia	3,7	4,0	4,5	4,6	4,6
Coréia do Sul	4,0	4,1	3,4	3,6	3,7
México	3,2	3,2	3,6	3,7	3,6
Nigéria	2,4	2,3	2,4	3,0	3,4
Iraque	2,8	1,6	1,9	3,0	3,3
China	1,1	0,4	3,7	6,7	3,0
Outros	58,3	55,9	56,4	56,0	56,7
<b>Mundial</b>	<b>110,7</b>	<b>109,9</b>	<b>104,5</b>	<b>111,9</b>	<b>109,2</b>

Fonte: Usda (setembro de 2005).

<sup>(1)</sup> Considerada apenas a importação de países de fora da comunidade, exceto para 2002/03.

Tabela 5/I - Trigo - Comparativo das safras do Brasil - Safras 1996/97 - 2005/06

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1996/97	1.825.628	3.292.759	1.804
1997/98	1.544.489	2.489.070	1.612
1998/99	1.423.789	2.269.847	1.594
1999/00	1.254.275	2.461.856	1.963
2000/01	1.535.723	1.725.792	1.124
2001/02	1.729.808	3.364.949	1.945
2002/03	2.151.831	3.105.658	1.443
2003/04	2.562.067	6.153.500	2.402
2004/05 <sup>(1)</sup>	2.802.378	5.745.941	2.050
2005/06 <sup>(2)</sup>	2.363.968	5.175.145	2.189

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados sujeito a alterações.

<sup>(2)</sup> Projeção.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 6/I - Trigo - Área plantada, produção e rendimento, segundo os estados - Safras - 2002/03 - 2004/05

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>	2002/03	2003/04	2004/05 <sup>(1)</sup>
Paraná	1.142.078	1.255.216	1.350.196	1.676.608	3.203.327	2.978.108	1.468	2.552	2.206
Rio Grande do Sul	800.307	1.063.894	1.124.845	1.126.524	2.395.557	2.061.410	1.408	2.252	1.833
Mato Grosso do Sul	93.316	90.488	145.268	75.462	167.684	197.325	809	1.853	1.358
Santa Catarina	51.851	77.541	85.014	91.958	171.969	190.133	1.774	2.218	2.236
São Paulo	35.340	47.700	54.000	60.850	104.700	140.100	1.722	2.195	2.594
Goiás	20.609	16.610	21.772	45.022	65.647	87.781	2.185	3.952	4.032
Minas Gerais	5.482	7.411	16.722	23.544	32.795	72.651	4.295	4.425	4.345
Distrito Federal	658	1.250	2.158	3.050	6.423	10.984	4.635	-	5.090
Mato Grosso	2.190	1.377	1.660	2.640	2.498	3.734	1.205	-	2.249
Bahia	-	580	743	-	2.900	3.715	-	-	5.000
<b>Brasil</b>	<b>2.151.831</b>	<b>2.562.067</b>	<b>2.802.378</b>	<b>3.105.658</b>	<b>6.153.500</b>	<b>5.745.941</b>	<b>1.443</b>	<b>2.402</b>	<b>2.050</b>

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Tabela 7/I - Trigo - Oferta e demanda brasileiras - Safras 2000/01 - 2005/06

(1000 t)

Discriminação	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
Estoque inicial (1/8)	638,9	589,7	626,7	409,2	421,7	1.240,3
Produção	1.658,4	3.194,2	2.913,9	5.851,3	5.845,9	4.772,9
Importação	7.632,4	7.055,4	6.853,2	5.707,6	5.311,0	5.133,3
Suprimento	9.929,7	10.839,3	10.393,8	11.968,1	11.578,6	11.146,5
Consumo	9.338,7	10.210,2	9.980,5	10.174,1	10.333,0	10.265,5
Exportação	1,3	2,4	4,1	1.372,3	5,3	1,5
Estoque final (31/7)	589,7	626,7	409,2	421,7	1.240,3	879,5

Fonte: Conab (Setembro/05).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 8/I - Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil - 1996-2004

(t)

Origem	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Argentina	2.397.990	3.273.015	5.842.979	6.569.426	7.207.869	6.789.395	5.422.944	5.531.083	4.653.261
Paraguai	55.200	238.112	131.222	865	64.079	87.670	81.489	96.184	120.613
EUA	880.775	-	-	95.078	51.685	102.912	677.203	500.014	73.948
Uruguai	82.657	81.913	24.526	34.234	36.015	1.001	14.050	5.230	27
Libano	15	10	14	19	-	-	4	2	2
Síria	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Polônia	-	-	-	-	-	-	89.368	299.624	-
Canadá	878.316	780.640	370.275	191.613	163.075	33.820	59.076	170.318	-
Suécia	-	-	-	-	-	-	12.828	5.472	-
Cazaquistão	-	-	-	-	-	-	76.980	4.000	-
Rússia	-	-	-	-	-	-	9.939	-	-
França	-	-	26.163	-	-	-	-	-	-
Ucrânia	-	-	-	-	-	-	128.347	-	-
<b>Total</b>	<b>4.294.953</b>	<b>4.373.689</b>	<b>6.395.179</b>	<b>6.891.235</b>	<b>7.522.722</b>	<b>7.014.798</b>	<b>6.572.228</b>	<b>6.611.926</b>	<b>4.847.852</b>

Fonte: Secex/Decex.

Tabela 9/I - Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil - 1996-2004

(t)

Origem	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Argentina	152.582	361.075	274.158	177.758	181.639	141.921	81.027	8.947	9.329
Paraguai	140	9.978	7.503	25	-	1.123	5.740	2.211	8.971
Uruguai	20.021	18.695	34.322	13.256	17.635	20.870	7.345	8.893	8.784
Peru	-	-	-	-	-	-	-	1.030	5.800
Itália	-	2	-	3	14	59	30	1.068	660
Bélgica	44	1.843	2.238	270	-	-	1.688	1.440	-
Venezuela	514	16	117	20	3.705	2.390	-	-	-
Outros	58	177	4	38	41	10	9	587	531
<b>Total</b>	<b>173.359</b>	<b>391.786</b>	<b>318.342</b>	<b>191.370</b>	<b>203.034</b>	<b>166.373</b>	<b>95.838</b>	<b>24.176</b>	<b>34.075</b>

Fonte: Secex/Decex.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 10/I - Trigo - Comparativo das safras de Santa Catarina - Safras 1996/97 - 2005/06

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1996/97	72.062	105.056	1.458
1997/98	36.635	34.227	934
1998/99	28.785	42.411	1.473
1999/00	24.861	45.440	1.828
2000/01	30.897	54.318	1.758
2001/02	51.007	79.865	1.566
2002/03	51.851	91.958	1.774
2003/04	77.541	171.969	2.218
2004/05	85.014	190.133	2.236
2005/06 <sup>(1)</sup>	71.500	163.200	2.283

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Projeção.

Tabela 11/I - Trigo - Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina - Safras 2002/03 - 2004/05

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Curitibanos	14.645	19.770	20.830	34.120	46.910	59.214	2.330	2.373	2.843
Xanxerê	16.323	24.785	25.955	26.620	54.524	54.079	1.631	2.200	2.084
Canoinhas	4.030	6.520	9.625	6.765	17.121	25.815	1.679	2.626	2.682
Chapecó	8.130	12.965	14.565	9.553	23.969	24.834	1.175	1.849	1.705
São Miguel do Oeste	3.350	5.805	5.845	5.452	12.447	10.084	1.627	2.144	1.725
Joaçaba	3.256	3.970	3.655	5.705	9.368	7.566	1.752	2.360	2.070
Campos de Lages	936	1.400	1.916	2.415	4.515	5.689	2.580	3.225	2.969
Concórdia	996	2.087	2.140	1.064	2.760	2.098	1.068	1.322	980
Sao Bento do Sul	170	170	170	252	217	313	1.482	1.276	1.841
Ituporanga	-	14	170	-	28	228	-	-	1.341
Rio do Sul	15	55	143	12	110	213	800	2.000	1.490
<b>Estado</b>	<b>51.851</b>	<b>77.541</b>	<b>85.014</b>	<b>91.958</b>	<b>171.969</b>	<b>190.133</b>	<b>1.774</b>	<b>2.218</b>	<b>2.236</b>

Fonte: IBGE.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 12// - Trigo - Preços mínimos de garantia - 2001-2005

(R\$/t)

Classificação	Tipo 1 (PH 78)			Tipo 2 (PH 75)			Tipo 3 (PH 70)		
	2001	2002	2003-05	2001	2002	2003-05	2001	2002	2003-05
Pão/Melhorador/Durum	225,00	285,00	400,00	213,43	270,42	379,54	195,79	248,07	348,17
Brando	195,79	248,07	348,17	186,07	235,75	330,88	166,61	211,09	296,27
Outros usos	125,22			116,35			107,49		

Fonte: Conab

Tabela 13// - Trigo - Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina - 2001-05

(R\$/sc)<sup>(1)</sup>

Mês	2001	2002	2003	2004	2005
Janeiro	12,4	16,1	29,8	...	...
Fevereiro	12,4	16,2	30,0	22,7	20,1
Março	12,6	16,5	30,6	22,8	20,9
Abril	14,3	16,8	30,0	24,8	23,1
Mai	15,5	17,7	28,6	28,9	22,7
Junho	16,4	19,6	26,8	29,8	21,9
Julho	16,8	21,1	25,9	27,9	20,4
Agosto	16,8	23,8	24,8	26,2	19,8
Setembro	...	26,5	24,8	24,85	
Outubro	16,7	35,7	22,9	23,61	
Novembro	16,2	32,0	23,0	22,21	
Dezembro	16,0	29,6	23,2	20,91	
<b>Média</b>	<b>15,1</b>	<b>22,6</b>	<b>26,7</b>	<b>25,0</b>	<b>21,3</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Saca de 60kg de trigo pão/melhorador de PH 78.



## Uva e vinho

A cultura da videira ocupa, logo após a da banana, a segunda maior área entre as frutíferas cultivadas no mundo, com cerca de oito milhões de hectares distribuídos em quase todos os países. O uso da uva na dieta humana é diverso, desde os primórdios da civilização: para consumo *in natura*, como uva-passa ou transformada em vinhos, sucos, vinagres e outras bebidas vínicas.

A Espanha, a Itália e a França são os países que mais a cultivam. O destino principal de sua produção é preparar vinhos finos, com o cultivo de mais de cinco milhões de hectares. Nessa área, colhem-se de 17 bilhões a 20 bilhões de litros por safra. A principal espécie do gênero *Vitis* é a *Vitis vinifera*, conhecida vulgarmente como uva européia, com milhares de variedades entre brancas e tintas, para vinho, passas, mesa ou sucos. Em seguida vêm as uvas americanas e híbridas, especialmente para consumo *in natura* e sucos. Dessas, no Brasil também se fazem vinhos, espumantes e outras bebidas vínicas.

Além dos países citados, destacam-se na produção de uvas países que, por limitações culturais ou religiosas, não são famosos como produtores de vinhos, mas que na área plantada, na tradição e no volume produzido são grandes produtores e potenciais concorrentes com o Brasil, tanto na produção e exportação de uva, quanto na entrada do mercado brasileiro com vinhos a preços que podem vir a competir com o Brasil, especialmente



China, África do Sul, Irã, Índia, Grécia e Egito, todos eles com mais de um milhão de toneladas por safra, independente de seu uso (vinho, suco, mesa ou passas).

O Brasil tem uma participação crescente na produção mundial como um importante exportador, especialmente na oferta de uvas de mesa e de sucos. Atualmente, ele responde por 1% da área plantada e por 2% da produção, mas já está entre os dez maiores exportadores da fruta *in natura*. No primeiro grupo de exportadores de uvas estão o Chile, a Itália e os Estados Unidos, os quais exportam US\$ 500 milhões anuais em média. No segundo grupo, há um conjunto de oito países, com exportação média anual de US\$ 100 milhões, onde aparecem os potenciais concorrentes brasileiros: México, África do Sul, Austrália e, por último, a Argentina.

É importante destacar o crescimento do Brasil neste segmento, haja vista que a viticultura sempre foi deficitária no comércio exterior, em virtude da importação de uvas-passas e vinhos, especialmente na crescente importação de vinhos vindos do Cone Sul. O consumo de vinhos importados já representa mais de dois terços do consumo de vinhos finos do Brasil. Estima-se que a importação chegue a 40 milhões de litros anuais, com mais de US\$ 80 milhões de desembolso na balança comercial por conta da aquisição de vinhos e espumantes.

Desde a década de 90, a produção brasileira de uva cresce a taxas anuais que se aproximam de 10%. Isto tem resultado de uma ampliação significativa nas exportações de uvas *in natura* e de sucos, como também da ampliação e do alargamento das fronteiras da viticultura brasileira, nomeadamente pela inclusão de áreas que permitem à produção uma menor sazonalidade de preços e podem ser obtidas duas safras por ano, caso do Nordeste e do Centro-Oeste. Ela cresce impulsionada também pelo cultivo de uvas para vinhos finos, com variedades européias em várias regiões do Brasil e também das uvas finas apirênicas (sem sementes), visando ao mercado internacional, especialmente no Nordeste brasileiro.

Apesar de a produção de uvas estar concentrada no estado Rio Grande do Sul, onde se encontra metade da produção, ela se distribui por todo o



território. Ontem, fatores étnicos e culturais fizeram com que a produção brasileira se concentrasse em determinadas regiões, como, por exemplo, a Serra Gaúcha. Hoje, porém, a expansão da cultura é determinada pelas condições de clima e solo e, especialmente, pelo arranjo institucional entre o setor público e o privado na busca de alternativas para regiões com potencial.

Neste sentido, é importante destacar que a ampliação de área no Nordeste do Brasil, especialmente no Vale do São Francisco, na região da Campanha, e na serra do sudoeste no Rio Grande do Sul, além de condições naturais, teve o papel do setor público como indutor desse processo, tendo em vista a capacidade de geração de emprego e divisas, aliada à apropriação de renda no local onde é produzida e processada.

Das novas áreas dessa expansão, o pólo Petrolina/Juazeiro é o de maior importância, tanto pela oferta de uvas finas de mesa, produzidas com irrigação visando ao mercado internacional, quanto pela produção de matéria-prima para vinhos finos. Este pólo é identificado pela presença de vinícolas do Sul do Brasil e de capitais internacionais na produção de uvas para consumo *in natura*, para vinhos, espumantes e também para sucos.

A próxima é a da Serra Catarinense, novo pólo vitivinícola que nasce, especialmente na cidade de São Joaquim, uma das cidades mais frias do Brasil, com mais de 140 hectares de uvas para vinhos finos. Apesar de os primeiros vinhedos terem sido plantados em 2000, a região já dispõe de uma cantina com o que há de mais moderno na indústria vinícola. As plantações foram feitas com o rigor técnico essencial a uvas de excelente qualidade.

A viticultura tem-se alargado também no oeste, onde iniciativas inovadoras permitem vislumbrar novos tempos, pelas sucessivas perdas de renda com a produção de grãos. As microrregiões de Concórdia, Chapecó e São Miguel do Oeste já têm implantados e estão em implantação centenas de hectares de uvas pela agricultura familiar, na esperança de sobrevivência em anos de estiagem e prejuízos que se sucedem.



A produção brasileira de uvas de 2004, segundo estimativa Fundação IBGE, é de uma colheita de 1,3 milhão de toneladas. De acordo com informações da Fundação IBGE e dados estimados pela Epagri/Cepa, no período 2003 a 2005 o estado do Rio Grande do Sul tem participação superior a 50% da produção nacional e o estado de São Paulo, de 18% (Figura 1).

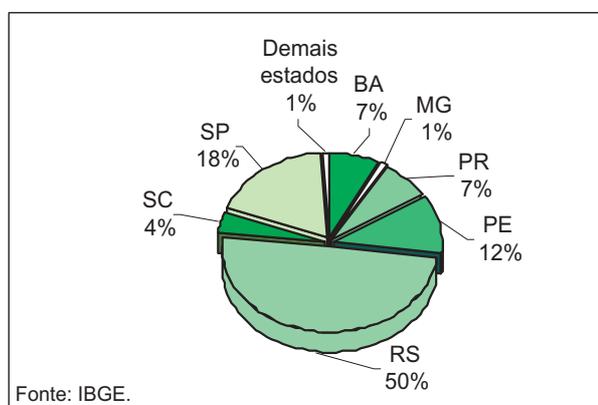


Figura 1/I - Uva - Participação relativa dos estados na produção - 2003-05

São Paulo, diferentemente do Rio Grande do Sul, tem como objetivo principal a produção de uvas de mesa, enquanto que no estado gaúcho a maioria da produção se destina à transformação em vinhos, mosto e sucos.

Depois desses estados, seguem-se os estados de Pernambuco, Paraná e Bahia, com 12%, 7% e 7%, respectivamente. O estado de Santa Catarina responde por 4% da produção nacional de uva; mesmo assim, ainda é o segundo produtor nacional de vinhos e mosto, patamar em que permanece estagnado.

Enquanto a produção nacional de uva de mesa está praticamente estagnada, há um expressivo aumento na produção de uvas para vinhos finos e uvas finas de mesa, especialmente as apirênicas. Enquanto regiões tradicionais na produção de uvas de mesa e sucos apresentam dificuldades de reconversão para a implantação de novos vinhedos e com novas variedades,



há uma expansão silenciosa em estados como Minas Gerais e Paraná, além da entrada de novos estados produtores como Ceará, Mato Grosso e Goiás.

Da mesma maneira que a produção brasileira de uvas se concentra no Rio Grande do Sul, a de Santa Catarina se concentra na região do Alto Vale do Rio do Peixe, com quase 60% da produção estadual. Nela se encontra também a maioria das cantinas do estado, nomeadamente as maiores, cuja produção se destina à elaboração de vinhos de mesa e espumantes, em particular de uvas Niágara. A maior parte dos vinhos feitos com uvas européias ainda depende da aquisição de uvas do vizinho estado do Rio Grande do Sul.

Também são pólos tradicionais de produção no estado as microrregiões de Criciúma e Tubarão; entre elas, destacam-se as dos municípios de Urussanga e Pedras Grandes, de colonização predominantemente italiana. A presença italiana também se faz perceber nas cidades de Rodeio e Nova Trento, que também têm uma forte ligação com a viticultura.

Segundo dados do Levantamento Agropecuário Catarinense, realizado pela Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, através de seus órgãos, havia no estado catarinense, no período 2002-03, um total de 3.159 hectares de vinhedos plantados, dos quais 2/3 estavam na microrregião de Joaçaba. Segundo esse levantamento, cabe destacar o aumento de área representado pela diferença absoluta ou relativa entra a área plantada e aquela destinada à colheita. Isto foi marcante nas microrregiões dos Campos de Lages (500%), Chapecó (50%), São Miguel do Oeste e Tijucas (40%), assim como foi marcante o incremento de 300 hectares na microrregião de Joaçaba. A diferença entre a área plantada e a área colhida, que no total do estado representava um incremento de 20% na área colhida, se estima ser ocupada com vinhedos novos (com menos de três anos de idade).

Um fato determinante para isso é o trabalho de difusão que vem sendo realizado pela Epagri, com a orientação e multiplicação de material vegetativo de alta qualidade, adequado às características e clima dessas regiões. Quanto a isso, a empresa tem dado apoio a alguns grupos empresariais, cujos plantios comerciais, iniciados em 2000 e 2001, já permitiram degustações que se fazem comentar no cenário nacional do vinho.



Quanto ao mercado de uvas, há que se distinguir os diversos segmentos da fruta, nomeadamente os das uvas Itália e Niágara e aquele de uvas destinadas ao processamento ou à vinificação.

Segundo dados da Companhia de Entrepósitos de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), já se percebe uma pequena diminuição na comercialização das duas uvas mais tradicionais naquele mercado nos últimos anos, apesar do crescimento da oferta total de uvas de mesa. A queda na expectativa de produção nos anos 2003 a 2005, independentemente do local onde problemas climáticos tenham afetado o seu rendimento, elevaram os preços nominais do produto. É crescente a oferta de produtos que não se prestam ao mercado internacional e passam a ficar disponíveis no mercado interno, aviltando o preço das variedades tradicionais ou inibindo novos investimentos em pólos tradicionais, conforme comentado anteriormente.

Contudo, o mercado mais sensível hoje é aquele da produção vínica. Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em torno de 90% da produção nacional de vinhos é de mesa e os demais 10% são compostos por espumantes e vinhos finos. O mercado mundial de vinhos finos está a conviver com uma queda no consumo e uma expansão no plantio e na oferta de novos vinhos.

Enquanto já há uma década se discutem os efeitos benéficos à saúde do consumo regular do vinho, registra-se uma queda no consumo *per capita* mundial desse produto, numa velocidade impensada até pouco tempo.

Segundo estudos relacionados com o consumo de vinho e as perspectivas futuras, há uma certeza: está em curso uma queda do consumo da bebida. Estima-se um consumo mundial de vinho atualmente em torno de 3,5 litros *per capita*, contra os 3,9 já obtidos em 1995 e com uma previsão de 3,3 litros para o ano de 2010.

É importante destacar que a redução do consumo se dá nos países de maior consumo e cuja população jovem está a preferir ao vinho as bebidas alcoólicas destiladas. Dados da Organização Internacional do Vinho (OIV)



indicam uma queda em todos os países europeus que têm o vinho arraigado em sua cultura.

Dos países fora da Europa, somente a Argentina, e agora a Austrália, tem um consumo superior a 20 litros *per cápita*/ano. O efeito sobre a saúde, sobre o qual tanto se discute no consumo moderado e regular de vinho, ainda não se conseguiu fazer com que os Estados Unidos da América atingissem o consumo de 1/4 do consumo argentino, enquanto que no Brasil, segundo a Embrapa, esse consumo ainda não ultrapassa dois litros.

Diante desse quadro, há que se inferir algumas tendências no curto e no médio prazo, com todos os riscos de quando se trabalha com o futuro. Inicialmente, é importante lembrar que somente 20% do consumo nacional de vinhos é oriundo de uvas viníferas ou européias. Esta é uma das razões pelas quais qualquer entrada de vinho estrangeiro (cuja uva utilizada é a *Vitis vinífera*) no mercado interno representa um aumento significativo na concorrência com a produção nacional.

Se há excedente e alguns países parecem despontar no consumo de vinho, como Brasil, Estados Unidos, China, Japão e Índia, ou porque sua produção interna é insuficiente ou porque não há barreiras culturais que impeçam o aumento do consumo, o Brasil é certamente um sério candidato a receber esses excedentes tanto da Europa, mas, e principalmente, da Argentina e do Chile.

O Brasil importa hoje (importação legal) em torno de 40 milhões de litros por ano; por aproximadamente 2/3 desse suprimento respondem a Argentina e o Chile. Isto se deu pela busca de novos mercados e, especialmente, pela queda no consumo de mais de dez litros *per cápita*/ano na Argentina e pela saturação dos mercados americano e europeu para o Chile.

Outro fator importante a analisar é o preço dos vinhos que hoje chegam ao Brasil. A França, a Espanha e Portugal, tradicionais e importantes fornecedores de vinhos finos ao mercado brasileiro, têm sua exportação FOB média realizada a US\$ 3,0 por litro, enquanto que os produtos da América



do Sul, especialmente da Argentina e do Chile, pela capacidade de suprimento, têm hoje, respectivamente, uma cotação média em torno de US\$ 1,7 e US\$ 2,0 por litro.

Nas importações, torna-se mister indicar ainda que há uma grande diferença na internalização do produto no Brasil, o que novamente favorece o mercado argentino. Motivo: transporte mais fácil entre fronteiras para produtos de consumo regular, além das tarifas preferenciais dos acordos firmados no âmbito do Mercosul.

Caso se mantenha a ampliação da entrada de vinhos argentinos correntes, ficará impraticável, em virtude dos custos atuais de implantação e de processamento no Brasil, renovar os vinhedos. Com um crescente acúmulo, safra a safra, de vinhos produzidos com uvas americanas, especialmente com as uvas brancas, resta vender esse vinho a granel como matéria-prima de produtos vînicos em embalagens impróprias para o consumo humano de bebidas que contêm álcool.

Em seguida, há que se estabelecer um paralelo entre as condições naturais de produção de vinhos finos no Brasil e as do resto do mundo, especialmente de nossos vizinhos do Mercosul. A cobrança de impostos e as barreiras de acesso aos insumos básicos para produtores de vinhos finos de qualidade são desafios na concorrência à qual esses vinhos estão expostos. Poucos dos que tomam vinho sabem que uma barrica de carvalho francês, que tem capacidade de vinificar 675 litros de vinho em toda sua vida útil e em três safras e se torna imprestável, custa aproximadamente US\$ 960, os quais, a partir do preço FOB, têm um aumento de 50% entre taxas e impostos, especialmente de ICMS, cuja alíquota varia de estado a estado.

Diante disso, é importante destacar que a viticultura brasileira só se consolidará se ela encontrar no Brasil, em seus níveis de governo, condições essenciais de concorrência, especialmente com a Argentina. Apesar dos 24 anos do Mercosul, ainda não há convergência nas políticas macroeconômicas, o que implica distorções concorrenciais.



Uma ação de vanguarda se dará somente se houver esforços, competência e apoio para que se passe a produzir vinhos típicos, varietais ou não, e com preços diferenciados, aproveitando a imensidão do País e a infinidade de "terroir" que a nossa diversidade permite. Isso só se dará se o setor for capaz de convencer a sociedade de quão rica é esta cultura.

O Chile é um exemplo a ser seguido por ter optado por uma agricultura especializada em frutas de clima temperado, especialmente de caroço, por uvas finas e vinhos finos e por ter sido muito agressivo no mercado mundial, direcionando sua produção aos mercados mais exigentes. Lembre-se que, hoje, o mesmo navio que leva frutas chilenas aos mercados europeus e ao americano traz excedentes de frutas, como, por exemplo, a maçã.

As iniciativas em curso resultarão em sucesso se o setor encontrar dimensão e apoios capazes de tornar duradoura esta nova vitivinicultura, que, antes, já transformou regiões inóspitas em celeiros de prosperidade e equidade, como o são o Vale do Rio do Peixe em Santa Catarina, mais especialmente a Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul.

*Francisco Assis de Brito*



## Flores e plantas ornamentais

### Situação nacional

Tabela 1/I. Flores e plantas ornamentais - Número de municípios e de propriedades cadastradas, por estado - 2001-02

Estado	Nº município	%	Nº propriedade	%
Alagoas	16	4,08	33	2,05
Amazonas	1	0,26	8	0,50
Bahia	14	3,57	19	1,18
Ceará	13	3,32	24	1,49
Espírito Santo	6	1,53	13	0,81
Goiás	4	1,02	5	0,31
Minas Gerais	34	8,67	86	5,33
Pará	6	1,53	11	0,68
Paraíba	1	0,26	1	0,06
Pernambuco	10	2,55	25	1,55
Paraná	47	11,99	121	7,51
Rio de Janeiro	9	2,30	25	1,55
Rio Grande do Sul	16	4,08	52	3,23
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	112	28,57	370	22,95
São Paulo	103	26,28	819	50,81
<b>Total</b>	<b>392</b>	<b>100,00</b>	<b>1612</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

<sup>(1)</sup> Dados atualizados pela Epagri.

A pesquisa efetuada através do Programa Setorial Integrado de Exportação de Flores e Plantas Ornamentais (Flora Brasiliis), concretizada pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Flores e Plantas Ornamentais (Ibraflor) e a Agência de Promoção de Exportações (Apex), nos anos 2001 e 2002, abrangendo 15 estados e 392 municípios produtores de flores e plantas ornamentais, apresentou novidades. As informações serão analisadas na tabela 1.

O estado de São Paulo concentra a grande produção nacional, com 67,5% da área cultivada e 50,8% do número de propriedades produtoras. Seguem-se os estados de Santa Catarina (16,9% da área e 23% dos produtores), Minas Gerais (2,6% da área e 5,3% das propriedades) e Paraná (2,5% e 7,5%).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/1. Flores e plantas ornamentais - Área cultivada (ha), por técnica de produção, por estado - 2001-02

Estado	Campo	Estufa	Telado	Total Geral
Alagoas	64,3	0,7	1,4	66,3
Amazonas	10,1	2,0	-	12,1
Bahia	37,2	0,6	3,9	41,8
Ceará	34,2	10,2	2,5	46,9
Espírito Santo	2,1	7,6	0,3	10,0
Goiás	29,4	0,8	1,4	31,6
Minas Gerais	37,1	97,5	7,1	141,7
Pará	44,5	-	-	44,5
Paraíba	3,0	-	-	3,0
Pernambuco	44,6	6,5	2,2	53,2
Paraná	105,5	31,6	1,0	138,0
Rio de Janeiro	15,5	29,4	91,1	136,0
Rio Grande do Sul	83,3	42,2	0,2	125,6
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	902,0	10,9	4,8	917,7
São Paulo	2.529,3	1.092,9	52,9	3.675,1
<b>Total</b>	<b>3.942,1</b>	<b>1.332,9</b>	<b>168,8</b>	<b>5.443,8</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

<sup>(1)</sup> Dados atualizados pela Epagri.

A área total cultivada com flores e plantas ornamentais (Tabela 2) nos 15 estados pesquisados é de 5.443,8 hectares, dos quais 72,4% a campo, 24,5% em estufa e 3,1% em telado. As áreas de cultivo, quando analisadas por tipo, indicam que Minas Gerais detém, proporcionalmente, a maior área de cultivo em estufa (97,5 ha), representando 68,8% da sua área total. Isto se deve à produção de rosas e de outras flores de corte, exigentes em cultivo protegido, de forma a garantir a qualidade dos produtos. Na segunda posição está o Rio Grande do Sul (42,2 ha), com 33,6% da área, seguido por São Paulo (1.092,9 ha), com 29,7%.

O estado do Rio de Janeiro é o que aparece com maior proporção de cultivo sob telado (91,1 ha, que representam 67% da área cultivada), o que expressa bem a especialização da produção carioca no cultivo de mudas de plantas ornamentais, que ocorre normalmente nessa condição.

O cultivo em campo aberto é maior em Santa Catarina (98,7%) e Goiás (93%), com a produção de mudas de plantas ornamentais, entre elas forrações e gramas, além dos estados do Nordeste (Alagoas, 97%, Bahia, 89% e Pernambuco, 84%), determinado pelo cultivo de plantas tropicais de corte, sejam flores ou folhagens.

Outra análise significativa diz respeito à área média nacional cultivada com flores e plantas ornamentais por propriedade, que representa 3,4 hectares (Tabela 3).

A área total cultivada com flores e plantas ornamentais, quando enfocada sob a ótica das seis categorias adotadas neste relatório, indica que o item mudas e plantas ornamentais representa 53,4% (2.905,1 ha) da área total, seguido pelos de produção de flores de corte (27,1%), flores em vaso (12,4%),



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

folhagem em vaso (2,9%), folhagem de corte (2,5 %) e outros produtos (1,7%) (Tabela 4 e Figura 1).

*Tabela 3/I. Flores e plantas ornamentais - Área média e número de propriedades, por estado - 2001-02*

Estado	Número de propriedades	Área cultivada (ha)	Área média cultivada por propriedade (ha)
Alagoas	33	66,3	2,0
Amazonas	8	12,1	1,5
Bahia	19	41,8	2,2
Ceará	24	46,9	2,0
Espírito Santo	13	10,0	0,8
Goiás	5	31,6	6,3
Minas Gerais	86	141,7	1,7
Pará	11	44,5	4,1
Paraíba	1	3,0	3,0
Pernambuco	25	53,2	2,1
Paraná	121	138,0	1,1
Rio de Janeiro	25	136,0	5,4
Rio Grande do Sul	52	125,6	2,4
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	370	917,7	2,5
São Paulo	819	3.675,1	4,5
<b>Total</b>	<b>1.612</b>	<b>5.443,8</b>	<b>3,4</b>

Fonte: Ibraflor – Pesquisa de Campo, 2001-02.

<sup>(1)</sup> Dados atualizados pela Epagri.

*Tabela 4/I. Flores e plantas ornamentais - Área cultivada (ha), por categoria de produção e técnica de plantio - Brasil - 2001-02*

Categoria	Campo	Estufa	Telado	Total
<b>Flores de corte</b>	<b>816,7</b>	<b>640,7</b>	<b>18,6</b>	<b>1.476,0</b>
Convencionais	522,7	602,7	3,1	1.128,4
Tropicais	246,6	8,8	14,0	269,5
Outras flores de corte	47,4	29,2	1,5	78,1
<b>Folhagem de corte</b>	<b>86,9</b>	<b>43,0</b>	<b>5,0</b>	<b>134,9</b>
<b>Flores em vaso</b>	<b>303,2</b>	<b>358,5</b>	<b>11,2</b>	<b>673,0</b>
Folhagens em vaso	95,6	57,1	7,5	160,2
<b>Mudas de plantas ornamentais</b>	<b>2.558,6</b>	<b>220,8</b>	<b>125,7</b>	<b>2.905,1</b>
Árvores	141,6	3,1	7,8	152,5
Palmeiras	348,4	18,0	52,3	418,7
Arbustos/trepadeiras	804,6	70,9	25,9	901,4
Forrações/Gramas	282,3	114,9	34,4	431,5
Outras mudas de plantas ornamentais	646,5	24,9	3,8	675,2
<b>Outras</b>	<b>81,1</b>	<b>12,8</b>	<b>0,8</b>	<b>94,7</b>
<b>Total geral</b>	<b>3.942,1</b>	<b>1.332,9</b>	<b>168,8</b>	<b>5.443,8</b>

Fonte: Ibraflor e Epagri - Pesquisa de Campo, 2001-02.



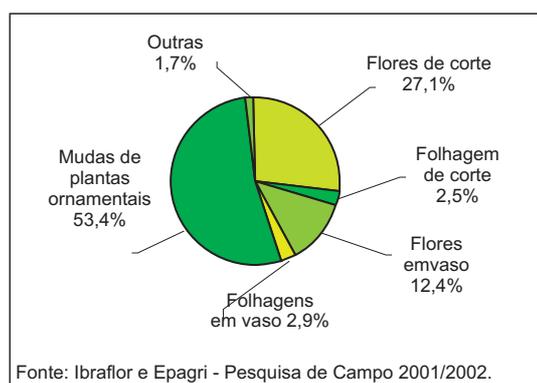


Figura 1/I. Percentual de área cultivada (ha), por categoria de produção e técnica de plantio - Brasil - 2000-02

Dos 1.476 hectares cultivados com flores de corte, em âmbito nacional, o cultivo de rosas ocupa a maior área (426 ha), seguida pelas do crisântemo (234,5 ha), das helicônias (101,8 ha), das gérberas, da gipsofila, das estrelíztias, do tango, do gladiolo e das alpinias, entre outras flores de corte, totalizando 70 espécies diferentes.

Tabela 5/I. Flores de corte - Área cultivada, por espécie (ha) - Brasil - 2001-02

Cultura	Área (ha)	Cultura	Área (ha)
Rosa	426,0	Lisianto	21,2
Crisântemo	234,5	Girassol	19,8
Flores de corte	110,7	Musa	16,9
Helicônia	101,8	Antúrio	14,8
Gérbera	86,3	Boca-de-leão	11,6
Gipsofila	77,3	Copo -de- leite	10,9
Estrelíztia	65,4	Angélica	8,0
Tango	60,5	Hipéricum	8,0
Gladiolo	55,1	Ananás	6,6
Alpinia	51,7	Zingiber	6,0
Lírio	42,5	Dália	5,5
Áster	35,1	Íris	5,0
<b>Total geral</b>			<b>1.476,0</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de campo, 2001-02.

Na tabela 5 somente estão apresentadas as espécies cuja área de produção tenha sido igual ou maior que cinco hectares.

Para as folhagens de corte, a área cultivada é relativamente pequena (108,7 ha). O cultivo de folhagens para corte não é recente, porém não havia muita oferta. No estado de São Paulo, foram observados 90 produtos diferentes, disponíveis nos principais mercados, procedentes de 36 produtores (Tabela 6).

A produção está sendo bastante incrementada nos estados do Nordeste, em razão do uso combinado de flores tropicais e folhagens cortadas na composição de arranjos florais típicos.



Tabela 6/I. Folhagem de corte - Área cultivada (ha), por espécie - Brasil - 2001-02

Cultura	Total Geral (ha)
Folhagem de corte	109,9
Eucalipto	9,9
Aspargos	3,5
Fórmio	2,7
Murta	1,9
Folhas de cica	1,5
Papiro	1,0
Avenca	0,8
Hera	0,6
Cheflera	0,5
<b>Total geral</b>	<b>134,9</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

Na categoria flores em vaso aparecem 58 espécies, o que mostra uma grande diversidade de produtos. Destas, apenas as 12 primeiras ocupam área de 393,6 hectares (Tabela 7).

Tabela 7/I. Flores em vaso - Área cultivada (ha), por espécie - Brasil - 2001-02

Cultura	Área (ha)	Cultura	Área (ha)
Flores em vaso	195,3	Violeta	21,3
Crisântemo	101,1	Bromélia	19,9
Orquídea	55,5	Begônia	19,3
Azaléia	40,0	Kalanchoe	19,1
Mini-rosa	37,8	Minicrisântemo	14,0
Ciclâmen	27,9	Gerânio	11,0
Primula	26,7	Cravínea	8,6
<b>Total Geral</b>			<b>597,5</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de campo, 2001-02.

Das espécies identificadas, o crisântemo em vaso é o de maior área (15,1%), seguido das orquídeas (*Phalaenopsis* e *Cymbidium*) (8,3%) e da azaléia (6,0%).

A violeta, que representa já há alguns anos uma das plantas em vaso produzidas em maior quantidade em regiões como Holambra e Atibaia, não corresponde à maior área de produção.



Dentre as folhagens em vaso, sobressaem as samambaias, cicas, filodendros, comigo-ninguém-pode, marantas, fícus e cactos com as áreas mais significativas; na soma com folhagem, representam 84% da área plantada (Tabela 8).

*Tabela 8/I. Folhagem em vaso – Área cultivada (ha), por espécie - Brasil - 2001-02*

Cultura	Área (ha)	Cultura	Área (ha)
Samambaia	33,9	Maranta	12,0
Cica	23,1	Ficus	10,1
Filodendro	18,2	Cacto	10,0
Folhagem	14,4	Jibóia	7,2
Diefenbáquia	13,4	Avenca	6,0
<b>Total geral</b>			<b>148,3</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

As mudas e plantas ornamentais foram divididas em grupos mais específicos: árvores, palmeiras, arbustos e trepadeiras, forrações e gramas. Ao todo constituem 157 produtos, sendo 17 espécies arbóreas, 24 palmeiras, 81 tipos de arbustos e trepadeiras, 34 forrações e gramas. A área de produção de espécies arbóreas, em relação ao total para mudas de plantas ornamentais, é relativamente baixa (152,5 ha), representando 5,9%. Entre as espécies cultivadas, destacam-se as coníferas, fícus, ciprestes e árvores em geral (Tabela 9).

*Tabela 9/I. Mudas de plantas ornamentais árvores - Área cultivada (ha), por espécie - Brasil - 2001-02*

Espécie	Área (ha)	Espécie	Área (ha)
Coníferas	39,5	Ipê	3,5
Ficus	37,7	Araucária	2,1
Árvores	28,3	Pitanga anã	1,8
Cipreste	20,5	Ligustro	1,7
Cássia	8,1	Árvores nativas	1,3
Ciclâmen	27,9	Gerânio	11,0
Cedro	7,0	Magnólia	1,0
<b>Total geral</b>			<b>152,5</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de campo, 2001-02.



Para as palmeiras, a área de produção é mais que o dobro (418,7 ha), perfazendo 16,2% (Tabela 10), com 24 espécies. O cultivo de palmeiras *Phoenix* é o mais expressivo, seguido por *Rhapis excelsa*. Alguns estados se destacam nessa produção, principalmente o Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, por se fazer, em grande parte, em condição de campo.

Tabela 10/I. Mudanças de plantas ornamentais, palmeiras - Área cultivada (ha), por espécie - Brasil - 2001-02

Espécie de palmeira	Área (ha)
Palmeiras	312,9
Phoenix	41,4
Areca	15,4
Rhapis excelsa	38,1
Moinho-de-vento	2,9
Jerivá	3,5
Bulíá	1,8
<b>Total geral</b>	<b>418,7</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

Na tabela 11 estão listadas as espécies mais significativas de arbustos e trepadeiras. Nesse grupo foram consideradas todas as bromélias de jardim.

Tabela 11/I. Mudanças de plantas ornamentais, arbustos e trepadeiras - Área cultivada, por espécie (ha) - Brasil - 2001-02

Espécie	Área (ha)	Espécie	Área (ha)
Arbustos diversos	550,6	Trepadeiras	9,6
Tuia	82,6	Cipreste	9,6
Cica	35,1	Dracena	8,7
Rosa	30,1	Fórmio	8,2
Buxinho	23,8	Hibisco	7,7
Ixora	22,8	Hortênsia	7,5
Junípero	19,0	Pingo-de-ouro	6,8
Camélia	17,7	Verbena arbustiva	6,3
Azaléia	16,0	Ligustro	5,6
Eugênia	15,1	Cróton	5,3
Bromélia	12,9		
<b>Total geral</b>			<b>901,0</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de campo, 2001-02.



Na tabela 12 são relacionadas as espécies e áreas cultivadas de forrações.

*Tabela 12/I. Mudanças de plantas ornamentais, forração e gramas - Área cultivada, por espécie (ha) - Brasil - 2001-02*

Espécies de forrações e gramas	Área (ha)	Espécies de forrações e gramas	Área (ha)
Forração	172,4	Cravina	3,8
Grama	160,0	Sálvia	1,9
Moréia	33,3	Vinca	1,7
Folhagem	27,3	Aspargos	1,7
Tagetes	19,5	Boca-de-leão	1,4
Hemerocale	4,0	Begônia	0,9
<b>Total geral</b>			<b>427,9</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

A última categoria, outros produtos, é composta por 22 produtos que, em seu conjunto, têm área de 94,7 ha (Tabela 13), que representam 1,8% da área total de produção. Compõem essa categoria plantas comercializadas como e/ou com as ornamentais, podendo ter uma produção bastante diferenciada.

*Tabela 13/I. Outros produtos - Área cultivada (ha), por espécie - Brasil - 2001-02*

Espécies - outros produtos	Área (ha)	Espécies - outros produtos	Área (ha)
Vime	23,9	Bonsai	4,1
Frutífera	22,1	Alecrim	4,0
Trigo	12,1	Aromáticas	3,6
Medicinais	9,0	Pimenta ornamental	2,3
Citros	4,8	Outras Espécies	8,7
<b>Total geral</b>			<b>76,7</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

A infra-estrutura de apoio à atividade da floricultura, compreendendo câmaras frias, galpões de serviço e outras instalações, em termos de quantidade e capacidade total e média, por estado, é apresentada na tabela 14.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 14/I. Atividade floricultura - Quantidade e capacidade das benfeitorias e instalações, por estado - 2001-02

Estado	Câmara fria			Galpão de serviço			Outras instalações		
	Quanti- dade	Capacidade (m³)		Quanti- dade	Capacidade (m³)		Quanti- dade	Capacidade (m³)	
		Total	Área Média		Total	Área Média		Total	Área Média
Alagoas	1	60	60,0	31	2.106	67,9	-	-	-
Amazonas	-	-	-	11	1.945	176,8	-	-	-
Bahia	5	117	23,4	17	1.760	103,5	-	-	-
Ceará	4	293	73,3	19	2.865	150,8	4	150	37,5
Espírito Santo	6	171	28,5	13	1.940	149,2	-	-	-
Goiás	-	-	-	7	870	124,3	4	6.950	1737,5
Minas Gerais	39	2.753	70,6	106	33.861	319,4	-	-	-
Pará	1	75	75,0	11	2.255	205,0	-	-	-
Pernambuco	3	43	14,3	25	995	39,8	2	110	55,0
Paraná	46	2.197	47,8	82	12.366	150,8	-	-	-
Rio de Janeiro	2	60	30,0	52	24.234	466,0	3	430	143,3
Rio Grande Sul	37	2.112	57,1	91	11.335	124,6	-	-	-
Santa Catarina	4	380	95,0	133	22.001	165,4	111	24.243	218,4
São Paulo	293	34.393	117,4	858	264.106	307,8	23	12.685	551,5
<b>Total</b>	<b>441</b>	<b>42.654</b>	<b>96,7</b>	<b>1.456</b>	<b>382.639</b>	<b>262,8</b>	<b>147</b>	<b>44.568</b>	<b>303,2</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

Em relação aos empregos, a amostra das propriedades diagnosticada neste relatório é responsável pela geração de 20,16 mil pontos de trabalho diretos, podendo-se dizer que o setor gera, em média nacional, 3,7 empregos/ha. Considerando-se a área média das propriedades de 3,4 ha, têm-se cerca de 12,5 empregos/propriedade.

Os estados do Ceará e Minas Gerais empregam maior número de funcionários/ha, respectivamente 11,6 e 8,3, principalmente no cultivo de flores de corte.

Outra característica do setor está relacionada à origem da mão-de-obra utilizada: do total de empregos gerados, 94,4% são de mão-de-obra permanente e somente 5,6% de temporária. Dentro dos empregos permanentes, cerca de 18,2%, em média, são familiares; os restantes 81,8% são contratados no mercado de trabalho (Tabela 16).

A análise do grau de capacidade associativa, medida a partir do percentual de produtores ligados a associações/cooperativas, indicou que 57,7% dos produtores, na média nacional, têm algum tipo de vínculo. Este número,



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 15/I. Flores e plantas ornamentais - Quantidade média de empregos gerados, por propriedade e por área cultivada em cada estado brasileiro - 2001-02

Estado	Propriedade	Área Cultivada	Empregos	Empregos/	Empregos
	(nº)	(ha)	Gerados	propriedade	(ha)
Alagoas	33	66,3	230	7,0	3,5
Amazonas	8	12,1	49	6,1	4,1
Bahia	19	41,8	150	7,9	3,6
Ceará	24	46,9	545	22,7	11,6
Espírito Santo	13	10,0	81	6,2	8,1
Goiás	5	31,6	91	18,2	2,9
Minas Gerais	86	141,7	1.181	13,7	8,3
Pará	11	44,5	159	14,5	3,6
Paraíba	1	3,0	4	4,0	1,3
Pernambuco	25	53,2	219	8,8	4,1
Paraná	121	138,0	719	5,9	5,2
Rio de Janeiro	25	136,0	282	11,3	2,1
Rio Grande Sul	52	125,6	820	15,8	6,5
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	370	917,7	1.783	4,8	1,9
São Paulo	819	3.675,1	13.847	16,9	3,8
<b>Total</b>	<b>1.612</b>	<b>5.443,3</b>	<b>20.160</b>	<b>12,5</b>	<b>3,7</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

<sup>(1)</sup> Dados atualizados pela Epagri.

Tabela 16/I. Flores e plantas ornamentais - Quantidade de empregos gerados pelo setor (nº), por estado - 2001-02

Estado	Permanentes		Temporários		Total (nº)
	Familiar	Funcionários	Familiar	Funcionários	
Alagoas	61	116	0	53	230
Amazonas	13	36	0	0	49
Bahia	32	83	0	35	150
Ceará	24	453	0	68	545
Espírito Santo	24	48	4	5	81
Goiás	10	67	4	10	91
Minas Gerais	185	912	15	69	1181
Pará	87	62	0	10	159
Paraíba	1	3	0	0	4
Pernambuco	30	172	0	17	219
Paraná	235	382	3	99	719
Rio de Janeiro	32	225	0	25	282
Rio Grande do Sul	244	402	48	126	820
Santa Catarina	285	447	2	81	1783
São Paulo	2.044	11.414	13	376	13.847
<b>Total geral</b>	<b>3.307</b>	<b>14.822</b>	<b>89</b>	<b>974</b>	<b>19.192</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

entretanto, pode ser considerado baixo quando confrontado com o tipo de atividade, o tamanho e o número de produtores envolvidos (Tabela 17).

*Tabela 17/I. Flores e plantas ornamentais - Participação do setor em organizações de classe, por estado – 2001-02*

Estado	Cooperado	Associado	Cooperado e Associado	Nenhum	Total
Alagoas	-	31	-	2	33
Amazonas	-	5	-	3	8
Bahia	1	9	-	9	19
Ceará	1	11	-	12	24
Espírito Santo	1	-	1	11	13
Goiás	-	4	1	0	5
Minas Gerais	8	36	3	39	86
Pará	1	5	-	5	11
Paraíba	-	1	-	0	1
Pernambuco	-	24	-	1	25
Paraná	29	31	-	61	121
Rio de Janeiro	-	21	1	3	25
Rio Grande do Sul	-	23	7	22	52
Santa Catarina (¹)	11	67	78	292	370
São Paulo	102	340	43	334	819
<b>Total</b>	<b>144</b>	<b>583</b>	<b>56</b>	<b>573</b>	<b>1.356</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

(¹) Dados atualizados pela Epagri.

Quanto à escrituração (contabilidade) da propriedade, o percentual de 44,0% dos produtores que não utilizam este sistema de gestão indica sua fragilidade comercial. Um aspecto que reforça esta constatação está relacionado ao baixo índice de capacitação. Neste espectro, apenas 43,1% dos entrevistados indicaram ter recebido algum tipo de treinamento, percentual muito baixo se cotejado com o grau de complexidade tecnológica da atividade e das necessidades sempre crescentes de aprimoramento em um mercado cada vez mais competitivo, quer em nível interno ou externo.

Outra questão gerencial relevante está relacionada ao crédito. Neste item, apenas 31,3% dos entrevistados indicaram utilizar-se de algum tipo de crédito. Este baixo percentual está relacionado não só à indisponibilidade de linhas de financiamentos específicos, mas, sobretudo, ao excesso de



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

garantias reais solicitadas pelo sistema financeiro e às elevadas taxas de juros existentes no País para qualquer atividade econômica, especialmente

Tabela 18/I. Perfil gerencial dos produtores do setor de flores, por estado - 2001-02

Estado	Realizam escrituração		Participam de treinamento		Utilizam crédito		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Alagoas	33	100,0	32	97,0	13	39,4	33
Amazonas		0,0	5	62,5		0,0	8
Bahia	11	57,9	16	84,2	5	26,3	19
Ceará	9	37,5	10	41,7	5	20,8	24
Espírito Santo	6	46,2	8	61,5	3	23,1	13
Goiás	1	20,0	3	60,0		0,0	5
Minas Gerais	12	14,0	12	14,0	4	4,7	86
Pará	4	36,4	10	90,9	1	9,1	11
Paraíba		0,0	1	100,0		0,0	1
Pernambuco	17	68,0	20	80,0	13	52,0	25
Paraná	79	64,8	111	91,0	30	24,6	122
Rio de Janeiro	1	4,0	23	92,0	2	8,0	25
Rio Grande do Sul	27	51,9	36	69,2	30	57,7	52
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	87	23,5	110	29,7	67	18,1	370
São Paulo	537	65,6	235	28,7	286	35,0	818
<b>Total geral</b>	<b>760</b>	<b>56,0</b>	<b>584</b>	<b>43,1</b>	<b>425</b>	<b>31,3</b>	<b>1.356</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

<sup>(1)</sup> Dados atualizados pela Epagri.

para o setor agrícola (Tabela 18).

A assistência técnica é mais um indicador importante para o entendimento do setor e de suas características. Neste particular, cerca de 43,4% dos produtores não utilizam qualquer tipo de assistência, valor considerado expressivo frente às necessidades tecnológicas setoriais (Tabela 19).

Dos 56,6% que a utilizam, cerca de 83,7% recebem assistência de entidades privadas ou de técnicos/consultores individuais, enquanto que apenas 16,2% a recebem de entidades oficiais, o que pode ser entendido como reflexo da baixa prioridade que estas instituições dão a esta atividade.

A assistência técnica oficial, apesar de representar somente 16,2%, na média, é mais atuante nos estados do Ceará e Paraná, onde concorrem com 76,5%



e 56,0% da assistência técnica prestada aos agricultores, respectivamente. Observa-se, no entanto, uma forte tendência à utilização de assistência técnica

*Tabela 19/I. Tipificação da assistência técnica no setor de flores, por estado - 2001-02*

Estado	Número de propriedades				
	Não utiliza	Of/Pri	Oficial	Privada	Total Geral
Alagoas	1			32	33
Amazonas	5			3	8
Bahia	10		2	7	19
Ceará	7		13	4	24
Espírito Santo	6		1	6	13
Goiás	1			4	5
Minas Gerais	7			79	86
Pará	2		3	6	11
Paraíba				1	1
Pernambuco	4			21	25
Paraná	53		39	30	122
Rio de Janeiro	2			23	25
Rio Grande do Sul	18		13	21	52
Santa Catarina (¹)	180	190	38	152	370
São Paulo	436	1	40	341	818
<b>Total geral</b>	<b>589</b>	<b>1</b>	<b>124</b>	<b>642</b>	<b>1.356</b>

Fonte: Ibraflor - Pesquisa de Campo, 2001-02.

(¹) Dados atualizados pela Epagri.

privada. Este fato mostra a capacidade do setor de gerar também empregos de nível técnico e universitário.

Quanto ao tipo de transporte utilizado pelos produtores do setor, pode-se observar que a maioria dos pesquisados, cerca de 85,9%, utiliza transporte próprio; 12,2%, de terceiros e 1%, os dois tipos. Dos veículos próprios, 95,4% são em temperatura ambiente, sem refrigeração, enquanto os refrigerados representam apenas 4,6%. A utilização desse tipo de transporte é um indicador de perdas, físicas e financeiras, em consequência da diminuição da qualidade e do valor na comercialização. Outra informação indica que, mesmo quando terceirizado, 80,7% do transporte é feito em temperatura ambiente e 17,5%, com refrigeração (Tabela 20).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 20/1. Tipo de transporte utilizado no setor de flores, por estado - 2001-02

Estado	Não informado	Próprio			Terceiros			Próprio + terceiros	Total Geral
		Refri.	TA	Refri./TA	Refri.	TA	Reri./TA		
Alagoas			32			1			33
Amazonas		1	4		1	2			8
Bahia		2	11		1	5			19
Ceará		2	19		2	1	1		25
Espírito Santo		3	5		2	3			13
Goiás			5						5
Minas Gerais		21	52	1	10	2			86
Pará			6		1	4			11
Paraíba			1						1
Pernambuco			18		1	3		3	25
Paraná		4	116			2			122
Rio de Janeiro	5	1	19						25
Rio Grande do Sul		5	36		1	5	2	3	52
Santa Catarina (!)		0	234		4	274			370
São Paulo	8	13	730		10	55		1	817
<b>Total geral</b>	<b>14</b>	<b>53</b>	<b>1108</b>	<b>1</b>	<b>29</b>	<b>134</b>	<b>3</b>	<b>14</b>	<b>1356</b>

Fonte: Ibraflor – Pesquisa de Campo, 2001-02.

(!) Dados atualizados pela Epagri.

Observação: Refri=refrigeração; TA=Temperatura ambiente.

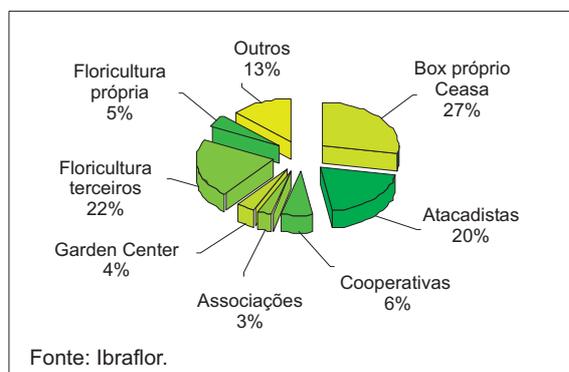


Figura 2/1. Distribuição percentual dos canais de comercialização interna - Setor de flores - 2001-02

Quanto às alternativas de canais de comercialização, elas estão demonstradas na figura 2.

Em relação às exportações, 54 produtores, 4% do total dos entrevistados, indicaram direcionar sua produção para o mercado externo, principalmente para a Europa. Grande parte dos exportadores está em São Paulo (27), o que representa 50% do total. Em Alagoas estão sete (13%); em Pernambuco, cinco (9,3%). Com três produtores (5,6%) aparecem o Ceará, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Santa Catarina e Rio de Janeiro têm dois produtores e Paraíba e Paraná possuem apenas um.



Dentre os produtos de exportação, destacam-se as flores e folhagens tropicais produzidas pelos estados do Nordeste (Alagoas, Ceará e Pernambuco), como helicônias, bastão-do-imperador, alpínias, ananás, zíngiber, entre outros. São Paulo tem tradição na exportação de bulbos (gladiolos, amarílis, lírios) e mudas diversas, além de flores de corte, principalmente rosas.

*Tabela 21/I. Flores e plantas ornamentais - Participação percentual, por grupo de produtos, na pauta de exportações brasileiras – 2002-04*

Grupo de produto	Ano		
	2002	2003	2004
Mudas de plantas ornamentais	54,75	49,67	48,46
Bulbos, tubérculos e rizomas em repouso vegetativo	26,83	23,89	23,08
Flores e botões frescos, cortados para buquês	8,08	13,41	20,75
Folhagens, folhas e ramos secos	6,73	8,15	6,40
Mudas de orquídeas	0,27	0,41	0,52
Mudas de outras plantas	0,04	1,55	0,41
Folhagens, folhas e ramos frescos	2,18	1,41	0,34
Estacas não enraizadas e enxertos	0,06	-	0,03
Roseiras (enxertadas ou não)	-	-	0,01
Musgos e líquens	0,91	1,40	-
Outras plantas vivas	-	0,08	-
Flores e botões secos, cortados para buquês	0,13	0,02	-
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.

Merecem destaque também outros produtos de exportação, como suculentas, sementes e mudas de palmeiras e as orquídeas.

As exportações, por grupo de produtos, são apresentadas na tabela 21.

Conforme o Ibraflor, as exportações de flores e plantas ornamentais estão dependendo da ampliação e profissionalização da base produtiva do setor, incluindo transporte, distribuição, armazenamento e manuseio de flores, sendo de suma importância a organização da produção.

As exportações concentram-se em mudas de plantas ornamentais, que respondem por cerca da metade das exportações totais.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 22/I. Ranking dos países importadores de flores e plantas ornamentais do Brasil - 2002-04

País	Ano		
	2002	2003	2004
Países Baixos (Holanda)	51,49	49,96	49,72
EUA	10,53	19,28	21,86
Itália	13,57	11,29	9,34
Japão	6,28	4,47	5,02
Reino Unido	3,13	2,32	2,23
Alemanha	2,50	2,15	2,06
Bélgica	0,04	0,14	1,83
Dinamarca	2,05	2,03	1,66
Portugal	3,07	0,61	1,21
Uruguai	1,65	1,52	0,99
Espanha	1,27	0,54	0,86
Canadá	0,01	0,28	0,73
Argentina	0,28	1,05	0,64
México	0,97	0,83	0,51
Outros	3,17	3,53	1,35
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

O destino das exportações brasileiras é apresentado na tabela 22.

A Holanda recebe cerca de 50% das exportações brasileiras, seguida pelos Estados Unidos que, no período de 2002 a 2004, têm aumentado sua participação ano a ano. Na tabela 23 são apresentados os estados exportadores, no período de 2002 a 2004.

A supremacia do estado de São Paulo em todos os anos é evidente, o que reforça o parecer do Ibraflor de que para haver aumento de exportações é necessário organizar e profissionalizar a produção, além de haver uma infraestrutura cujo apoio logístico proporciona diminuição de custos. O estado catarinense volta a ocupar o quarto lugar em 2004, após ocupar o sexto lugar em 2003.

As importações brasileiras de flores e plantas ornamentais em 1999 foram de 4,3 milhões de dólares e corresponderam a 0,1% dos valores das importações mundiais. Em 2004, somaram aproximadamente 5,9 milhões de dólares. São representadas principalmente por material para reprodução



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(sementes, bulbos, tubérculos, rizomas, etc.), vindo, em grande parte, da Holanda. No período de 1999 a 2004, o valor das importações brasileiras cresceu ano a ano.

*Tabela 23/I. Ranking dos estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais – 2002-04*

Estado	Ano		
	2002	2003	2004
São Paulo	76,73	75,75	77,38
Rio Grande do Sul	11,40	9,31	7,40
Minas Gerais	7,82	8,82	6,11
Ceará	0,37	1,32	5,66
Santa Catarina	2,09	1,03	1,29
Pará	0,91	2,03	1,02
Pernambuco	0,08	0,14	0,32
Mato Grosso do Sul	0,03	0,24	0,26
Alagoas	0,14	0,20	0,23
Paraná	-	0,04	0,22
Rio de Janeiro	0,25	0,10	0,03
Bahia	0,02	0,01	0,00
Goiás	0,02	0,01	0,01
Distrito Federal	0,02	-	-
s/identificação	0,13	1,00	0,07
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.

O detalhamento das importações brasileiras de flores e plantas ornamentais pode ser visto na tabela 24.

A estimativa do Ibraflor para o consumo *per cápita* anual de flores e plantas ornamentais no Brasil gira em torno de 4,7 dólares.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 24/1. Brasil – Importações de flores e plantas ornamentais – 1999-004

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Partip. %	Valor Un.
<b>Total</b>				<b>100</b>	
1999	- -	4.286.472	-	-	
2000	- -	4.435.412	-	-	
2001	- -	4.507.987	-	-	
2002	- -	4.674.944	-	-	
2003	- -	5.106.117	-	-	
2004	- -	5.917.677	-	-	
<b>Bulbos/tubérculos em repouso</b>				<b>41,52</b>	
1999		20.002.641	1.140.619	-	0,05
2000		23.682.335	1.461.355	-	0,06
2001		21.143.036	1.337.043	-	0,06
2002		20.680.066	1.464.521	-	0,07
2003		19.693.518	2.010.065	-	0,10
2004		17.186.844	2.456.875	-	0,14
<b>Bulbos/tubérculos em flor</b>				<b>4,70</b>	
2000		100.000	5.273	-	0,05
2001		512.000	481.887	-	0,94
2002		279.819	927.821	-	3,32
2003		296.938	1.195.517	-	4,03
2004		470.866	278.385	-	0,59
<b>Estacas/enxertos</b>				<b>0,06</b>	
2000		33.000	18.779	-	0,55
2001		3.150	497	-	0,15
2002		37.550	8.580	-	0,23
2003		2.425	679	-	0,28
2004		3.150	3.365	-	1,07
<b>Roseiras</b>				<b>0,07</b>	
2000		81.536	47.750	-	0,58
2001		70.000	4.690	-	0,06
2002		0	0	-	0
<b>Outras plantas ornamentais</b>				<b>35,10</b>	
1999		4.185.179	893.857	-	0,21
2000		4.606.922	969.129	-	0,21
2001		5.110.689	980.695	-	0,19
2002		4.003.254	856.753	-	0,21
2003		3.372.360	1.034.383	-	0,31
2004		16.646.422	2.076.931	-	0,12

(Continua)



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Partip. %	Valor Un.
<b>Flores e botões secos</b>				<b>0,28</b>	
1999		1.424 <sup>(1)</sup>	8.451	-	5,98
2000		3.626 <sup>(1)</sup>	12.679	-	3,47
2001		4.148 <sup>(1)</sup>	21.686	-	5,22
2002		2.201 <sup>(1)</sup>	2.534	-	1,15
2003		4.090 <sup>(1)</sup>	6.594	-	1,61
2004		4.912 <sup>(1)</sup>	16.498	-	3,36
<b>Folhas/ramos secos</b>				<b>0,27</b>	
1999		21.902 <sup>(1)</sup>	52.972	-	2,42
2000		15.527 <sup>(1)</sup>	42.643	-	2,75
2001		9.421 <sup>(1)</sup>	37.247	-	3,95
2002		7.365 <sup>(1)</sup>	18.957	-	2,53
2003		20.322 <sup>(1)</sup>	32.343	-	1,59
2004		1.332 <sup>(1)</sup>	15.872	-	11,92
<b>Mudas de orquídeas</b>				<b>4,26</b>	
1999		117.341	129.371	-	1,10
2000		128.611	95.435	-	0,74
2001		64.630	73.687	-	1,14
2002		63.358	41.079	-	0,65
2003		85.300	34.220	-	0,40
2004		280.333	253.162	-	0,90
<b>Flores e botões frescos cortados</b>				<b>13,40</b>	
1999		4.888.045	1.874.574	-	0,38
2000		4.827.186	1.652.993	-	0,34
2001		4.317.545	1.471.051	-	0,34
2002		7.811.545	1.311.154	-	0,17
2003		4.451.390	771.045	-	0,16
2004		1.906.952	794.443	-	0,42
<b>Musgos e líquens p/ ornamentação</b>				<b>0,36</b>	
2002		1200 <sup>(1)</sup>	21.270	-	17,23
2003		1026 <sup>(1)</sup>	21.271	-	20,73
2004		1.138 <sup>(1)</sup>	22.146	-	19,46

<sup>(1)</sup> Peso (quilo).

Fonte: Secex/Decex.



## Situação estadual

Tabela 25/I. – Evolução da floricultura catarinense – 1997-2002

Item analisado	A n o	
	1997	2002
Número de produtores	115	370
Municípios com produção	25	112
Área total cultivada (ha)	342	917
Produção anual (un)	4.338.280	<sup>(1)</sup> 37.417.058
Flores e plantas ornamentais (un)	3.084.184	4.053.201
Flores em vasos (un)		101.190
Flores cortadas (dz/maço)	286.765	203.251
Gramas (m <sup>2</sup> )	1.498.000	2.834.245
Sementes (kg)	15.000	76.882
Flores/folhas secas (maço)	80.800	82.600

Fonte: Epagri/Ibraflor.

<sup>(1)</sup> Deste total, 32.407.000 unidades são forrações com flor e sem flor (caixaria).

O levantamento proporcionado pelo Convênio Apex/Ibraflor e efetuado pela Epagri permite visualizar um novo panorama da floricultura catarinense, com grande evolução nos últimos cinco anos.

O valor bruto desta produção, estimado pela Epagri, foi de aproximadamente R\$ 27,6 milhões.

Os tipos de cultivo encontrados em Santa Catarina foram de 9.020.644 metros quadrados em ambiente natural (campo), 109.044 em estufas, 9.177.588 em telados e 34.204 em abrigos.

A mão-de-obra utilizada foi do tipo familiar em 50,27%; o restante, contratado. O número médio da mão-de-obra absorvida, incluindo a familiar, por propriedade pesquisada, foi de 4,82 pessoas.



A assistência técnica é prestada em 51,35% das propriedades, com predomínio da assistência privada. O crédito rural é utilizado por 18,1% dos floricultores; poucos fazem a escrituração agrícola (23,5%), usam transporte próprio (63,2%) e de terceiros (74,1%).

As benfeitorias e instalações encontradas foram as seguintes:

- 74,7% das propriedades possuem galpão de serviço;
- 73,5% possuem construção para produção;
- 57% possuem abrigos (estufas), em média de 1,3 por propriedade, medindo, em média, 289 m<sup>2</sup> cada.

O minitúnel foi constatado em apenas 1,4% das propriedades (em número médio de 1,5 túnel por estabelecimento, e medindo 32m<sup>2</sup> cada).

Os telados apareceram em 38,4% das explorações (em número médio de 1,6 e com 450m<sup>2</sup> por telado).

A comercialização no mercado interno, em percentual, foi assim diagnosticada:

- direto com floristas (47,6%);
- atacadistas (37,3%);
- floricultura própria (28,6%);
- mercaflor (2,7%);
- garden (1,4%);
- outros (47,8%).

O destino principal da produção foram os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná.



A produção geral registrada pelo levantamento, em unidades, além das relacionadas no quadro anterior, foi a seguinte:

- bromélias :159. 425;
- orquídeas:167.091;
- roseiras: 104.060;
- flor em vaso:101.190;
- samambaias: 23.850;
- cactos: 7.420;
- ornamentais: 4.447.022;
- musgo (sc): 5.300.

A produção catarinense, por espécie, de acordo com o levantamento, pode ser verificada na tabela 26.

As exportações catarinenses de flores e plantas ornamentais, no período 1999-2004, podem ser observadas na tabela 27.

Observa-se um aumento gradativo, ano após ano, das exportações da maioria das categorias até o ano de 2002 e um decréscimo acentuado de 32,2% no valor das exportações catarinenses em 2003, que se recuperam em 2004.

Os principais grupos de produtos exportados por Santa Catarina, e seus destinos, no período de 2002 a 2004, podem ser visualizados na tabela 28.

Nota-se uma mudança de destino das exportações, a partir de 2002, principalmente de mudas de plantas ornamentais, concentrando-se nos países latinos - a Península Ibérica e a Itália.

As importações catarinenses, no período de 1999 a 2004, constam na tabela 29.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 26/I. Santa Catarina – Produção comercializada de flores - 2000

Espécie	Flor em vaso	Flor de corte			Flor seca	Diversos	
	Unidade	Dúzia	Maço	Pacote	Maço	Saca	kg
Crisântemo	24.860	-	-	19.240	-	-	-
Antúrio	20.405	5724	-	-	-	-	-
Gerânio	17.080	-	-	-	-	-	-
Espatífilo	13.055	-	-	-	-	-	-
Fúcsia	11.240	-	-	-	-	-	-
Copo-de-leite	7.950	6.200	-	-	-	-	-
Impatiens	3.360	-	-	-	-	-	-
Ciclâmen	1.800	-	-	-	-	-	-
Petúnia	960	-	-	-	-	-	-
Poinsetia	480	-	-	-	-	-	-
Rosa	-	84.256	-	-	-	-	-
Áster	-	-	25.720	-	-	-	-
Tango (100 g)	-	-	21.300	-	-	-	-
Gipsofila	-	-	16.000	-	-	-	-
Cravo	-	21.200	-	-	-	-	-
Estátice	-	-	6.400	-	-	-	-
Hipericão	-	-	6.400	-	-	-	-
Lírio	-	1.500	-	-	-	-	-
Cravina	-	2.120	-	-	-	-	-
Gérbera	-	530	-	-	-	-	-
Boca-de-leão	-	-	371	-	-	-	-
Latifolia	-	-	120	-	-	-	-
Palma	-	80	-	-	-	-	-
Flores diversas	-	-	2.650	-	-	-	-
Hortênsia	-	-	-	-	40.000	-	-
Trigo	-	-	-	-	20.000	-	-
Alpiste	-	-	-	-	16.000	-	-
Vime torcido	-	-	-	-	1.600	-	-
Outras	-	-	-	-	5.000	-	-
Bromélias (semente)	300.000	-	-	-	-	5.300	-
Musgo	-	-	-	-	-	-	-
Sementes diversas	-	-	-	-	-	-	76.882

Fonte: Epagri/Ibraflor.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 27/I. Santa Catarina – Exportações de flores e plantas ornamentais – 1999-004

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Participação %		Valor unit. US\$
				Período	2004	
<b>Total das espécies</b>				<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	
1999		-	265.352	-	-	-
2000		-	338.142	-	-	-
2001		-	238.083	-	-	-
2002		-	311.579	-	-	-
2003		-	211.163	-	-	-
2004		-	302.059	-	-	-
<b>Orquídeas</b>				<b>9,34</b>	<b>15,05</b>	
1999		1.645	14.710			8,94
2000		3.201	18.617			5,81
2001		3.513	24.589			7,00
2002		5.848	29.236			5,00
2003		3.898	22.966			5,89
2004		24.284	45.466			1,87
<b>Plantas ornamentais</b>				<b>41,74</b>	<b>53,85</b>	
1999		14.182	202.109			14,25
2000		5.128	50.123			9,77
2001		6.965	12.221			1,75
2002		25.540	191.283			7,49
2003		13.755	77.079			5,60
2004		33.068	162.666			4,92
<b>Flores</b>				<b>2,02</b>	<b>5,86</b>	
1999		248	5.200			20,96
2000		500	400			26,66
2001		7.580	6.390			14,92
2003		1.033	3.968			3,84
2004		1.894	17.713			9,35
<b>Folhas e plantas secas</b>				<b>11,10</b>	<b>7,94</b>	
1999		4.931	28.938			5,86
2000		6.642	32.830			4,94
2001		11.421	52.173			4,56
2002		6.740	28.370			4,21
2003		4.410	18.670			4,23
2004		5.385	23.998			4,46
<b>Folhagens verdes</b>				<b>35,09</b>	<b>17,29</b>	
1999		35.200	14.395			0,40
2000		280.000	236.172			0,84
2001		144.200	141.210			0,97
2002		130.610	62.690			0,48
2003		108.500	78.080			0,72
2004		59.239	52.216			0,88
<b>Estacas e enxertos</b>				<b>0,11</b>	<b>—</b>	
2001		30.000	1.500			0,05

Fonte: Secex/Decex.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 28/I. Exportações catarinenses de produtos de floricultura - 2002-04

Produto/país de destino	2002		2003		2004	
	US\$ FOB	%	US\$ FOB	%	US\$ FOB	%
<b>Mudas de plantas ornamentais</b>						
Portugal	81.455	42,58	29.575	38,37	60.515	37,20
Espanha	67.002	36,03	2.340	3,04	31.615	19,44
Itália	35.696	18,66			14.162	8,71
China	4.645	2,43	17.084	22,16		
Japão	2.085	1,09	2.065	2,68	2.250	1,38
Canadá	400	0,21				
Alemanha					770	0,47
Taiwan (Formosa)					1.161	0,71
Estados Unidos					800	0,49
Emirados Árabes Unidos					31.217	19,19
Hong Kong			605	0,78	600	0,37
França			25.410	32,97	19.576	12,04
<b>Subtotal</b>	<b>191.283</b>	<b>100,00</b>	<b>77079</b>	<b>100,00</b>	<b>162.666</b>	<b>100,00</b>
<b>Mudas de orquídeas</b>						
Alemanha	6.778	23,18	7.750	33,75	21.613	47,54
Antilhas Holandesas	900	3,08				
Canadá	1.100	3,76	2.650	11,54		
Taiwan	12.915	44,18			1.175	2,58
Dinamarca	673	2,30				
Estados Unidos	1840	6,29	2.250	9,78	1.130	2,49
Hong Kong	2.700	9,24	6.141	26,75	14.625	32,17
Japão	2.330	7,97	2.605	11,34	1.144	2,52
Portugal					1.883	4,14
Reino Unido			1.570	6,84	1.851	4,07
Rússia					1.625	3,57
República Tcheca					420	0,92
<b>Subtotal</b>	<b>29.236</b>	<b>100,00</b>	<b>22.966</b>	<b>100,00</b>	<b>45.466</b>	<b>100,00</b>
<b>Folhagens, folhas, ramos frescos para buquê</b>						
Itália	62.690	100,00	78.080	95,16	69.929	100,00
Estados Unidos			3.968	4,84		
<b>Subtotal</b>	<b>62.690</b>	<b>100,00</b>	<b>82.048</b>	<b>100,00</b>	<b>69.929</b>	<b>100,00</b>
<b>Folhagens, folhas, ramos secos para buquê</b>						
Itália	26.690	94,08	18.670	100,00	23.998	100,00
Uruguai	1.680	5,92				
<b>Subtotal</b>	<b>28.370</b>	<b>100,00</b>	<b>18.670</b>	<b>100,00</b>	<b>23.998</b>	<b>100,00</b>
<b>Total</b>	<b>311.579</b>	<b>100,00</b>	<b>200.763</b>	<b>64,43</b>	<b>302.059</b>	<b>96,94</b>

Fonte: Secex/Decex.

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento e Instituto Cepa/SC.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 29 - Santa Catarina – Importações de flores e plantas ornamentais - 1999-04

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Particip. %	Valor (Un.)
<b>Total</b>			<b>6.669</b>	-	-
1999		140	430	-	-
2000		0	0	-	-
2001		2.878	3.410	-	-
2002		0	0	-	-
2003		14.430	2.829	-	-
2004		0	0	-	-
	<b>Árvores/arbustos</b>		<b>430</b>	<b>6,45</b>	-
1999		140	430		3,07
	<b>Flores secas</b>		<b>628</b>	<b>9,42</b>	-
2001		134	628		4,68
	<b>Folhagens/ramos secos</b>		<b>5.611</b>	<b>84,13</b>	-
2001		2.744	2.782		1,01
2003		14.430	2.829	100,0	-

Fonte: Secex/Decex.

Em 2002 não foram registradas importações significativas para os produtos considerados na tabela 29; em 2003, somente a categoria folhagens e ramos secos para buquês apresentou um valor significativo de importação. Em 2004,

também não ocorreram importações.

Verifica-se que a balança comercial estadual de flores e plantas ornamentais foi altamente positiva no período analisado.

O comportamento dos preços, em nível de produtor, conforme pesquisas mensais Epagri/Cepa em oito pontos de coleta em Santa Catarina, é visualizado na tabela 30.

### Perspectivas para 2005

Em 2002, as exportações brasileiras (FOB) foram de US\$ 14.924.315; em 2003, passaram para US\$ 19.427.711 e em 2004 (Tabela 31) apresentaram um resultado de US\$ 23.500.071. Mantém-se, mais uma vez, o prognóstico de crescimento das exportações entre 20% e 30% sobre os resultados obtidos em 2004, o que representará valores globais, ao final do ano, que deverão contabilizar entre US\$ 28,2 milhões e US\$ 30,6 milhões (Horticultura Consultoria e Treinamento). O saldo da balança comercial brasileira da floricultura em 2004 também é muito expressivo, apresentando um valor de US\$ 17,582 milhões. No primeiro quadrimestre de 2005, a balança comercial da floricultura brasileira já acumula um saldo de US\$ 6,464 milhões.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 30/I. Comportamento dos preços mensais (R\$) ao produtor, de flores e plantas ornamentais em Santa Catarina – 2004

Produto	Unidade	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Média
<b>Classe : Flores</b>														
Amor-perfeito	cx 15 plantas	4,70	4,76	5,00	5,00	4,72	4,91	4,94	4,75	4,59	4,54	4,59	4,77	
Begônia	cx 15 plantas	4,47	4,50	4,66	4,71	4,72	4,90	4,90	4,60	4,54	4,54	4,54	4,64	
Beijinho maria-sem-vergonha	cx 15 plantas	4,36	4,38	4,28	4,25	4,26	4,38	4,50	4,50	4,40	4,46	4,46	4,38	
Boca-de-leão	cx 15 plantas	4,47	4,50	4,66	4,69	4,60	4,75	4,77	4,57	4,44	4,43	4,50	4,57	
Cravina	cx 15 plantas	4,45	4,48	4,59	4,60	4,57	4,68	4,68	4,51	4,42	4,48	4,48	4,54	
Crisântemo	pote 15 pol	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	
Crisântemo	pcte/maço													
Crista-de-galo-plumosa	cx 15 plantas	4,50	4,50								5,00	5,00	4,75	
Espatífilo-lírio-da-paz	vaso 8 litros	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	14,00	14,00	14,00	12,00	12,00	12,00	12,54	
Gerânio	vaso 12 pol													
Helicônia de flor grande - caeté	pcte 5 hastes	6,75	5,50	5,50	5,50	5,50	5,00	5,00	5,00	5,50	5,50	5,50	5,47	
Helicônia de flor pequena - caeté	pcte 10 hastes	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	
Impatiens-beijo-pintado	cx 15 plantas	4,69	4,69	4,72	4,66	4,52	4,83	4,83	4,83	4,77	4,77	4,80	4,73	
Impatiens-beijo-pintado	vaso 12 pol	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00				4,00	4,00	4,00	4,00	
Petúnia	cx 15 plantas	4,46	4,50	4,66	4,60	4,60	4,84	4,86	4,70	4,50	4,50	4,56	4,61	
Rosa vermelha (haste média)	Dz						4,00	5,00	7,50	8,50	7,00	6,50	6,50	6,42
Sálvia	cx 15 plantas	4,26	4,30	4,47	4,53	4,55	4,70	4,74	4,57	4,43	4,43	4,43	4,49	
Tagetes cravo-de-defunto	cx 15 plantas	4,22	4,25	4,04	4,05	4,05	4,47	4,50	4,50	4,31	4,31	4,31	4,27	
Torenia amor-perfeito verão	cx 15 plantas	4,51	4,51	4,53	4,44	4,55	5,27	5,32	4,87	4,68	4,68	4,68	4,73	
Vinca-bou-noite	cx 15 plantas	4,33	4,43	4,40	4,39	4,45	4,63	4,67	4,67	4,42	4,42	4,42	4,47	
<b>Classe : Forração sem flor</b>														
Clorofito-gravatinha	cx 15 plantas	3,84	3,87	3,87	3,66	3,63	3,74	3,74	3,69	3,59	3,59	3,59	3,71	
Gramma preta	Caixa	4,50	5,00	5,00	5,00	5,00	5,50	5,50	5,50	5,00	5,00	5,00	5,09	
Hemigráfis-hera colorida	cx 15 plantas	2,75	2,78	2,78	2,78	2,78	2,67	2,67	2,57	2,71	2,71	2,71	2,71	
Periquito	cx 15 plantas	3,81	3,83	3,83	3,81	3,76	3,87	3,87	3,65	3,61	3,61	3,61	3,75	
Pingo-de-ouro	cx 15 plantas	3,81	3,83	4,03	3,97	3,95	4,07	4,13	3,81	3,71	3,71	3,71	3,88	
<b>Classe : Gramas</b>														
Gramma coreana	m²	4,60	4,60	4,60	4,60	4,60	4,40	4,40	4,40	4,76	4,76	4,70	4,58	
Gramma esmeralda	m²	3,43	3,80	3,80	3,80	3,80	3,75	3,75	3,75	3,83	3,80	3,80	3,75	
Gramma sempre verde	m²	2,36	2,50	2,50	2,50	2,50	2,35	2,35	2,35	2,50	2,50	2,50	2,44	
<b>Classe : Plantas ornamentais</b>														
Agapanto	cx 15 plantas	4,30	4,30	4,30	4,30	4,30	3,60	3,60	3,60	4,05	4,05	4,05	4,04	
Agaves piteira	vaso nr. 5	5,00	4,75	4,75	4,75	4,75	4,50	4,50	4,50	4,50	4,50	4,50	4,63	
Alamanda	vaso nr. 5	2,80	3,37	3,37	3,37	3,37	3,16	3,16	3,16	3,07	3,12	3,12	3,18	
Areca bambu	vaso nr. 5	6,33	6,00	6,00	6,83	6,83	7,25	7,25	7,25	6,83	6,83	6,83	6,74	
Azaléia	torrão 40/80cm	5,00	2,00	2,00	2,00						2,50	2,50	2,66	
Bambuzinho (bambusa gracilis)	saquinho	3,50	3,50	2,25	2,25	2,25	2,25	2,25	2,25	2,25	2,50	2,50	2,52	
Buchinho	vaso nr. 7	26,00	26,00	23,50	24,00	24,00	25,00	25,00	25,00	25,00	25,00	25,00	24,86	
Buganvília	vaso nr. 5	4,05	4,17	4,17	4,17	4,17	3,90	3,90	3,90	4,55	4,55	4,55	4,18	
Cheflera	vaso nr. 6	6,00	5,00	5,00	5,00	5,00				5,00	5,00	5,00	5,12	
Cica (sem tronco)	vaso nr. 5	19,33	19,33	19,33	18,83	18,83	20,00	21,00	21,00	19,66	19,66	19,66	19,69	
Cipreste-europa (com 70 cm alt.)	torrão 40/80cm	3,90	4,15	4,15	4,15	4,15	3,50	3,50	3,50	4,15	4,15	4,15	3,95	
Clúisia	vaso 14 litros	6,00	9,00	9,00	9,00	9,00	8,00	9,00	9,00	7,50	7,50	7,50	8,22	
Eugênia (de 40 a 50 cm alt.)	torrão/vaso	4,83	5,16	5,83	5,83	5,83	6,00	6,25	6,25	6,00	6,00	6,00	5,81	
Ficus benjamina (até 1 metro)	vaso 8 litros	5,66	6,00	6,00	9,00	9,33	7,00	7,00	7,00	9,66	9,33	9,33	7,75	
Hemerocalis lírio-de-são-josé	un (raiz nua)	0,37	0,93	0,93	0,93	0,93	0,37	0,37	0,37	0,93	0,93	0,93	0,72	
Ixora	vaso 8 litros	3,75	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,50	4,50	4,40	4,40	4,40	4,17	
Jerivá	torrão (3m alt.)	14,66	15,00	14,66	15,00	13,66	15,00	13,50	14,50	14,66	14,66	14,66	14,54	
Ligustrinho(sem poda)	vaso nr. 5	5,75	6,00	6,00	6,50	7,75	8,00	10,66	10,66	10,50	10,50	10,50	8,43	
Philodendron v 8	vaso 8 litros	11,40	6,50	8,19	11,60	11,60	8,19	8,19	8,19	11,60	11,60	11,60	9,87	
Phoenix v 7 (sem tronco)	vaso nr. 5	9,83	9,83	9,83	8,83	8,83	10,00	10,00	10,00	8,83	8,83	8,83	9,42	
Rháfis v 5 (por ponta)	vaso nr. 5	3,60	3,60	3,76	3,76	3,76	3,75	4,00	3,75	3,76	4,10	4,10	3,81	
Strelitzia ave-do-paraiso	Vaso nr. 5	6,83	6,83	7,00	7,33	7,33	7,00	6,00	6,00	6,66	6,66	6,66	6,75	
Tuia	torrão 40/80cm	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	

Fonte: Epagri/Cepa.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 31/I. Balança comercial brasileira, plantas vivas e produtos da floricultura - 2004

Grupo de produto	(US\$/FOB)			
	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de Comércio
Bulbos, tubérculos, rizomas, em repouso vegetativo	5.424.520	2.456.875	2.967.654	7.881.395
Bulbos, tubérculos, em veget. em flor	-	278.385	278.385	278.385
Estacas não enraizadas e enxertos	7.279	3.365	3.914	10.644
Mudas de orquídeas	122.919	253.162	130.243	376.081
Mudas de outras plantas ornamentais	11.387.045	1.089.968	10.297.077	12.477.013
Mudas de outras plantas	96.100	468.825	372.725	564.925
Outras plantas vivas	-	518.138	518.138	518.138
Flores e seus botões, frescos, cortados	4.877.165	794.443	4.082.722	5.671.608
Flores e seus botões, secos, cortados	-	16.498	16.498	16.498
Musgos e líquens	-	22.146	22.146	22.146
Folhagem, folhas, ramos de plantas frescos	79.600	-	79.600	79.600
Folhagem, folhas, ramos de plantas secos	1.502.857	15.872	1.486.985	1.518.729
Roseiras (enxertadas ou não)	2.586	-	2.586	2.586
<b>Total</b>	<b>23.500.071</b>	<b>5.917.677</b>	<b>17.582.394</b>	<b>29.417.748</b>

Fonte: MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio – Secretaria de Comércio Exterior - Sistema Alice.

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.

O lançamento do plano estratégico das exportações de flores e plantas ornamentais do Brasil, pelo Ibraflor e a Apex, no dia 2 de setembro de 2004, teve como objetivo principal orientar e dirigir as potencialidades específicas dos diversos pólos nacionais da floricultura para a plena ocupação das oportunidades comerciais no mercado internacional, com base na valorização dos aspectos de maior competitividade de cada segmento frente às particularidades das demandas de cada mercado comprador, nas principais praças importadoras de todo o mundo. Através deste plano, o segmento das plantas ornamentais para paisagismo e jardinagem é particularmente interessante para o pólo produtivo do estado de Santa Catarina, já fortemente especializado, em âmbito nacional, neste segmento. Pelo perfil produtivo de sua floricultura, os dois países estratégicos de entrada na Europa são a Espanha e a Itália, além das regiões sul e sudeste da França, e mais o mercado norte-americano. Este plano, através de dez linhas de ação convergentes, deverá contribuir significativamente para uma maior inserção do Brasil no mercado internacional.

Através do Projeto Flora Brasílis, em março de 2005 foi lançado o Programa de Certificação de Qualidade para produtores de flores e plantas ornamentais de Santa Catarina. Este programa terá um papel estratégico na qualificação dos produtores e na produção da floricultura do estado.

*Juarez José Vanni Müller*



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Quadro 1/I. Calendário agrícola - Plantio, colheita e comercialização dos principais produtos agrícolas - Santa Catarina - 2005

Produto	Fase	MESES											
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Colheita												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

Fonte: Epagri/Cepa.

 Maior concentração.  
 Menor concentração.

## Desempenho da produção animal

### Carne bovina

Tabela 1/I. Produção mundial de carne de boi, de búfalo e de vitela - 2002-04

(em milhões de t)

País	2002	2003	2004
Estados Unidos	12.427	12.039	11.261
Brasil	7.114	7.231	7.774
União Européia	8.145	8.061	7.941
China	5.480	6.019	6.494
Argentina	2.493	2.621	2.700
Índia	1.463	1.473	1.483
Austrália	2.028	2.073	2.033
México	1.468	1.504	1.543
Canadá	1.294	1.190	1.460
Nova Zelândia	0.576	0.660	0.720
Outros	18.331	18.561	18.868
<b>Total</b>	<b>60.819</b>	<b>61.432</b>	<b>62.277</b>

Fonte: FAO.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/I. Exportação mundial de carne de boi, de búfalo e de vitela - 2002-05

País	(milhões t)			
	2002	2003	2004	2005
Brasil	0,881	1,175	1,628	1,800
Austrália	1,366	1,264	1,394	1,470
Argentina	0,348	0,386	0,623	0,680
Índia	0,417	0,439	0,499	0,620
Nova Zelândia	0,486	0,558	0,606	0,575
Uruguai	0,262	0,325	0,410	0,460
Estados Unidos	1,110	1,142	0,209	0,285
União Européia	0,485	0,388	0,358	0,250
Outros	0,239	0,310	0,279	0,197
<b>Total</b>	<b>6,275</b>	<b>6,340</b>	<b>6,498</b>	<b>6,952</b>

Fonte: Usda (novembro de 2005).

Tabela 3/I. Rebanho bovino brasileiro - 2003

Estado	Efetivo (cabeça)
Acre	1.874.804
Alagoas	825.121
Amapá	81.674
Amazonas	1.121.009
Bahia	10.146.529
Ceará	2.254.262
Distrito Federal	112.580
Espírito Santo	1.805.299
Goiás	20.178.516
Maranhão	5.514.167
Mato Grosso	24.613.718
Mato Grosso do Sul	24.983.821
Minas Gerais	20.852.227
Pará	13.376.606
Paraíba	950.865
Paraná	10.258.535
Pernambuco	1.701.655
Piauí	1.818.221
Rio Grande do Norte	885.400
Rio Grande do Sul	14.581.757
Rio de Janeiro	2.007.124
Rondônia	9.392.354
Roraima	423.400
Santa Catarina	3.189.825
São Paulo	14.046.426
Sergipe	895.938
Tocantins	7.659.743
<b>Total</b>	<b>195.551.576</b>

Fonte: IBGE.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/I. Carne bovina - Oferta e demanda nacional - 2000-005

(mil t equiv. carcaça)

Discriminação	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Produção de carne	6.578,8	6.823,6	7.139,3	7.568,5	8.673,9	9.167,0
Importação	76,5	42,2	73,8	65,5	54,9	58,7
Exportação	580,7	821,9	964,8	1.259,2	1.697,6	2.103,8
Disponibilidade interna	6.074,6	6.043,9	6.248,3	6.374,8	7.031,2	7.121,9
Disponibilidade per capita (kg/hab./ano)	35,8	35,1	35,8	36,0	38,7	38,7

Fonte: Conab.

Tabela 5/I. Bovinos de corte - Efetivo por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2000-003

(em cabeça)

MRG	2000	2001	2002	2003
Araranguá	65.010	65.850	65.700	63.770
Blumenau	91.447	88.251	95.636	95.949
Campos de Lages	482.916	483.136	496.806	495.252
Canoinhas	170.480	162.360	165.201	165.001
Chapecó	352.336	369.848	375.986	388.705
Concórdia	195.270	203.917	202.374	203.662
Criciúma	51.814	55.099	51.977	48.493
Curitibanos	166.575	161.025	167.118	177.397
Florianópolis	49.440	57.837	58.090	60.934
Itajaí	52.748	54.193	56.771	61.470
Ituporanga	57.100	56.050	54.900	56.750
Joaçaba	280.222	282.684	281.065	284.215
Joinville	56.179	55.996	55.984	57.330
Rio do Sul	161.395	160.590	159.050	163.223
Sao Bento do Sul	28.930	29.080	27.952	27.910
Sao Miguel do Oeste	324.260	349.285	343.758	366.595
Tabuleiro	53.170	52.000	52.851	52.241
Tijucas	49.780	49.570	46.700	45.450
Tubarão	189.628	187.236	186.146	191.382
Xanxerê	172.404	172.268	173.672	184.096

Fonte: IBGE.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 6/I. Santa Catarina - Abates mensais de bovinos - 2000-005

(mil cabeças)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Janeiro	42,4	41,1	42,5	47,0	45,3	42,40
Fevereiro	39,6	39,6	41,3	44,1	41,3	38,30
Março	49,5	51,5	48,7	48,8	45,8	42,00
Abril	48,0	49,4	49,8	49,4	48,7	43,10
Maio	46,6	46,6	45,2	47,5	48,1	48,80
Junho	46,9	48,7	45,8	44,5	45,1	47,10
Julho	42,4	45,1	44,8	44,2	45,2	44,60
Agosto	41,0	41,8	43,1	43,8	44,6	43,60
Setembro	40,7	41,8	41,9	42,1	43,9	42,40
Outubro	44,0	45,7	43,1	42,9	43,5	
Novembro	45,5	47,2	45,2	45,2	44,4	
Dezembro	44,9	46,4	45,9	44,7	44,2	
Sub total	272,9	276,9	273,3	281,4	408,0	392,20
<b>Total</b>	<b>531,4</b>	<b>544,8</b>	<b>537,2</b>	<b>544,4</b>	<b>540,1</b>	

Fonte: Sindicame e Epagri/Cepa.

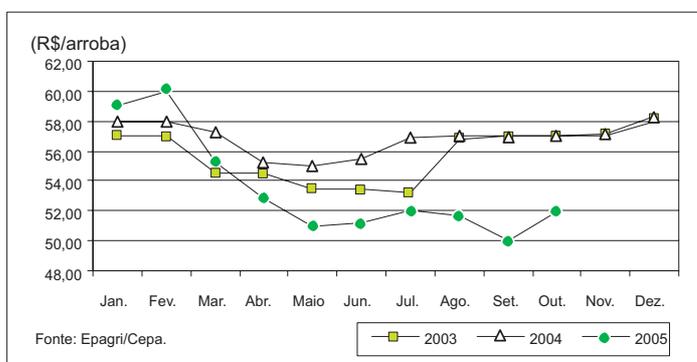
Tabela 7/I. Carne bovina - Oferta e demanda catarinense - 2000-004

(mil t)

Situação	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>	Varição %
Produção	120	122	124	122	123	0,82
Importação	45	55	55	60	62	3,33
Consumo	165	177	179	182	185	1,65
Kg/per capita	32,2	34,1	34,0	34,2	34,3	0,36

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Estimativa.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 1/I - Boi gordo - Preços mensais recebidos pelo produtor catarinense (R\$/arropa) - 2003-005



## Carne de frangos

Tabela 1/I. Carne de frango - Oferta e demanda brasileiras - 2003-05

Discriminação	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>	2004/03 (var.%)	2005/04 (var. %)
Produção	7.645	8.409	8.900	10,0	5,8
Exportação	2.070	2.605	3.037	25,8	16,6
Consumo	5.575	5.803	5.862	4,1	1,0
Disponib. per cápita (kg/pessoa)	32,1	32,7	32,8	1,9	0,3

Fonte : Apinco, MDIC - Sistema Alice e Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Estimativa.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/I - Carne de frango - Produção brasileira - 2001-05

Mês	2001	2002	2003	2004	2005
Janeiro	527,0	593,8	646,9	674,1	742,8
Fevereiro	470,2	529,8	577,5	631,0	667,8
Março	526,1	619,9	646,9	691,1	750,6
Abril	506,6	610,4	624,4	686,4	739,5
Mai	532,4	629,5	659,9	700,8	763,7
Junho	525,4	623,6	621,1	676,5	755,3
Julho	559,8	645,1	649,1	720,1	797,4
Agosto	572,2	640,6	623,6	695,6	803,9
Setembro	569,9	601,1	601,6	694,5	786,3
Outubro	593,7	625,3	650,5	729,1	
Novembro	578,5	651,7	645,9	720,5	
Dezembro	605,4	677,6	697,7	788,7	
<b>Subtotal</b>	<b>4.789,6</b>	<b>5.493,8</b>	<b>5.651,0</b>	<b>6.170,1</b>	<b>6.807,3</b>
<b>Total</b>	<b>6.567,2</b>	<b>7.448,4</b>	<b>7.645,1</b>	<b>8.408,4</b>	

Fonte : Apinco.

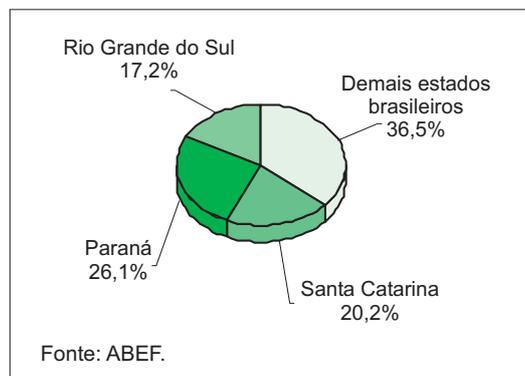


Figura 1. Abate de Frangos com SIF - Participação dos estados brasileiros - 2004



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/1. Carne de Aves - Exportações brasileiras e catarinenses - 2000-005

Produtos exportados	2000	2001	2002	2003	2004	2004 <sup>(1)</sup>	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Santa Catarina</b>							
Valor em US\$ FOB 1000	434.562	624.096	583.890	671.804	910.594	513.230	695.691
Volume em mil kg	436.582	538.392	620.584	656.785	759.705	418.832	548.485
Preço (US\$/Kg)	1,00	1,16	0,94	1,02	1,20	1,23	1,27
<b>Brasil</b>							
Valor em US\$ FOB 1000				1.951.364	2.808.600	1.570.644	2.297.807
Volume em mil kg				2.070.371	2.605.049	1.409.497	1.958.015
Preço (US\$/Kg)				0,94	1,08	1,11	1,17

Fonte: MDIC/SECEX – Sistema Alice.

<sup>(1)</sup> Até Agosto.

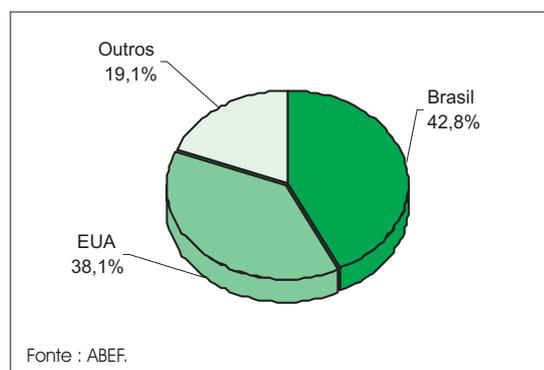


Figura 2 . Carne de frango - Participação do Brasil nas exportações mundiais - 2004



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/I. Carne de frango - Oferta e demanda catarinenses - 2003-04

(mil t)

Discriminação	2003	2004	2004-03 (var %)
Produção	1.418	1.430	0,8
Exportação	657	760	15,7
Venda Nacional	558	458	-17,9
Consumo Estadual	203	212	4,5
Disponib. per cápita (kg/pessoa)	40,5	41,0	1,2

Fonte : MDIC - Sistema Alice e Epagri/Cepa.

Tabela 5/I. Abate de frangos em Santa Catarina - 2000-004

(milhões cab.)

Mês	2001	2002	2003	2004	2005	2005-04 (var %)
Janeiro	55,0	60,3	59,3	55,0	56,6	2,9
Fevereiro	50,8	53,9	55,3	52,4	50,8	-3,1
Março	57,5	54,8	58,8	58,0	56,8	-2,1
Abril	51,4	60,0	56,3	53,7	56,2	4,7
Maio	57,4	58,9	53,9	53,7	58,8	9,5
Junho	53,2	56,0	53,2	55,8	57,3	2,7
Julho	56,6	60,6	56,5	56,6	60,8	7,4
Agosto	60,6	60,2	53,8	56,3	56,9	1,1
Setembro	52,4	54,8	54,6	55,0		
Outubro	57,7	60,6	57,6	53,8		
Novembro	54,7	54,6	52,5	54,1		
Dezembro	52,4	57,5	54,3	56,3		
<b>Subtotal</b>	<b>442,5</b>	<b>464,7</b>	<b>447,1</b>	<b>441,5</b>	<b>454,2</b>	<b>2,9</b>
<b>Total</b>	<b>659,7</b>	<b>692,2</b>	<b>666,1</b>	<b>660,7</b>		

Fonte : Epagri/Cepa.



## Carne suína

Tabela 1/I. Carne suína - Principais países produtores no mundo - 2000-005

(mil t)

País	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>	2005 <sup>(2)</sup>
China	40.314	41.845	43.266	45.186	47.170	47.500
União Européia	20.717	20.427	20.938	21.243	21.001	21.108
Estados Unidos	8.596	8.691	8.929	9.056	9.332	9.512
Brasil	2.556	2.730	2.872	2.698	2.679	2.732
Canadá	1.640	1.731	1.854	1.882	1.900	1.935
Rússia	1.500	1.560	1.630	1.710	1.740	1.790
Japão	1.269	1.245	1.236	1.259	1.270	1.265
Filipinas	1.008	1.064	1.095	1.145	1.175	1.220
México	1.035	1.065	1.085	1.100	1.150	1.175
Coréia do Sul	1.004	1.077	1.153	1.149	1.100	1.170
Taiwan	921	962	935	893	895	895
Outros	1.805	1.681	1.765	1.776	1.540	1.409
<b>Total</b>	<b>82.365</b>	<b>84.078</b>	<b>86.758</b>	<b>89.097</b>	<b>90.952</b>	<b>91.711</b>

Fonte: (Usda/Abipecs).

<sup>(1)</sup>Preliminar.

<sup>(2)</sup>Previsão.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/I. Carne suína – Balanço de oferta e demanda nos principais países produtores – 2004<sup>(1)</sup>

(mil t)

País	Produção	Importação	Consumo	Exportação
China	47.170	88	46.928	330
União Européia	21.001	-	19.801	1.250
Estados Unidos	9.332	506	8.950	938
Brasil	2.679	-	2.173	508
Canadá	1.900	110	1.054	960
Rússia	1.740	500	2.239	1
Japão	1.270	1.225	2.493	-
Filipinas	1.175	-	1.198	-
México	1.150	415	1.515	50
Coreia do Sul	1.100	200	1.330	11
Taiwan	895	78	973	-
Hong Kong	-	317	-	-
Outros	1.540	261	2.008	72
<b>Total</b>	<b>90.952</b>	<b>3.700</b>	<b>90.662</b>	<b>4.120</b>

Fonte: Usda/ Abipecs.

<sup>(1)</sup>Preliminar.

Tabela 3/I. Carne suína – Balanço da oferta e demanda no Brasil - 2000-004

(mil t)

Situação	2000	2001	2002	2003	2004
Produção	2.556	2.730	2.872	2.698	2.679
Exportação	135	260	476	498	508
Disponibilidade Interna	2.421	2.470	2.396	2.200	2.171
Disponibilidade Per Capita [Kg]	14.3	14.4	13.8	12.5	13.3

Fonte: Abipecs.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/I. Carne suína – Destino das exportações brasileiras – 2004

(1.000t)

Pais	Volume
Rússia	288.129
Hong Kong	57.876
Ucrânia	32.506
Argentina	28.222
Cingapura	16.288
África do Sul	12.400
Países Baixos	11.939
Uruguai	9.640
Albânia	5.244
Bulgária	4.953
Geórgia	3.637
Lituânia	3.544
China	2.829
Outros (65 países)	30.497
<b>Total (77 países)</b>	<b>507.704</b>

Fonte: MDIC – Sistema Alice.

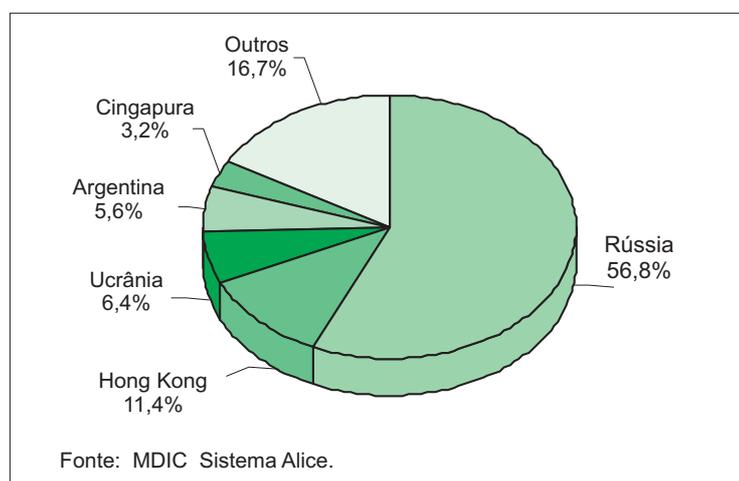


Figura 1. Carne suína – Destino das exportações brasileiras 2004



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 5/I. Carne suína - Estados produtores e exportadores no Brasil - 2004

Estado	Abate Inspeccionado (mil cabeças)	Partic. %	Exportação (toneladas)	Part. %
Santa Catarina	6.768	20,0	231.900	45,7
R. G. do Sul	4.508	13,3	126.961	25,0
Paraná	3.425	10,1	64.914	12,8
Minas Gerais	1.626	4,8	33.076	6,5
São Paulo	1.191	3,5	1.962	0,4
Goiás	997	3,0	18.820	3,7
Mato Grosso do Sul	683	2,0	28.023	5,5
Mato Grosso	555	1,7	1.983	0,4
Subtotal	19.743	58,4	507.639	100,0
Outros c/ SIF	126	0,2	65	-
Total c/ SIF	19.870	58,6		
Outros c/ SIE e SIM	14.048	41,4		
<b>Total Brasil</b>	<b>33.918</b>	<b>100,0</b>	<b>507.704</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Abipecs.

Tabela 6/I. Carne suína - Balanço da oferta e demanda em Santa Catarina - 2001-04

Situação	2001	2002	2003	2004
Produção	663	688	682	660
Exportação	170	258	308	232
Venda nacional	388	318	259	315
Disponibilidade estadual	105	112	115	115
Disponibilidade per capita [kg]	22	23	23	23

Fonte: Abipecs.

Tabela 7/I. Carne suína - Exportações catarinenses - 1996-004

Discriminação	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Valor milhões US\$	83	106	109	76	100	237	256	197	339
Volumes em milhões t	42	49	61	54	75	179	258	184	233
Relação preço US\$/kg	1,98	2,16	1,79	1,40	1,33	1,33	0,99	1,07	1,46

Fonte: MDIC - Sistema Alice.



## Leite - Produção mundial

Segundo os números disponíveis em julho de 2005 na base de dados da FAO (Faostat), a produção mundial de leite para o ano de 2004 foi estimada em 618,53 bilhões de quilos, pouca coisa acima da produção de 2003.

Nesse total estão incluídas as produções dos vários tipos de leite - de vaca, búfala, cabra, ovelha e camela -, mas têm especial relevância os dois primeiros, que representam cerca de 84% e 12%, respectivamente, do total mundial.

A produção de leite de vaca e a de búfala são relativamente concentradas em poucos países do mundo. No caso do leite de vaca, os 20 maiores produtores mundiais representam cerca de 74% da produção mundial. No caso do da búfala, a concentração é ainda maior. A Índia responde por 66% e o Paquistão, por 25% do total mundial.

Considerando a produção total de todos os leites discriminados acima, a Índia é o primeiro produtor mundial.



### Produção brasileira, importação e exportação

Para o Brasil, os números oficiais mais recentes do IBGE indicam que a produção de 2003 alcançou 22,254 bilhões de litros, um incremento de 2,82% em relação aos 21,644 bilhões de litros de 2002. Estima-se que em 2004 a produção brasileira tenha ficado próximo dos 23 bilhões de litros.

A produção recebida pelas indústrias brasileiras com inspeção tem apresentado crescimentos mais significativos do que os verificados na produção total. Segundo os dados preliminares do IBGE, em 2004 foram 14,502 bilhões de litros - 6,4% acima dos 13,627 bilhões de 2003.

Além de ampliar a sua participação na produção mundial, o Brasil parece estar revertendo a sua posição no mercado internacional de lácteos.

Historicamente, a balança comercial brasileira de lácteos sempre foi negativa; as importações superavam as exportações com larga margem, tanto em quantidade quanto em valor.

Em 2004, isto foi revertido. Pela primeira vez na história, as exportações superaram as importações. Além de as exportações terem atingido um novo recorde, houve um significativo decréscimo das importações.

O significativo crescimento das exportações nos anos mais recentes decorreu não apenas da ampliação da quantidade exportada para alguns compradores tradicionais, como também da diversificação de países. Em 1999, quando começou a crescer a quantidade exportada, eram apenas 13 os países compradores de lácteos do Brasil. Em 2004, foram 86.

Esta ampliação do leque de países compradores foi acompanhada de uma importante desconcentração nas quantidades vendidas. Em 2004, em toneladas, os principais destinos das exportações brasileiras foram: Angola, 14,9%; Estados Unidos, 9%; Iraque, 8,9%; Argélia, 8,8%; Venezuela, 8,3%; Trinidad e Tobago, 6,8% e Argentina, 4,5%.



É oportuno destacar ainda que foi em 2004 que o Brasil iniciou e/ou ampliou as exportações para importantes compradores mundiais de diferentes continentes; em alguns casos, com quantidades bastante significativas. Isto indica o potencial brasileiro de exportação de lácteos.

### Produção catarinense

A produção no estado também segue uma trajetória de crescimento sensível e constante. Em 2003, segundo o IBGE, atingiu 1,332 bilhão de litros, 11,7% a mais que em 2002. Esta foi uma das maiores taxas de crescimento entre os estados brasileiros; com isso, continua aumentando a sua participação na produção nacional.

Para 2004, as estimativas preliminares do IBGE indicam que a produção estadual alcançou 1,487 bilhão de litros; portanto, novamente um crescimento superior a 11,5% entre um ano e outro.

### Comportamento dos preços em 2004

No ano de 2004, o preço recebido pelos produtores catarinenses teve comportamento bastante distinto entre os dois semestres. No primeiro, os valores foram bem inferiores aos dos mesmos meses de 2003. No segundo, a situação inverteu-se: houve uma sensível recuperação. Apesar disso, o preço médio do ano, em termos reais, foi inferior ao de 2003.

De qualquer maneira, como a produção do ano se comportou de maneira relativamente satisfatória e como também houve uma menor pressão de custo de alguns importantes fatores de produção, 2004 foi considerado favorável para a maioria dos produtores catarinenses.



### Primeiro semestre de 2005 e perspectivas

Em muitas regiões do Sul do Brasil, em função da falta de chuvas em níveis adequados entre o final de 2004 e os primeiros meses de 2005, as projeções eram de que a produção de leite seria fortemente comprometida e que poderia até haver alguma dificuldade de atender satisfatoriamente à demanda interna. Isto aumentou a concorrência das indústrias pela matéria-prima, com repercussão direta nos níveis de preço aos produtores.

Assim, durante todo o primeiro semestre os preços aos produtores catarinenses estiveram sensivelmente acima dos verificados durante o mesmo período de 2004.

A expectativa era de que, com a chegada do período mais seco - abril/maio - nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste do País a produção brasileira ficaria ainda mais comprometida e os preços internos se elevariam ainda mais ao final do primeiro semestre.

Isto acabou não se confirmando. A produção da Região Sul quanto a brasileira acabaram atingindo patamares bem superiores aos inicialmente esperados e muitas indústrias chegaram a se surpreender com o crescimento da oferta de leite.

Este crescimento da oferta, que nem de perto foi acompanhado pela demanda interna, repercutiu rapidamente sobre os preços internos, que passaram a apresentar forte tendência de decréscimo para o segundo semestre do ano.

Além do grande crescimento da oferta, a balança comercial de lácteos, embora com bem menos peso, também repercutiu negativamente sobre o preço aos produtores.

No primeiro semestre, a balança comercial de lácteos foi negativa, revertendo o comportamento de 2004 quando, pela primeira vez na história, o Brasil exportou mais do que importou.



Este saldo negativo, entretanto, ainda não pode ser considerado como uma situação definitiva para o ano de 2005.

Primeiro, porque, por diferentes razões, algumas empresas reduziram as vendas para o mercado externo e deveriam retomá-las com mais intensidade durante o segundo semestre.

Segundo, pela expectativa de que, ainda durante o segundo semestre, o Brasil consiga ampliar sensivelmente as vendas para o México, grande comprador mundial, país que está reduzindo as restrições sanitárias impostas às exportações brasileiras de lácteos.

Terceiro, porque se espera que as importações decresçam de ora em diante, especialmente em função da redução dos preços internos, o que, mesmo com o real valorizado, está tornando os preços de alguns produtos importados mais elevados do que os do mercado interno.

Ainda não se sabe se estes aspectos serão suficientes para que o comportamento da balança comercial de lácteos seja realmente alterado e se repita a situação do ano passado, mas se espera pelo menos uma diminuição do saldo negativo.

Mesmo que isto não se confirme e os preços aos produtores sejam realmente insatisfatórios durante o segundo semestre, é improvável que a produção do ano de 2005 seja influenciada negativamente.

A tendência da produção brasileira e da catarinense é de seguirem a trajetória de crescimento verificada nos últimos anos: a do estado deverá crescer a taxas bem mais significativas, aumentando ainda mais a sua participação na produção nacional.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 1/I. Leite - Produção mundial e dos principais países produtores - 1970-2004

(bilhões de kg)

País	1970	1980	1990	2000	2002	2003	2004
Índia	20,80	31,56	53,68	80,83	87,30	91,10	92,00
Estados Unidos	53,07	58,24	67,01	76,02	77,14	77,25	77,47
Federação Russa	-	-	-	32,28	33,50	33,37	32,16
Paquistão	7,45	9,01	14,72	25,57	27,03	27,82	28,62
Alemanha	28,18	32,10	31,34	28,35	27,90	28,38	28,15
França	22,85	27,89	26,81	25,74	25,99	25,42	25,18
Brasil	7,42	12,06	15,08	20,53	22,45	23,45	23,46
China	1,96	2,93	7,04	12,37	17,34	21,87	22,91
Nova Zelândia	5,99	6,70	7,51	12,24	13,87	14,35	14,78
Reino Unido	12,97	15,97	15,25	14,49	14,87	15,06	14,60
Ucrânia	-	-	-	12,66	14,13	13,65	13,74
Polônia	14,96	16,49	15,84	11,89	11,87	11,89	12,40
Itália	10,02	11,44	11,96	13,30	12,40	12,18	11,79
Países Baixos	8,24	11,79	11,23	11,16	10,68	11,08	10,70
Turquia	7,34	9,61	9,62	9,79	8,41	10,61	10,48
Austrália	7,76	5,57	6,46	11,18	11,62	10,64	10,38
México	4,11	7,23	6,46	9,44	9,80	9,94	10,03
Japão	4,76	6,50	8,19	8,50	8,39	8,40	8,33
Argentina	4,19	5,31	6,28	10,12	8,79	8,20	8,10
Canadá	8,31	7,41	7,98	8,09	7,96	8,05	8,00
<b>Total mundial</b>	<b>391,77</b>	<b>465,57</b>	<b>542,56</b>	<b>579,70</b>	<b>603,44</b>	<b>616,11</b>	<b>618,53</b>

Fonte: FAO.

Tabela 2/I. Leite de vaca - Produção mundial e dos principais países produtores - 1970-2004

(bilhões de kg)

País	1970	1980	1990	2000	2002	2003	2004
Estados Unidos	53,07	58,24	67,01	76,02	77,14	77,25	77,47
Índia	8,74	13,26	22,24	34,00	36,70	38,30	38,50
Federação Russa	-	-	-	31,96	33,21	33,09	31,88
Alemanha	28,06	32,06	31,31	28,33	27,87	28,35	28,12
França	22,48	27,29	26,14	25,00	25,20	24,61	24,36
Brasil	7,35	11,96	14,93	20,38	22,31	23,32	23,32
China	0,66	1,19	4,36	8,63	13,36	17,82	18,85
Nova Zelândia	5,99	6,70	7,51	12,24	13,87	14,35	14,78
Reino Unido	12,97	15,97	15,25	14,49	14,87	15,06	14,60
Ucrânia	-	-	-	12,44	13,85	13,34	13,43
Polônia	14,95	16,48	15,83	11,89	11,87	11,89	12,40
Itália	9,35	10,64	11,12	12,31	11,34	11,15	10,73
Países Baixos	8,24	11,79	11,23	11,16	10,68	11,08	10,70
Austrália	7,76	5,57	6,46	11,18	11,62	10,64	10,38
México	3,92	6,94	6,33	9,31	9,66	9,78	9,87
Turquia	5,72	7,71	7,96	8,73	7,49	9,51	9,40
Paquistão	2,08	2,19	3,52	8,04	8,35	8,62	8,84
Japão	4,76	6,50	8,19	8,50	8,39	8,40	8,33
Argentina	4,19	5,31	6,28	10,12	8,79	8,20	8,10
Canadá	8,31	7,41	7,98	8,09	7,96	8,05	8,00
<b>Total mundial</b>	<b>359,28</b>	<b>422,32</b>	<b>479,18</b>	<b>491,28</b>	<b>509,64</b>	<b>518,80</b>	<b>519,78</b>

Fonte: FAO.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/I. Leite - Produção brasileira, segundo os estados - 1985-2003

(1.000 litros)

Estado	1985	1995/96 <sup>(1)</sup>	2001	2002	2003
Minas Gerais	3.772.411	5.499.862	5.981.223	6.177.356	6.319.895
Goiás	1.055.295	1.830.057	2.321.740	2.483.366	2.523.048
Rio Grande do Sul	1.280.804	1.885.640	2.222.054	2.329.607	2.305.758
Paraná	919.892	1.355.487	1.889.627	1.985.343	2.141.455
São Paulo	1.810.408	1.847.069	1.783.017	1.748.223	1.785.209
Santa Catarina	603.704	869.419	1.076.084	1.192.690	1.332.277
Bahia	648.995	633.339	739.099	752.026	794.965
Pará	122.660	287.217	459.165	576.794	585.333
Rondonia	47.279	343.069	475.596	644.103	558.651
Mato Grosso	122.917	375.426	442.803	467.095	491.676
Mato Grosso do Sul	268.014	385.526	445.179	472.208	481.609
Rio de Janeiro	424.191	434.719	446.676	447.403	449.425
Espírito Santo	281.412	308.002	362.236	374.897	379.253
Pernambuco	308.419	406.606	360.266	391.577	375.575
Ceará	354.021	384.836	328.127	341.029	352.832
Alagoas	110.022	188.172	244.046	224.014	241.016
Maranhão	97.559	139.451	155.452	195.447	230.205
Tocantins	88.501	144.921	166.020	186.069	201.282
Rio Grande do Norte	140.735	158.815	143.074	158.277	174.146
Sergipe	92.933	134.392	112.873	112.168	139.003
Paraíba	172.938	154.923	105.547	117.024	125.872
Acre	18.146	32.538	85.773	103.848	100.039
Piauí	62.336	73.459	77.628	74.930	74.179
Amazonas	19.325	27.005	37.704	39.571	41.605
Distrito Federal	14.986	19.716	36.597	37.163	38.200
Roraima	7.426	9.534	9.043	8.200	8.115
Amapá	1.089	2.049	3.307	3.310	3.240
<b>Brasil</b>	<b>12.846.418</b>	<b>17.931.249</b>	<b>20.509.956</b>	<b>21.643.738</b>	<b>22.253.863</b>

Fonte: IBGE. Censos Agropecuários de 1985 e de 1995-96 e Produção Pecuária Municipal.

<sup>(1)</sup> Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Observação: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/I. Leite - Comparativo entre a produção total e a destinada à industrialização, segundo os estados - 1999 e 2003

(1.000 litros)

Estado	1999			2003		
	Total	Recebida	(%)	Total	Recebida	(%)
Minas Gerais	5.801.063	3.230.842	55,7	6.319.895	3.783.602	59,9
Goiás	2.066.404	1.358.909	65,8	2.523.048	1.644.656	65,2
Rio Grande do Sul	1.974.662	1.381.343	70,0	2.305.758	1.540.458	66,8
Paraná	1.724.917	897.112	52,0	2.141.455	1.171.409	54,7
São Paulo	1.913.499	1.860.143	97,2	1.785.209	2.352.901	131,8
Santa Catarina	906.540	396.629	43,8	1.332.277	618.224	46,4
Bahia	672.394	245.234	36,5	794.965	212.264	26,7
Pará	311.162	101.930	32,8	585.333	191.831	32,8
Rondônia	408.749	321.622	78,7	558.651	519.639	93,0
Mato Grosso	411.390	176.494	42,9	491.676	260.242	52,9
Mato Grosso do Sul	409.044	163.101	39,9	481.609	202.860	42,1
Rio de Janeiro	457.736	469.988	102,7	449.425	392.047	87,2
Espírito Santo	367.903	149.344	40,6	379.253	201.556	53,1
Pernambuco	266.171	23.162	8,7	375.575	90.487	24,1
Ceará	325.267	86.263	26,5	352.832	87.039	24,7
Alagoas	214.813	70.704	32,9	241.016	89.284	37,0
Maranhão	142.596	17.586	12,3	230.205	45.766	19,9
Tocantins	152.726	34.719	22,7	201.282	80.570	40,0
Rio Grande do Norte	129.165	59.841	46,3	174.146	74.070	42,5
Sergipe	122.424	9.093	7,4	139.003	26.327	18,9
Paraíba	95.684	8.556	8,9	125.872	9.045	7,2
Acre	36.625	8.350	22,8	100.039	9.898	9,9
Piauí	73.302	11.121	15,2	74.179	11.378	15,3
Amazonas	36.054	8	0,0	41.605	217	0,5
Distrito Federal	36.683	55.015	150,0	38.200	11.102	29,1
Roraima	10.000	1.812	18,1	8.115	339	4,2
Amapá	3.062		0,0	3.240		0,0
<b>Brasil</b>	<b>19.070.035</b>	<b>11.138.930</b>	<b>58,4</b>	<b>22.253.863</b>	<b>13.627.205</b>	<b>61,2</b>

Fonte: IBGE.

Observação: diferenças no total são provenientes de arredondamentos.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 5/I. Leite - Produção destinada à industrialização, segundo os estados - 1999-004

(1.000 litros)

Estado	1999	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Minas Gerais	3.230.842	3.329.695	3.700.598	3.634.385	3.783.602	4.172.142
São Paulo	1.860.143	2.132.671	2.178.436	2.383.167	2.352.901	2.420.777
Goiás	1.358.909	1.454.712	1.713.588	1.613.289	1.644.656	1.717.090
Rio Grande do Sul	1.381.343	1.556.944	1.679.885	1.569.595	1.540.458	1.662.309
Paraná	897.112	945.927	1.034.990	1.070.740	1.171.409	1.236.680
Santa Catarina	396.629	479.279	551.421	554.518	618.224	682.732
Rondônia	321.622	384.455	386.276	456.783	519.639	539.006
Rio de Janeiro	469.988	438.313	432.195	382.830	392.047	361.315
Mato Grosso	176.494	184.897	213.363	244.052	260.242	271.216
Bahia	245.234	252.322	254.262	223.713	212.264	226.394
Espírito Santo	149.344	147.829	169.261	200.112	201.556	222.846
Mato Grosso do Sul	163.101	174.232	191.766	191.286	202.860	207.259
Pará	101.930	137.855	168.228	181.512	191.831	203.265
Alagoas	70.704	89.091	96.205	89.312	89.284	106.352
Ceará	86.263	94.880	86.000	86.852	87.039	86.323
Pernambuco	23.162	69.839	96.430	94.522	90.487	82.803
Tocantins	34.719	45.080	59.986	59.924	80.570	78.062
Rio Grande do Norte	59.841	74.680	79.295	80.300	74.070	76.098
Maranhão	17.586	22.024	30.309	30.634	45.766	44.249
Paraíba	8.556	7.979	7.527	9.594	9.045	34.093
Sergipe	9.093	8.817	16.232	19.271	26.327	33.140
Piauí	11.121	11.342	11.348	12.433	11.378	15.448
Distrito Federal	55.015	55.574	46.169	23.228	11.102	11.174
Acre	8.350	8.167	8.657	9.228	9.898	10.893
Amazonas	8	-	-	-	217	599
Roraima	1.812	1.138	277	29	339	294
<b>Brasil</b>	<b>11.138.930</b>	<b>12.107.741</b>	<b>13.212.710</b>	<b>13.221.307</b>	<b>13.627.205</b>	<b>14.502.566</b>

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Obs.: as diferenças no total são provenientes de arredondamentos.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 6/I. Leite - Produção brasileira destinada à industrialização, segundo os meses - 1999-004

Mês	(mil litros)					
	1999	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Janeiro	1.028.956	1.083.710	1.193.407	1.195.537	1.276.754	1.294.209
Fevereiro	893.282	1.001.475	1.008.155	1.047.697	1.098.493	1.165.930
Março	940.534	988.188	1.060.550	1.078.325	1.136.218	1.158.176
Abril	874.957	899.857	1.004.622	1.060.808	1.056.408	1.070.270
Mai	879.926	901.861	1.014.858	1.063.712	1.048.079	1.110.964
Junho	847.894	861.098	1.049.435	1.039.875	1.035.420	1.103.537
Julho	909.341	918.272	1.107.755	1.064.154	1.077.477	1.183.945
Agosto	922.791	968.794	1.117.504	1.100.078	1.098.979	1.185.051
Setembro	898.472	1.024.031	1.102.850	1.058.913	1.078.375	1.182.142
Outubro	935.473	1.123.015	1.169.042	1.117.072	1.171.317	1.256.087
Novembro	965.151	1.132.015	1.176.927	1.146.884	1.218.405	1.348.935
Dezembro	1.042.153	1.205.425	1.207.605	1.248.252	1.331.280	1.443.320
<b>Total</b>	<b>11.138.930</b>	<b>12.107.741</b>	<b>13.212.710</b>	<b>13.221.307</b>	<b>13.627.205</b>	<b>14.502.566</b>

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Tabela 7/I. Leite e derivados - Importações brasileiras - 1992-004

Ano	Tonelada	US\$ 1000	US\$/t
1992	42.513	72.064	1.695
1993	87.718	149.155	1.700
1994	152.083	258.234	1.698
1995	355.619	610.406	1.716
1996	330.227	514.288	1.557
1997	318.747	454.670	1.426
1998	384.124	508.829	1.325
1999	383.674	439.951	1.147
2000	307.116	373.189	1.215
2001	141.189	178.607	1.265
2002	215.331	247.557	1.150
2003	83.557	112.292	1.344
2004	55.884	83.923	1.502

Fonte: Secex/Decex.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 8/I. Leite e derivados - Importações brasileiras, segundo os principais países - 2002-04*

País	2002		2003		2004	
	Tonelada	US\$1000	Tonelada	US\$1000	Tonelada	US\$1000
Argentina	94.442	128.471	31.785	50.881	29.756	48.924
Uruguai	63.204	69.637	24.880	39.295	14.541	22.679
França	6.970	6.405	8.293	7.507	3.889	3.707
Países Baixos	4.921	4.046	2.616	1.987	1.799	1.574
Estados Unidos	8.968	4.549	2.452	897	1.665	727
Polônia	5.184	2.601	2.816	1.114	1.376	572
Nova Zelândia	22.530	18.739	8.376	6.248	1.098	2.408
Finlândia	365	272	382	262	357	230
Alemanha	492	502	221	241	274	313
Espanha	235	170	73	30	224	110
Suíça	265	874	137	571	213	1.048
Paraguai	531	135	-	-	193	50
Bélgica	102	411	158	525	146	549
Itália	211	826	131	521	138	480
Chile	4.493	6.132	1.026	1.625	77	169
Canadá	1.503	882	100	175	68	118
Dinamarca	816	2.716	94	322	42	146
Outros	98	193	17	91	28	118
<b>Total</b>	<b>215.331</b>	<b>247.557</b>	<b>83.557</b>	<b>112.292</b>	<b>55.884</b>	<b>83.923</b>

Fonte: Secex/Decex.

*Tabela 9/I. Leite e derivados - Importações brasileiras - Janeiro a junho - 1992-005*

Ano	Tonelada	US\$ 1000	US\$/t
1992	34.229	57.090	1.668
1993	34.480	61.613	1.787
1994	27.692	42.905	1.549
1995	194.425	320.975	1.651
1996	140.136	227.697	1.625
1997	156.222	228.474	1.462
1998	183.736	244.907	1.333
1999	167.784	201.372	1.200
2000	160.515	178.182	1.110
2001	90.686	112.453	1.240
2002	100.376	120.989	1.205
2003	47.260	60.797	1.286
2004	25.080	37.076	1.478
2005	40.663	68.584	1.687

Fonte: Secex/Decex.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Tabela 10/I. Leite e derivados - Exportações brasileiras - 1992-004*

Ano	Tonelada	US\$1000	US\$/t
1992	3.694	10.023	2.713
1993	14.195	22.661	1.596
1994	1.339	2.726	2.035
1995	2.407	5.846	2.429
1996	7.786	19.257	2.473
1997	4.304	9.410	2.186
1998	3.000	8.105	2.702
1999	4.398	7.520	1.710
2000	8.928	13.361	1.497
2001	19.371	25.030	1.292
2002	40.123	40.246	1.003
2003	44.444	48.508	1.091
2004	68.240	95.381	1.398

Fonte: Secex/Decex.

*Tabela 11/I. Leite e derivados - Exportações brasileiras - Janeiro a junho - 1992-005*

Ano	Tonelada	US\$1000	US\$/t
1992	458	1.753	3.831
1993	13.835	21.791	1.575
1994	688	1.351	1.963
1995	846	1.915	2.264
1996	3.260	7.575	2.324
1997	562	1.571	2.796
1998	1.830	4.702	2.570
1999	1.653	3.212	1.943
2000	4.263	5.841	1.370
2001	4.607	6.947	1.508
2002	17.108	19.767	1.155
2003	13.366	13.871	1.038
2004	22.238	29.618	1.332
2005	32.762	50.679	1.547

Fonte: Secex/Decex.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 12/I. Leite - Produção catarinense, segundo as micro e mesorregiões - 1985-2004

(1.000 litros)

Micro e mesorregião	1985	1995/96 <sup>(1)</sup>	2000	2003	2004 <sup>(2)</sup>
Chapecó	75.139	145.240	167.552	288.876	333.459
Concórdia	50.351	90.351	103.500	148.189	162.898
Joaçaba	60.603	83.293	93.362	99.661	111.556
São Miguel do Oeste	61.030	128.612	174.002	270.567	326.953
Xanxerê	23.370	37.655	64.391	102.312	112.137
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>270.493</b>	<b>485.151</b>	<b>602.808</b>	<b>909.605</b>	<b>1.047.004</b>
Canoinhas	21.609	46.422	46.320	47.268	47.268
Joinville	32.659	22.900	22.512	19.765	19.537
São Bento do Sul	4.401	4.903	5.219	5.583	5.577
<b>Norte Catarinense</b>	<b>58.669</b>	<b>74.225</b>	<b>74.051</b>	<b>72.616</b>	<b>72.383</b>
Florianópolis	6.767	6.392	7.935	10.382	10.513
Tabuleiro	9.219	12.436	15.196	26.395	28.324
Tijucas	9.509	9.315	9.303	8.629	10.085
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>25.495</b>	<b>28.143</b>	<b>32.433</b>	<b>45.406</b>	<b>48.922</b>
Campos de Lages	34.315	36.567	40.505	41.497	42.483
Curitibanos	12.838	14.708	13.666	14.748	15.768
<b>Serrana</b>	<b>47.153</b>	<b>51.275</b>	<b>54.171</b>	<b>56.245</b>	<b>58.251</b>
Araranguá	14.526	14.778	11.585	11.376	10.506
Criciúma	14.781	18.004	17.629	16.747	18.177
Tubarão	32.866	48.245	50.279	57.340	65.621
<b>Sul Catarinense</b>	<b>62.173</b>	<b>81.027</b>	<b>79.493</b>	<b>85.463</b>	<b>94.304</b>
Blumenau	48.995	38.971	40.701	34.821	32.006
Itajaí	5.908	6.737	8.870	11.014	8.616
Ituporanga	18.879	22.964	26.205	29.189	31.020
Rio do Sul	65.939	80.925	84.365	87.927	94.156
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>139.721</b>	<b>149.597</b>	<b>160.142</b>	<b>162.951</b>	<b>165.798</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>603.704</b>	<b>869.418</b>	<b>1.003.098</b>	<b>1.332.286</b>	<b>1.486.662</b>

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Período de 1/8/95 a 31/7/96.

<sup>(2)</sup> Dados preliminares.

Obs.: as diferenças no total são provenientes de arredondamentos.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 13/I. Leite - Produção inspecionada - Total das indústrias e postos de resfriamento catarinenses - 1999-004

(1.000 litros)

Mês	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Janeiro	37.109	44.983	59.862	69.607	72.084	77.470
Fevereiro	34.005	42.641	54.707	57.936	64.163	68.957
Março	35.092	41.754	55.139	57.917	63.968	68.747
Abril	31.872	37.788	49.603	53.297	58.133	62.476
Mai	32.878	41.330	51.308	56.749	61.727	66.339
Junho	33.379	43.898	52.513	62.651	65.725	70.635
Julho	41.677	49.478	60.264	68.480	73.642	79.144
Agosto	44.926	54.780	65.788	74.938	80.783	86.819
Setembro	46.153	56.115	67.480	75.324	82.193	88.334
Outubro	44.233	53.964	67.271	79.598	82.985	89.185
Novembro	43.709	53.325	66.651	76.292	81.098	87.157
Dezembro	45.456	55.456	69.414	77.210	83.500	89.739
<b>Total</b>	<b>470.489</b>	<b>575.513</b>	<b>720.000</b>	<b>810.000</b>	<b>870.000</b>	<b>935.000</b>

Fonte: Estimativas da Epagri/Cepa.

Tabela 14/I. Leite - Produção destinada à industrialização em Santa Catarina, segundo os meses - 1999-004

(1.000 litros)

Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Janeiro	32.759	37.729	47.386	48.827	57.367	56.812
Fevereiro	30.056	35.587	39.441	44.144	47.806	49.742
Março	30.139	33.657	39.428	44.186	47.839	48.357
Abril	27.719	31.437	36.283	42.514	40.960	46.569
Mai	28.802	33.723	38.633	42.812	41.937	49.426
Junho	28.826	36.344	42.651	43.745	43.710	53.272
Julho	34.013	39.798	46.619	46.393	50.971	56.881
Agosto	36.974	43.687	51.015	47.420	54.467	62.906
Setembro	37.701	46.278	51.278	45.791	55.907	63.942
Outubro	36.003	48.298	54.188	49.885	59.381	65.758
Novembro	35.569	45.356	51.937	47.513	57.771	62.947
Dezembro	38.068	47.385	52.562	51.288	60.108	66.120
<b>Total</b>	<b>396.629</b>	<b>479.279</b>	<b>551.421</b>	<b>554.518</b>	<b>618.224</b>	<b>682.732</b>

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 15/I. Leite - Preços médios<sup>1</sup> recebidos pelos produtores de Santa Catarina - 2000-005

Ano	(R\$/l)						(US\$/l)					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Janeiro	0,26	0,25	0,27	0,41	0,40	0,48	0,14	0,13	0,11	0,12	0,14	0,18
Fevereiro	0,27	0,25	0,27	0,42	0,39	0,48	0,15	0,12	0,11	0,12	0,13	0,18
Março	0,27	0,26	0,28	0,43	0,39	0,49	0,15	0,12	0,12	0,12	0,13	0,18
Abril	0,27	0,28	0,30	0,44	0,40	0,51	0,15	0,13	0,13	0,14	0,14	0,20
Mai	0,29	0,30	0,32	0,43	0,42	0,52	0,16	0,13	0,13	0,15	0,14	0,21
Junho	0,30	0,32	0,33	0,44	0,45	0,52	0,17	0,13	0,12	0,15	0,14	0,22
Julho	0,32	0,33	0,34	0,43	0,47		0,18	0,13	0,12	0,15	0,15	
Agosto	0,35	0,30	0,35	0,43	0,49		0,19	0,12	0,11	0,14	0,16	
Setembro	0,34	0,26	0,35	0,43	0,49		0,18	0,10	0,10	0,15	0,17	
Outubro	0,31	0,24	0,35	0,43	0,47		0,16	0,09	0,09	0,15	0,16	
Novembro	0,27	0,25	0,36	0,43	0,47		0,14	0,10	0,10	0,15	0,17	
Dezembro	0,25	0,26	0,38	0,42	0,48		0,13	0,11	0,10	0,14	0,18	
<b>Média</b>	<b>0,29</b>	<b>0,28</b>	<b>0,33</b>	<b>0,43</b>	<b>0,44</b>	<b>0,50</b>	<b>0,16</b>	<b>0,12</b>	<b>0,11</b>	<b>0,14</b>	<b>0,15</b>	<b>0,19</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Posto na plataforma das indústrias.



## Mel - Panorama mundial

O setor melífero mundial, estruturado em mais de 130 países, registrou crescimento na produção, além de haver disponibilizado uma diversidade de produtos e subprodutos nos últimos anos. Em 2004, conforme estimativas da FAO, a produção total alcançou aproximadamente 1,31 milhão de toneladas, gerando um montante financeiro de mais de dois bilhões de dólares. Esta cifra, aumenta sensivelmente à medida que se consideram as produções de geléia real, pólen, cera, dentre outros, e serviços como os de polinização, utilizados principalmente na agricultura e pecuária.

No ano passado, os maiores destaques na produção pertenceram à China, com 21,1%; aos Estados Unidos, com 6,3%; à Argentina, com 6,1%; à Turquia, com 5,7%; ao México, com 4,3%; à Ucrânia, com 4,1%; à Federação Russa e à Índia, com 4,0%, responsáveis por mais da metade da produção mundial, conforme demonstrado na tabela 1.

Ressalta-se que os serviços de polinização tornam-se uma prática cada vez mais necessária. Por contribuírem de maneira significativa para o aumento da qualidade e a melhoria da produtividade de produtos da horticultura (frutas e verduras), fazem parte integrante das atividades agropecuárias, da lavoura (principalmente os grãos) e de pastagens na maioria dos países.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 1/I. Mel – Quantidade produzida no mundo e nos principais países - 2002-04

País	Quantidade Produzida (t)		
	2002	2003	2004
Mundo	1.274.661	1.316.240	1.309.656
Alemanha	14.620	23.691	16.000
Angola	23.000	23.000	23.000
Argentina	83.000	75.000	80.000
Austrália	22.000	22.500	22.500
Brasil	23.995	24.000	24.500
Canadá	37.072	33.566	35.000
China	267.830	275.935	276.000
Coreia do Sul	25.500	25.500	25.500
Espanha	35.722	35.074	36.045
Estados Unidos	77.890	82.144	82.000
Etiópia	29.000	29.000	29.000
Federação Russa	49.400	50.000	52.000
Hungria	15.200	21.000	16.000
Índia	52.000	52.000	52.000
Irã	28.045	29.000	29.000
Quênia	22.000	22.000	21.500
México	58.890	55.840	55.840
Tanzânia	26.500	26.500	26.500
Turquia	74.555	75.000	75.000
Ucrânia	51.144	53.550	54.000

Fonte: FAO (junho de 2005).

As práticas de uso de mel *in natura* ainda são bastante inexpressivas e pouco difundidas junto à população de alguns países, resultando num consumo médio per cápita mundial de cerca de 300g/pessoa/ano; nos países da Comunidade Européia, tal valor sobe para 700g/pessoa/ano (FAO, 2005).

Os maiores consumos anuais, em 2002, foram observados nos seguintes países: Áustria - 1.700 gramas; Grécia - 1.600 gramas; Suíça - 1.300 gramas; Alemanha - 1.200 gramas; Eslovênia - 1.100 gramas; Ucrânia 1.000 gramas; Turquia, 800 gramas; Canadá e Espanha - 700 gramas cada; Estados Unidos e Nova Zelândia - 600 gramas cada; França - 500 gramas; México - 200 gramas.

Em 2003, segundo a FAO, 402 mil toneladas de mel *in natura* foram exportadas para os principais centros consumidores mundiais, representando um movimento financeiro de 946 milhões de dólares.

Embora se tenha observado uma diminuição em cerca de 1% nas vendas, os valores negociados cresceram aproximadamente 35,6% em relação ao ano anterior. Os principais mercados vendedores - chinês, argentino, mexicano, alemão, brasileiro, húngaro, canadense, turco e chileno - participaram com cerca de 70% nas vendas totais realizadas, conforme demonstrado na tabela 2.

O volume do produto importado em 2003 caiu 0,66%, enquanto os desembolsos financeiros subiram 38,58% em relação ao ano anterior. Em valores percentuais, os maiores aumentos relativos nas compras, por ordem de importância, ocorreram nos seguintes mercados: Arábia Saudita, 102,7%; Malásia, 96,6%; Austrália, 95,4%; Holanda, 74,2%; China, 27,3% e Dinamarca, 24,4%. As maiores aquisições continuam sendo feitas pela Alemanha, com 23,3% das transações, seguida pelos Estados Unidos, com 22,9%, Japão, com 10,9% e Reino Unido, com 5,4%, conforme demonstrado na tabela 3.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/I. Mel – Quantidade e valor das exportações, total e nos principais países – 2001-03

País	2001		2002		2003	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
<b>Mundo</b>	<b>361.059</b>	<b>440.442</b>	<b>405.284</b>	<b>697.211</b>	<b>401.589</b>	<b>945.555</b>
Alemanha	20.273	34.737	22.222	53.465	21.161	79.291
Argentina	73.032	71.508	79.986	114.170	70.499	159.894
Austrália	8.486	13.165	8.504	16.281	5.160	18.078
Brasil	2.489	2.809	12.640	23.141	19.273	45.545
Bulgária	3.381	3.960	4.071	6.751	6.453	15.670
Canadá	12.862	21.249	22.921	57.155	15.041	47.253
Chile	6.506	6.649	6.228	9.300	12.810	33.186
China	107.351	99.804	77.276	81.910	87.469	110.194
Cuba	6.022	5.750	4.413	5.491	4.733	8.360
Espanha	7.968	14.476	14.834	31.983	11.633	38.385
USA	3.409	6.388	3.546	6.861	5.032	9.455
Hungria	12.725	19.255	15.023	36.605	15.807	52.040
Índia	3.210	3.995	6.647	10.880	6.964	14.626
México	22.923	28.086	34.457	65.013	25.018	67.947
Romênia	6.869	8.339	5.793	12.359	9.643	25.943
Turquia-	4.328	6.800	15.294	30.687	14.776	36.421
Uruguai	9.646	9.247	9.471	14.654	9.177	23.701
Vietnã	7.600	8.700	15.876	17.982	10.548	18.917

Fonte: FAO (junho de 2005).

Tabela 3/I. Mel – Quantidade e valor das importações, total e nos principais países – 2001-03

País	2001		2002		2003	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
<b>Mundo</b>	<b>356.944</b>	<b>459.363</b>	<b>404.812</b>	<b>704.566</b>	<b>402.159</b>	<b>976.420</b>
Alemanha	92.200	110.395	98.909	161.609	93.532	240.851
Arábia Saudita	7.730	26.517	4.920	19.751	9.976	28.344
Austrália	768	1.887	4.493	7.840	8.779	24.988
Áustria	4.612	6.975	5.474	11.933	4.297	13.793
Bélgica	10.475	13.937	8.561	17.415	6.652	20.997
Canadá	5.210	5.440	8.144	14.856	8.830	18.135
China	3.873	5.662	4.849	6.496	6.174	10.351
Dinamarca	6.557	7.171	4.410	8.464	5.486	15.185
Espanha	14.756	14.804	10.910	16.919	11.119	27.269
Estados Unidos	65.749	76.350	92.007	165.706	92.151	219.496
França	15.547	22.563	16.836	35.889	15.165	49.532
Itália	11.961	15.028	14.073	27.900	14.449	42.382
Japão	40.188	41.776	45.038	56.362	43.785	62.014
Malásia	1.957	3.288	2.491	3.848	4.897	6.387
Holanda	4.549	7.596	5.495	12.198	9.575	22.794
Polónia	3.180	3.039	4.550	4.860	4.488	4.479
Reino Unido	26.151	29.270	29.901	51.695	21.867	64.229
Suíça	6.921	12.414	6.747	14.401	6.790	21.950

Fonte: FAO (junho de 2005).



Ressalta-se que países com relativa participação na produção e com expressão nas vendas para o mercado externo aparecem nas estatísticas também como potenciais importadores. É o caso da Alemanha e Estados Unidos, dentre outros, que adquirem o produto in natura (a granel), realizam o processamento e em seguida o disponibilizam no mercado. Esta é uma tática bastante usual entre os importadores, que possibilita uma maior agregação de valor ao produto e ao subproduto melífero.

## Panorama nacional

Com uma extensão territorial de 8,513 milhões de quilômetros quadrados, o Brasil possui vegetação e clima diversificados que favorecem a exploração da atividade apícola em todos os estados durante praticamente todo o ano. No entanto, apesar de um potencial favorável, a produção nacional é pouco expressiva e permite alcançar apenas o 15º lugar no ranking mundial. Será possível melhorar esta posição à medida que os diversos segmentos da cadeia produtiva da atividade tornarem os produtos e subprodutos apícolas mais competitivos, mediante a melhoria de qualidade, preços baixos, mais investimentos em inovação de processos, marketing e recursos humanos.

Ressalta-se a contribuição do setor apícola nacional na geração de benefícios econômicos e sociais. Movimenta milhares de empregos diretos e indiretos, como, por exemplo, a polinização em pomares, os trabalhos de manutenção dos apiários, a produção de equipamentos e o manejo de produtos e serviços melíferos, como o mel, o pólen, a cera e geléia real.

Em 2003, segundo o IBGE, o Brasil produziu aproximadamente 30 mil toneladas de mel. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Piauí, São Paulo e Minas Gerais obtiveram as maiores produções e foram responsáveis por 77% do volume total produzido, conforme demonstrado na tabela 4.

Em alguns estados produtores das Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte), Sudeste (Minas Gerais) e Centro-Oeste (Mato Grosso), as condições naturais de clima, com estações mais bem definidas, têm



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/1. Mel - Produção brasileira e dos principais estados – 2000-03

Ano	2000	2001	2002	2003
Brasil	21.865	22.220	23.995	30.022
Bahia	521	688	873	1.419
Ceará	655	672	1.373	1.896
Minas Gerais	2.101	2.068	2.408	2.194
Paraná	2.871	2.925	2.844	4.068
Piauí	1.863	1.741	2.222	3.146
Rio Grande do Sul	5.815	6.045	5.605	6.778
Santa Catarina	3.984	3.775	3.829	4.511
São Paulo	1.830	2.053	2.057	2.454
Demais estados	2.225	2.252	2.784	3.556

Fonte: IBGE.

favorecido a exploração da atividade e permitido a obtenção de melhores rendimentos por colméia e, com isso, nos anos mais recentes, aumento da produção.

A apicultura nacional continua carecendo de mais organização, de maior entrosamento entre os diversos agentes da atividade (federação, associações de apicultores, entrepostos de vendas, dentre outros) e de uma melhor estruturação de dados e

informações, como: produção existente, número de apicultores (profissionais e amadores), entrepostos de vendas (número existente, onde se encontram e qual a sua capacidade, destino das vendas), prática de manejo dos apiários e do mel extraído, embalagem (especificando a origem do produto, tipo de florada, data de validade) e selo de qualidade, possibilitando a tomada de decisão e a definição de políticas de desenvolvimento para o setor.

O setor é constituído, além da confederação, de oito federações, cerca de 700 associações (organizadas e legalmente instituídas), 1.600 entrepostos de comercialização, 190 mil apicultores e cerca de dois milhões de colméias.

O número de apicultores e de colméias aumenta sensivelmente quando são considerados os agricultores que exploram a atividade apenas como fonte de renda complementar da família.

As estimativas de consumo nacional de mel *in natura*, segundo os diversos agentes da cadeia produtiva, oscilam entre 250 e 300 g/hab/ano – quantidade considerada pouco expressiva se comparada com o consumo de alguns países europeus, como a Áustria, a Grécia, a Suíça, a Alemanha, onde o consumo que fica acima de 1.000 g/hab/ano.

Nestes e noutros países, já há algum tempo o mel deixou de ter uso somente medicinal (cura de gripe, regulador de intestino, dentre outros), para ser uma fonte complementar de alimento, devido aos diversos componentes



nele contidos, como vitaminas, aminoácidos e sais minerais - considerados essenciais ao organismo humano.

A divulgação sistemática pelos diversos órgãos e instituições nacionais ligadas ao setor, mediante a promoção de feiras, exposições, seminários, serviços de marketing, dentre outros, além de propiciar um maior conhecimento sobre os benefícios resultantes do uso do mel e dos seus derivados (geléia real, pólen, própolis), contribuirá para um provável aumento do consumo e incremento nas vendas.

No âmbito externo, a apicultura brasileira tem aumentado a sua participação nas vendas (*in natura* e de seus derivados) nos últimos anos, principalmente para os mercados da Alemanha, dos Estados Unidos, do Reino Unido e, em menor proporção, da Espanha e da Bélgica. Estes mercados têm-se transformado em importantes parceiros comerciais e absorveram cerca de 97% do volume total comercializado no período de janeiro de 2001 a junho de 2005.

Tabela 5/1. Mel - Valor e quantidade das exportações brasileiras, por país de destino – 2003-05

País	Valor FOB (US\$ 1.000)			Quantidade (t)		
	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
Alemanha	24.883	22.585	3.378	10.563	10.746	2.614
Bélgica	580	969	173	238	464	121
Espanha	492	2.576	393	222	1.206	309
Estados Unidos	16.130	6.576	1.816	6.777	3.775	1.332
Reino Unido	2.679	7.660	393	1.163	3.773	2.492
Demais países	781	2.008	439	310	1.064	304
<b>Total</b>	<b>45.545</b>	<b>42.374</b>	<b>9.420</b>	<b>19.273</b>	<b>21.028</b>	<b>7.172</b>

<sup>(1)</sup> Acumulado nos meses de janeiro a junho de 2005.

Fonte: Secex/Decex (junho de 2005).

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil, em 2003 foram comercializadas 19,3 mil toneladas e em 2004, 21,0 mil toneladas, registrando, assim, um aumento de 9,4% nas vendas. No primeiro semestre deste ano (2005) foram negociadas 7,2 mil toneladas do produto – contra 12,2 mil



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

toneladas em igual período de 2004 -, apresentando um decréscimo de 41% nas vendas, conforme demonstrado na tabela 6.

Tabela 6/I. Mel - Quantidade e valor das exportações brasileiras, por estado – 2003-05

Estado	Valor FOB (US\$ 1.000)			Quantidade (t)		
	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>45.545</b>	<b>42.374</b>	<b>8.050</b>	<b>19.273</b>	<b>21.028</b>	<b>7.172</b>
Ceará	5.642	4.524	1.314	2.342	2.385	985
Minas Gerais	1.900	621	109	814	288	75
Paraná	4.590	3.896	183	1.912	1.735	110
Piauí	6.996	3.325	1.023	3.010	1.748	1.106
Rio Grande do Sul	1.282	3.340	516	555	1.691	405
Santa Catarina	9.511	8.518	1.189	4.036	4.183	1.030
São Paulo	14.988	17.245	3.475	6.337	8.554	3.275

Fonte: Secex/Decex (junho de 2005).

<sup>(1)</sup> Acumulado nos meses de janeiro a junho de 2005.

No mercado externo, o valor médio anual por tonelada de produto negociado em 2003 atingiu a cifra de US\$ 2.363,15, proporcionando um ganho financeiro de 17,3% em relação aos preços pagos em 2004, que foram de US\$ 2.015,12. No primeiro semestre de 2005, entretanto, constata-se uma sensível diminuição nesses valores, registrando uma remuneração de apenas US\$ 1.313,51 – decréscimo de 34,8% em comparação com igual período de 2004, em consequência do aumento da oferta internacional do produto (principalmente o chinês).

Tabela 7/I. Mel – Preços das exportações brasileiras - Média nacional e dos principais estados vendedores - 2003-05

Ano	Média Nacional	Ceará	Minas Gerais	Paraná	Piauí	Rio Grande do Sul	Santa Catarina	São Paulo	(US\$/t)
2003	2.363,15	2.409,05	2.334,15	2.400,63	2.324,25	2.309,91	2.356,54	2.365,16	
2004	2.015,12	1.896,86	2.156,25	2.245,53	1.902,17	1.975,16	2.036,34	2.016,02	
2005	1.313,51	1.566,77	1.473,30	1.662,95	1.247,26	1.274,70	1.358,84	1.227,87	

Fonte: Secex/Decex. Disponível em junho de 2005.



## Panorama estadual

Santa Catarina possui farta vegetação natural e cultivada, considerada de boa qualidade floral e melífera, que proporciona excelentes condições para a exploração da atividade apícola em toda a sua extensão territorial.

Além da produção de mel, a atividade apícola possibilita a exploração de uma infinidade de produtos e subprodutos, como: cera, própolis, geléia real, pólen, apitoxina, dentre outros; oferece também os serviços de polinização, que contribuem sensivelmente na melhoria da produtividade de produtos agrícolas (frutas, sementes, grãos, dentre outros) e das pastagens no estado.

Estima-se que haja cerca de 400 mil colméias distribuídas em praticamente todos os municípios catarinenses e existam aproximadamente 30 mil apicultores (entre profissionais e amadores). Deste contingente, cerca de três mil são considerados apicultores profissionais, que têm na atividade sua principal fonte de renda.

O setor conta com o apoio da federação, de 73 associações de apicultores e de 43 entrepostos de compras e vendas, dos quais apenas 18 disponibilizam regularmente mel *in natura* no mercado.

Segundo o IBGE, as maiores produções encontram-se nas mesorregiões Oeste Catarinense, Sul Catarinense e Serrana; o rendimento médio oscila entre 14 e 26 quilos por colméia. A variação da produtividade está diretamente relacionada com as condições climáticas (índice pluviométrico e de insolação, temperaturas, umidade relativa), localização geográfica do apiário, disponibilidade e condições de uso de florada, dentre outros fatores que normalmente influem no trabalho das abelhas, na qualidade e no sabor do mel.

Segundo a Federação das Associações dos Apicultores de Santa Catarina (Faasc) e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), através do Centro de Pesquisa e Extensão Apícola (Cepea), a maior densidade de colméias por apicultor encontra-se nas mesorregiões



Sul Catarinense e Vale do Itajaí, enquanto as melhores produtividades pertencem aos apicultores da Sul Catarinense, da Serrana e da Alto Vale.

Quanto ao uso de florada para extração do néctar pelas abelhas, na Sul Catarinense predominam as flores de eucalipto; na Norte Catarinense, as flores de vassoura (carqueja), bracatinga e demais silvestres; na Alto Vale do Itajaí, as flores silvestres, enquanto na Oeste, as flores silvestres, a uva-do-japão e a laranja, conforme demonstrado na tabela 8.

*Tabela 8/I. Mel – Período de colheita, tipo de florada, número de colméia por apicultor e rendimento por colméia, por mesorregião de Santa Catarina - 2003*

Mesorregião	Período de colheita	Tipo de florada predominante	Colméia/apicultor (nº)	Rendimento/colméia
Oeste Catarinense	Ago. a nov.	silvestre, uva-do-japão e laranja		7 13,1
Norte Catarinense	Set. a nov.	silvestre, vassouras e bracatinga		26 14,5
Serrana	Set. a dez.	silvestre, vassouras e bracatinga		23 18,3
Grande Florianópolis	Set. a nov.	silvestre	26	15,8
Vale do Itajaí	Ago. a dez.	silvestre	34	17
Sul Catarinense	Mar. a maio	eucalipto	87	25,8

Fonte: Epagri/Cepea e Faasc.

Santa Catarina é o segundo maior produtor nacional de mel, com uma produção de 4,5 mil toneladas (IBGE-2003), cabendo ao Rio Grande do Sul a primeira posição no ranking nacional (com 6,8 mil toneladas).

Em 2004, as condições climáticas desfavoráveis das safras de primavera e outono - como excesso de chuva (no início) e escassez (no final), aumento da umidade relativa do ar, quedas bruscas de temperatura - dificultaram o trabalho regular das abelhas na busca do néctar e a formação de florada com qualidade nas principais regiões produtoras e influenciaram a produtividade e a conseqüente diminuição da produção estadual, que, segundo a Epagri/Cepea e a Faasc, deverá situar-se em torno de cinco mil toneladas (estimada inicialmente em 6,5 mil toneladas).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 9/I. Mel – Quantidade produzida e participação percentual por microrregião geográfica - Santa Catarina – 2000-003

Discriminação	Quantidade produzida (t)				Participação 2003 (%)
	2000	2001	2002	2003	
<b>Santa Catarina</b>	<b>3.983,70</b>	<b>3.774,70</b>	<b>3.828,80</b>	<b>4.511,00</b>	<b>100</b>
Araranguá	120	-	76	81	1,8
Blumenau	122	161,4	85,2	107,4	2,4
Campos de Lages	535,8	578,2	561,1	575,6	12,8
Canoinhas	418	290,5	359	364	8,1
Chapecó	296,6	294,6	276,6	276,2	6,1
Concórdia	120,3	134,3	142,1	181,7	4
Criciúma	723,5	660,5	684,4	926	20,5
Curitibanos	108,1	115	125,3	121,6	2,7
Florianópolis	43,3	47,2	47,3	52,1	1,2
Itajaí	17,4	17,4	16,8	16,3	0,4
Ituporanga	74,2	75,6	73,7	105,1	2,3
Joaçaba	263,6	244,2	260,6	296,1	6,6
Joinville	28,4	28,5	28,5	36,4	0,8
Rio do Sul	172,9	188,4	214,6	272,1	6
São Bento do Sul	46,7	47,6	47,3	47,7	1,1
São Miguel d'Oeste	293,8	280,1	238,8	354,4	7,9
Tabuleiro	180,5	211,5	200,4	209	4,6
Tijucas	86,6	89,8	88	96,2	2,1
Tubarão	227,2	211,9	199,4	259,9	5,8
Xanxerê	104,9	98,1	103,8	132	2,9

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Para 2001, na microrregião geográfica de Araranguá não houve produção de mel devido a fatores climáticos adversos, ocorridos nos meses de janeiro e fevereiro (chuva seguida de sol forte), que provocaram a escaldadura das flores de eucalipto, impedindo o trabalho das abelhas.

A comercialização da produção catarinense no mercado interno mantém-se pouco expressiva (representa cerca de 20%); os 80% restantes são vendidos nos principais centros consumidores de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, e também nos mercados da Alemanha (maior parceiro comercial), dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Espanha e da Bélgica, dentre outros.

O mercado paulista, que se destaca como o maior centro receptor de mel do País, lidera as vendas nacionais; os estados nordestinos também vêm conquistando espaço nas vendas para o mercado nacional e internacional.

O estado mantém a segunda posição nas vendas de mel para o mercado externo e, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério



do Desenvolvimento Indústria e Comércio do Brasil, observa-se um aumento acentuado no volume vendido a partir de 2002, que continuou em crescimento em 2003 e 2004.

Para 2005, se as condições climáticas em Santa Catarina continuarem favoráveis - índice de precipitação, temperatura, índice de insolação, umidade relativa do ar, distribuídos regularmente durante toda a safra apícola (julho a maio) -, é bastante provável que se atinja uma produção entre 6,5 mil e 7 mil toneladas.

O mercado catarinense deverá manter comportamento semelhante ao do primeiro semestre deste ano, quando as vendas nos principais centros consumidores do País se apresentaram ascendentes.

Para o segundo semestre, é bastante provável que se mantenham os mesmos níveis de venda, sendo necessário que a população continue estimulada e cada vez mais consciente da importância do mel como fonte complementar de alimento e benefício para a saúde.

Para isto, é preciso que se mantenham os mecanismos de incentivo junto à sociedade mediante a realização de seminários, feiras, exposições e quaisquer outras formas de promoção e divulgação dos produtos e subprodutos apícolas. Um possível aumento das vendas resultaria em provável melhora nos preços ao produtor.

No segundo semestre de 2005, as vendas catarinenses de mel para o mercado externo – seguindo o quadro nacional - deverão manter-se estáveis enquanto o dólar americano permanecer desvalorizado frente à moeda nacional; uma maior oferta mundial também estimulará a concorrência entre mercados, mantendo o valor médio do produto baixo.

Os preços médios reais<sup>1</sup> recebidos pelo apicultor nas principais regiões produtoras do estado, de janeiro de 2001 a maio de 2005 (já inseridas,

---

<sup>1</sup> O preço foi corrigido pelo Índice Geral de Preços (Disponibilidade Interna) da Fundação Getúlio Vargas, tomando-se por base o mês de maio de 2005.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

portanto, as taxas inflacionárias no período), mantiveram-se em alta nos anos de 2001 a 2003, com um valor médio, no período, de R\$ 6,62 o quilo de mel. Em 2004, começaram a declinar, atingindo R\$ 6,09 o quilo; a tendência de queda persistiu também nos cinco primeiros meses de 2005, registrando uma remuneração de R\$ 5,30 o quilo do produto.

O comportamento de preços mensais recebidos pelo apicultor de Santa Catarina, no período de janeiro de 2001 a junho de 2005, é demonstrado na figura 1.

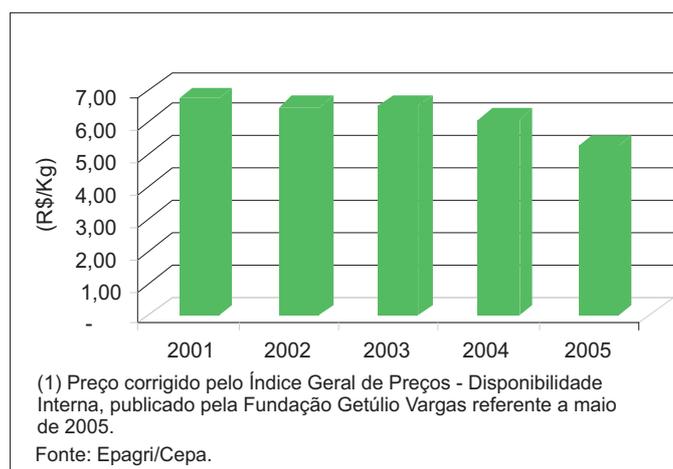


Figura 1/I - Mel - Preços anuais recebidos (1) pelo produtor catarinense - Jan./2001-Maio/2005



## Desempenho da pesca e da aquicultura

O Brasil, como 24º produtor mundial de pescado, está com uma produção extrativa estagnada em aproximadamente 546.644 toneladas (FAO). O aumento vem se dando pela aquicultura, atividade que tem incrementado anualmente a produção de pescado brasileiro.

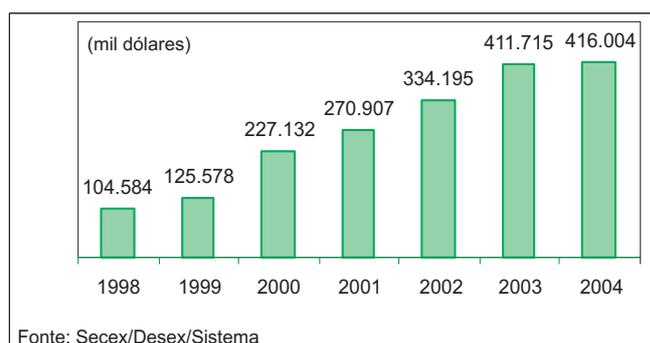


Figura 1/I. Valor das exportações e importações de pescados brasileiros - 1998-004

As exportações de pescado no ano de 2004 chegaram a 100.161 toneladas e representaram, em divisas, cerca de US\$ 416 milhões FOB (Figura 1). A balança comercial é superavitária desde o ano de 2001.

O principal produto de exportação continua sendo o camarão cultivado (Tabela 1), produzido principalmente nos estados do Nordeste, que concentram 95% da produção brasileira.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 1/I. Exportação brasileira de camarão e outros pescados - 1998-004

Ano	(US\$ FOB)		
	Camarão	Outros	Total
1998	26.681.459	77.903.160	104.584.619
1999	40.286.204	85.292.242	125.578.446
2000	105.242.186	121.890.606	227.132.792
2001	129.468.517	141.439.460	270.907.977
2002	175.014.865	159.180.435	334.195.300
2003	244.560.601	167.155.144	411.715.745
2004	219.145.619	196.858.997	416.004.616

Fonte: Secex/Decex/Sistema Alice.

Segundo estimativas da Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC), a carcinicultura gera em torno de 48 mil empregos diretos somente no Nordeste do País.

Em 2003, os produtores dos Estados Unidos, preocupados com o volume de camarão exportado pelo Brasil, começaram a articular uma ação antidumping contra o produto

brasileiro. Metade das exportações brasileiras segue para esse país, fato que resultou em uma queda significativa nas exportações de camarão no ano de 2004. Como forma de contornar esta ameaça, os produtores procuraram o mercado europeu (principalmente França – 44%, Espanha – 41% e Holanda).

Além do camarão, algumas espécies nativas de peixes de água salgada e de água doce têm sido divulgadas nos países da Europa, visando ampliar as alternativas de oferta.

O governo quer incrementar a produção de pescado. Sua principal estratégia é incentivar a aquíicultura através da produção de peixes, crustáceos e moluscos ao longo da costa, auxiliando, assim, o pescador artesanal, que tem visto diminuir ano após ano os estoques da pesca extrativa.

Em Santa Catarina, a exemplo do que acontece na pesca nacional, a produção deste tipo de pesca também sofreu uma pequena queda em relação ao ano anterior. Em 2004, foi de aproximadamente 107 mil toneladas, contra 120 mil toneladas em 2003.

Cerca de 40 mil catarinenses estão envolvidos profissionalmente na atividade, incluindo os ligados à indústria e à pesca artesanal; esta, é integralmente destinada ao mercado estadual, enquanto a primeira chega a outras unidades da Federação.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/I - Exportação catarinense de camarão e outros pescados brasileiros - 1998-004

(US\$ FOB)			
Ano	Camarão	Outros	Total
1998	57.960,00	8.106.758	8.164.718,00
1999	445.636,00	7.529.852	7.975.488,00
2000	1.791.153,00	17.085.514	18.876.667,00
2001	1.071.544,00	19.593.535	20.665.079,00
2002	584.447,00	17.761.374	18.345.821,00
2003	2.727.040,00	18.228.613	20.955.653,00
2004	1.389.619,00	22.734.172	24.123.791,00

Fonte: Secex/Decex/Sistema Alice.

As exportações de pescado em 2004 foram de 24,1 mil toneladas, gerando um montante total de US\$ 24,3 milhões FOB (Tabela 2), superior ao do ano anterior.

A aquicultura catarinense vem se desenvolvendo ano após ano, conferindo ao estado uma posição de referência nacional em cultivo de moluscos bivalves e em piscicultura de águas interiores.

Presente na costa litorânea, a maricultura, com o cultivo de camarões, mexilhões e ostras, está provocando mudanças na economia de muitas comunidades e aumentando a renda de muitos pescadores. A piscicultura de águas mornas e frias (no interior do estado) está contribuindo para incrementar a renda do produtor rural.

### Piscicultura de água doce

O Brasil, como 9º produtor mundial de pescado de água doce, produziu em torno de 385.198 toneladas (FAO) através da pesca extrativa.

O estado de Santa Catarina ocupa um lugar de destaque no cenário nacional neste tipo de criação de peixes, situando-se entre os três principais produtores (os outros dois são Paraná e Rio Grande do Sul). A piscicultura é praticada em pequenas propriedades de âmbito familiar, para a maioria das quais esta é uma atividade complementar.

No ano de 2004, em Santa Catarina foram produzidas 18.790 toneladas (Figura 2). Esta produção se concentra nas regiões Vale do Itajaí, Litoral Norte e Oeste Catarinense; ultimamente, também se verificou sensível incremento na região Sul, no Vale do Rio Tubarão.



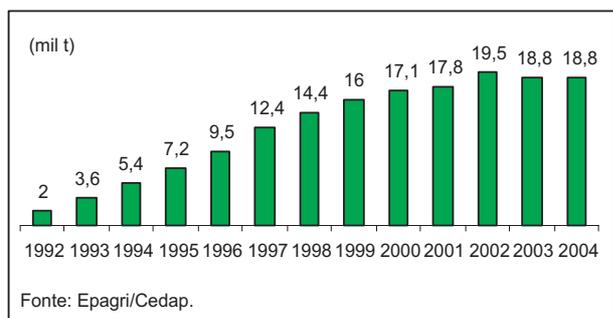


Figura 2/1 - Produção da piscicultura em águas interiores - Santa Catarina - 1992-004

Existe um grande número de produtores que aliam a produção a empreendimentos turísticos, como os pesque-pague e hotéis-fazenda, que oferecem uma estrutura de lazer aliada a uma eficiente forma de comercialização.

Atualmente, são aproximadamente 20 espécies trabalhadas em Santa Catarina, cada uma com maior ou menor expressão na produção. As principais são as tilápias e as carpas. Os

peixes de água doce são fonte de renda para os piscicultores e responsáveis pelo desenvolvimento de vários negócios ligados à cadeia produtiva.

A criação de trutas em Santa Catarina é conduzida em regiões de águas cristalinas e frias. Além de oferecer um alimento rico em Ômega 3, este peixe insere-se numa proposta de desenvolvimento do turismo no estado. A "Rota da Truta", criada pela lei estadual 12.006, de 28/11/01, integra o circuito das rodovias SC-438 e SC-439 da Serra Catarinense, fortalecendo segmentos turísticos, culturais, esportivos e gastronômicos dos municípios interligados.

Outro peixe que se tem destacado no cenário catarinense é o bagre-americano, ou catfish. Com pouco mais de dez anos desde o início dos cultivos, vem-se transformando em uma alternativa interessante para o produtor, pois é uma das espécies incluídas na balança comercial brasileira de exportação. Tendo como clientes o mercado americano e o europeu, o produto é classificado lá fora como do tipo "Premium", devido à qualidade da nossa água, à forma de cultivo e ao processamento.

Os preços da última safra podem ser observados na tabela 3, na qual se evidencia uma tendência de estabilização ao longo do ano.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 3/I. Preço dos peixes destinados à indústria e ao pesque-pague - Média de Santa Catarina - 2002-04

Espécie	1º Sem. 2002		2º Sem. 2002		1º Sem. 2003		2º Sem. 2003		1º Sem. 2004		2º Sem. 2004	
	Indústria	Vivo										
Bagre-africano	0,85	1,62	0,93	1,62	1,15	1,92	1,2	2,02	1,54	2,05	1,51	2,07
Bagre-americano	-	2,41	-	2,37	2,54	1,2	2,65	1,3	1,56	2,18	1,54	2,1
Carpa-chinesa	0,88	1,42	1,03	1,64	1,88	-	2,03	-	1,47	2	1,5	1,97
Carpa-com.	0,85	1,58	0,94	1,66	1,13	1,85	1,18	1,93	1,45	1,96	1,47	1,96
Tilápia	0,96	1,64	1,03	1,75	1,22	1,99	1,38	2,12	1,57	2,12	1,62	2,15
Truta	-	5,46	-	5,84	-	5,78	-	6,32	5	6,5	5,01	7,37

Fonte: Epagri/Cepa.

### Maricultura (camarões, ostras e mexilhões)

A maricultura está presente na costa litorânea catarinense com o cultivo de camarões, mexilhões e ostras, provocando mudanças na economia de vários municípios e aumentando a renda de muitas pessoas.

Este modelo confere ao estado uma posição de referência nacional em cultivo de moluscos bivalves. Santa Catarina é responsável por mais de 90% da produção brasileira de ostras e mexilhões cultivados.

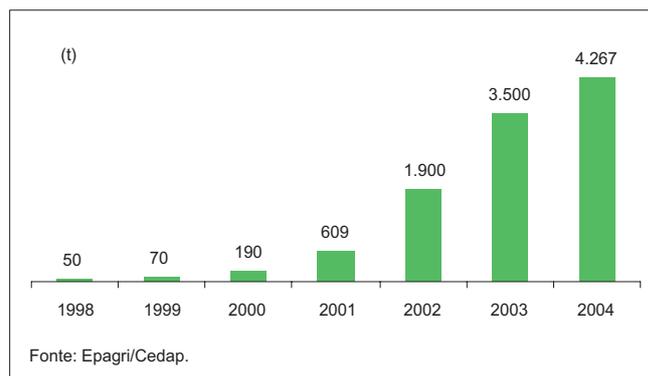


Figura 3/I. Camarão cultivado - Produção catarinense - 1998-004

A produção de camarão em 2004 chegou a 4.267 toneladas (Figura 3), numa área total de 1.361 hectares. Esta área, alagada, utilizada para o cultivo do camarão em Santa Catarina, em 1998 era de 35 hectares. A produção (93%) está concentrada nos municípios da Secretaria de Desenvolvimento Regional de Laguna.

As exportações catarinenses de camarão diminuíram em relação às do ano anterior, fato justificado pela ação antidumping feita pelos Estados Unidos em relação ao camarão brasileiro e ao de outros países produtores. Em 2004 foram exportadas 333 toneladas, totalizando US\$ 1,4 milhão (Tabela 4). A maior parte da produção catarinense é absorvida pelo



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

mercado nacional, comprada por empresas locais, que a distribuem para os demais estados das Regiões Sudeste e Sul.

Tabela 4/I. Camarão - Valor, quantidade e preço médio das exportações catarinenses - 1998-004

Discriminação	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Valor -US\$FOB	57.960	445.636	1.791.153	1.071.544	584.447	2.727.040	1.389.619
Peso - kg	10.890	46.320	198.537	167.334	106.618	495.652	332.983
US\$FOB/kg	5,32	9,62	9,02	6,4	5,48	5,17	4,17

Fonte: Secex/Decex.

O cultivo de ostras e mexilhões é adequado às características do litoral, facilitado pela boa qualidade das águas de suas baías e enseadas. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) são as precursoras da atividade, fornecendo tecnologia e assistência técnica aos produtores.

Com a produção concentrada nos municípios de São Francisco do Sul, Penha, Governador Celso Ramos, Bombinhas, São José, Palhoça, Porto Belo e Florianópolis, a atividade envolve aproximadamente mil famílias e gera em torno de seis mil empregos diretos e indiretos.

Tabela 5/I. Produção de ostras cultivadas, por município - Santa Catarina - 2004

Município	Produção (dz)
Bombinhas	40.000
Florianópolis	1.542.400
Governador Celso Ramos	75.000
Palhoça	700.000
Penha	37.000
Porto Belo	5.000
São José	69.000
São Francisco do Sul	10.200
<b>Total</b>	<b>2.512.700</b>

Fonte: Epagri/Cedap.

A produção de ostras em 2004 nos municípios do litoral catarinense cresceu em relação ao ano anterior, totalizando 2.513 toneladas (Tabela 5), evolução na qual cada quilo do produto corresponde a uma dúzia de ostras. O município de Florianópolis figura como o maior produtor estadual.

A produção de ostras vem crescendo anualmente, impulsionada pelo incremento no consumo por festas gastronômicas (como a Fenaostra, realizada em Florianópolis), pela regularidade na produção de sementes e pelas vendas para outros estados, como se pode observar na figura 4.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

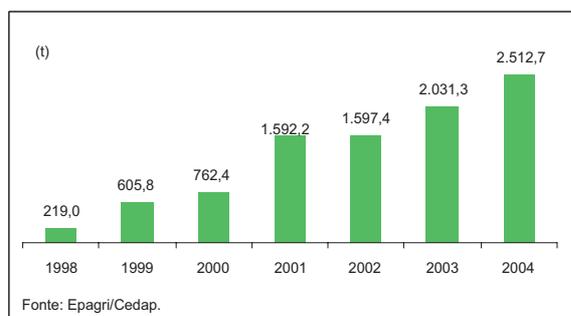


Figura 4/I. Ostras cultivadas - Santa Catarina - 1998-004

Tabela 6/I. Preço das ostras cultivadas - Santa Catarina - 2002-04

Espécie	(R\$/dúzia)		
	2002	2003	2004
Ostra média, sem SIF	4	4,21	3,54
Ostra média, com SIF	4	4,42	5
Ostra grande, sem SIF	4	4,42	4,72
Ostra grande, com SIF	5,3	5,38	6

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços das ostras pagas ao produtor tiveram, de modo geral, uma elevação em relação ao ano anterior, com exceção da ostra média sem SIF, que sofreu uma queda no seu preço pago (Tabela 6). Mesmo assim, remunera satisfatoriamente quem teve o custo de produção (calculado pela Epagri/Cepa) situado em torno de R\$ 1,66/kg.

“Concluídos os cálculos dos custos de implantação e de produção de ostras, pode-se observar que este ramo de atividade tem um investimento inicial e de produção relativamente baixo. A preparação da infra-estrutura e a aquisição de equipamentos têm um grande peso nos custos.

Quando se compara o custo de produção com o preço de venda da ostra, percebe-se que todos estes gastos são compensados com a boa rentabilidade financeira desse agronegócio.

A partir do resultado financeiro da produção da ostreicultura em um hectare de um ciclo produtivo, conclui-se que a rentabilidade dessa atividade é

bastante atrativa, favorecendo a entrada de novos produtores na atividade”. (SOUZA FILHO, José. **Custo de produção da ostra cultivada**. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2002)

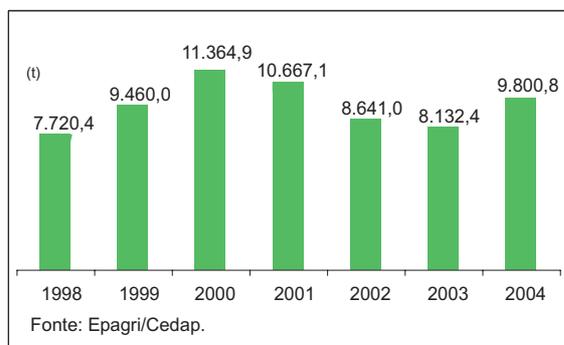


Figura 5/I. Mexilhões cultivados - Santa Catarina - 1998-004

A produção catarinense de mexilhões foi de 9.802 toneladas em 2004, um pouco abaixo do esperado (Figura 5). Esta diminuição se deveu à falta de sementes para povoamento dos cultivos, causada pela ausência das licenças ambientais para extração das sementes, que são coletadas em bancos naturais (costões).



A criação de mexilhões, por ser uma atividade que requer menos investimento inicial, menos mão-de-obra, além do baixo custo na obtenção de sementes, envolve um maior número de maricultores.

Outro fator que desestimulou os produtores de mexilhões foi a situação de mercado do produto, que não tem sido favorável. A dificuldade para a obtenção do Serviço de Inspeção Federal – SIF - reduz a comercialização a poucas empresas, pois somente as que possuem o SIF podem processar o produto e explorar os mercados em outros estados.

Os preços do mexilhão sem casca, tanto com SIF como sem SIF, ficaram, no ano de 2004, praticamente inalterados em relação aos de 2003 (Tabela 7).

*Tabela 7/I. Preço dos mexilhões cultivados - Santa Catarina - 2002-04*

Espécie	(R\$/kg)		
	2002	2003	2004
Com casca, sem SIF	1,3	1,37	1,45
Com casca, com SIF	2	2,21	2,5
Sem casca, sem SIF	6	6,96	7
Sem casca, com SIF	6,6	7	7

Fonte: Epagri/Cepa.

Para o contínuo desenvolvimento das atividades de cultivo de moluscos ainda são necessários avanços na organização dos produtores, na capacitação dos maricultores para a gestão de seus empreendimentos com SIF e no escoamento da produção para outros mercados fora do estado.

**Fernado Soares Silveira**  
**Mauro Roczanski**



## Desempenho do setor florestal

### Panorama mundial - Produção, consumo e comércio internacional

*Aos poucos, os países em desenvolvimento vêm ganhando espaço no mercado internacional de produtos florestais*

As florestas cobrem 30% dos pouco mais de 13 bilhões de hectares de superfície de terra existentes no globo. Dados da FAO apontam a Rússia e o Brasil como os países de maior cobertura florestal natural (Tabela 1). As florestas plantadas representam apenas 5% da cobertura florestal mundial. Dos 187,6 milhões de hectares plantados com florestas em todos os continentes, a China e a Índia detêm, juntas, mais de 40%. O Brasil possui menos de seis milhões, o equivalente a apenas 1% de sua área florestada total.

Tabela 1/I. Área de florestas naturais e plantadas no mundo - 2004

Pais	Área total	Total florestal	Floresta (%)	Floresta naturais	Florestas plantadas	% Plantado
China	932.743	163.480	17,5	118.397	45.083	27,6
Índia	297.319	64.113	21,6	31.535	32.578	50,8
Rússia	1.688.851	851.392	50,4	834.052	17.340	2,0
EUA	915.895	225.933	24,7	209.695	16.238	7,2
Finlândia	30.459	21.935	72,0	18.842	3.093	14,1
Canadá	922.097	244.571	26,5	238.059	6.511	2,7
Chile	74.881	15.536	20,7	13.519	2.017	13,0
Japão	37.652	24.081	64,0	13.399	10.682	44,4
Brasil	845.651	544.177	64,3	538.923	5.449	1,0
Nova Zelândia	26.799	7.946	29,7	6.404	1.542	19,40
Outros	7.291.553	1.706.563	23,4	1.659.543	47.019	2,80
<b>Total</b>	<b>13.063.900</b>	<b>3.869.727</b>	<b>29,6</b>	<b>3.682.369</b>	<b>187.552</b>	<b>5,1</b>

Fonte: FAO e Abraf.



O total das reservas mundiais de madeira está estimado em quase 400 bilhões de m<sup>3</sup>; mais de 40% desse volume está localizado na Rússia e no Brasil. As expectativas para os próximos anos são de haver uma oferta de madeira superior à demanda na Rússia, assim como em todo o Leste Europeu. Nos EUA - maiores produtores e consumidores mundiais de madeira - também se espera, no curto prazo, uma demanda de matéria-prima ligeiramente inferior à oferta. Nos mercados canadense, escandinavo e da Europa Ocidental, a previsão é de que a oferta não será capaz de atender à demanda, podendo levar a importações de madeira bruta ou à redução dos volumes processados. No Brasil, prevêem-se nos próximos anos déficits localizados de matéria-prima florestal, notadamente de madeira grossa de pinus no Sul, com possível redução do ritmo de crescimento das exportações dos produtos dependentes deste tipo de madeira.

A produção mundial, em 2003, de madeira bruta destinada a todos os usos foi de 3,34 bilhões de m<sup>3</sup>, 1,2% a mais que em 2002 (Tabela 2). Os EUA, a Índia, a China e o Brasil são os maiores produtores mundiais - respondem

Tabela 2/I. Produção mundial de madeira em toras <sup>(1)</sup> segundo os principais países - 2000-003

País	(m <sup>3</sup> )			
	2000	2001	2002	2003
Estados Unidos	466.549.008	449.113.992	447.999.992	448.058.992
Índia	296.141.016	296.679.016	319.388.747	321.027.107
China	287.471.832	284.910.024	284.168.256	286.106.512
Brasil	235.401.621	236.422.218	237.467.063	238.536.476
Canadá	200.284.000	187.591.008	194.531.804	194.726.500
Rússia	158.100.000	164.700.000	165.000.000	168.500.000
Indonésia	122.477.628	112.208.672	115.552.252	112.004.236
Etiópia	89.930.092	91.282.143	92.661.252	94.061.392
República Dem. do Congo	68.555.848	69.733.688	70.938.264	72.170.264
Nigéria	68.766.652	69.115.552	69.482.328	69.867.216
Suécia	63.300.000	63.200.000	66.600.000	67.300.000
Finlândia	54.261.855	52.210.000	53.011.000	53.779.000
Alemanha	53.710.000	39.483.000	42.380.000	51.182.000
Demais países	1.190.301.708	1.167.619.607	1.144.236.452	1.164.925.755
<b>Total mundial</b>	<b>3.355.251.260</b>	<b>3.284.268.920</b>	<b>3.303.417.410</b>	<b>3.342.245.450</b>

<sup>(1)</sup> Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em junho de 2005.



por quase 40% da produção total. Menos da metade da produção se destina à transformação industrial. A maior parte ainda é consumida sob a forma de lenha, em geral para uso doméstico nos países menos desenvolvidos.

O carvão vegetal tem importância bem menor do que a lenha enquanto fonte energética. O Brasil é destacadamente o maior produtor e consumidor mundial de carvão, respondendo por quase 30% da produção mundial, que é de cerca de 42 milhões de toneladas. No País, é bastante usado na produção de ferro-gusa.

Em 2003, 1,59 bilhão de m<sup>3</sup> de madeira bruta foi beneficiado ou transformado pela indústria mundial. Mais de 70% desta transformação ocorre no Hemisfério Norte. Os EUA produzem e transformam em sua indústria florestal mais de 25% de toda a matéria-prima colhida anualmente no mundo (Tabela 3). Em quase todos os países de destaque na produção de madeira para uso industrial, o destino principal das toras é o processamento mecânico, principalmente na produção de madeira serrada. O restante é destinado à

Tabela 3//. Produção mundial de madeira em toras<sup>(1)</sup> para uso industrial, segundo os principais países - 2000-003

País	2000	2001	2002	2003
Estados Unidos	420.619.008	403.211.992	404.957.992	405.158.992
Canadá	197.357.000	184.689.008	191.522.404	191.714.100
Rússia	105.800.000	117.800.000	118.600.000	121.800.000
Brasil	102.994.000	102.994.000	102.994.000	102.994.000
China	96.421.000	93.861.000	93.121.000	95.061.000
Suécia	57.400.000	57.300.000	60.700.000	61.400.000
Finlândia	50.147.073	47.727.000	48.529.000	49.246.000
Alemanha	51.088.000	36.502.000	37.755.000	45.415.000
França	43.440.000	37.471.000	32.736.000	33.950.000
Indonésia	33.496.500	26.496.600	32.996.500	32.496.500
Chile	24.437.000	25.682.000	25.491.000	27.491.000
Polónia	24.042.000	24.353.000	23.102.000	26.734.000
Austrália	24.489.000	23.375.000	24.995.000	26.485.000
Nova Zelândia	19.279.000	20.673.000	22.084.000	21.399.000
Demais países	345.458.599	334.194.130	340.584.964	346.169.178
<b>Total mundial</b>	<b>1.596.468.180</b>	<b>1.536.329.730</b>	<b>1.560.168.860</b>	<b>1.587.513.770</b>

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em junho de 2005.

<sup>(1)</sup> Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.



produção de papel e celulose, painéis reconstituídos e outros usos. Os EUA e o Canadá responderam, juntos, por mais de 40% da produção de madeira bruta destinada a serrados, laminados e compensados. A matéria-prima para celulose, papel e painéis reconstituídos é produzida principalmente nos EUA e na Europa. No Brasil, a produção de madeira para celulose vem crescendo de maneira significativa nos últimos anos.

Os EUA e o Canadá são os grandes produtores mundiais de celulose de mercado (31% e 15%, respectivamente) (Tabela 4). O Brasil, a Rússia e a Indonésia, dentre os maiores produtores mundiais, são os países que mais têm conseguido aumentar sua produção ao longo do tempo.

Tabela 4/I. Produção mundial de celulose<sup>(1)</sup> segundo os principais países - 2000-003

País	2000	2001	2002	2003
Estados Unidos	57.830.909	53.680.142	53.568.585	53.196.713
Canadá	26.696.000	25.110.000	25.763.000	26.189.000
Finlândia	12.009.000	11.168.000	11.729.000	11.945.000
Suécia	11.545.000	11.028.000	11.354.000	11.736.400
Japão	11.373.000	10.792.000	10.591.000	10.451.000
Brasil	7.338.000	7.436.000	7.436.000	8.869.000
Rússia	5.842.000	6.151.700	6.512.000	6.671.000
Indonésia	3.626.000	5.482.000	5.482.000	5.482.000
China	3.700.000	4.075.000	4.075.000	4.075.000
Demais países	31.516.500	30.821.010	31.309.058	31.742.665
<b>Total mundial</b>	<b>171.476.409</b>	<b>165.743.852</b>	<b>167.819.643</b>	<b>170.357.778</b>

<sup>(1)</sup> Refere-se à celulose de mercado.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em junho de 2005.

A produção mundial de papel e papel-cartão atingiu 328 milhões de toneladas em 2003, crescimento de 1,2% em relação a 2002. Os Estados Unidos responderam por mais de 25% desta produção. Os cinco maiores produtores de papel e cartão (EUA, China, Japão, Canadá e Alemanha) respondem por quase 60% do total mundial (Tabela 5). O Brasil vem aumentando gradativamente sua participação, tendo representado 2,4% da produção mundial em 2003.



Tabela 5/I. Produção mundial de papel e cartões, segundo os principais países – 2000-003

País	2000	2001	2002	2003
Estados Unidos	86.252.263	81.248.828	81.879.072	80.799.528
China	35.439.000	37.929.000	37.929.000	37.929.000
Japão	31.828.000	30.717.000	30.686.000	30.457.000
Canadá	20.920.896	19.834.000	20.226.000	20.100.000
Alemanha	18.182.000	17.879.000	18.526.000	19.310.000
Finlândia	13.509.000	12.502.000	12.789.000	13.058.000
Suécia	10.786.000	10.534.000	10.724.000	11.061.600
Coréia	9.308.000	9.332.000	9.812.000	10.148.000
França	10.006.000	9.625.000	9.809.000	9.939.000
Itália	9.129.317	8.926.000	9.317.261	9.373.286
Brasil	6.473.000	7.354.000	7.354.000	7.811.000
Demais Países	71.845.283	74.298.439	75.509.069	78.078.597
<b>Total mundial</b>	<b>323.678.759</b>	<b>320.179.267</b>	<b>324.560.402</b>	<b>328.065.011</b>

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em junho de 2005.

O comércio mundial de produtos florestais apresentou crescimento nos últimos anos. Os papéis (diversos tipos), a madeira serrada e a celulose são os produtos mais importantes deste mercado. As tabelas 6 e 7 mostram os valores envolvidos nas exportações e importações mundiais no período de 2002 a 2003 e realçam os países mais importantes neste mercado. Em 2003, o conjunto dos países exportou pouco mais de 150 bilhões de dólares em produtos florestais, sendo a do Canadá a maior participação, com 16% do total. Os cinco maiores exportadores (Canadá, EUA, Alemanha, Finlândia e Suécia) são responsáveis por cerca da metade do valor total. O Brasil e o Chile, embora continuem com pouca participação, vêm gradativamente conquistando espaço neste mercado. Há uma tendência de redução da participação nas exportações dos maiores *players* (Canadá e EUA), com aumento da importância das regiões tropicais, que apresentam algumas vantagens comparativas na produção de matérias-primas com base na silvicultura.

O Canadá é o maior exportador mundial de serrados, painéis de madeira reconstituída e celulose. A Suécia é importante exportadora de serrados e celulose. A Finlândia se destaca na exportação de serrados e papel. A Alemanha é importante *player* no fornecimento de papel e painéis



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

reconstituídos. O Brasil é o maior exportador mundial de celulose de fibra curta, produzida a partir do eucalipto.

Os EUA se destacam como importadores de produtos florestais, com mais de 15% das importações mundiais. Além dos EUA, também são grandes importadores a China, a Alemanha, o Japão e o Reino Unido.

*Tabela 6/I. Valor das exportações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2000-003*

(US\$ 1,000.00)

País	2000	2001	2002	2003
Canadá	27.693.897	24.362.225	23.300.503	24.062.029
Estados Unidos	16.531.992	14.085.919	13.827.960	14.182.184
Alemanha	11.600.967	10.082.250	11.413.267	12.918.669
Finlândia	10.973.861	10.093.472	10.496.177	12.074.675
Suécia	10.130.022	8.718.675	9.230.004	11.006.990
França	5.853.839	5.212.389	5.318.052	6.304.778
Áustria	4.298.184	3.940.182	4.622.441	5.517.058
Rússia	3.791.653	3.875.516	4.297.052	4.934.453
Indonésia	5.517.412	4.993.483	4.704.503	4.576.943
China	3.776.226	3.697.712	4.087.732	4.462.636
Bélgica	3.660.249	3.377.534	3.305.292	3.898.017
Itália	2.572.980	2.345.213	3.242.266	3.693.339
Países Baixos	2.903.148	2.456.152	2.570.334	3.294.015
Malásia	2.792.810	2.584.544	2.697.648	3.025.51
Demais países	32.586.590	30.832.909	32.043.987	36.230.382
<b>Total mundial</b>	<b>144.683.830</b>	<b>130.658.175</b>	<b>135.157.218</b>	<b>150.181.686</b>

Fonte: FAO (jun.2005).

*Tabela 7/I. Valor das importações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2000-003*

(US\$ 1,000.00)

País	2000	2001	2002	2003
Estados Unidos	25.813.389	24.333.065	23.407.106	24.548.627
China	14.699.157	14.361.296	15.360.651	17.014.244
Alemanha	12.583.184	11.477.147	11.786.160	13.192.772
Japão	13.391.162	11.284.322	10.464.067	11.066.739
Reino Unido	9.013.933	9.045.855	8.705.097	9.725.766
Itália	7.824.152	6.867.687	7.415.336	8.418.377
França	7.892.408	6.935.387	7.030.715	8.111.889
Espanha	4.338.291	4.323.460	4.195.813	5.062.200
Países Baixos	4.502.603	4.163.992	4.262.374	5.055.886
Bélgica	4.315.711	3.971.141	3.950.319	4.700.702
Canadá	4.215.053	3.849.422	3.986.744	4.261.247
Coréia	3.708.419	3.143.173	3.596.325	3.673.447
Demais países	41.215.124	38.762.129	38.863.884	44.769.864
<b>Total mundial</b>	<b>153.512.586</b>	<b>142.518.076</b>	<b>143.024.591</b>	<b>159.601.760</b>

Fonte: FAO (jun.2005).



Os quantitativos e valores do comércio internacional de produtos florestais mostram que os EUA são os grandes produtores, importadores e, principalmente, consumidores dos produtos de origem florestal. A Rússia e o Brasil também são grandes produtores e consumidores, mas com baixa participação no comércio mundial. Já o Canadá, a Finlândia e a Suécia são grandes produtores e exportadores. Por outro lado, a China é grande produtora e importadora, enquanto o Japão, o Reino Unido e a Itália são grandes importadores líquidos desses produtos.

A Alemanha desponta como um país de alto coeficiente de abertura ao comércio internacional de produtos florestais, produzindo, exportando e importando elevados volumes. O Brasil e a Rússia são países de grande produção e consumo de produtos florestais, mas de reduzida participação no comércio internacional. As perspectivas de médio prazo são de que a Rússia, o Brasil, o Chile e outros países da América Latina venham a ganhar importância nas exportações mundiais de produtos de base florestal.

## O protocolo de Quioto e o setor florestal

*Há muitas incertezas acerca das reais oportunidades de negócio que o Protocolo de Quioto poderá trazer ao setor florestal dos países em desenvolvimento*

O Protocolo de Quioto, compromisso assumido por um grande número de países em 1997 para reduzir as emissões de gases de efeito estufa que provocam o aquecimento global, criou o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo – MDL - para permitir que os países desenvolvidos patrocinem projetos de redução de emissões destes gases ou de seu seqüestro em países em desenvolvimento, e deles se beneficiem, compensando as necessidades de redução de suas próprias emissões.

Com a decisão do governo americano de não aderir, só em fevereiro de 2005 o tratado entrou em vigor, pois a ratificação da Rússia no final de 2004 permitiu atingir o índice de adesão de 55 países responsáveis por pelo



menos 55% das emissões dos gases que provocam o aquecimento global, exigência pactuada em 1997. Com a Rússia, 141 países ratificaram o acordo.

Na conferência dos países signatários, ocorrida em outubro de 2001 em Marrakesh, da qual participaram 167 países, foram aprovadas as regras básicas do mercado de carbono, através da criação dos Certificados de Redução de Emissões (CREs) e da transferência de direitos e bônus de emissão.

Na nona conferência das partes (COP 9), realizada em Milão, Itália, em 2003, o Mecanismo do Desenvolvimento Limpo teve suas regras gerais aprovadas e as questões relativas ao seqüestro de carbono (plantio de florestas em países em desenvolvimento) discutidas. Também foram tomadas decisões sobre as modalidades e procedimentos, no contexto do MDL, para projetos e atividades de florestamento e reflorestamento.

Em dezembro do ano passado, constou da décima conferência realizada em Buenos Aires a discussão e aprovação de uma série de princípios e regulamentos para o encaminhamento de projetos capazes de receber certificados de redução de emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) e de sequestro de carbono, como o florestamento e o reflorestamento. Foram tratadas também as regras para as possíveis modalidades de projetos de pequena escala, além dos procedimentos simplificados para sua implementação.

As reais possibilidades e a amplitude dos projetos de florestamento e de reflorestamento para a geração de créditos através do seqüestro temporário de carbono, no âmbito do MDL, ainda estão por ser definidas. Os princípios da adicionalidade<sup>1</sup> do seqüestro e da voluntariedade<sup>2</sup> dos projetos e a temporariedade do seqüestro e dificuldade de medição dos volumes fixados

---

<sup>1</sup> Princípio segundo o qual somente projetos que permitam fixar quantidades adicionais de carbono da atmosfera, em relação à situação inicial, seriam elegíveis para gerar certificados de carbono.

<sup>2</sup> Princípio segundo o qual o proponente do projeto o faz de maneira voluntária, o que pode criar dificuldades à elegibilidade (aceitação) de projetos que se destinam a reflorestar áreas cuja manutenção da vegetação natural é protegida por lei, como as áreas de preservação permanente e de reserva legal obrigatória no interior das propriedades agrícolas.



em cada floresta dificultam o desenvolvimento de negócios de crédito de carbono com projetos florestais, especialmente quando se trata de florestas comerciais para aproveitamento da madeira e de recomposição de áreas legalmente protegidas.

Num primeiro momento, os projetos de melhoria de eficiência na indústria e de redução de emissões de gases na atmosfera parecem merecer mais atenção dos países desenvolvidos. Projetos de substituição de energia não-renovável por biocombustíveis poderão gerar importantes oportunidades econômicas para o Brasil no âmbito do Protocolo de Quioto. Na área de seqüestro de carbono, projetos de florestamento e de reflorestamento para recuperação de áreas e ecossistemas degradados e que tenham apelo social certamente poderão ser mais facilmente aceitos e valorizados no mercado de carbono.

## Produção e mercado de produtos florestais no Brasil

### *Ritmo de plantio de florestas comerciais se intensifica e indústria de celulose e papel inicia novo ciclo de expansão*

O PIB do setor florestal brasileiro ultrapassa 23 bilhões de dólares e representa cerca de 4,5% do produto de toda a economia. O Brasil, maior produtor florestal da América Latina, industrializa mais de 100 milhões de m<sup>3</sup> de madeira por ano, gera quase 7,0 milhões de empregos e arrecada anualmente, em impostos, através do setor de base florestal, 4,5 bilhões de dólares (Abimci, 2003).

Em 2004, entre madeira e derivados, papel, celulose e móveis, o setor exportou 6,7 bilhões de dólares, contribuindo com 7,0% do total das exportações brasileiras. Os cinco principais estados exportadores de produtos florestais são responsáveis por mais de 75% valor total exportado (Figura 1).



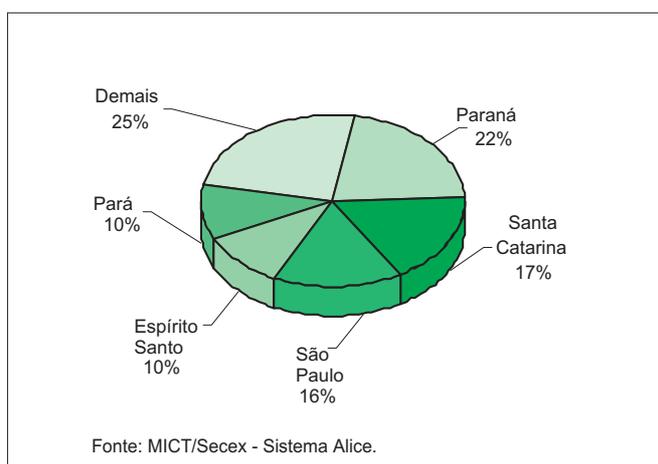


Figura 1 - Produtos florestais - Participação dos principais estados nas exportações brasileiras - 2004

As expectativas para 2005 são de que o setor venha a apresentar, em relação aos anos anteriores, um crescimento menor nas exportações. O aumento dos custos das matérias-primas e a valorização do real frente ao dólar estão dificultando as exportações florestais, especialmente no item móveis e produtos de madeira sólida. As estimativas são de o Brasil vir a exportar, em 2005, 7,5 bilhões de dólares em produtos florestais, o que representaria um crescimento superior a 10% em relação a 2004. Segundo lideranças do setor, o País tem potencial

para dobrar as exportações florestais nos próximos 10 a 15 anos, o que aumentaria sua participação neste mercado para algo como 6%, o dobro da participação atual.

Estudo conduzido recentemente pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para orientar investimentos e negócios na área florestal apontou o Brasil como o país da América Latina com maior capacidade de atração de investimentos industriais no setor. O Índice de Atração de Investimentos Florestais (IAIF) do Brasil somou 60 pontos, ficando à frente do Chile (53 pontos), país-referência na AL quando o tema é crescimento e competitividade florestal. As declarações de intenção de investir em projetos de expansão de suas operações no Brasil, por parte de grandes multinacionais estrangeiras, corroboram a afirmação da atratividade do País neste setor.



## Produção de matéria-prima florestal

*O plantio de florestas comerciais no Brasil deve ultrapassar a marca de 500 mil hectares anuais a partir deste ano*

O Brasil detém 14% do total das florestas do planeta e pouco menos de 3% das florestas plantadas no mundo. Nos últimos anos, as florestas cultivadas vêm aumentando sistematicamente sua importância relativa no fornecimento de matéria-prima para a indústria florestal. A silvicultura fornece toda madeira transformada em celulose, papel e painéis reconstituídos no Brasil e a maior parte da matéria-prima para a indústria de compensados, portas, molduras e outros produtos de maior valor agregado.

A produção de madeira para celulose, papel e painéis reconstituídos alcançou 49,5 milhões de m<sup>3</sup> em 2003 (Tabela 8). São Paulo é o maior produtor nacional, com 27% da produção, seguido pelos estados do Paraná, Bahia, Santa Catarina e Espírito Santo (Figura 2). As empresas de papel e celulose são detentoras de mais de 1,5 milhão de hectares plantados, sendo 70% com eucalipto.

*Tabela 8/I. Produção dos principais produtos florestais - Brasil - 1999-003*

Produto	Medida	2000	2001	2002	2003
<b>Extração vegetal</b>					
Carvão vegetal	mil t	1.429	1.729	1.955	2.227
Erva-mate	t	174.481	182.177	229.701	220.189
Lenha	mil m <sup>3</sup>	50.395	49.006	49.503	47.232
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	21.919	20.069	21.375	20.663
Palmito <sup>(1)</sup>	t	17.154	15.596	14.529	13.704
Pinhão	t	4.702	4.417	4.403	4.396
<b>Silvicultura</b>					
Carvão vegetal	mil t	2.386	2.092	2.000	2.155
Erva-mate	t	522.019	645.965	513.526	501.702
Lenha	mil m <sup>3</sup>	40.469	30.043	46.410	33.827
Madeira p/ papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	46.009	40.999	43.352	49.532
Madeira p/ outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	25.708	28.759	31.714	36.829
Palmito <sup>(2)</sup>	t	24.356	26.118	41.119	37.672

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Sistema Sidra; acesso em jun. 2005.

<sup>(1)</sup> Inclui Palmito Juçara, Açai e Pupunha.

<sup>(2)</sup> Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açai e Pupunha.



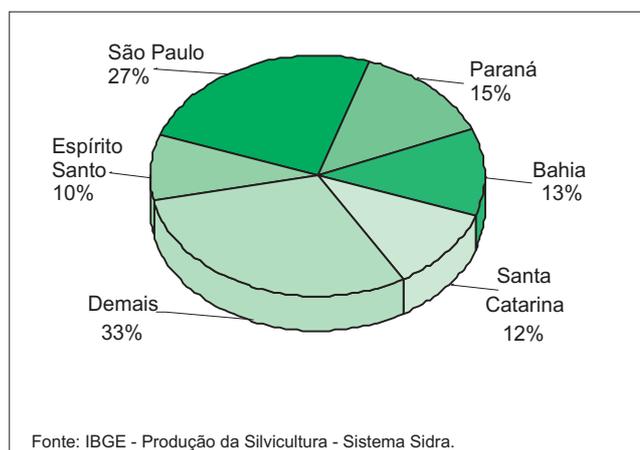


Figura 2. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada a papel e celulose (%) - 2003

Entre 2000 e 2003, a produção de madeira cultivada destinada a serraria ou laminação cresceu mais de 12% aa., atingindo 36,8 milhões de m<sup>3</sup>. Os estados do Paraná e Santa Catarina, com pouco mais de 22 milhões de m<sup>3</sup>, foram responsáveis por 60% da produção nacional em 2003 (Figura 3).

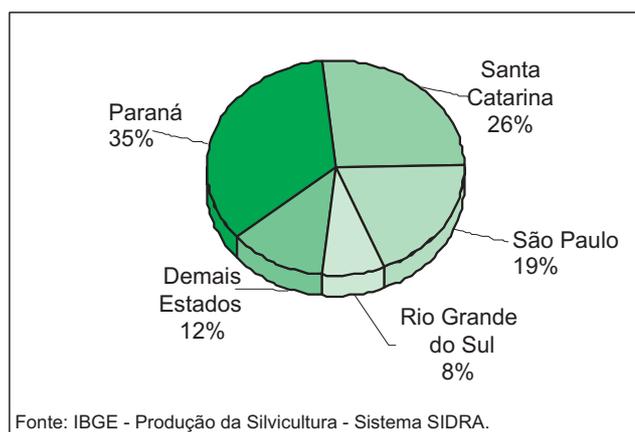


Gráfico 3 - Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada ao processamento mecânico (m<sup>3</sup>) - 2003

As florestas nativas responderam, em 2003, por mais de 50% da produção de lenha e carvão vegetal, por 36% da produção de madeira para processamento mecânico, por 31% da produção de erva-mate e por 27%



do palmito. A extração de madeira nativa tem-se estabilizado em cerca de 20 milhões de m<sup>3</sup> por ano. O estado do Pará fornece mais da metade deste montante. Os cinco estados de maior produção somam quase 90% da madeira nativa produzida (Figura 4).

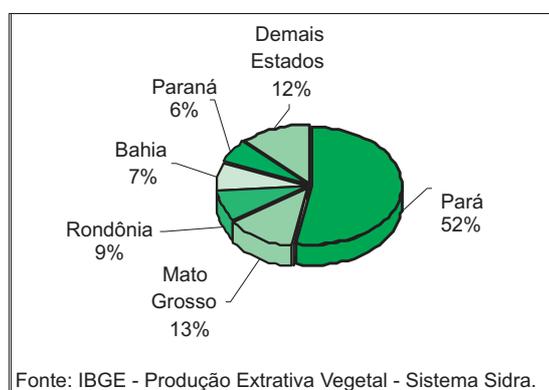


Figura 4 - Participação dos estados na produção extrativa de madeira em toras no Brasil (%) - 2003

Segundo especialistas e entidades do setor produtivo, a insuficiência da base florestal pode vir a se constituir em forte limitante para a expansão da produção e das exportações de produtos florestais pelo Brasil nos próximos anos. Estudos prevêem um desequilíbrio, a partir de meados desta década, entre a oferta e a demanda de madeira para atender às projeções de crescimento de alguns segmentos da indústria de base florestal. A forte elevação dos preços das toras, verificada nos últimos anos, está a indicar o início do período de escassez de matéria-prima florestal.

Entre 1967 e 1987, período no qual se criaram incentivos fiscais ao florestamento e ao reflorestamento, foram plantados, por ano, entre 300 mil e 350 mil hectares de florestas no País. De 1987 a 2000, com a interrupção de incentivos fiscais, as plantações de novas áreas mais as reformas de florestas se reduziram para patamares entre 120 mil e 170 mil hectares por ano. É justamente a pouca oferta de matéria-prima, decorrente deste período de baixos investimentos florestais, que está preocupando vários segmentos do setor neste momento. A maturação destes projetos está ocorrendo agora



e a escassez de madeira já se faz sentir em algumas regiões, como a insuficiência da de pinus para o setor moveleiro do Sul do Brasil.

A escassez de matéria-prima florestal que deverá ocorrer em alguns segmentos, até pelo menos 2015, vem sendo anunciada por especialistas há vários anos. O aquecimento do mercado de madeira com o aumento da demanda, devido à valorização do setor a partir de 1999, tenderá a agravar ainda mais o quadro de escassez que a redução da oferta irá naturalmente provocar. A valorização do câmbio e o aumento dos preços das matérias-primas e combustíveis têm dificultado muito as exportações de produtos florestais neste ano e contribuído para tornar o déficit de madeira plantada menos acentuado.

A projeção deste cenário fez com que governo, empresas e produtores florestais criassem mecanismos de incentivo à retomada dos plantios florestais. Em 2002, o governo federal criou duas linhas de financiamento com o objetivo de expandir a atividade florestal junto a empresas e a produtores rurais. O Propflora, com recursos do BNDES, aplicou R\$ 76 mil no período 2002-03, R\$ 10,6 milhões no período 2003-04 e R\$ 42 milhões em 2004-05. Ao todo, foram 1.039 contratos firmados através do Propflora até o primeiro semestre de 2005.

O Pronaf Florestal é gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA - e destinado especificamente ao pequeno produtor familiar para estimular a prática da silvicultura e de implantação de sistemas agroflorestais. Nos últimos três anos, financiou o plantio florestal a 2.612 pequenos agricultores, aplicando, no total, R\$ 12,4 milhões.

Através destes dois programas de financiamento de plantio florestal, já foram implantados cerca de 60 mil hectares de florestas comerciais. Grandes empresas do setor, como a Aracruz, a Cenibra e a Klabin, estão estabelecendo convênio com o BNDES e outros agentes financeiros para atuar em parceria na montagem dos projetos de financiamento e repasse de insumos e assistência técnica aos agricultores tomadores dos empréstimos. Há um claro interesse e tendência de as grandes empresas atuarem no



processo operacional de viabilização dos financiamentos florestais com recursos do Propflora e do Pronaf.

As grandes empresas consumidoras de matéria-prima florestal, especialmente as produtoras de celulose e papel, vêm desenvolvendo programas próprios de fomento florestal através de relações contratuais com produtores rurais, com vistas a terceirizar parte da produção da matéria-prima que consomem. Estes planos de desverticalização parcial da cadeia produtiva, através da inserção do produtor florestal independente, busca diminuir os investimentos das empresas em ativos imobilizados com retorno de longo prazo e reduzir a concentração da produção em grandes maciços florestais de monocultura em áreas próprias das empresas, com maior possibilidade de provocar desequilíbrios ambientais. A estimativa é de que a área total de plantio através dos programas de fomento e terceirização da produção florestal chegue a 100 mil hectares em 2005. Algumas empresas de papel e celulose trabalham com a meta estratégica de adquirir no mercado até 30% da matéria-prima consumida.

A intensificação dos plantios por parte das empresas de base florestal, os programas de fomento empresarial junto aos agricultores, os financiamentos do Propflora e do Pronaf Florestal e a entrada de muitos profissionais liberais e produtores agrícolas no negócio florestal nos últimos anos fizeram com que a área implantada anualmente com florestas comerciais se elevasse rapidamente. Estima-se que em 2003, entre reformas e novos plantios, se tenham plantado 400 mil hectares com florestas comerciais no Brasil. As estimativas do PNF/MMA são de que em 2004 os plantios tenham alcançado 475 mil hectares e de que em 2005 será atingida a marca de 550 mil hectares plantados. As projeções atuais das necessidades futuras de matéria-prima para sustentar as perspectivas de expansão do setor indicam que será necessário, nos próximos anos, implantar 600 mil hectares por ano, o que evidencia que no Brasil ainda não foi alcançada a intensidade de novos plantios florestais capaz de assegurar o equilíbrio entre a oferta e a demanda.



## Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

*Investimentos da indústria de madeira sólida podem chegar a 6 bilhões de dólares nos próximos seis anos*

Segundo a Associação Brasileira da Indústria da Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), existem em operação no Brasil cerca de 10 mil empresas industriais de serrados, 250 empresas produtoras de compensados e aproximadamente 2 mil indústrias de remanufatura de madeira.

As exportações brasileiras de produtos de madeira sólida tiveram um crescimento superior a 11% aa. nos últimos dez anos, ultrapassando os 3 bilhões de dólares em 2004 (Figura 5). Os estados do Paraná, Santa Catarina e Pará são os maiores exportadores, respondendo, juntos, por 75% do total exportado. Os EUA são o grande importador do Brasil, absorvendo 40% das exportações.

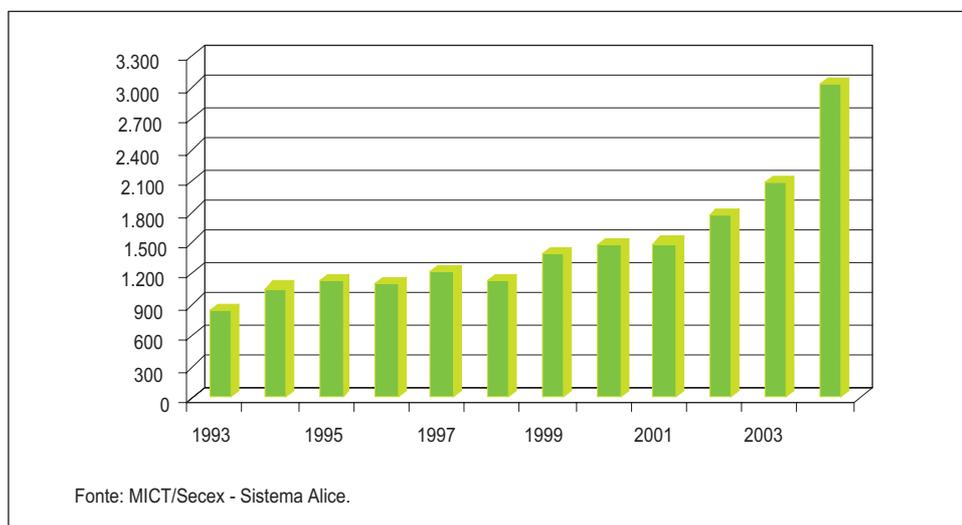


Figura 5 - Exportações brasileiras de madeira e suas obras (milhões US\$) 1993-003

De janeiro a julho de 2005, as exportações destes produtos tiveram aumento de 6%, crescimento bem menor que o verificado no mesmo período do ano



anterior (mais de 30%). A valorização do dólar e o aumento dos custos da madeira bruta vêm dificultando os segmentos exportadores.

O valor da produção total da indústria de processamento mecânico da madeira (produtos da madeira sólida) é estimado em mais de 10 bilhões de dólares. Este segmento produtivo é responsável por quase metade da arrecadação de impostos e por mais de 1/3 dos empregos gerados em todas as cadeias produtivas que compõem o setor de base florestal brasileiro.

Tabela 9/I. Produção e destino dos compensados – Brasil – 1994-003

Ano	(mil m <sup>3</sup> )		
	Produção	Consumo	Exportação
1994	1.900	1.002	898
1995	1.600	852	748
1996	1.670	1.012	658
1997	1.650	1.000	650
1998	1.600	980	620
1999	2.200	1.020	1.300
2000	2.470	1.000	1.400
2001	2.514	1.024	1.490
2002	2.600	791	1.809
2003	3.810	919	2.305

Fonte: Abimci, STCP, SBS.

A indústria brasileira de compensados (multilaminado e sarrafeado), após um período de ligeira redução na produção, voltou a crescer a partir de 1999, estimulada pela maior demanda para exportação. A produção total de chapas de compensados em 2003 foi estimada em 3,8 milhões de m<sup>3</sup> (Tabela 9), oriunda em mais de 60% de madeiras de florestas plantadas (principalmente pínus).

O consumo interno de compensados vem apresentando tendência de redução devido à substituição do produto pelo MDF, OSB e outras chapas de madeira reconstituída. As exportações vêm sustentando a indústria brasileira de compensados, absorvendo quase dois terços do volume produzido. Em 2003, foram exportados 2,3 milhões de m<sup>3</sup> do produto; o segundo item da pauta de exportações de produtos é o da madeira sólida. O Reino Unido, a Alemanha, a Bélgica, os EUA e Porto Rico são os principais mercados para o compensado brasileiro.

A madeira serrada é a base para a produção de outros produtos da madeira de maior valor agregado. A produção de serrados em 2003 foi estimada em 22,5 milhões de m<sup>3</sup>, quase 10% menos que em 2002 (Tabela 10). Esta redução foi devida ao maior controle e exigências legais nas autorizações de corte e transporte de madeira nativa na Região Norte do País. O mercado interno consome mais de 90% da produção nacional. A produção de madeira



proveniente de florestas plantadas (pínus e eucalipto) vem crescendo sistematicamente, tendo duplicado nos últimos dez anos.

Tabela 10/I. Produção e destino da madeira serrada – Brasil – 1994-003  
(mil - m<sup>3</sup>)

Ano	Produção	Consumo	Exportação	Importação
1994	16.610	15.630	1.331	351
1995	17.180	16.592	1.295	707
1996	17.700	16.944	1.259	503
1997	18.500	17.400	1.446	346
1998	18.200	17.110	1.327	245
1999	18.900	17.700	1.741	146
2000	23.100	20.300	1.800	159
2001	23.800	21.715	2.235	150
2002	24.910	22.200	2.820	110
2003	22.500	20.700	2.814	nd

Fonte: Abimci, STCP, SBS.

Há uma tendência crescente entre as empresas brasileiras de buscar reprocessar a madeira serrada com vistas à agregação de valor. Com isso, crescem de forma sistemática a produção, o consumo e as exportações brasileiras de produtos de maior valor agregado (PMVA) (Tabela 11). A produção e o consumo de *Blocks* e *Blanks* de pínus vêm crescendo ano a ano, mas as exportações, que já representaram mais de 70% da produção em 1995, significaram apenas 15% do volume produzido em 2002.

Os EGP (*edge glued panel* – painel colado lateral), usados na indústria moveleira, são formados a partir de madeira serrada e colada lateralmente. Sua produção se destina majoritariamente ao mercado interno, que tem apresentado baixo crescimento nos últimos anos. As exportações têm captado parcelas cada vez maiores da produção, tendo absorvido mais de 20% dos 293 mil m<sup>3</sup> produzidos em 2002.

Merece destaque nos últimos anos, neste segmento, o grande crescimento da produção de molduras (45% aa.), impulsionado por um correspondente aumento das exportações, que absorvem a maior parte do volume produzido. As molduras são perfis obtidos a partir do reprocessamento da madeira serrada ou de *blocks e blanks*, utilizada principalmente na construção civil (rodapé, meia-lua, meia-cana, etc.). Cerca de 60% das molduras são



produzidas com madeira tropical; o percentual restante é feito basicamente de pinus. As molduras com este produto vão quase todas para os EUA, que absorvem 90% dessas exportações.

*Tabela 11/I. Produção e destino de produtos de maior valor agregado (PMVA) – Brasil – 1998-002*

Ano	Produto	Produção	Consumo	Exportação
1998	Blocks e Blanks(m <sup>3</sup> )	330.000	190.000	150.000
1999		361.000	280.000	180.000
2000		390.000	320.000	76.000
2001 <sup>1</sup>		415.000	355.000	60.000
2002 <sup>1</sup>		440.000	370.000	70.000
1998	EGP(m <sup>3</sup> )	255.000	217.000	25.000
1999		267.000	219.000	35.000
2000		285.000	221.000	55.000
2001 <sup>1</sup>		275.000	212.000	63.000
2002 <sup>1</sup>		293.000	228.000	65.000
1998	Molduras(m <sup>3</sup> )	110.000	5.000	95.000
1999		133.000	5.000	126.000
2000		300.000	5.000	180.000
2001 <sup>1</sup>		438.000	45.000	393.000
2002 <sup>1</sup>		490.000	50.000	440.000
1998 <sup>1</sup>	Portas(unidades)	3.000.000	2.150.000	850.000
1999 <sup>1</sup>		4.750.000	3.640.000	1.110.000
2000 <sup>1</sup>		4.850.000	3.660.000	1.190.000
2001 <sup>1</sup>		6.000.000	4.685.000	1.315.000
2002 <sup>1</sup>		6.300.000	4.700.000	1.600.000

Fonte: Abimci, STCP.

<sup>(1)</sup> Estimativas baseadas no Estudo Setorial 2003 da Abimci.

A indústria de portas engloba mais de 2 mil empresas, a maioria localizada nos estados do Paraná e Santa Catarina e é um dos segmentos mais representativos dos PMVA. A produção de portas cresceu bastante nos últimos anos, estimulada pela demanda interna e também pela exportação.

Outro segmento importante da indústria de madeira é o de produção de pisos de madeira maciça ou engenheirados (painéis de MDF, HDH e aglomerados revestidos com lâminas de madeira ou papel melamínico). A produção e o consumo destes pisos no Brasil apresentaram expressivo crescimento a partir de 2000.



## Desempenho da indústria de painéis reconstituídos

*Produção de painéis de madeira reconstituída segue crescendo de forma expressiva e consistente*

A indústria brasileira de painéis reconstituídos de madeira apresentou um grande desenvolvimento na última década. Sua produção total expandiu-se a uma taxa anual de mais de 11% entre 1998 e 2004, atingindo 3,8 milhões de m<sup>3</sup> (Tabela 12).

Tabela 12/I. Produção e destino dos painéis reconstituídos – Brasil – 1998-004

Ano	Produto	Produção	Importação	Exportação	Consumo
1998	Aglomerado	1.313.053	12.667	3.646	1.322.074
1999		1.499.947	1.363	28.019	1.473.291
2000		1.762.220	15.439	15.712	1.761.947
2001		1.832.996	46.281	7.808	1.871.469
2002		1.790.620	42.840	17.536	1.815.924
2003		1.808.378	71.663	12.384	1.867.657
2004		2.070.000	nd	20.000	2.050.000
1998		Chapa de fibra	506.692	1.164	207.779
1999	535.691		0	204.929	330.762
2000	558.766		0	194.920	363.846
2001	534.456		0	181.200	353.256
2002	506.848		0	211.829	295.019
2003	511.094		0	225.300	285.794
2004	508.000		0	204.000	304.000
1998	MDF/OSB		166.692	35.589	17.918
1999		357.041	10.977	17.430	350.588
2000		381.356	10.559	3.037	388.878
2001		609.072	23.865	3.878	629.059
2002		845.518	25.570	154.889	716.199
2003		1.078.931	120.968	219.328	980.571
2004		1.227.000	nd	386.000	1.009.000
1998		Total de painéis de madeira reconstituída	1.986.437	49.420	229.343
1999	2.392.679		12.340	250.378	2.154.641
2000	2.702.342		25.908	213.669	2.514.581
2001	2.976.524		70.146	192.886	2.853.784
2002	3.142.986		68.410	384.254	2.827.142
2003	3.398.403		192.631	457.012	3.134.022
2004	3.805.000		nd	610.000	3.363.000

Fonte: ABIPA, Abimóvel, SBS.

A produção de madeira aglomerada apresentou um expressivo crescimento em 2004 (14,5%), estimulada pelo aumento da demanda interna. As florestas



cultivadas de pínus fornecem a maior parte da matéria-prima para a fabricação de painéis de aglomerado, mas já está sendo utilizada madeira de eucalipto para este fim. As maiores empresas estão ampliando sua produção de painéis de aglomerado revestidos com melamina para poder atender ao aumento da demanda da indústria moveleira.

A produção de chapa dura de fibra estabilizou-se em pouco mais de 500 mil m<sup>3</sup> por ano. A maior parte da produção é consumida internamente, com pouca expectativa de ampliação das exportações. A tendência da produção para o futuro próximo é de se manter estabilizada nos níveis atuais.

O consumo brasileiro, particularmente pela construção civil e a indústria de móveis, tem crescido consistentemente nos últimos anos, em substituição a outros produtos, como a madeira maciça e aglomerada. Em 1997 começou a operar no Brasil a primeira planta industrial de MDF (atualmente são sete). Em 1999, o País já se tornou auto-suficiente nesse produto. Em 2001 e 2002, com o grande crescimento do consumo, foram necessárias algumas importações, porém de pequena monta. Em 2002 e 2003, a produção cresceu bastante (39% e 28%, respectivamente), permitindo exportações de grandes volumes de MDF. Em 2004 exportou-se 30% da produção brasileira do produto, um crescimento de 75% em relação ao volume expedido em 2003.

### Desempenho da indústria de móveis de madeira

*Custo da madeira e valorização do real dificultam as exportações de móveis em 2005*

Predominância de micro e pequenas empresas e elevada capacidade de absorção de mão-de-obra são características marcantes da indústria moveleira. São mais de 17 mil empresas fabricantes de móveis; a esmagadora maioria possui menos de 100 empregados. O setor apresenta grande dinamismo econômico e trabalha com alto grau de flexibilidade operacional.



Com o aumento no fluxo das exportações dos últimos anos, a indústria desenvolveu bastante sua capacidade de produção e melhorou a tecnologia de produto e processos, elevando a qualidade e a aceitação de seus produtos.

Nos dez principais pólos moveleiros do Brasil, atuam mais de 1.700 empresas, que empregam 50 mil pessoas. Em São Paulo, são dois aglomerados de empresas que formam pólos de fabricação de móveis (Mirassol e Votuporanga), dois em Minas Gerais (Ubá e Bom Despacho), dois no Rio Grande do Sul (Bento Gonçalves e Lagoa Vermelha), um em Santa Catarina (São Bento do Sul), um no Paraná (Arapongas) e um no Espírito Santo (Linhares + Colatina).

O faturamento da indústria brasileira de móveis alcançou cerca de 10 bilhões de reais em 2004, recuperando os níveis de 2002. Este crescimento corresponde a cerca de 15% em relação a 2003, provocado pela melhoria do mercado interno e pelo forte crescimento das exportações. Nos últimos dez anos, as exportações de móveis de madeira apresentaram um vigoroso crescimento médio de quase 14% aa. As exportações, em 2004, foram de 736 milhões de dólares, 37% a mais do que em 2003, que, por sua vez, foi 18% maior que o de 2002 (Figura 6). O estado de Santa Catarina foi responsável por 56% das exportações brasileiras de móveis de madeira em 2004, seguido pelo estado do Rio Grande do Sul, que respondeu por 30% do volume exportado.

Assim como os demais produtos de madeira sólida, as exportações de móveis em 2005 estão sendo prejudicadas pela forte valorização do real frente ao dólar e pelo aumento dos custos da matéria-prima básica, a madeira<sup>3</sup>. As projeções para este ano, com base no comportamento do período de janeiro a agosto, são de um crescimento de apenas 10% nas exportações, bem aquém das expectativas iniciais do setor.

---

<sup>3</sup> Os preços da madeira em toras de pinus, principal matéria-prima para fabricação dos móveis exportados pelo Brasil, subiram sistematicamente ao longo de 2004 e primeiro semestre de 2005. Em média, houve um crescimento de 20% nos preços de 2005 em relação aos de 2004.



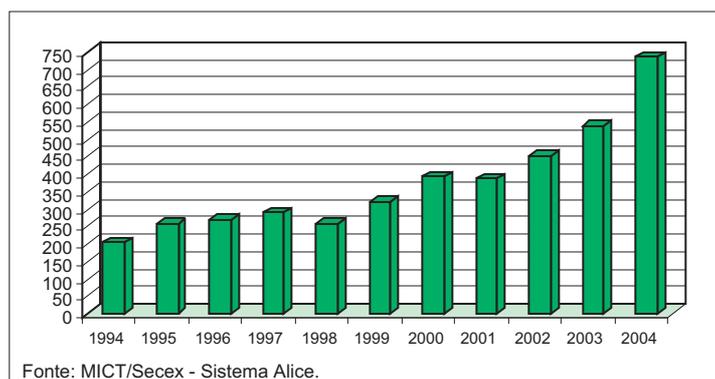


Figura 6. Exportações brasileiras de móveis de madeira e suas partes (milhões US\$)

### Desempenho da indústria de celulose e papel

#### *Está em marcha um novo ciclo de expansão do setor de papel e celulose*

A indústria brasileira de papel e celulose é bastante desenvolvida, globalizada e competitiva no mercado global. As 220 empresas do setor atuam em 16 estados, faturam mais de 23 bilhões de reais por ano, empregam diretamente 100 mil pessoas e geram 2,2 bilhões de reais em impostos por ano. Em 2004 foram exportados 2,9 bilhões de dólares em celulose e papel (acréscimo de 3% em relação a 2003), um recorde na história do comércio exterior do setor (Figura 7).

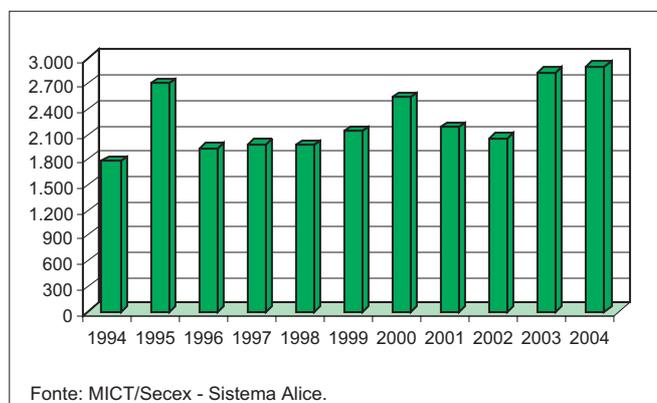


Figura 7. Exportações brasileiras de papel e celulose - 1994-004 - (milhões US\$)



O Brasil é o sétimo produtor mundial de celulose (o primeiro em celulose de fibra curta de mercado) e o décimo na produção de papel. Toda a produção de papel e celulose provém de florestas plantadas, a maior parte de propriedade das próprias empresas (mais de 1,5 milhão de hectares). O eucalipto é matéria-prima para 70% da produção total do setor e o pínus, para os 30% restantes.

O Brasil produziu 9,5 milhões de toneladas de pastas de celulose em 2004, um crescimento de 4,8% em relação a 2003 (Tabela 13). Do total produzido, cerca de 80% é de celulose de fibra curta, que utiliza o eucalipto como matéria-prima, praticamente o único tipo exportado pelo Brasil. O País é o maior produtor e exportador mundial deste tipo de celulose.

Tabela 13/I. Produção brasileira de celulose e papel – 2003-04

(1.000 t)

Discriminação	Tipo	2003	2004	Variação (%)
Produção de Celulose	Fibra longa	1.532	1.520	(0,8)
	Fibra curta	7.123	7.505	5,4
	Demais	414	475	14,7
	<b>Total</b>	<b>9.069</b>	<b>9.500</b>	<b>4,8</b>
Produção de Papel	Imprensa	163	133	(18,4)
	Imprimir/escrever	2.273	2.409	6,0
	Embalagem	3.730	3.854	3,3
	Papel cartão	533	574	7,7
	Sanitários	681	738	8,4
	Outros	536	492	(8,2)
	<b>Total</b>	<b>7.916</b>	<b>8.200</b>	<b>3,6</b>
Consumo aparente de papel	Produção	7916	8.200	3,6
	Importação*	578	730	26,3
	Exportação*	1.778	1850	4,0
	<b>Consumo aparente</b>	<b>6.716</b>	<b>7.080</b>	<b>5,4</b>
Consumo per cápita (kg/hab)		37,7	39,28	4,2
Consumo aparente de celulose	Produção	9.069	9.500	4,8
	Importação*	339	350	3,2
	Exportação*	4.570	4.900	7,2
	<b>Consumo aparente</b>	<b>4.838</b>	<b>4.950</b>	<b>2,3</b>

Fonte: Bracelpa.

Mais da metade da produção nacional de celulose destinada ao mercado é exportada. O estado do Espírito Santo é o maior exportador nacional. Os estados de Minas Gerais, Bahia e São Paulo também são importantes



exportadores de celulose. Em 2004, a Europa foi o destino de 45% dessas exportações; a Ásia, de 32% e a América do Norte, de 19%.

Os preços internacionais da celulose estiveram em ascensão ao longo de 2004, um movimento iniciado no último trimestre de 2003. O preço CIF da celulose de fibra longa, tipo NBSK, teve na Europa um crescimento bastante expressivo ao longo de 2004, alcançando US\$ 622,29/t na virada do ano. Em 2005, o preço da celulose de fibra longa apresentou decréscimos consistentes ao longo do tempo, chegando a US\$ 583,74/t em setembro (Foex: [www.foex.fi](http://www.foex.fi)).

A celulose de fibra curta tipo BHKP teve, ao em 2004, reajuste de preços menor que aquele observado para a celulose de fibra longa. Porém, em 2005 o preço CIF na Europa subiu de US\$ 529,26/t, no início de janeiro, para quase US\$ 600,00/t em junho. De julho a setembro, houve um pequeno decréscimo nos preços deste tipo de celulose. Atualmente, para os dois tipos de celulose os preços são semelhantes no mercado europeu - na faixa de US\$ 584,00/t a US\$ 588,00/t. A expectativa dos produtores é de que no último trimestre de 2005 os preços internacionais da commodity se recuperem e alcancem patamares elevados em relação a seus níveis históricos.

A produção brasileira de papel em 2004 foi de 8,2 milhões de toneladas, um incremento de 3,6% em relação a 2003. Pouco mais de três milhões de toneladas foi de papel reciclado. Os papéis para embalagens representam quase a metade da produção e os papéis de imprimir e escrever somam perto de 30% do volume produzido no País. O Brasil é bastante dependente das importações de papel de imprensa para satisfazer seu consumo doméstico. Estimativas da Bracelpa indicam um aumento de 5,4% no consumo aparente de papel em 2004, passando o consumo per cápita de 37,7 kg/ano para 39,3 kg/ano.

As exportações de papel em 2004 foram de 1,85 milhão de toneladas, 4% a mais que em 2003. Em 2004, as importações, que representam cerca de



10% do consumo doméstico, foram de 730 mil toneladas, 26,3% a mais que em 2003.

Nos últimos dez anos, o setor de papel e celulose vivenciou no Brasil mais um ciclo de crescimento e reestruturação empresarial e produtiva. Foi ampliado e modernizado o parque fabril e foram implantadas novas plantas industriais, resultando em aumento de porte e escala de produção das empresas, ganhos de eficiência com melhoria de foco e maior especialização produtiva. Isto permitiu ao setor ganhar competitividade internacional e consolidar o Brasil como um importante ator neste mercado.

Um novo ciclo de expansão do setor de papel e celulose está sendo desenhado para os próximos dez anos. Até 2012 estão programados pelo setor investimentos totais de 14 bilhões de dólares, que deverão resultar na quase duplicação da atual área reflorestada e na ampliação da produção de celulose para 14,5 milhões de toneladas por ano e para 13,4 milhões de toneladas de papel. Isto possibilitará dobrar o valor atual das exportações brasileiras destas commodities.

### **Produção e mercado de produtos florestais em Santa Catarina**

#### *Crescimento do setor em 2005 será menor do que em 2004*

Embora seja um dos estados com menor território, Santa Catarina tem posição destacada no setor florestal brasileiro. Com cerca de 10% da área de florestas plantadas do País, é o segundo maior exportador de produtos florestais (56% dos móveis de madeira, 19% da madeira e derivados e 14% do papel em 2004).

As cadeias produtivas de base florestal do estado são compostas por cerca de seis mil empresas, nos segmentos de silvicultura, processamento mecânico, móveis, celulose e papéis (Figura 8). Este conjunto de empresas gera cerca de 90 mil empregos formais (Figura 9). A indústria de produtos



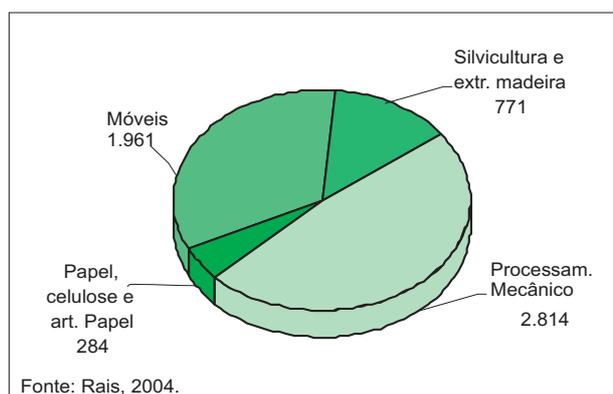


Figura 8. Número de empresas do setor florestal, por segmento, em Santa Catarina - 2003

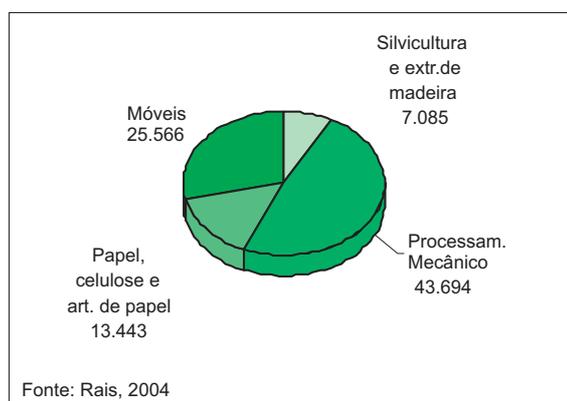


Figura 9. Número de empregados do setor florestal, por segmento, em Santa Catarina - 2003

sólidos da madeira possui quase a metade das empresas e dos empregos de todo o setor florestal catarinense.

Os principais pólos da indústria florestal catarinense situam-se nas regiões de São Bento do Sul (móveis), Canoinhas (processamento mecânico), Caçador (processamento mecânico e móveis), Chapecó (móveis), Curitibanos (processamento mecânico) e Lages (processamento mecânico e papel e celulose).



A indústria de base florestal catarinense, que em grande parte utiliza florestas cultivadas, teve um desenvolvimento bastante expressivo nos últimos dez anos. A silvicultura é responsável atualmente pela geração de 9,5% do valor bruto da produção do setor agropecuário de Santa Catarina e a indústria de base florestal responde por quase 16,5% do valor da transformação industrial. Estima-se ser de aproximadamente 7% a participação de setor florestal no PIB catarinense.

### Produção catarinense de produtos florestais

#### *Escassez de matéria-prima limita a expansão de alguns segmentos da indústria florestal*

Os resultados preliminares do Inventário Florístico-Florestal de Santa Catarina (Fase I) indicam que cerca de 43% da superfície territorial do estado é coberta por florestas, sendo 5,4% com florestas plantadas (Figura 10). Estima-se em mais de 600 mil hectares<sup>4</sup> a área total com silvicultura, com pelo menos 40% de florestas nos estádios iniciais do ciclo de desenvolvimento.

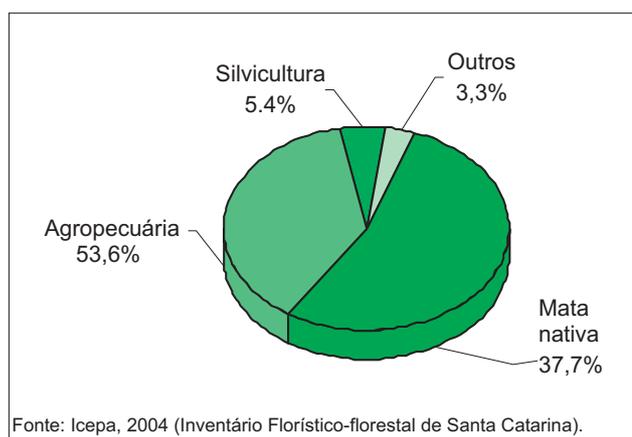


Figura 10 - Composição da cobertura do solo em Santa Catarina - 2004

<sup>4</sup> A área efetiva com florestas plantadas é maior do que aquela identificada na interpretação das imagens de satélite para determinação da ocupação do solo para o inventário florestal, porque os plantios muito jovens (até três anos) são de difícil identificação pelas imagens utilizadas (Landsat 5).



A forte valorização da madeira utilizada para celulose e para processamento mecânico nos últimos anos e a perspectiva de uma maior escassez deste produto nos anos vindouros fizeram com que, a partir de 2000, se intensificassem os plantios empresariais e muitos produtores rurais e profissionais liberais despertassem para as atividades silvícolas. Estimativas indicam que nesse período tenham sido plantados cerca de 55 mil hectares por ano com florestas comerciais (BRDE, 2004).

As linhas de crédito do Propflora e do Pronaf Florestal, operadas pelo BRDE e pelo Banco do Brasil, estão contribuindo bastante significativamente para a ampliação da área florestada para fins comerciais em Santa Catarina. De 2003 a meados de 2005, foram realizadas mais de 500 operações de crédito e aplicados mais de 16 milhões de reais em projetos de silvicultura financiados por estas linhas de crédito (Tabela 14).

*Tabela 14/I. Financiamentos concedidos a projetos de silvicultura em Santa Catarina pelos principais agentes financeiros – 2003-05*

Linha de crédito	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Pronaf florestal</b>			
Número de Contratos	30	163	72
Valor (R\$ 1,00)	104.856	820.856	373.926
<b>Propflora</b>			
Número de Contratos	44	130	73
Valor (R\$ 1,00)	3.423.326	7.405.766	4.123.095
<b>Total</b>			
Número de Contratos	74	293	145
Valor (R\$ 1,00)	3.528.182	8.226.622	4.497.021

Fonte: Banco do Brasil e BRDE.

<sup>(1)</sup> Janeiro a junho.

Os reflorestamentos de pinus são responsáveis por 90% da oferta de madeira para a indústria florestal. Segundo o IBGE, a produção catarinense de madeira em toros para transformação industrial foi de 15,7 milhões de m<sup>3</sup> em 2003, 2,7% a mais que em 2002. A produção de toras destinadas ao processamento mecânico aumentou 5,5% em 2003 em relação a 2002, alcançando 9,6 milhões de m<sup>3</sup> (Tabela 15). Em 2004, estima-se que este crescimento tenha sido de cerca de 6%. Já a produção de madeira para fabricação de papel e celulose em 2003 foi ligeiramente inferior à produção de 2002, segundo levantamentos



do IBGE. Em 2004, estima-se em 10% o crescimento na produção de madeira para esta finalidade.

*Tabela 15/I. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2000-004*

Produto	Unidade de medida	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
<b>Extração vegetal</b>						
Carvão vegetal	t	13.017	12.197	9.050	8.665	8.000
Erva-mate	t	39.967	33.506	71.642	68.393	60.000
Lenha	mil m <sup>3</sup>	2.385	2.100	2.023	2.209	2.000
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	116	99	93	167	112
Araucária (toras)	mil m <sup>3</sup>	23	18	8	11	6
Palmito	t	241	242	247	193	220
Pinhão	t	2.150	2.139	2.285	2.276	2.300
<b>Silvicultura</b>						
Carvão vegetal	t	7.409	7.591	7.146	7.113	7.400
Erva-mate	t	63.203	48.834	45.600	52.474	45.000
Lenha	mil m <sup>3</sup>	3.856	4.018	4.330	4.440	4.500
Madeira p/papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	5.624	5.959	6.203	6.110	6.720
Madeira p/outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	7.578	8.551	9.110	9.610	10.180
Palmito <sup>(2)</sup>	t	220	1.271	1.012	1.569	2.000

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema SIDRA; acesso em junho 2004.

<sup>(1)</sup> Estimativa Epagri/Cepa.

<sup>(2)</sup> Inclui Juçara e Palmeira Real.

Segundo a Fiesc, do consumo total de madeira pelo parque industrial catarinense, 43% se destina à indústria de papel e celulose, 28% às serrarias, 8% à indústria de chapas e compensados, 8% à indústria do mobiliário e os outros 10%, à produção de aglomerados, MDF e energia industrial.

A baixa intensidade dos plantios florestais entre os finais das décadas de oitenta e noventa prenunciou uma possível crise de abastecimento de matéria-prima florestal em Santa Catarina, assim como no Sul do Brasil, possibilidade já alertada há bastante tempo por técnicos e lideranças do setor. O forte crescimento no consumo de madeira pela indústria catarinense a partir de 2000 ajudou a antecipar a esperada escassez de matéria-prima para a indústria de base florestal. Os aumentos médios anuais - de 25% a 30% - verificados em Santa Catarina nos preços das principais matérias-primas da indústria florestal (toras de pinus e eucalipto para celulose e serraria) nos últimos cinco anos são reflexos da anunciada escassez.



Ainda não se dispõe de projeções confiáveis e abrangentes sobre a oferta de madeira industrial em Santa Catarina para o futuro próximo. As informações disponíveis sobre as dimensões, idades e localização das áreas das plantações permitem apontar uma tendência de exaustão dos estoques de floresta adulta existentes, com pressões para o corte de florestas mais jovens. As maiores dificuldades de abastecimento no próprio estado deverão ocorrer entre 2007 e 2012, período de maturação dos plantios feitos entre 1987 e 1997. Os segmentos mais afetados deverão ser os consumidores de madeira grossa e de qualidade, como as laminadoras, as fábricas de compensados e os produtores de móveis.

A intensidade da escassez de madeira para abastecer a indústria e seu reflexo sobre os preços e a atividade industrial vão depender do comportamento de outras variáveis, como a taxa de câmbio, a evolução do mercado interno e externo, a competitividade das empresas e da indústria, etc.

A produção de produtos florestais não destinados à indústria da madeira tem evoluído de forma bem mais lenta ou até decrescido nos últimos anos. Os quantitativos da extração vegetal têm diminuído nos últimos anos em praticamente todos os produtos (Tabela 15). A lenha e o carvão vegetal de origem cultivada vêm substituindo gradativamente a fonte extrativa da vegetação nativa.

### Preços dos insumos e dos produtos florestais

*Após longo período de continuado crescimento, os preços das toras de pinus e de eucalipto para a indústria sofrem ligeira redução*

Os preços das mudas de palmito juçara e palmeira real têm mostrado tendência decrescente nos últimos anos. Os preços das mudas de eucalipto e erva-mate acompanharam mais ou menos a variação do Índice Geral de Preços (IGP-M), enquanto os preços das mudas de pinus tiveram um crescimento real de quase 15% nos últimos cinco anos. (Tabela 16).



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 16/I. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2000-005<sup>(1)</sup>

Produto	Unidade de medida	2000	2001	2002	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
Mudas de eucalipto (R\$)	Milheiro	80,00	89,17	95,00	114,17	131,82	142,50
Mudas de eucalipto (US\$)	Milheiro	43,77	38,42	33,45	37,25	42,23	55,31
Mudas de eucalipto (R\$ de mai 05)	Milheiro	144,03	145,13	136,92	133,46	137,98	142,93
Mudas de pínus (R\$)	Milheiro	80,00	89,17	104,17	126,67	138,18	152,50
Mudas de pínus (US\$)	Milheiro	43,77	38,42	36,49	41,37	45,61	59,19
Mudas de pínus (R\$ de mai 05)	Milheiro	132,92	133,94	149,91	148,10	149,05	152,96
Mudas de erva-mate (R\$)	Milheiro	160,83	165,00	172,50	216,67	270,91	290,00
Mudas de erva-mate (US\$)	Milheiro	87,93	71,56	60,50	70,98	84,47	112,36
Mudas de erva-mate (R\$ de mai 05)	Milheiro	289,39	269,39	248,33	253,21	275,93	290,86
Formicida granulado mirex-s (R\$)	500 g	3,92	3,83	4,06	4,08	4,19	4,12
Formicida granulado mirex-s (US\$)	500 g	2,15	1,66	1,44	1,33	1,43	1,60
Formicida granulado mirex-s (R\$ de mai 05)	500 g	7,07	6,24	5,87	4,77	4,67	4,14
Mudas de Palmeira Real (R\$)	Milheiro	130,00	135,00	173,33	181,67	170,00	180,00
Mudas de Palmeira Real (US\$)	Milheiro	71,02	49,14	60,69	59,03	57,47	69,80
Mudas de Palmeira Real (R\$ de mai 05)	Milheiro	233,79	185,11	249,25	212,58	187,74	180,56
Mudas de Palmito (R\$)	Milheiro	128,89	125,00	179,17	196,67	184,55	190,00
Mudas de Palmito (US\$)	Milheiro	52,48	45,92	62,52	64,00	63,37	73,68
Mudas de Palmito (R\$ de mai 05)	Milheiro	232,65	171,74	257,32	230,05	207,02	190,59
Terra de campo/reflorest. (R\$)	hectare	640,36	813,79	1025,31	1392,64	2075,97	2476,27
Terra de campo/reflorest. (US\$)	hectare	350,19	352,26	361,17	456,21	699,58	960,17
Terra de campo/reflorest. (R\$ de mai 05)	hectare	1153,52	1326,65	1478,19	1627,67	2285,34	2484,32
Terra de segunda (R\$)	hectare	1248,68	1644,59	2055,46	2925,85	4545,02	5105,50
Terra de segunda (US\$)	hectare	682,84	706,73	724,64	960,33	1706,52	1979,59
Terra de segunda (R\$ de mai 05)	hectare	2249,19	2675,56	2964,85	3417,48	4428,64	5121,33
Terra de primeira (R\$)	hectare	2269,44	2872,26	3693,66	5330,40	8473,73	9340,65
Terra de primeira (US\$)	hectare	1242,19	1237,54	1302,57	1748,84	2601,91	3620,29
Terra de primeira (R\$ de mai 05)	hectare	4091,66	4676,36	5329,18	6227,07	6752,26	9371,27

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Média de janeiro a maio.

As terras utilizadas para reflorestamento, principal componente dos custos da atividade, sofreram aumentos de preços bastante expressivos nos últimos anos. Para todos os tipos de qualidade e localização das terras, os preços mais do que duplicaram, em termos reais, nos últimos cinco anos.

A evolução dos preços dos produtos primários e das matérias-primas florestais em Santa Catarina foi bastante diferenciada ao longo de 2004. Os preços da erva-mate tiveram uma redução significativa ao longo do ano, mas iniciaram um movimento de recuperação nos primeiros meses de 2005.

Os preços das escoras de madeira usadas na construção civil permaneceram mais ou menos estáveis em 2004, significando um decréscimo, em termos reais, em relação aos de 2003. Já os preços da madeira roliça de eucalipto



para uso estrutural na construção civil tiveram um ligeiro crescimento real em 2004, tendência que se manifesta também em 2005.

O carvão vegetal e a lenha tiveram acréscimos nominais em seus preços médios em 2004 (28% e 23%, respectivamente), em relação a 2003. Nos cinco primeiros meses de 2005, estes preços se mostraram ainda em ascensão (mais vigorosa para a lenha de eucalipto), devendo apresentar novamente crescimento real ao longo do ano.

A exemplo do que ocorreu em 2002 e 2003, em 2004 as toras de madeira processadas pela indústria de base florestal apresentaram aumentos bem mais expressivos de preço, em comparação com os de outros produtos, significando uma valorização destas matérias-primas tanto em termos nominais como reais (Tabela 17 e Figuras 11 e 12). Se comparado ao de 2003, o preço médio da tora de pínus para celulose em 2004 foi 35% superior. A tendência altista permaneceu até julho de 2005, tendo-se estabilizado, nos meses subseqüentes, em patamares próximos a este pico.

O mesmo comportamento foi apresentado pelos preços médios da madeira em tora de pínus e de eucalipto para serraria, que em 2004 subiram 26% em relação a 2003 (15% após descontados pelo IGP-M). De 2000 até junho de 2005, período em que o processo de aumento do preço da madeira de reflorestamento se intensificou, a tora de pínus mais do que duplicou de valor, em termos reais. Os preços da tora de eucalipto para uso em serraria aumentaram mais de 70% período.

Nos primeiros seis meses de 2005, os preços da madeira reflorestada usada em processamento mecânico mantiveram-se em alta; porém, a partir de julho, os preços das toras de pínus e eucalipto passaram a sofrer movimentos de queda, interrompendo a tendência altista de longo prazo. Embora os estoques de florestas plantadas em idade de corte estejam em patamares bastante baixos, a forte valorização do real frente ao dólar e os elevados preços da madeira usada pela indústria exportadora passaram a dificultar as exportações do setor, o que fez com que muitas empresas reduzissem seus níveis de atividade e, em consequência, a demanda por madeira, com isso afetando negativamente os preços.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 17/I. Preço médio dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2000-005

Produto	Unidade de medida	2000	2001	2002	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>
Carvão vegetal (R\$)	m <sup>3</sup>	21,36	23,75	25,11	28,57	36,50	41,18
Carvão vegetal (R\$ de mai/05)	m <sup>3</sup>	38,39	38,73	36,23	33,39	38,97	41,30
Carvão vegetal (US\$)	m <sup>3</sup>	11,67	10,27	8,86	9,35	12,50	15,98
Erva-mate nativa (\$)	arroba	2,44	3,06	3,45	3,57	3,38	3,60
Erva-mate nativa (R\$ de mai/05)	arroba	4,39	5,00	4,96	4,17	3,62	3,61
Erva-mate nativa (US\$)	arroba	1,33	1,33	1,21	1,16	1,16	1,40
Erva-mate cultivada (\$)	arroba		2,26	2,43	2,47	2,19	2,33
Erva-mate cultivada (R\$ de mai/05)	arroba		3,69	3,50	2,89	2,32	2,34
Erva-mate cultivada (US\$)	arroba		0,98	0,86	0,80	0,75	0,89
Lenha de eucalipto (\$)	m <sup>3</sup>	9,38	11,24	13,42	15,45	18,98	24,66
Lenha de eucalipto (R\$ de mai/05)	m <sup>3</sup>	16,88	18,31	19,33	18,05	20,26	24,73
Lenha de eucalipto (US\$)	m <sup>3</sup>	5,13	4,84	4,72	5,05	6,51	9,57
Lenha de mata nativa (\$)	m <sup>3</sup>	7,00	8,15	9,44	11,88	14,20	17,22
Lenha de mata nativa (R\$ de mai 05)	m <sup>3</sup>	12,58	13,27	13,57	13,88	15,18	17,27
Lenha de mata nativa (US\$)	m <sup>3</sup>	3,82	3,51	3,31	3,88	4,87	6,68
Pinus para celulose (R\$)	t	10,82	12,49	14,95	20,95	28,24	32,93
Pinus para celulose (R\$ de mai/05)	t	19,49	20,33	21,51	24,46	30,16	33,02
Pinus para celulose (US\$)	t	5,92	5,37	5,24	6,87	9,67	12,79
Madeira roliça p/ construção (R\$)	m	1,14	1,13	1,12	1,23	1,42	1,54
Madeira roliça p/ const (R\$ de mai/05)	m	2,04	1,83	1,61	1,43	1,52	1,55
Madeira roliça p/ const (US\$)	m	0,62	0,49	0,40	0,40	0,49	0,60
Escora de madeira (R\$)	unid.	2,90	2,80	2,46	2,44	2,46	2,57
Escora de madeira (R\$ de mai/05)	unid.	5,21	4,57	3,56	2,85	2,63	2,58
Escora de madeira (US\$)	unid.	1,58	1,21	0,87	0,80	0,84	1,00
Madeira em toras de eucalipto (R\$)	m <sup>3</sup>	31,99	36,69	51,36	64,58	81,33	100,11
Madeira em toras de eucalipto (R\$ de mai/05)	m <sup>3</sup>	57,61	59,68	73,91	75,46	86,83	100,40
Madeira em toras de eucalipto (US\$)	m <sup>3</sup>	17,51	15,76	18,04	21,15	27,87	38,85
Madeira em toras de pinus (R\$)	m <sup>3</sup>	30,10	40,90	54,09	74,32	93,29	111,86
Madeira em toras de pinus (R\$ de mai/05)	m <sup>3</sup>	54,06	66,52	77,65	86,83	99,68	112,19
Madeira em toras de pinus (US\$)	m <sup>3</sup>	16,43	17,56	18,88	24,36	31,97	43,41

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>(1)</sup> Média de janeiro a maio.

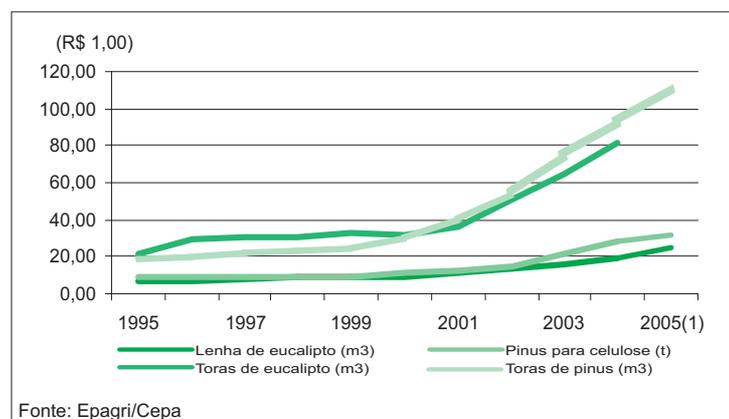


Figura 11. Preços médios recebidos pelos produtores pelos principais produtos florestais de Santa Catarina - 1995-005



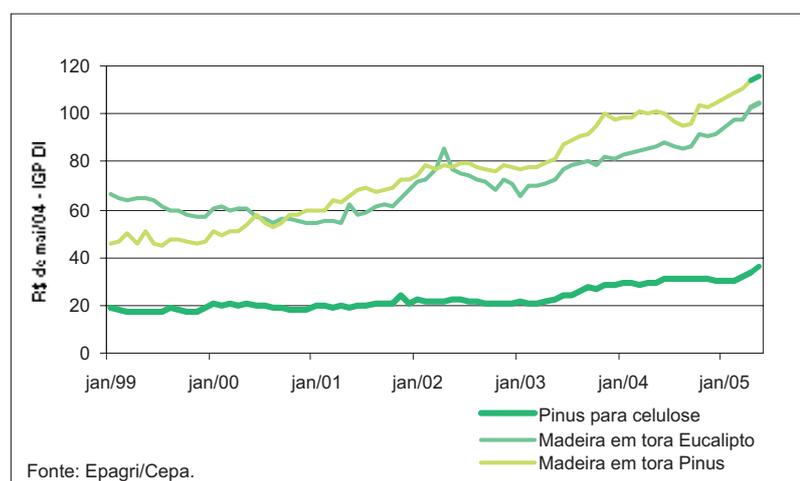


Figura 12. Madeira Industrial - Preços médios da matéria-prima - Jan/99 - mai/05 (R\$/m³)

A consistente tendência, observada nos últimos anos, de aumento dos preços reais da madeira utilizada pela indústria de base florestal reflete o crescimento da demanda e a característica inelástica, no curto e médio prazo, da oferta da matéria-prima. O desequilíbrio entre a produção e a demanda de madeira em tora em Santa Catarina pode vir a se acentuar nos próximos anos, especialmente se for revertida a condição desfavorável aos exportadores determinada pela atual taxa de câmbio. Se isso ocorrer, a expansão de alguns segmentos do setor florestal de Santa Catarina poderá ser limitada, especialmente para as empresas que dependem do mercado para se abastecer de matéria-prima.

### Exportações catarinenses de produtos florestais

#### *Taxa de câmbio limita o desempenho exportador do setor florestal catarinense*

O valor das exportações da indústria catarinense de base florestal em 2004 foi um terço superior ao de 2003, desempenho ligeiramente superior ao apresentado pelas exportações totais do estado. Em 2004, foi exportado pelo setor 1,14 bilhão de dólares, elevando sua participação para 23,6% do total exportado pelo estado (23,3% em 2003) (Figura 13). Nos últimos cinco anos, a taxa de



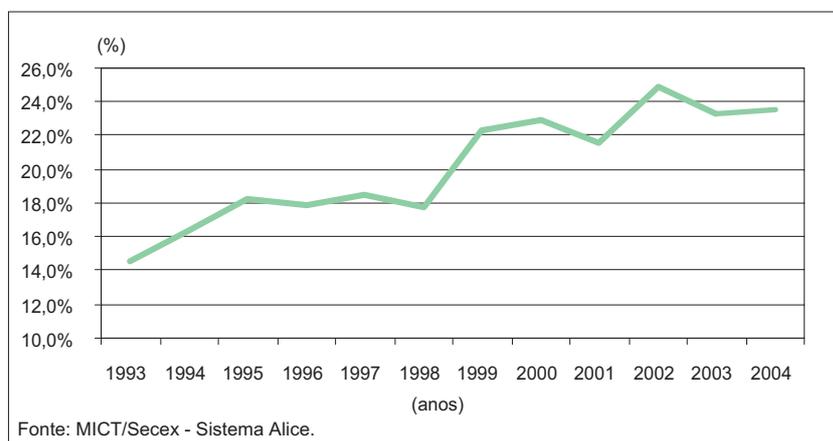


Figura 13. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses (%) 1993-004

crescimento médio das exportações catarinenses de produtos de origem florestal foi superior à apresentada pelo conjunto dos setores, o que fez aumentar a fatia do setor nas exportações catarinenses.

Em 2004, o melhor desempenho foi apresentado pelo item madeiras e suas obras (capítulo 44 do código NBM – Nomenclatura Brasileira de Mercadorias), com

crescimento de 42% em relação a 2003. Os maiores crescimentos foram apresentados pelas exportações de molduras, portas e janelas e madeira compensada (Tabela 18). As madeiras e suas obras representaram, em 2004, metade das exportações do setor em Santa Catarina (Figura 14).

O câmbio e os preços em dólares foram, de uma maneira geral, favoráveis às exportações catarinenses de produtos florestais em 2004. Nas madeiras, os preços médios da tonelada exportada foram 25% superiores àqueles de 2003. Nos segmentos de móveis e de papel e celulose, os preços foram em média 10% superiores aos de 2003. O esforço dos exportadores que procuram embarcar produtos de maior valor agregado tem contribuído para a melhoria dos preços médios da tonelada de produto florestal exportado.

Para 2005, espera-se um crescimento menos expressivo das exportações catarinenses de produtos florestais que em 2004. No período de janeiro a julho, o valor das exportações do setor em Santa Catarina foi apenas 7% superior ao de igual período do ano anterior, e bem inferior aos 21% de crescimento apresentado pelo conjunto das exportações do estado. A forte valorização do câmbio e o expressivo aumento dos preços da madeira utilizada pela indústria exportadora vêm criando dificuldades para alguns segmentos do setor, especialmente para os que dependem de madeira de terceiros, caso de boa parte da indústria moveleira.



## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 18/I. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 1998-004

(US\$ 1.000,00 - FOB)

Item	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Erva-mate e derivados	3.180	2.559	2.638	2.913	1.935	1.304	1.048
<b>Madeira e obras de madeira</b>	<b>223.979</b>	<b>293.333</b>	<b>298.908</b>	<b>321.959</b>	<b>386.719</b>	<b>401.069</b>	<b>569.538</b>
Madeira serrada	67.328	90.799	85.364	100.468	95.092	88.395	100.502
Madeira laminada	2.293	2.314	2.383	1.765	1.185	2.130	1.330
Madeira perfilada	26.241	35.841	31.197	2.627	13.960	20.908	26.909
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	8.658	2.903	5.789	10.109	11.946	12.970	14.685
Painéis de madeira compensada	32.795	51.566	52.486	51.884	62.463	77.540	124.193
Molduras de madeira	1.614	4.199	3.936	6.330	15.573	16.362	41.309
Caixas, engradados e paletes	3.523	3.516	4.522	2.089	900	516	613
Ferramentas, armações e cabos	12.522	12.878	12.104	13.403	18.012	19.070	22.348
Portas, janelas, assoalhos e outras obras de marcenaria e carpintaria	67.681	86.190	86.647	86.776	106.064	110.957	176.999
Outras madeiras e obras de madeira	1.324	3.127	13.504	46.508	61.525	52.222	60.650
<b>Papel e celulose</b>	<b>82.424</b>	<b>93.757</b>	<b>104.221</b>	<b>110.827</b>	<b>121.338</b>	<b>137.999</b>	<b>164.157</b>
Pasta de celulose e papel sanitário	11.541	8.700	9.429	12.284	18.034	21.684	27.091
Embalagens e pasta "quate"	4.086	2.713	4.648	5.939	9.033	16.670	21.218
Papel e cartão kraft, kraftliner	63.736	78.785	87.119	90.115	91.432	95.323	111.464
Outros papéis	3.061	3.559	3.025	2.490	2.840	4.093	4.295
<b>Móveis de madeira</b>	<b>151.419</b>	<b>184.238</b>	<b>214.290</b>	<b>216.655</b>	<b>274.170</b>	<b>319.903</b>	<b>409.510</b>
Móveis de madeira p/ escritório	2.542	2.609	4.008	2.577	6.638	10.433	16.389
Móveis de madeira p/ cozinha	10.220	6.176	7.524	5.454	10.169	14.916	16.352
Móveis de madeira p/ quartos	55.779	72.240	82.546	88.307	102.894	127.835	171.849
Outros móveis de madeira	78.200	91.609	108.857	99.832	130.684	142.129	171.796
Componentes p/ móveis de madeira	4.678	11.604	11.355	20.486	23.786	24.578	32.375
<b>Total produtos florestais</b>	<b>461.002</b>	<b>573.887</b>	<b>620.057</b>	<b>652.354</b>	<b>784.186</b>	<b>860.275</b>	<b>1.144.253</b>
<b>Total exportações - Santa Catarina</b>	<b>2.605.306</b>	<b>2.567.364</b>	<b>2.711.703</b>	<b>3.028.399</b>	<b>3.157.065</b>	<b>3.695.786</b>	<b>4.853.506</b>

Fonte: MICT/Secex - Sistema Alice.

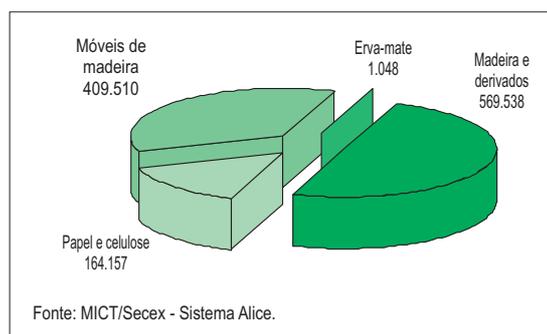


Figura 14. Exportações florestais de Santa Catarina por segmento (US\$ milhões) - 2004

Luiz Toresan



## Divisão política do território e informações climáticas

Tabela 1/III - Área territorial, segundo os municípios - Santa Catarina - 2000

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
Abdon Batista	197,6
Abelardo Luz	1.035,9
Agrolândia	191,9
Agronômica	116,5
Água Doce	1.318,9
Águas de Chapecó	138,9
Águas Frias	76,8
Águas Mornas	327,4
Alfredo Wagner	732,3
Alto Bela Vista	104,0
Anchieta	229,5
Angelina	523,6
Anita Garibaldi	605,1
Anitápolis	575,5
Antônio Carlos	242,4
Apiúna	488,3
Arabitã	130,9
Araquari	401,8
Araranguá	298,0
Armazém	138,4
Arroio Trinta	112,1
Arvoredo	91,1
Ascurra	118,9
Atalanta	97,9
Aurora	226,1
Balneário Arroio do Silva	93,6
Balneário Camboriú	46,4
Balneário Barra do Sul	110,4
Balneário Gaivota	150,8
Bandeirante	147,0
Barra Bonita	62,3
Barra Velha	142,2
Bela Vista do Toldo	526,8

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
Belmonte	92,8
Benedito Novo	385,5
Biguaçu	302,4
Blumenau	509,4
Bocaina do Sul	495,6
Bombinhas	37,4
Bom Jardim da Serra	934,0
Bom Jesus	68,4
Bom Jesus do Oeste	67,1
Bom Retiro	1.063,9
Botuverá	317,2
Braço do Norte	193,9
Braço do Trombudo	89,8
Brunópolis	336,1
Brusque	280,2
Caçador	998,6
Caibi	177,9
Calmon	633,7
Camboriú	211,6
Capão Alto	1.349,5
Campo Alegre	501,1
Campo Belo do Sul	1.021,8
Campo Erê	457,5
Campos Novos	1.632,0
Canelinha	151,1
Canoinhas	1.141,5
Capinzal	224,5
Capivari de Baixo	46,9
Catanduvas	196,5
Caxambu do Sul	143,3
Celso Ramos	189,6
Cerro Negro	417,4
Chapadão do Lageado	113,7
Chapecó	624,3

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
Cocal do Sul	78,4
Concórdia	806,3
Cordilheira Alta	84,5
Coronel Freitas	234,4
Coronel Martins	99,7
Corupá	407,2
Correia Pinto	622,7
Criciúma	209,8
Cunha Porã	217,4
Cunhataí	55,2
Curitibanos	952,0
Descanso	285,6
Dionísio Cerqueira	376,4
Dona Emma	146,4
Doutor Pedrinho	374,4
Entre Rios	105,2
Ermo	64,8
Erval Velho	231,4
Faxinal dos Guedes	279,8
Flor do Sertão	65,1
Florianópolis	435,8
Formosa do Sul	95,3
Forquilha	183,7
Fraiburgo	434,8
Frei Rogério	156,9
Galvão	131,0
Garopaba	108,1
Garuva	498,7
Gaspar	369,2
Governador Celso Ramos	104,9
Grão Pará	328,6
Gravatal	194,0
Guabiruba	172,9
Guaraciaba	348,0
Guaramirim	242,7
Guarujá do Sul	99,3
Guatambú	205,9
Herval d'Oeste	212,6
Ibiam	147,0
Ibicaré	166,1
Ibirama	268,1
Içara	315,2
Ilhota	244,8
Imaruí	540,8
Imbituba	185,4
Imbuia	123,9
Indaial	429,2
Iomerê	111,61

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
pira	150,0
Iporã do Oeste	184,0
Ipuaçu	258,6
Ipumirim	239,5
Iraceminha	158,6
Irani	318,3
Irati	78,8
Irineópolis	580,2
Ita	165,8
Itaiópolis	1.240,4
Itajaí	303,1
Itapema	58,6
Itapiranga	285,6
Itapoá	255,6
Ituporanga	335,1
Jaborá	187,7
Jacinto Machado	416,6
Jaguaruna	327,6
Jaraguá do Sul	539,0
Jardinópolis	67,1
Joaçaba	240,2
Joinville	1.079,7
José Boiteux	358,0
Jupia	91,3
Lacerdópolis	69,0
Lages	2.647,4
Laguna	444,5
Lajeado Grande	66,8
Laurentino	67,8
Lauro Muller	266,7
Lebon Régis	989,0
Leoberto Leal	297,8
Lindóia do Sul	190,0
Lontras	197,2
Luiz Alves	260,3
Luzerna	116,5
Macieira	235,4
Mafra	1.784,8
Major Gercino	278,1
Major Vieira	543,5
Maracajá	70,5
Maravilha	168,7
Marema	99,6
Massaranduba	393,8
Matos Costa	371,1
Meleiro	185,7
Mirim Doce	333,4

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Modelo	95,5
Mondai	215,1
Monte Carlo	166,4
Monte Castelo	565,2
Morro da Fumaça	82,7
Morro Grande	250,8
Navegantes	119,1
Nova Erechim	62,9
Nova Itaberaba	135,5
Nova Trento	398,3
Nova Veneza	290,2
Novo Horizonte	151,1
Orleans	599,8
Otacílio Costa	922,7
Ouro	209,1
Ouro Verde	201,2
Paial	84,8
Painel	763,7
Palhoça	322,2
Palma Sola	313,8
Palmeira	291,8
Palmitos	347,2
Papanduva	775,9
Paraíso	182,7
Passo de Torres	90,4
Passos Maia	588,6
Paulo Lopes	447,1
Pedras Grandes	152,8
Penha	60,3
Peritiba	96,7
Petrolândia	251,2
Piçarras	85,6
Pinhalzinho	134,2
Pinheiro Preto	66,6
Piratuba	148,7
Planalto Alegre	61,0
Pomerode	217,5
Ponte Alta	557,8
Ponte Alta do Norte	383,4
Ponte Serrada	568,8
Porto Belo	92,8
Porto União	923,9
Pouso Redondo	363,3
Praia Grande	285,8
Presidente Castelo Branco	70,1
Presidente Getúlio	321,9
Presidente Nereu	224,6
Princesa	88,4
Quilombo	283,2

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Rancho Queimado	269,7
Rio das Antas	342,8
Rio do Campo	496,1
Rio do Oeste	244,3
Rio dos Cedros	555,0
Rio do Sul	260,8
Rio Fortuna	285,8
Rio Negrinho	588,1
Rio Rufino	333,1
Riqueza	191,3
Rodeio	133,7
Romelândia	237,3
Salete	167,1
Saltinho	153,3
Salto Veloso	101,8
Sangão	83,1
Santa Cecília	1.173,8
Santa Helena	80,6
Santa Rosa de Lima	184,3
Santa Rosa do Sul	164,2
Santa Terezinha	720,9
Santa Terezinha do Progresso	113,0
Santiago do Sul	74,1
Santo Amaro da Imperatriz	352,4
São Bernardino	210,0
São Bento do Sul	486,9
São Bonifácio	451,8
São Carlos	157,9
São Cristóvão do Sul	350,2
São Domingos	384,2
São Francisco do Sul	540,8
São João do Oeste	161,4
São João Batista	219,6
São João do Itaperiú	151,1
São João do Sul	175,1
São Joaquim	1.885,4
São José	114,7
São José do Cedro	260,7
São José do Cerrito	967,2
São Lourenço do Oeste	360,7
São Ludgero	120,0
São Martinho	235,7
São Miguel da Boa Vista	71,8
São Miguel do Oeste	235,8
São Pedro de Alcântara	140,8
Saudades	199,8
Schroeder	149,2
Seara	315,8
Serra Alta	91,1

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Siderópolis	262,6
Sombrio	151,1
Sul Brasil	113,1
Taió	714,0
Tangará	459,1
Tigrinhos	58,0
Tijucas	278,4
Timbé do Sul	333,8
Timbó	129,8
Timbó Grande	548,8
Três Barras	418,4
Treviso	156,3
Treze de Maio	179,7
Treze Tilias	177,5
Trombudo Central	101,5
Tubarão	283,6
Tunápolis	133,6

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Turvo	244,0
União do Oeste	88,2
Urubici	1.017,5
Urupema	278,2
Urussanga	237,1
Vargeão	151,1
Vargem	396,2
Vargem Bonita	306,9
Vidal Ramos	343,3
Videira	377,8
Vitor Meireles	423,1
Witmarsum	129,7
Xanxerê	380,8
Xavantina	211,7
Xaxim	293,4
Zortéa	297,4
<b>Santa Catarina</b>	<b>95.286,1</b>

Fonte: IBGE - Censo Demográfico.



ESTADO DO PARANÁ

OCEANO ATLANTICO

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

ARGENTINA

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 2/II. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina - 2004 (°C)

Estação	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média
Caçador	18,0	16,8	16,2	15,8	9,9	9,3	9,5	9,9	13,5	13,1	15,1	16,6	13,6
Campos Novos	17,6	17,1	16,8	16,4	10,5	11,1	9,6	11,1	14,7	13,5	15,5	17,1	14,2
Chapecó	19,8	18,6	18,6	18,1	11,5	12,7	10,8	12,5	16,8	15,6	17,3	19,2	15,9
Florianópolis (São José)	22,4	22,0	21,2	21,2	15,8	15,5	14,1	15,0	18,2	17,5	19,9	21,3	18,7
Indaial	21,8	21,2	20,2	20,4	1,0	4,6	13,6	13,0	14,1	18,0	16,8	19,4	15,3
Itá	22,9	22,0	21,8	20,9	14,3	14,3	13,4	14,9	18,3	18,5	20,4	22,4	18,7
Itajaí	19,8	19,5	19,0	18,5	13,1	12,5	11,6	12,7	16,8	15,8	18,5	19,8	16,5
Ituporanga	18,5	18,1	18,4	18,2	12,2	11,5	10,9	11,9	14,9	14,3	16,9	17,2	15,2
Lages	16,9	16,1	15,3	15,1	9,2	8,0	7,7	8,4	12,7	12,2	14,5	16,1	12,7
Matos Costa	15,5	15,2	14,9	14,5	7,9	8,0	6,9	8,2	11,7	10,2	12,1	14,1	11,6
Ponte Serrada	17,1	15,7	14,7	15,3	9,4	9,6	9,3	9,3	13,2	12,5	14,4	14,7	12,9
Rio Negrinho	17,2	17,2	16,4	16,4	11,0	10,7	9,9	10,5	14,0	13,3	15,4	16,5	14,0
São Joaquim	14,1	13,2	12,6	13,1	7,4	9,0	6,5	8,4	11,6	9,6	11,7	12,7	10,8
São Miguel do Oeste	20,1	19,2	19,2	18,6	11,9	13,8	11,6	13,0	17,0	16,0	17,4	19,7	16,5
Urussanga	20,1	19,2	18,8	18,1	12,4	12,0	9,9	10,9	15,3	14,3	16,5	17,9	15,5
Videira	19,3	17,6	16,7	17,0	11,5	10,3	10,7	10,9	14,9	14,5	16,4	17,9	14,8

Fonte: Epagri/Climerh.

Tabela 3/II. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2004 (°C)

Estação	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média
Caçador	24,2	23,6	23,7	22,4	15,3	16,4	15,3	18,3	21,4	20,5	21,8	23,5	20,5
Campos Novos	24,2	24,2	24,2	22,7	15,5	17,3	15,0	18,3	21,0	20,5	22,0	23,6	20,7
Chapecó	27,4	26,5	27,2	25,3	16,9	19,3	17,5	20,6	23,4	23,6	24,4	26,7	23,2
Florianópolis (São José)	27,36	27,73	26,7	26,17	20,88	20,75	19,14	20,53	22,33	22,55	24,79	26,16	23,8
Indaial	27,9	28,5	27,5	26,4	20,8	20,3	18,7	21,6	23,1	23,9	26,3	27,2	24,4
Itá	24,6	23,7	23,5	22,4	15,3	15,5	14,6	16,4	19,7	20,1	21,8	24,1	20,1
Itajaí	27,3	28,3	26,9	26,0	20,9	20,7	19,1	21,1	23,0	22,9	25,5	27,1	24,0
Ituporanga	26,9	27,3	26,3	24,9	18,2	18,1	16,4	19,3	21,9	22,3	24,0	25,6	22,6
Lages	23,9	23,9	23,0	21,4	15,4	16,5	14,0	17,4	20,1	19,7	21,4	23,3	20,0
Matos Costa	21,7	21,9	21,8	20,4	13,7	15,0	12,8	17,2	19,7	18,5	19,7	21,4	18,7
Ponte Serrada	24,8	24,1	24,2	22,8	15,5	17,1	15,5	19,2	21,4	21,2	22,2	23,5	20,9
Rio Negrinho	23,9	24,2	23,6	22,0	16,1	17,0	15,2	18,4	20,7	20,5	22,2	23,0	20,6
São Joaquim	20,3	19,6	19,3	18,6	12,2	14,4	11,9	15,2	17,6	16,7	18,2	19,1	16,9
São Miguel do Oeste	27,4	26,7	27,0	25,2	16,8	19,3	17,6	20,5	23,4	23,6	24,5	26,9	23,2
Urussanga	27,7	27,1	26,1	25,8	20,0	21,1	18,7	20,7	23,1	23,5	25,7	26,4	23,8
Videira	26,1	25,2	25,4	23,7	16,8	17,5	16,4	19,2	22,2	22,0	23,5	25,2	21,9

Fonte: Epagri/Climerh.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 4/II. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2004

(%)

Estação	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média
Caçador	74,1	73,9	72,3	78,7	85,6	81,5	81,5	71,8	75,9	70,8	72,4	73,6	76,0
Campos Novos	72,3	67,6	66,4	75,7	83,7	76,4	79,7	67,8	73,9	68,7	70,0	67,5	72,5
Chapecó	68,9	66,9	63,3	73,5	85,3	75,4	74,3	65,1	74,6	63,6	68,9	65,9	70,5
Florianópolis	76,3	74,3	76,1	79,7	79,3	80,8	79,2	78,0	79,9	73,8	75,6	76,0	77,4
Indaial	83,6	81,7	83,1	87,3	87,6	88,7	90,7	85,3	87,9	82,7	80,9	82,6	85,2
Itá	73,4	70,7	69,4	77,2	86,9	86,5	80,6	75,1	77,7	71,9	73,1	67,9	75,9
Itajaí	83,5	78,4	79,4	82,9	78,1	80,4	81,7	79,4	82,0	73,7	72,1	72,3	78,6
Ituporanga	73,6	71,5	74,2	79,9	82,6	85,6	86,2	79,0	81,7	73,2	73,6	75,7	78,1
Lages	76,0	72,6	73,9	82,4	85,0	83,2	85,0	75,1	81,0	72,9	74,4	72,1	77,8
Matos Costa	79,8	77,2	75,4	81,8	87,3	81,8	86,3	71,9	75,7	76,3	78,8	76,3	79,0
Ponte Serrada	67,2	73,2	64,7	78,7	86,3	77,3	76,1	67,5	71,3	65,8	68,5	67,5	72,0
Rio Negrinho	78,8	78,3	78,6	83,2	85,0	80,3	83,9	74,7	80,1	76,6	76,2	78,8	79,5
São Joaquim	83,8	81,4	82,9	86,1	89,9	76,6	80,7	71,7	76,7	75,3	80,4	77,7	80,3
São Miguel do Oeste	69,6	63,9	62,5	72,9	86,8	73,9	74,0	62,3	65,8	63,5	64,6	61,7	68,5
Urussanga	78,4	79,4	82,3	83,2	84,9	84,4	85,8	78,5	83,2	72,8	75,3	79,6	80,6
Videira	70,9	71,7	70,1	76,0	80,9	78,1	74,8	68,8	74,1	68,5	69,8	67,8	72,6

Fonte: Epagri/Climerh.

Tabela 5/II. Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2004

(mm)

Estação	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
Caçador	96,1	102,2	43,2	81,4	143,3	56,1	189,4	48,9	96,5	224,7	137,3	72,7	107,65
Campos Novos	106,0	54,5	99,6	189,7	140,2	29,4	186,9	57,4	193,9	270,2	169,5	144,1	136,78
Chapecó	150,0	115,6	37,5	214,6	127,9	37,2	177,4	41,7	251,7	301,4	189,9	113,2	146,51
Florianópolis (São José)	365,9	196,0	207,8	127,6	213,8	92,5	83,1	28,3	127,8	146,7	118,1	260,6	164,02
Indaial	100,1	189,2	80,4	85,4	101,0	58,8	195,7	51,1	168,8	217,4	102,3	126,2	123,03
Itá	127,7	69,3	35,0	162,3	106,1	39,8	160,0	35,5	173,4	221,4	130,3	44,4	108,78
Itajaí	236,6	93,3	149,5	116,1	102,1	164,4	164,5	41,3	59,0	161,0	114,6	182,8	132,10
Ituporanga	38,2	58,8	67,1	60,7	137,0	56,9	174,0	54,8	206,1	201,5	144,2	130,2	110,79
Lages	79,1	114,0	143,7	86,8	99,6	27,5	234,1	51,1	278,3	164,1	102,3	135,7	126,36
Matos Costa	118,0	73,0	64,0	92,0	159,0	82,0	174,0	51,0	114,0	373,0	207,0	77,0	132,00
Ponte Serrada	139,3	126,2	58,5	225,4	158,8	44,9	259,4	63,7	180,4	299,3	213,9	114,9	157,06
Rio Negrinho	43,4	83,1	100,1	104,3	204,7	99,3	117,2	53,7	97,0	234,1	154,7	123,2	117,90
São Joaquim	95,2	53,5	128,7	86,9	152,1	46,0	125,2	40,4	247,6	88,5	84,2	38,0	98,86
São Miguel Do Oeste	113,3	58,0	96,7	245,8	126,4	31,0	126,5	31,5	154,1	316,6	192,8	45,1	128,15
Urussanga	133,9	77,4	162,3	162,8	250,0	50,8	97,8	31,1	278,8	85,2	118,3	166,1	134,54
Videira	138,1	92,2	70,9	150,5	106,3	35,6	215,5	70,6	186,5	280,8	173,0	96,3	134,69

Fonte: Epagri/Climerh.

## Caracterização socioeconômica

Tabela 6/II. População residente, segundo a situação de domicílios - Brasil e Santa Catarina - 1991-003

(mil hab.)

Discriminação	1991	1996	2000	2001	2002	2003
<b>Brasil</b>	<b>146.825</b>	<b>157.070</b>	<b>169.799</b>	<b>169.370</b>	<b>171.668</b>	<b>173.966</b>
Rural	35.834	33.993	31.845	27.270	27.223	27.286
Urbana	110.991	123.077	137.954	142.100	144.445	146.680
<b>Santa Catarina</b>	<b>4.542</b>	<b>4.875</b>	<b>5.356</b>	<b>5.468</b>	<b>5.547</b>	<b>5.626</b>
Rural	1.333	1.310	1.138	1.052	1.069	1.014
Urbana	3.209	3.565	4.218	4.416	4.478	4.612

Fonte: IBGE.

Tabela 7/II. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade - Santa Catarina - 2001-03

(hab.)

Grupo de idade	Total			Urbana			Rural		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003	2001	2002	2003
0 a 4 anos	426.866	432.954	406.476	344.230	333.912	329.695	82.636	99.042	76.781
5 a 9 anos	489.542	515.028	495.109	392.659	396.178	401.394	96.883	118.850	93.715
10 a 14 anos	508.915	543.881	522.783	393.801	436.916	425.116	115.114	106.965	97.667
15 a 19 anos	540.845	526.331	550.971	433.134	431.254	457.263	107.711	95.077	93.708
15 a 17 anos	326.562	319.764	316.137	261.592	258.641	261.380	64.970	61.123	54.757
18 a 19 anos	214.283	206.567	234.834	171.542	172.613	195.883	42.741	33.954	38.951
20 a 24 anos	518.045	503.128	491.694	433.132	418.237	410.404	84.913	84.891	81.290
25 a 29 anos	421.168	438.622	452.178	359.040	361.082	379.918	62.128	77.540	72.260
30 a 34 anos	439.390	457.306	443.736	364.730	370.710	370.908	74.660	86.596	72.828
35 a 39 anos	471.858	467.480	449.361	382.952	382.019	374.277	88.906	85.461	75.084
40 a 44 anos	389.791	400.123	432.436	320.836	331.078	357.909	68.955	69.045	74.527
45 a 49 anos	311.728	328.259	377.102	262.148	262.040	316.133	49.580	66.219	60.969
50 a 54 anos	271.838	261.468	285.112	210.858	214.496	230.352	60.980	46.972	54.760
55 a 59 anos	186.351	183.370	222.999	147.601	147.150	181.791	38.750	36.220	41.208
60 a 64 anos	169.249	158.466	156.930	129.352	131.300	121.367	39.897	27.166	35.563
65 a 69 anos	132.216	121.677	128.140	99.729	94.510	95.399	32.487	27.167	32.741
70 anos ou mais	189.771	206.012	209.990	141.330	165.264	158.618	48.441	40.748	51.372
Idade ignorada	-	2.830	-	-	2.264	1.129	-	566	-

Fonte: IBGE.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 8/II. População residente total, rural e urbana, segundo os municípios - Santa Catarina - 2000

(hab.)

Município	População residente 2000		
	Total	Rural	Urbana
Abdon Batista	2.775	2.062	713
Abelardo Luz	16.440	9.212	7.228
Agrolândia	7.810	3.176	4.634
Agronômica	4.257	3.385	872
Água Doce	6.843	3.695	3.148
Águas de Chapecó	5.782	3.580	2.202
Águas Frias	2.525	2.008	517
Águas Mornas	5.390	3.675	1.715
Alfredo Wagner	8.857	6.384	2.473
Alto Bela Vista	2.098	1.576	522
Anchieta	7.133	4.690	2.443
Angelina	5.776	4.761	1.015
Anita Garibaldi	10.273	6.085	4.188
Anitópolis	3.234	2.120	1.114
Antônio Carlos	6.434	4.674	1.760
Apiúna	8.520	4.914	3.606
Arabutã	4.160	3.189	971
Araquari	23.645	1.645	22.000
Araranguá	54.706	9.654	45.052
Armazém	6.873	4.248	2.625
Arroio Trinta	3.490	1.393	2.097
Arvoredo	2.305	1.894	411
Ascurra	6.934	815	6.119
Atalanta	3.429	2.296	1.133
Aurora	5.474	3.992	1.482
Balneário Arroio do Silva	6.043	167	5.876
Balneário Camboriú	-	-	73.455
Balneário Barra do Sul	6.045	13	6.032
Balneário Gaivota	5.450	2.473	2.977
Bandeirante	3.177	2.436	741
Barra Bonita	2.118	1.862	256
Barra Velha	15.530	964	14.566
Bela Vista do Toldo	5.721	5.151	570
Belmonte	2.588	1.636	952
Benedito Novo	9.071	4.170	4.901
Biguaçu	48.077	5.170	42.907
Blumenau	261.808	19.865	241.943
Bocaina do Sul	2.980	2.565	415
Bombinhas	-	-	8.716
Bom Jardim da Serra	4.079	1.956	2.123
Bom Jesus	2.046	1.057	989
Bom Jesus do Oeste	2.150	1.774	376
Bom Retiro	7.967	2.631	5.336
Botuverá	3.756	2.953	803
Braço do Norte	24.802	6.923	17.879
Braço do Trombudo	3.187	1.565	1.622

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente 2000		
	Total	Rural	Urbana
Brunópolis	3.331	2.624	707
Brusque	76.058	2.802	73.256
Caçador	63.322	7.780	55.542
Caibi	6.354	3.294	3.060
Calmon	3.467	2.075	1.392
Camboriú	41.445	2.018	39.427
Capão Alto	3.020	2.416	604
Campo Alegre	11.634	4.763	6.871
Campo Belo do Sul	8.051	3.611	4.440
Campo Eré	10.353	4.597	5.756
Campos Novos	28.729	6.173	22.556
Canelinha	9.004	4.712	4.292
Canoinhas	51.631	13.727	37.904
Capinzal	19.955	4.495	15.460
Capivari de Baixo	18.561	1.125	17.436
Catanduvas	8.291	2.987	5.304
Caxambu do Sul	5.263	3.209	2.054
Celso Ramos	2.844	2.206	638
Cerro Negro	4.098	3.404	694
Chapadão do Lageado	2.561	2.272	289
Chapecó	146.967	12.375	134.592
Cocal do Sul	13.726	2.319	11.407
Concórdia	63.058	17.804	45.254
Cordilheira Alta	3.093	2.790	303
Coronel Freitas	10.535	6.041	4.494
Coronel Martins	2.388	1.930	458
Corupá	11.847	3.120	8.727
Correia Pinto	17.026	4.980	12.046
Criciúma	170.420	17.371	153.049
Cunha Porá	10.229	4.942	5.287
Cunhataí	1.822	1.487	335
Curitibanos	36.061	3.623	32.438
Descanso	9.129	5.244	3.885
Dionísio Cerqueira	14.250	5.640	8.610
Dona Emma	3.309	1.941	1.368
Doutor Pedrinho	3.082	1.413	1.669
Entre Rios	2.857	2.106	751
Ermo	2.057	1.464	593
Erval Velho	4.269	2.109	2.160
Faxinal dos Guedes	10.767	3.723	7.044
Flor do Sertão	1.612	1.417	195
Florianópolis	342.315	10.130	332.185
Formosa do Sul	2.725	1.834	891
Forquilha	18.348	3.792	14.556
Fraiburgo	32.948	5.325	27.623
Frei Rogério	2.971	2.484	487
Galvão	4.235	1.741	2.494
Garopaba	13.164	2.442	10.722

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente 2000		
	Total	Rural	Urbana
Garuva	11.378	3.122	8.256
Gaspar	46.414	16.813	29.601
Governador Celso Ramos	11.598	756	10.842
Grão Pará	5.817	3.143	2.674
Gravatal	10.799	6.935	3.864
Guabiruba	12.976	928	12.048
Guaraciaba	11.038	6.673	4.365
Guaramirim	23.794	4.782	19.012
Guarujá do Sul	4.696	2.425	2.271
Guatambú	4.702	3.719	983
Herval d'Oeste	20.044	2.904	17.140
Ibiam	1.955	1.454	501
Ibicaré	3.587	2.347	1.240
Ibirama	15.802	2.687	13.115
Içara	48.634	9.064	39.570
Ihota	10.574	4.129	6.445
Imaruí	13.404	9.495	3.909
Imbituba	35.700	1.173	34.527
Imbuia	5.246	3.291	1.955
Indaial	40.194	1.812	38.382
Iomerê	2.553	1.870	683
Ipira	4.979	2.765	2.214
Iporá do Oeste	7.877	5.026	2.851
Ipuaçu	6.122	5.155	967
Ipumirim	6.907	4.423	2.484
Iraceminha	4.592	3.370	1.222
Irani	8.602	3.544	5.058
Irati	2.202	1.790	412
Irineópolis	9.734	6.770	2.964
Itá	6.764	3.342	3.422
Itaiópolis	19.086	10.329	8.757
Itajaí	147.494	5.544	141.950
Itapema	25.869	1.088	24.781
Itapiranga	13.998	8.616	5.382
Itapoá	8.839	648	8.191
Ituporanga	19.492	7.828	11.664
Jaborá	4.194	2.832	1.362
Jacinto Machado	10.923	6.385	4.538
Jaguaruna	14.613	4.375	10.238
Jaraguá do Sul	108.489	12.169	96.320
Jardinópolis	1.994	1.179	815
Joaçaba	24.066	2.378	21.688
Joinville	429.604	14.632	414.972
José Boiteux	4.594	3.128	1.466
Jupiá	2.220	1.549	671
Lacerdópolis	2.173	1.190	983
Lages	157.682	4.100	153.582
Laguna	47.568	10.284	37.284

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente 2000		
	Total	Rural	Urbana
Lajeado Grande	1.572	1.096	476
Laurentino	5.062	1.824	3.238
Lauro Muller	13.604	3.681	9.923
Lebon Régis	11.682	4.702	6.980
Leoberto Leal	3.739	3.282	457
Lindóia do Sul	4.877	3.556	1.321
Lontras	8.381	3.072	5.309
Luiz Alves	7.974	5.850	2.124
Luzerna	5.572	1.608	3.964
Macieira	1.900	1.596	304
Mafra	49.940	12.227	37.713
Major Gercino	3.143	2.166	977
Major Vieira	6.906	4.707	2.199
Maracajá	5.541	2.020	3.521
Maravilha	18.521	4.295	14.226
Marema	2.651	1.710	941
Massaranduba	12.562	7.933	4.629
Matos Costa	3.204	1.954	1.250
Meleiro	7.080	3.873	3.207
Mirim Doce	2.753	1.595	1.158
Modelo	3.930	1.729	2.201
Mondai	8.728	4.679	4.049
Monte Carlo	8.579	1.274	7.305
Monte Castelo	8.350	3.777	4.573
Morro da Fumaça	14.551	3.397	11.154
Morro Grande	2.917	2.180	737
Navegantes	39.317	2.667	36.650
Nova Erechim	3.543	1.823	1.720
Nova Itaberaba	4.256	3.831	425
Nova Trento	9.852	3.179	6.673
Nova Veneza	11.511	4.312	7.199
Novo Horizonte	3.101	2.378	723
Orleans	20.031	7.218	12.813
Otacílio Costa	13.993	1.182	12.811
Ouro	7.419	3.254	4.165
Ouro Verde	2.352	1.727	625
Paial	2.052	1.793	259
Painel	2.384	1.560	824
Palhoça	102.742	4.828	97.914
Palma Sola	8.206	5.014	3.192
Palmeira	2.133	1.362	771
Palmitos	16.034	8.028	8.006
Papanduva	16.822	8.869	7.953
Parais	4.796	3.494	1.302
Passo de Torres	4.400	878	3.522
Passos Maia	4.763	4.015	748
Paulo Lopes	5.924	2.370	3.554
Pedras Grandes	4.921	4.056	865
Penha	17.678	1.685	15.993

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente 2000		
	Total	Rural	Urbana
Peritiba	3.230	1.913	1.317
Petrolândia	6.406	4.595	1.811
Piçarras	10.911	2.296	8.615
Pinhalzinho	12.356	3.043	9.313
Pinheiro Preto	2.729	1.588	1.141
Piratuba	5.812	3.102	2.710
Planalto Alegre	2.452	1.713	739
Pomerode	22.127	3.414	18.713
Ponte Alta	5.168	1.385	3.783
Ponte Alta do Norte	3.221	883	2.338
Ponte Serrada	10.561	3.331	7.230
Porto Belo	10.704	731	9.973
Porto União	31.858	5.279	26.579
Pouso Redondo	12.203	5.835	6.368
Praia Grande	7.286	3.349	3.937
Presidente Castelo Branco	2.160	1.703	457
Presidente Getúlio	12.333	4.466	7.867
Presidente Nereu	2.305	1.529	776
Princesa	2.613	2.045	568
Quilombo	10.736	6.039	4.697
Rancho Queimado	2.637	1.534	1.103
Rio das Antas	6.129	3.903	2.226
Rio do Campo	6.522	4.234	2.288
Rio do Oeste	6.730	4.104	2.626
Rio dos Cedros	8.939	5.181	3.758
Rio do Sul	51.650	3.232	48.418
Rio Fortuna	4.320	3.107	1.213
Rio Negrinho	37.707	5.057	32.650
Rio Rufino	2.414	1.861	553
Riqueza	5.166	3.889	1.277
Rodeio	10.380	1.514	8.866
Romelândia	6.491	4.371	2.120
Salete	7.163	2.580	4.583
Saltinho	4.196	3.297	899
Salto Veloso	3.910	1.076	2.834
Sangão	8.128	4.504	3.624
Santa Cecília	14.802	3.185	11.617
Santa Helena	2.588	1.848	740
Santa Rosa de Lima	2.007	1.584	423
Santa Rosa do Sul	7.810	4.768	3.042
Santa Terezinha	8.840	7.698	1.142
Santa Terezinha do Progresso	3.416	2.990	426
Santiago do Sul	1.696	1.175	521
Santo Amaro da Imperatriz	15.708	3.172	12.536
São Bernardino	3.140	2.611	529
São Bento do Sul	65.437	3.611	61.826
São Bonifácio	3.218	2.536	682
São Carlos	9.364	4.017	5.347
São Cristovão do Sul	4.504	1.785	2.719

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente 2000		
	Total	Rural	Urbana
São Domingos	9.540	4.110	5.430
São Francisco do Sul	32.301	2.371	29.930
São João do Oeste	5.789	4.295	1.494
São João Batista	14.861	3.588	11.273
São João do Itaperiú	3.161	1.707	1.454
São João do Sul	6.784	5.641	1.143
São Joaquim	22.836	6.707	16.129
São José	173.559	2.329	171.230
São José do Cedro	13.678	7.019	6.659
São José do Cerrito	10.393	8.241	2.152
São Lourenço do Oeste	19.647	6.240	13.407
São Ludgero	8.587	2.592	5.995
São Martinho	3.274	2.386	888
São Miguel da Boa Vista	2.018	1.687	331
São Miguel do Oeste	32.324	4.932	27.392
São Pedro de Alcântara	3.584	1.488	2.096
Saudades	8.324	5.427	2.897
Schroeder	10.811	1.409	9.402
Seara	16.484	6.221	10.263
Serra Alta	3.330	2.129	1.201
Siderópolis	12.082	2.979	9.103
Sombrio	22.962	7.037	15.925
Sul Brasil	3.116	2.372	744
Taió	16.257	8.370	7.887
Tangará	8.754	4.521	4.233
Tigrinhos	1.878	1.665	213
Tijucas	23.499	4.788	18.711
Timbé do Sul	5.323	3.640	1.683
Timbó	29.358	2.575	26.783
Timbó Grande	6.501	3.726	2.775
Três Barras	17.124	2.901	14.223
Treviso	3.144	1.583	1.561
Treze de Maio	6.716	4.952	1.764
Treze Tilias	4.840	1.933	2.907
Trombudo Central	5.795	2.641	3.154
Tubarão	88.470	18.545	69.925
Tunápolis	4.777	3.560	1.217
Turvo	10.887	5.250	5.637
União do Oeste	3.391	2.397	994
Urubici	10.252	3.591	6.661
Urupema	2.527	1.342	1.185
Urussanga	18.727	8.077	10.650

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente 2000		
	Total	Rural	Urbana
Vargeão	3.526	2.146	1.380
Vargem	3.225	2.574	651
Vargem Bonita	5.158	2.959	2.199
Vidal Ramos	6.279	4.782	1.497
Videira	41.589	5.802	35.787
Vitor Meireles	5.519	4.421	1.098
Witmarsum	3.251	2.639	612
Xanxerê	37.429	5.044	32.385
Xavantina	4.404	3.458	946
Xaxim	22.857	6.799	16.058
Zortéa	2.633	580	2.053
<b>Santa Catarina</b>	<b>5.356.360</b>	<b>1.138.429</b>	<b>4.217.931</b>

Fonte: IBGE.

Tabela 9/II. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade - Santa Catarina - 2002-03

(nº)

Grupos de atividades	2002		2003	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Agrícola	400.703	296.559	368.636	256.307
Indústria	408.618	226.952	399.664	228.081
Indústria de transformação	393.903	225.254	387.313	226.951
Construção	166.392	5.093	174.444	7.900
Comércio e reparação	285.806	173.747	308.795	188.546
Alojamento e alimentação	33.392	46.972	46.851	51.375
Transporte, armazenagem e comunicação	100.736	13.016	95.402	8.469
Administração pública	75.271	36.787	77.909	55.886
Educação, saúde e serviços sociais	40.749	156.771	46.292	181.793
Serviços domésticos	9.056	159.033	2.823	147.326
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	33.392	55.462	38.955	56.458
Outras atividades	110.925	65.652	117.995	72.257
Atividades mal definidas ou não declaradas	2.264	1.131	3.387	-

Fonte: IBGE.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 10/II. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa Catarina - 2002-03

(n°)

Grupos de idade	2002			2003		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
Total	2.904.479	2.223.633	680.846	2.935.551	2.291.986	643.565
10 a 14 anos	73.574	25.469	48.105	54.197	19.758	34.439
15 a 19 anos	269.386	194.683	74.703	277.177	206.620	70.557
15 a 17 anos	132.430	85.456	46.974	120.809	82.427	38.382
18 a 19 anos	136.956	109.227	27.729	156.368	124.193	32.175
20 a 24 anos	389.370	315.798	73.572	366.367	296.367	70.000
25 a 29 anos	355.428	289.774	65.654	360.161	298.628	61.533
30 a 39 anos	762.919	603.879	159.040	724.873	594.461	130.412
40 a 49 anos	575.010	447.104	127.906	638.485	515.977	122.508
50 a 59 anos	293.162	221.855	71.307	336.479	254.621	81.858
60 anos ou mais	182.800	122.807	59.993	177.248	104.990	72.258
Idade ignorada	2.830	2.264	566	564	564	-

Fonte: IBGE.

Tabela 11/II. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio - Santa Catarina - 2002-03

(n°)

Discriminação	Total		Urbana		Rural	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Domicílio particular	1.623.175	1.665.367	1.332.270	1.381.966	290.905	283.401
Rede de água geral	1.247.379	1.286.557	1.211.156	1.255.511	36.223	31.046
Lixo coletado diretamente	1.320.382	1.330.594	1.273.974	1.270.193	46.408	60.401
Luz elétrica	1.613.553	1.656.331	1.327.742	1.379.708	285.811	276.623
Geladeira	1.580.161	1.624.716	1.303.406	1.357.692	276.755	267.024
Rádio	1.519.605	1.565.438	1.249.076	1.298.408	270.529	267.030
Televisão	1.548.466	1.590.285	1.277.936	1.328.336	270.530	261.949

Fonte: IBGE.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 12/II. Trabalhadores no agronegócio catarinense - 2000-003

Atividade	Ano			
	2000	2001	2002	2003
(nº)				
<b>Produção vegetal e derivados</b>				
Cultivo produtos vegetais	10.617	4.822	14.248	17.840
Cultivo de cereais	1104	1.379	1.249	1.517
Cultivo de outros produtos temporários	1019	1.091	3.106	4.357
Cultivo de outros produtos de lavoura permanente	29	46	7.481	8.824
Cultivo de outras frutas, frutos secos, plantas para preparo de beb...	6.618	0	0	0
Exploração florestal	1.353	1.589	1.825	2.213
Silvicultura	494	717	587	929
<b>Produção animal e derivados</b>				
Criação de animais	6.278	7.598	8.539	10.291
Criação de bovinos	793	829	854	1.409
Criação de suínos	1.397	1.581	1.817	2.065
Criação de aves	3.927	5.006	5.691	6.605
Outros	161	182	177	212
Outras produções	5.963	6.261	6.658	2.828
Pesca	2.338	2.482	2.686	2.828
Produção mista: lavoura e pecuária	3.446	3.564	3.739	0
Aqüicultura	179	215	233	0
Derivados de animais	1.842	1.900	2.216	2.314
<b>Produção da indústria agroalimentar</b>				
Preparação produtos vegetais	3.359	3.473	5.864	5.630
Abate animais e preparações	32.802	35.452	39.989	42.242
Abate de reses, preparação de produtos de carne	10.433	11.663	12.555	12.907
Abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de...	17.131	18.131	22.106	23.574
Preparação de carne, banha e produtos de salsicharia não-associada ...	2.288	2.405	1.942	2.299
Preparação e preservação do pescado e fabr. de conservas de peixes...	2.950	3.253	3.386	3.462
Indústria de moagem	4.085	3.644	4.069	2.330
Fabricação de biscoitos e massas	2.358	2.710	3.107	3.473
Fabricação de outros produtos alimentícios	8.906	8.501	8.930	10.215
<b>Fabricação de máquinas e insumos</b>				
Fabricação de insumos agrícolas	957	1.154	1.244	1.556
Fabricação de máquinas agrícolas	2.405	2.897	3.036	3.483
Fabricação de máquinas para indústria agroalimentar e da madeira	1.313	1.356	1.520	1.657
Indústria do couro	-	-	-	1.257
Indústria da madeira, papel e papelão	74.393	75.175	82.191	80.925
Comércio atacadista produtos agrícolas e agroalimentares	12.090	12.196	13.685	16.826
Comércio atacadista máquinas agrícolas	180	214	29	337
Atividades de serviços relacionados com a agricultura	9.232	9.990	10.470	11.882
<b>Total agronegócio</b>	<b>176.780</b>	<b>177.343</b>	<b>205.795</b>	<b>215.086</b>
<b>Total demais atividades</b>	<b>900.159</b>	<b>967.196</b>	<b>1.032.135</b>	<b>1.077.321</b>
<b>Total Santa Catarina</b>	<b>1.077.929</b>	<b>1.155.712</b>	<b>1.235.612</b>	<b>1.292.407</b>

Nota: As informações da Rais – Relação Anual de Informações Sociais – são devidas através do Decreto 76.900/75, no qual estabelece que todo empregador deve fornecer às entidades governamentais da área social, por meio da Rais, as informações solicitadas de cada um de seus empregados, com os quais manteve relação de emprego durante qualquer período de um determinado ano-base.

Fonte: Ministério do Trabalho. Rais 1996, 1999, 2000, 2001, 2002 e 2003.

## Estrutura de produção e comercialização

Tabela 13/II. Capacidade estática de armazenagem<sup>(1)</sup> em meio ambiente não controlado, por tipo, dos armazéns cadastrados na Conab, segundo as microrregiões geográficas - Santa Catarina - 2005

Microrregião geográfica	Tipo de armazém				
	Convencional	Depósito	Graneleiro	Silo	Total
Araranguá	55.924	-	49.064	332.476	437.464
Blumenau	11.303	-	8.390	34.272	53.965
Campos de Lages	8.756	-	-	29.390	38.146
Canoinhas	63.735	-	114.131	74.414	252.280
Chapecó	82.256	-	154.145	297.787	534.188
Concórdia	6.926	-	1.310	49.917	58.153
Criciúma	15.277	-	10.820	134.342	160.439
Curitibanos	59.213	-	130.310	165.943	355.466
Florianópolis	4.300	-	-	11.660	15.960
Itajaí	19.530	-	-	1.826	21.356
Ituporanga	8.551	1.828	-	2.846	13.225
Joaçaba	22.671	-	28.813	121.106	172.590
Joinville	13.691	75	314.515	154.318	482.599
Rio do Sul	12.547	-	1.800	82.461	96.808
São Bento do Sul	-	-	39.030	1.040	40.070
São Miguel do Oeste	21.232	-	120.715	56.551	198.498
Tabuleiro	400	-	-	-	400
Tijucas	-	-	-	-	-
Tubarão	15.867	3.700	8.596	41.159	69.322
Xanxerê	134.849	-	84.313	307.549	526.711
<b>Santa Catarina</b>	<b>557.028</b>	<b>5603</b>	<b>1.065.952</b>	<b>1.899.057</b>	<b>3.527.640</b>

<sup>(1)</sup> Situação em 02/08/05.

Fonte: Conab.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 14/II. Cooperativas, segundo o tipo de atividade - Santa Catarina - 2000-004

(nº)

Segmentos	2000	2001	2002	2003	2004
Agropecuário	53	59	60	56	58
Consumo	18	20	17	14	15
Crédito	62	61	64	65	64
Educacional	16	17	17	17	17
Especial	2	2	2	2	2
Habitacional	3	3	3	3	2
Infra-estrutura	29	29	30	30	29
Mineral	2	2	2	2	2
Produção	13	15	13	9	9
Saúde	44	45	41	43	41
Trabalho	65	53	51	46	35
Transporte	-	19	19	18	18
<b>Total</b>	<b>307</b>	<b>325</b>	<b>319</b>	<b>305</b>	<b>292</b>

Fonte: Ocesc.

Tabela 15/II. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa - Santa Catarina - 2000-004

(nº)

Segmento	2000	2001	2002	2003	2004
Agropecuário	46.706	50.046	48.923	59.772	62.437
Consumo	82.245	99.177	90.247	98.393	121.156
Crédito	88.486	105.873	131.907	165.302	213.738
Educacional	13.788	14.328	12.375	10.109	13.943
Especial	101	67	68	71	69
Habitacional	1.094	881	569	936	1.739
Infra-estrutura	146.575	152.246	157.067	165.528	172.487
Mineral	461	539	529	670	799
Produção	552	518	403	206	177
Saúde	7.724	8.003	8.302	8.687	8.770
Trabalho	28.961	30.358	27.740	26.027	24.919
Transporte	-	2.762	3.090	2.918	5.424
<b>Total</b>	<b>416.693</b>	<b>464.798</b>	<b>481.220</b>	<b>538.619</b>	<b>625.658</b>

Fonte: Ocesc.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 16/II. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos - Santa Catarina - 2000-004

(t)

Produto (t)	2000	2001	2002	2003	2004
Alho	50	160	400	202	255
Ameixa	167	88	31	48	14
Arroz em casca	204.753	233.240	235.961	260.459	300.658
Aveia	3.140	1.836	877	1.099	6.117
Azevém	227	303	61	120	608
Batata-inglesa	-	-	-	4.832	4
Bergamota	-	-	-	-	-
Cebola	1.665	232	30	-	-
Cevada	93	2.278	8.140	-	826
Erva-mate	976	825	15	9	10
Ervilhaca	289	155	125	23	321
Feijão	60.993	30.439	29.929	25.213	37.653
Fumo	-	-	-	636	-
Laranja	27.325	32.558	37.638	41.002	67.303
Limão	-	-	-	-	-
Maça	48.423	38.697	42.732	55.537	60.272
Mandioca	-	-	-	-	200
Maracujá	4.200	371	371	370	350
Milho	919.079	1.243.038	1.055.918	1.645.472	1.126.497
Nectarina	216	164	80	133	100
Pepino	10	-	-	2	2
Pêssego	430	297	240	120	208
Soja	361.916	476.207	566.250	496.041	488.909
Trigo	66.299	71.411	96.711	159.326	206.543
Triticale	4.619	249	1.051	1.057	899
Triguilho	-	-	179	-	-
Uva	2.448	3.800	4.000	2.500	5.384
Aves (1.000 cab)	73.999	74.220	86.310	636	85.975
Bovinos (cab)	748	652	1.764	87.526	15.359
Suínos (1.000 cab)	1.751	1.857	2.809	-	2.739
Leite (1.000 L.)	241.430	275.275	279.176	418.191	298.062
Mexilhão Benef. (t)	54	200	65	-	-
Ostras (dúzias)	800	180	-	-	-
Peixes (t)	800	180	-	-	329

Fonte: Ocesc.

Tabela 17/III. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2000-004

(nº)

Discriminação	2000	2001	2002	2003	2004
Cultivadores	141	199	367	555	774
Trator de rodas (em cv)	1.159	1.732	2.068	1.734	2.062
Tratores de esteiras	37	17	11	34	16
Colheitadeiras	136	156	157	126	192
Retroscavadeiras	126	86	123	57	60
<b>Total geral</b>	<b>1.599</b>	<b>2.190</b>	<b>2.726</b>	<b>2.506</b>	<b>3104</b>

Fonte: Anfavea.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 18/II. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2000-004

(t)

Discriminação	2000	2001	2002	2003	2004
Fertilizantes	435.680	468.256	597.963	663.950	639.693
<b>Nutrientes</b>					
. N	71.544	78.112	96.345	101.369	98.356
. P2O5	61.971	65.818	82.003	87.026	78.206
. K2O	55.700	57.230	76.322	96.319	87.893

Fonte: Anda.

Tabela 19/II. Produção de sementes certificadas<sup>(1)</sup>, segundo os produtos agrícolas - Santa Catarina - 1998/99 - 2003/04

(t)

Cultura	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04
Alho	96	-	-	14,03	1,20	-
Arroz-irrigado	5.898,49	10.058,99	9.274,84	12.610,31	10.421,94	9.108,58
Batata-semente	9.803,54	11.557,17	14.997,85	16.005,56	15.510,45	4.757,55
Cebola-bulbo	-	10,00	-	76,50	-	-
Cebola-Semente	-	-	-	11,68	-	-
Feijão	-	120,00	-	31,00	343,65	54,28
Milho	-	5.354,43	636,37	-	1.917,84	-
Soja	1285	485,8	1530,83	752,10	5.557,72	2.937,80
Trigo	368,00	158,10	-	-	89,65	997,95

(1) Produção aprovada.

Fonte: Cidasc.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 20/II. - Produção de sementes fiscalizadas <sup>(1)</sup>, segundo os principais produtos agrícola - Santa Catarina - 1998/99 - 2003/04

Cultura	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04
Abóbora	5,41	9,52	5,33	13,26	-	-
Alho	567,80	440,30	297,90	134,40	-	-
Arroz-irrigado	-	-	-	-	-	-
Arroz-de-sequeiro	165,00	5,10	-	-	-	-
Aveia	19,20	2.795,55	967,88	2.277,84	1.454,20	1.671,94
Azevém	138,00	101,70	101,58	39,68	180,00	173
Cevada	169,50	292,61	27.901,00	499,38	-	-
Ervilhaca	127,45	99,15	51,38	185,13	-	-
Feijão	7.075,13	2.470,49	651,23	1.901,64	340,57	833,62
Milheto	60,00	190,00	386,00	271,00	122,00	167,8
Milho	7.767,00	-	8.691,56	6.962,34	73,51	-
Nabo forrageiro	25,33	8,15	8,30	25,00	-	-
Soja	67.684,85	65.112,04	60.377,60	57.357,37	77.205,59	41.539,13
Trigo	8.189,30	4.559,65	7.039,20	8.652,28	5.225,59	7.878,59
Triticale	656,90	656,90	1.076,25	253,30	780,87	72

(1) Produção aprovada.  
Fonte: Cidasc.

Tabela 21/II. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 1999-003

Discriminação	1999	2000	2001	2002	2003
<b>Custeio</b>					
Número de contratos	132.837	141.303	176.350	169.576	180.791
- Atividade agrícola	124.735	134.065	160.670	162.168	174.247
- Atividade pecuária	8.102	7.238	15.680	7.408	6.544
Valor dos contratos (R\$)	637.756.403	752.118.658	1.437.900.738	1.128.973.047	1.545.669.778
- Atividade agrícola	447.910.920	507.136.985	984.305.093	746.887.468	1.107.603.610
- Atividade pecuária	189.845.482	244.981.673	453.595.645	382.085.579	438.066.168
<b>Investimento</b>					
Número de contratos	7.191	14.816	25.978	28.440	38.115
- Atividade agrícola	5.244	10.654	18.293	18.849	26.948
- Atividade pecuária	1.947	4.162	7.705	9.591	11.167
Valor dos contratos (R\$)	56.785.349	109.976.951	238.150.879	272.080.528	418.234.822
- Atividade agrícola	40.155.369	68.665.459	152.986.774	242.775.112	282.945.405
- Atividade pecuária	16.629.980	41.311.492	85.164.105	29.305.416	135.289.417
<b>Comercialização</b>					
Número de contratos	1.395	1.886	955	198.886	1.076
- Atividade agrícola	558	1.025	475	181.369	576
- Atividade pecuária	837	861	480	17.517	500
Valor dos contratos (R\$)	172.341.053	276.256.235	275.935.041	1.694.398.952	399.427.242
- Atividade agrícola	153.186.410	244.516.883	243.938.517	1.159.189.429	370.847.650
- Atividade pecuária	19.154.643	31.739.352	31.996.524	535.209.523	28.579.592

Fonte: BCB.

## Informações econômica da agropecuária

Tabela 22/III. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras - 2003/04 - 2004/05

(mil t)

Produto	Oferta	Safr 2003/04						
		Demanda						Saldo
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	15,7	-	5,0	4,0	4,0	2,0	15,0	0,7
Arroz	1.011,6	-	450,0	-	30,0	3,0	483,0	528,6
Banana	655,7	-	113,2	92,7	-	173,1	379,0	276,7
Batata	120,6	-	130,0	-	16,0	1,8	147,8	-27,2
Cebola	436,6	-	31,2	-	-	116,6	147,8	288,8
Feijão	143,9	-	80,0	1,0	4,0	11,0	96,0	47,9
Mandioca	592,0	190,0	37,0	356,0	-	9,0	592,0	0,0
Milho(1)	3.257,8	4.249,7	90,0	110,0	3,0	185,0	4.637,7	-1.379,9
Soja	641,7	6,0	4,0	1.130,0	21,5	19,5	1.181,0	-539,3
Trigo	172,0	-	-	345,0	13,6	2,6	361,2	-189,2

(Continua)

(Continuação)

(mil t)

Produto	Oferta	Safr 2004/05						
		Demanda						Saldo
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	11,4	-	3,0	3,0	2,0	0,4	8,4	3,0
Arroz	1.047,8	-	460,0	-	30,0	3,0	493,0	554,8
Banana	667,4	-	117,8	100,1	-	186,8	404,7	262,7
Batata	100,5	-	130,0	-	16,2	1,5	147,7	-47,2
Cebola	352,9	-	35,0	-	-	102,9	137,9	215,0
Feijão	110,1	-	80,0	1,0	3,0	11,0	95,0	15,1
Mandioca	606,6	191,0	37,0	369,6	-	9,0	606,6	0,0
Milho (1)	2.870,0	4.502,5	90,0	100,0	3,0	90,0	4.785,5	-1.915,5
Soja	599,0	7,0	5,0	1.110,0	21,0	18,0	1.161,0	-562,0
Trigo	190,1	-	-	369,6	11,9	2,9	384,4	-194,3

(1) Oferta de milho mais substitutos

Obs: Estimado em jun/05.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 23/III. Exportações do agronegócio catarinense - 2000-005

(US\$ FOB 1.000)

Produto exportado	Ano							
	Santa Catarina						Brasil	
	2000	2001	2002	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Produção animal e derivados</b>	<b>575.633</b>	<b>905.420</b>	<b>877.808</b>	<b>916.794</b>	<b>1.322.702</b>	<b>1.283.372</b>	<b>7.046.473</b>	<b>6.731.956</b>
Carne suína	99.940	237.407	256.338	196.705	339.306	389.101	777.664	888.712
Carnes de aves	434.562	624.096	583.890	671.804	910.594	793.957	2.808.600	2.643.778
Carne bovina	711	2.258	1.281	2.490	6.538	11.671	2.614.630	2.450.526
Outras carnes	14.081	7.862	5.347	8.414	24.349	54.954	94.762	161.861
Pescados e crustáceos	20.699	23.563	20.647	22.180	28.071	25.096	425.864	306.850
Mel natural	262	2.042	4.634	9.511	8.518	1.987	42.374	13.036
Outros produtos origem animal	5.378	8.191	5.671	5.690	5.327	6.606	282.580	267.192
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>214.183</b>	<b>193.518</b>	<b>204.553</b>	<b>351.029</b>	<b>326.541</b>	<b>285.120</b>	<b>20.794.075</b>	<b>17.009.463</b>
Soja-óleo	23.006	28.947	39.676	120.799	49.803	24.184	1.382.094	920.537
Soja em grão, para semadura e outros	542	5.382	640	9.877	25.098	20.925	5.394.907	4.329.235
Soja-farelos e farinhas	31.837	11.680	1.476	49.990	13.701	6.197	3.270.961	2.153.499
Milho	624	7.288	959	12.115	6.203	1.257	601.362	118.099
Arroz	574	498	215	274	314	200	7.611	34.934
Banana	4.284	6.621	17.155	11.992	10.478	9.244	26.983	24.350
Maçã	18.865	9.942	16.291	20.392	40.144	29.207	72.563	45.706
Outras frutas frescas ou secas	657	535	739	1.071	1.876	1.401	492.538	361.890
Frutas em conserva e doces	4.098	3.236	2.462	2.094	2.520	1.530	32.848	28.303
Sucos de frutas	15.390	5.119	7.808	10.789	15.007	15.304	1.141.359	873.948
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	8.567	7.433	13.798	7.382	7.055	4.889	3.141.683	3.343.008
Produtos hortícolas	455	382	176	625	1.551	1.083	14.153	11.526
Fécula de mandioca	394	1.335	1.736	1.836	1.636	466	4.359	3.762
Erva-mate	2.638	2.913	1.935	1.304	1.048	829	18.104	18.099
Plantas ornamentais	619	655	545	483	825	913	71.780	56.421
Gomas e resinas	682	1.195	1.610	1.050	1.121	818	38.694	34.609
Fumo	88.697	90.579	88.211	88.232	133.424	152.966	1.425.763	1.234.209
Bebidas fermentadas e destiladas	6.156	3.111	782	650	710	489	548.911	584.956
Outros prod. vegetais e da agroindústria	6.098	6.667	8.341	10.076	14.028	13.218	3.107.402	2.832.372
<b>Indústria da madeira papel e papelão</b>	<b>617.481</b>	<b>648.955</b>	<b>782.229</b>	<b>859.036</b>	<b>1.142.562</b>	<b>866.792</b>	<b>6.681.337</b>	<b>5.279.715</b>
Madeira e obras de madeiras	298.908	321.959	386.719	401.069	569.538	412.044	3.043.934	2.267.084
Móveis de madeira	214.352	216.170	274.172	319.968	408.867	324.413	728.272	574.931
Papel e papelão	104.221	110.827	121.338	137.999	164.157	130.336	2.909.131	2.437.700
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>1.407.297</b>	<b>1.747.893</b>	<b>1.864.590</b>	<b>2.126.859</b>	<b>2.791.804</b>	<b>2.435.284</b>	<b>34.521.886</b>	<b>29.021.133</b>
<b>Total geral</b>	<b>2.711.703</b>	<b>3.028.399</b>	<b>3.157.065</b>	<b>3.695.786</b>	<b>4.853.506</b>	<b>4.120.030</b>	<b>96.475.220</b>	<b>86.719.266</b>

<sup>(1)</sup>Até setembro.

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Alice.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 24/III. Importações do agronegócio catarinense - 2000-005

(US\$ FOB 1.000)

Produto exportado	Ano							
	Santa Catarina						Brasil	
	2000	2001	2002	2003	2004	2005 <sup>(1)</sup>	2004	2005 <sup>(1)</sup>
<b>Produção animal e derivados</b>	<b>38.519</b>	<b>30.833</b>	<b>29.996</b>	<b>32.899</b>	<b>28.983</b>	<b>20.220</b>	<b>497.151</b>	<b>429.249</b>
Animais vivos	4.268	1.187	1.881	1.008	79	24	5.085	5.012
Carnes de animais	9.375	3.463	1.661	933	2.677	1.334	83.922	67.832
Pescados e crustáceos	15.596	17.151	15.417	19.385	17.350	11.110	241.089	193.110
Laticínios e ovos	2.478	1.272	1.738	1.134	1.427	1.411	95.991	106.227
Preparações e cons. de carnes e pesc.	576	331	570	893	659	644	11.987	8.237
Outros prod. origem animal não comestíveis	6.226	7.430	8.729	9.545	6.791	5.697	59.077	48.831
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>143.790</b>	<b>163.641</b>	<b>187.493</b>	<b>235.415</b>	<b>216.933</b>	<b>202.619</b>	<b>2.680.214</b>	<b>2.007.732</b>
Soja e derivados	29.146	65.620	80.657	84.966	56.855	41.757	110.005	85.052
Milho	20.097	7.054	19.342	38.698	13.861	12.059	35.273	43.475
Trigo	39.431	46.212	45.654	52.646	18.227	16.427	742.065	485.428
Arroz	854	695	390	6.412	5.385	302	235.738	96.423
Malte	2.102	2.573	1.508	12.327	44.449	42.330	190.557	148.907
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	15.941	1.461	969	3.521	18.135	16.386	121.624	85.115
Óleos e gorduras vegetais	3.735	4.152	6.004	7.379	7.742	12.808	191.789	150.372
Fumo	2.169	4.556	5.048	1.362	1.232	852	19.825	20.185
Uva	362	498	333	329	484	1.360	23.021	16.290
Maçã	982	3.011	630	334	608	1.510	17.641	16.559
Pêra	2.061	1.799	1.373	665	1.311	2.863	38.740	39.075
Ameixa	1.418	1.198	838	569	645	1.842	21.157	17.061
Outras frutas frescas ou secas	1.775	1.533	892	440	1.361	2.257	51.770	40.371
Gomas e resinas	2.242	1.722	1.352	1.480	2.091	3.652	45.928	39.393
Cebola	1.168	510	646	2.391	3.908	2.435	26.563	22.392
Alho	1.142	253	262	866	1.231	2.772	48.166	56.076
Outros produtos hortícolas	459	2.694	1.935	1.768	6.723	5.911	105.593	79.125
Batatas preparadas ou conservadas	4.105	3.840	3.274	2.100	3.939	4.068	51.383	40.879
Leveduras	1.988	1.829	2.229	2.147	2.417	1.926	26.563	20.897
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	2.433	1.352	719	988	1.335	1.122	109.599	110.890
Outros prod. vegetais e da agroindústria	10.181	11.077	13.438	14.026	24.994	27.980	467.215	393.766
<b>Indústria da madeira papel e papelão</b>	<b>20.128</b>	<b>11.321</b>	<b>10.296</b>	<b>13.328</b>	<b>28.178</b>	<b>32.089</b>	<b>837.633</b>	<b>689.182</b>
Madeira e obras de madeiras	3.830	3.001	5.051	5.102	7.288	6.671	79.787	62.265
Papel e papelão	16.298	8.320	5.245	8.226	20.890	25.417	757.846	626.917
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>202.438</b>	<b>205.795</b>	<b>227.785</b>	<b>281.642</b>	<b>274.093</b>	<b>254.928</b>	<b>4.014.998</b>	<b>3.126.163</b>
<b>Total Santa Catarina</b>	<b>957.133</b>	<b>860.240</b>	<b>931.430</b>	<b>993.635</b>	<b>1.508.986</b>	<b>1.530.465</b>	<b>62.781.796</b>	<b>54.041.346</b>

<sup>(1)</sup> Até setembro.

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Alice.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 25/II. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno bruto de Santa Catarina, segundo a atividade econômica do setor primário – 1999-004<sup>(1)</sup>

(mil R\$)

Grupo de atividade econômica	Valor bruto da produção					
	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(2)</sup>	2004 <sup>(3)</sup>
Lavouras, horticultura, floricultura	1.907.136.138	2.248.203.373	2.272.921.463	2.926.375.794	4.529.542.719	4.857.515.974
Pecuária	2.746.479.281	3.284.396.908	3.991.230.579	4.451.023.506	5.576.550.936	6.327.692.256
Indústria rural	266.321.453	341.638.638	397.766.642	424.394.689	514.034.907	552.963.235
Silvicultura	314.262.381	376.950.722	523.423.843	697.011.293	913.500.254	1.240.610.036
Extração vegetal	50.840.846	53.026.484	52.061.043	46.205.374	60.165.695	58.801.678
Prod. part. do pessoal residente	5.631.324	6.399.258	6.814.398	8.675.457	12.761.193	13.946.454
<b>Total</b>	<b>5.290.671.423</b>	<b>6.310.615.383</b>	<b>7.244.217.969</b>	<b>8.553.686.112</b>	<b>11.606.555.703</b>	<b>13.051.529.634</b>
<b>Consumo intermediário</b>	<b>1.658.905.049</b>	<b>2.024.742.721</b>	<b>2.475.808.421</b>	<b>2.830.751.121</b>	<b>3.564.017.580</b>	<b>4.027.068.854</b>
<b>Produto interno bruto</b>	<b>3.631.766.374</b>	<b>4.285.872.662</b>	<b>4.768.409.548</b>	<b>5.722.934.991</b>	<b>8.042.538.123</b>	<b>9.024.460.780</b>

<sup>(1)</sup>Não inclui pesca e aquíicultura.

<sup>(2)</sup>Estimativa.

<sup>(3)</sup>Dados preliminares.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 26/II. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense – 1999-004<sup>(1)</sup>

(R\$ mil)

Produto	Ano					
	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(4)</sup>	2004 <sup>(5)</sup>
Arroz	218.666	199.003	244.567	291.242	606.046	658.429
Alho	39.843	38.974	50.307	30.321	31.831	34.275
Batata-inglesa	24.093	27.493	42.219	47.897	60.664	53.447
Cana-de-açúcar	20.692	24.482	32.774	30.595	45.101	40.465
Cebola	85.487	109.993	138.450	132.690	161.028	161.396
Feijão	113.935	101.370	105.012	149.995	223.479	115.109
Fumo	367.614	369.953	431.890	644.136	812.752	1.153.994
Mandioca	61.638	83.225	71.066	48.615	84.139	96.645
Milho	446.473	618.007	533.132	666.548	1.188.931	1.073.317
Soja	124.599	146.709	151.103	211.033	403.675	487.287
Tomate	30.559	33.644	48.645	58.320	82.934	95.851
Trigo	7.598	10.105	20.844	41.299	52.241	56.241
Banana	50.658	59.183	66.862	99.501	128.126	101.352
Laranja	23.579	32.161	17.228	17.429	27.196	16.161
Maçã	154.736	229.281	148.216	242.222	296.859	336.059
Uva	10.347	15.357	19.702	20.244	23.814	54.985
Carvão vegetal <sup>(1)</sup>	2.521	2.788	2.653	2.282	2.534	2.989
Erva-mate <sup>(1)</sup>	24.626	24.289	25.152	16.478	15.996	13.298
Lenha <sup>(1)</sup>	18.813	20.775	19.752	22.719	32.272	34.895
Madeira em toras <sup>(1)</sup>	4.331	4.601	3.941	4.227	8.713	6.985
Madeiras para papel <sup>(2)</sup>	59.987	70.022	74.433	112.541	160.153	237.301
Toras para outras finalidades <sup>(2)</sup>	220.495	197.348	442.332	388.541	503.140	671.537

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(R\$ mil)

Produto	Ano					
	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(4)</sup>	2004 <sup>(5)</sup>
Lenha <sup>(2)</sup>	32.240	35.780	52.836	59.466	71.359	88.881
Bovino <sup>(3)</sup>	373.820	490.049	571.427	596.797	684.639	699.272
Suino <sup>(3)</sup>	1.038.435	1.217.316	1.551.151	1.480.375	1.776.383	2.272.367
Frango <sup>(3)</sup>	939.337	1.085.988	1.345.399	1.732.022	2.128.138	2.347.942
Leite <sup>(3)</sup>	231.047	295.991	306.113	411.741	616.665	676.848
Lã	173	125	229	311	771	936
Ovos de galinha	127.390	148.040	163.347	171.096	301.735	258.796
Mel	15.286	21.777	22.888	24.373	25.906	22.792
Camarão	...	1.807	5.481	18.050	30.886	32.636
Ostra	...	2.592	6.688	6.390	8.745	10.377
Mexilhão	...	8.419	7.351	11.233	11.060	14.211
Peixes de águas interiores	...	24.088	27.334	35.505	34.709	37.064
<b>Total</b>	<b>4.869.017</b>	<b>5.750.736</b>	<b>6.750.525</b>	<b>7.826.234</b>	<b>10.642.621</b>	<b>11.964.140</b>

(...) Dado desconhecido.

<sup>(1)</sup>Produtos da extração vegetal.

<sup>(2)</sup>Produtos da silvicultura.

<sup>(3)</sup>Estimativa Epagri/Cepa (produção de leite e abates totais).

<sup>(4)</sup>Dados preliminares.

<sup>(5)</sup>Estimativa.

Nota: Para o último ano o valor da produção foi estimado com base nos preços da Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Tabela 27/III. Índice de produtividade das principais culturas - Santa Catarina - 1986-004

(ano base 1985 = 100)

Ano	Alho	Arroz	Banana	Batata-inglesa	Cebola	Feijão	Fumo em folha	Maçã	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva
1986	102,63	98,20	100,97	81,29	92,13	52,62	92,25	108,71	107,98	89,10	97,01	83,78	82,98	85,84
1987	108,71	100,73	97,74	94,80	110,95	77,01	89,62	97,28	120,63	104,88	93,77	112,96	96,26	78,73
1988	80,98	113,02	97,53	99,59	108,48	89,76	97,50	106,12	125,55	104,74	93,35	111,36	56,02	106,98
1989	108,65	113,88	91,54	98,43	87,94	92,16	95,99	114,33	129,27	116,54	112,26	127,02	100,13	106,38
1990	94,95	120,43	98,15	107,62	111,47	86,65	101,72	133,38	128,63	115,03	108,22	130,59	77,59	114,85
1991	96,82	130,91	97,35	95,07	110,63	62,60	96,02	108,17	129,84	63,02	69,38	128,31	98,93	78,47
1992	112,64	147,89	115,94	104,60	107,38	126,43	102,53	137,20	134,12	130,88	133,34	115,11	114,29	107,36
1993	122,45	132,44	124,81	118,73	107,42	110,11	100,91	178,47	134,90	136,95	147,25	153,12	98,49	112,82
1994	101,47	143,89	126,93	118,42	114,32	127,54	102,13	128,77	131,78	140,03	148,95	160,23	93,62	103,50
1995	103,98	147,94	103,41	110,54	106,72	108,03	94,23	135,87	135,68	150,09	161,82	152,42	113,37	98,61
1996	88,47	150,56	92,83	114,67	96,43	112,09	90,92	173,76	80,72	132,76	180,24	92,76	112,97	71,26
1997	100,29	160,59	112,82	110,33	108,73	124,45	107,70	189,66	116,73	156,79	179,03	147,69	72,40	92,42
1998	127,54	173,59	122,67	111,67	114,68	87,15	78,87	182,06	121,29	146,79	175,37	154,22	114,17	88,85
1999	135,80	194,26	131,79	110,47	165,39	105,70	109,07	186,87	134,39	150,23	159,31	149,78	141,63	83,04
2000	147,04	191,50	140,53	122,77	194,62	141,20	110,18	144,13	134,31	179,79	184,04	147,80	136,23	102,65
2001	146,75	210,96	137,45	131,84	161,01	150,47	106,97	172,64	139,63	196,20	200,20	154,64	121,33	93,87
2002	101,67	214,18	145,94	135,66	158,42	146,86	112,09	209,09	135,95	162,22	162,04	164,08	137,43	82,64
2003	143,36	233,43	140,55	137,37	163,55	171,04	99,23	203,70	141,88	219,65	206,40	166,20	171,85	86,76
2004	149,84	217,38	147,26	150,29	210,89	142,44	111,94	231,68	137,79	181,39	152,06	174,28	173,52	88,97

Fonte: Instituto Cepa/SC.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

### Preços agrícolas

Tabela 28/II. Preços mínimos vigentes, por produto, na região Centro-Sul - 2000-005

(R\$)

Ano	Mês	Arroz-irrigado (sc 50 kg)	Arroz-sequeiro (sc 60 kg)	Feijão (sc 60 kg)	Soja (sc 60 kg)	Milho (sc 60 kg)	Trigo (t)	Mandioca (raiz) (t)	Farinha mandioca (50 kg)	Fécula mandioca (t)
2000	Jan.	10,53	9,30	28,00	9,50	6,70	185,00	28,50	8,50	0,253
	Fev.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Mar.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Abr.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Mai	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Jun.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Jul.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Ago.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Set.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Out.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Nov.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Dez.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
2001	Jan.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,10	205,00	30,78	9,18	0,273
	Fev.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,273
	Mar.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,273
	Abr.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,273
	Mai	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,273
	Jun.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,273
	Jul.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,273
	Ago.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,273
	Set.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,273
	Out.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,273
	Nov.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,273
	Dez.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,273
2002	Jan.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,273
	Fev.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Mar.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Abr.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Mai	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Jun.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Jul.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Ago.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Set.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Out.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Nov.	10,92	7,95	30,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Dez.	10,92	7,95	30,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(R\$)

Ano	Mês	Arroz-irrigado (sc 50 kg)	Arroz-sequeiro (sc 60 kg)	Feijão (sc 60 kg)	Soja (sc 60 kg)	Milho (sc 60 kg)	Trigo (t)	Mandioca (raiz) (t)	Farinha mandioca (50 kg)	Fécula mandioca (t)
2003	Jan.	14,00	7,95	30,00	10,18	9,5	285,00	35,00	10,43	0,310
	Fev.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,310
	Mar.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,310
	Abr.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,310
	Mai	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,310
	Jun.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,310
	Jul.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,310
	Ago.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,310
	Set.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,310
	Out.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,310
	Nov.	14,00	7,95	47,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,310
	Dez.	14,00	7,95	47,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,310
2005	Jan.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,440
	Fev.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,440
	Mar.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,440
	Abr.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,440
	Mai	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,440
	Jun.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,440
	Jul.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,440
	Ago.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,440
	Set.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,440
	Out.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,440
	Nov.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,440
	Dez.	20,00	11,13	-	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,440

Fonte: Conab.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 29/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - Jan./Dez. - 2004

Produto	(R\$)											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jun.	Ago.	Set	Out.	Nov	Dez.
Alho (kg)	...	2,25	2,25	2,25	2,25	2,25	2,71	...	...	...	...	...
Arroz-irrigado (50 kg)	...	34,28	31,88	32,23	33	31,38	30,06	28,55	28,22	27,97	27,17	26,12
Batata-inglesa (50 kg)	...	15,44	14,8	17,48	20,13	19,39	25,24	36,99	39,14	34,4	26,89	20,17
Cana-de-açúcar (t)	...	53,75	53,75	52,50	52,50	53,75	51,66	51,66	53,33	51,25	51,25	51,25
Cebola (20kg)	...	5,69	7,49	9,05	8,92	14,46	...	...	...	...	...	...
Feijão-preto (60 kg)	...	52,40	55,00	58,93	60,71	58,58	57,00	57,00	57,00	60,00	...	64,17
Feijão-carioca (60kg)	...	54,73	56,70	58,21	52,81	47,39	40,57	40,00	40,00	40,00	...	59,42
Fumo em folha (estufa) (kg)	...	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08
Mandioca (t)	...	...	...	200,00	178,28	173,03	180,12	182,50	...	...	...	...
Milho em grão (60 kg)	...	15,57	17,17	20,17	20,00	18,29	17,26	16,91	17,27	16,42	15,50	15,40
Soja em grão (60 kg)	...	43,47	49,00	49,67	48,00	42,66	38,19	36,18	37,02	33,39	31,16	30,07
Tomate Long Vid (22-25 kg)	...	12,13	10,05	8,28	14,00	24,79	24,19	30,73	27,20	21,00	17,40	12,40
Trigo intermediário (60 kg)	...	21,16	21,72	24,00	26,29	28,31	26,25	24,87	24,05	22,92	21,14	20,30
Trigo superior (60kg)	...	22,70	22,77	24,76	28,86	29,80	27,89	26,20	24,85	23,61	22,21	20,91
Banana-caturra (20 kg)	...	3,25	4,08	6,11	5,60	5,00	5,64	6,75	5,00	2,58	1,58	2,00
Banana-prata (kg)	...	9,00	9,00	9,00	6,86	10,00	9,14	8,00	7,80	6,58	6,00	6,40
Erva-mate(fol. Verde) (15kg)	...	3,31	3,29	3,30	3,36	3,40	3,38	3,41	3,42	3,43	3,47	3,46
Laranja (indústria) (t)	...	150,00	...	...	...	85,00	85,00	85,00	90,00	90,00	95,00	95,00
Pêssego (kg)	...	1,30	...	...	...	...	...	...	...	2,25	1,20	1,08
Uva vinífera (kg)	...	1,39	1,40	...	...	...	...	...	...	...	...	1,20
Bovinos (30kg) <sup>(1)</sup>	...	58,00	57,29	55,22	55,00	55,47	56,95	57,00	57,00	57,00	57,11	58,27
Frangos (kg) <sup>(1)</sup>	...	1,31	1,40	1,16	1,31	1,45	1,39	1,38	1,32	1,35	1,23	1,22
Suínos (kg) <sup>(1)</sup>	...	1,70	1,75	1,80	1,80	1,93	2,07	2,18	2,32	2,23	2,30	2,49
Lã (kg)	...	3,35	3,35	3,40	3,80	3,73	3,73	3,73	3,73	4,26	4,26	3,17
Leite plataforma (L)	...	0,39	0,39	0,40	0,42	0,45	0,47	0,49	0,49	0,47	0,47	0,48
Ovos de galinha col. (dz)	...	1,61	1,64	1,61	1,73	1,72	1,72	1,74	1,77	1,71	1,66	1,62
Mel (kg)	...	5,90	5,86	6,03	5,94	5,80	5,70	5,47	5,40	5,50	5,28	5,15

<sup>(1)</sup> Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

Nota: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

Fonte: Instituto Cepa/SC.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 30/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - Fev./Jun.-2005

(R\$)

Produtos	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.
Alho (kg)	42,33	44,61	51,66	50,36	50,74
Arroz-irrigado (50 kg)	21,96	23,07	21,65	18,72	18,75
Batata-inglesa (50 kg)	25,92	29,68	35,58	40,6	29,2
Cana-de-açúcar (t)	58,75	60	58,75	57,5	57,75
Cebola (20kg)	9,00	8,48	6,59	9,95	9,33
Feijão-preto (60 kg)	70,00	70,44	75,00	75,00	70,23
Feijão-carioca (60kg)	65,00	62,50	70,00	72,50	72,27
Fumo em folha (estufa) (kg)	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49
Mandioca (t)	...	...	...	126,43	127,18
Milho em grão (60 kg)	15,75	17,20	17,44	17,52	17,5
Soja em grão (60 kg)	28,28	33,84	31,44	29,28	30,98
Tomate Long Vid (22-25 kg)	13,13	14,26	17,33	23,4	19,38
Trigo intermediário (60 kg)	19,81	20,05	22,34	21,82	20,32
Trigo superior (60kg)	20,11	20,91	23,07	22,72	21,86
Banana-caturra (20 kg)	1,68	2,74	3,11	3,03	2,15
Banana-prata (kg)	9,19	9	9	8,35	8
Erva-mate(fol. verde)(15kg)	3,56	3,57	3,6	3,65	3,79
Laranja (indústria)(t)	...	...	...	95	95
Pêssego (kg)	0,90	...	...	...	...
Uva vinífera(kg)	1,1	1,2	1,45	...	...
Bovinos (30kg) <sup>(1)</sup>	60	55,26	52,83	51	51,19
Frangos (kg) <sup>(1)</sup>	1,18	1,3	1,35	1,3	1,2
Suínos (kg) <sup>(1)</sup>	2,5	2,5	2,39	2,07	1,97
Lã (kg)	3,17	3,35	3,1	3,15	...
Leite plataforma (L)	0,48	0,49	0,51	0,52	0,52
Ovos de galinha col. (dz)	1,71	1,88	1,83	1,86	1,83
Mel (kg)	5,17	5,4	5,23	5,3	5,2

<sup>(1)</sup> Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

Fonte: Instituto Cepa/SC.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 31/II. Índice de preços recebidos pelos agricultores catarinenses - IPR - 2005

(Base: ago./94 = 100)

Produto	2005								
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Alho	265,87	261,90	261,90	324,60	282,54	309,52	309,52	309,52	309,52
Arroz	273,27	230,29	241,72	226,83	196,33	196,54	196,23	196,23	180,29
Batata	166,24	222,05	261,60	326,54	380,23	248,44	190,11	170,27	144,87
Cebola	483,87	560,65	532,26	433,55	635,48	632,90	863,23	601,94	601,94
Feijão-carioca	277,71	318,62	317,10	351,29	356,33	375,95	378,10	267,86	267,86
Fumo	287,32	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20
Mandioca	645,73	645,73	645,73	645,73	457,42	459,99	366,79	361,79	352,75
Milho em grão	249,83	262,50	286,00	291,67	292,00	291,67	289,17	277,17	274,00
Soja em grão	281,62	265,60	311,97	293,31	276,81	284,54	274,55	267,67	255,98
Tomate	96,00	103,38	104,82	113,32	152,15	141,50	157,27	127,87	167,01
Trigo	285,09	278,76	288,61	314,35	306,89	286,22	272,29	271,87	266,67
Banana-caturra	72,51	86,60	99,31	104,47	103,44	87,29	68,04	62,89	73,54
Maçã	255,00	255,00	132,00	150,00	168,00	177,00	177,00	177,00	177,00
Bovinos	257,86	251,59	244,63	242,09	238,22	237,25	238,77	236,98	235,68
Frangos	236,07	232,79	237,70	247,54	232,79	226,23	219,67	224,59	227,87
Suínos	374,63	379,10	380,60	367,16	311,94	292,54	302,99	305,97	311,94
Leite	240,00	240,00	250,00	255,00	260,00	260,00	245,00	230,00	215,00
<b>Total</b>	<b>279,77</b>	<b>287,66</b>	<b>291,74</b>	<b>292,79</b>	<b>283,22</b>	<b>276,81</b>	<b>279,59</b>	<b>262,04</b>	<b>261,04</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 32/III. Preços médios mensais dos produtos da pesca em frigoríficos atacadistas de Santa Catarina - agosto de 2004 a setembro de 2005

(R\$/kg pescado inteiro)

Espécie	2004					2005							
	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
Abrótea grande	2,20	2,25	2,25	2,29	2,45	2,80	2,87	2,50	2,65	2,40	2,29	2,25	2,25
Abrótea média	1,50	1,55	1,45	1,50	1,55	2,15	2,25	1,50	2,00	1,75	1,65	1,65	1,65
Abrótea pequena	1,14	1,20	1,10	1,05	1,05	1,55	1,70	1,25	1,45	1,35	1,25	1,20	1,20
Anchovas grande	2,40	2,40	3,00	3,25	3,35	3,62	3,60	2,60	3,85	3,90	4,00	4,00	4,00
Anchovas média	2,00	2,00	2,15	2,10	2,04	2,50	2,80	2,00	2,90	3,00	3,00	3,00	3,00
Anchovas pequena	1,55	1,55	1,70	1,60	1,55	1,60	2,10	1,65	2,10	2,35	2,45	2,45	2,45
Atum grande	3,50	4,00	3,15	3,05	2,90	3,60	3,80	3,50	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Atum médio	2,30	2,50	2,25	2,25	2,15	2,40	2,50	...	2,70	2,80	3,00	3,00	3,00
Atum pequeno	1,80	2,00	1,75	1,75	1,65	1,90	2,00	...	2,20	2,30	2,30	2,30	2,30
Bagre	1,75	1,80	1,80	1,80	1,95	2,00	2,15	1,45	2,30	2,10	2,00	2,00	2,00
Berbigão limpo	5,50	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	...	6,00	...	...	...	...
Betara	1,65	1,70	1,70	1,87	1,97	2,00	2,15	1,80	1,85	2,00	2,00	2,00	2,00
Cação anjo	2,50	2,75	2,85	2,75	2,75	3,00	2,90	2,50	2,70	2,65	2,54	2,50	2,50
Cação caçonete	2,29	2,45	2,50	2,60	2,65	2,95	2,90	2,00	2,70	2,35	2,20	2,10	2,10
Cação enguia	0,87	0,90	1,00	1,05	1,10	0,90	1,00	0,90	1,00	1,10	1,14	1,14	1,14
Cação machote	2,45	2,75	3,00	3,00	3,00	3,75	3,25	2,85	2,65	2,40	2,15	2,00	2,00
Cação raia	0,95	0,95	0,85	0,85	0,85	1,17	1,22	0,70	1,20	1,20	1,20	1,20	1,20
Cação viola	1,32	1,40	1,40	1,45	1,50	2,10	2,15	1,35	1,85	1,85	1,80	1,75	1,75

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

(R\$/kg pescado inteiro)

Espécie	2004					2005							
	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
Camarão ferrinho	1,80	2,00	1,75	1,70	1,65	1,60	1,60	2,00	1,70	...	...	...	1,20
Camarão médio primeira	30,00	...	9,00	9,00	9,00	8,00	8,00	8,00	8,00	10,00	...	...	...
Camarão médio segunda	...	...	8,00	8,50	8,50	7,00	7,00	7,00	7,00	8,00	...	...	...
Camarão médio terceira	...	...	7,00	8,00	8,00	6,00	6,00	6,00	6,00	7,00	...	...	...
Camarão rosa	25,00	25,00	25,00	25,00	25,50	28,00	28,00	...	28,00	...	...	...	25,00
Camarão sete barbas	2,30	2,40	1,95	1,90	1,80	1,85	1,85	2,00	1,90	...	...	...	2,00
Carne de siri	6,00	6,00	8,00	8,50	8,50	8,50	8,00	6,00	7,50	8,00	8,00	8,00	8,00
Congrio rosa	5,00	5,25	4,75	6,00	6,50	5,35	5,50	6,37	5,50	6,40	6,50	6,50	6,50
Corvina grande	1,70	1,70	1,45	1,50	1,55	2,15	2,25	2,40	2,15	2,15	2,10	2,04	2,04
Corvina média	1,45	1,50	1,22	1,30	1,30	1,50	1,75	1,85	1,65	1,70	1,70	1,70	1,70
Corvina pequena	1,15	1,20	1,00	1,07	1,07	1,07	1,25	1,55	1,30	1,30	1,35	1,35	1,35
Espada grande	0,80	0,85	0,90	1,00	1,05	1,07	1,30	1,00	1,25	1,25	1,25	1,25	1,25
Espada média	0,70	0,70	0,75	0,80	0,90	0,72	0,90	0,80	0,95	0,90	0,90	0,85	0,85
Espada pequena	0,60	0,60	0,65	0,65	0,65	0,60	0,70	0,50	0,75	0,70	0,70	0,65	0,65
Gordinho	1,05	1,05	1,07	1,12	1,17	1,20	1,05	0,92	1,05	1,10	1,10	1,10	1,10
Guavira	1,14	1,14	1,10	1,05	1,05	1,10	1,00	1,05	1,10	1,14	1,14	1,14	1,14
Linguado grande	6,50	6,50	6,50	7,00	7,25	9,00	8,50	7,50	7,50	7,75	7,75	7,75	7,75
Linguado médio	5,00	5,00	4,50	4,75	4,75	7,00	6,50	5,12	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00
Linguado pequeno	3,00	3,00	2,65	3,00	3,25	4,00	4,00	2,35	4,25	4,50	4,59	4,75	4,75
Lula primeira	4,50	4,50	4,50	4,50	4,50	3,75	3,85	4,00	4,00	3,90	4,00	4,00	4,00
Lula segunda	2,00	2,00	2,80	3,15	3,25	3,15	3,25	3,00	3,30	3,20	3,20	3,20	3,20
Lula terceira	...	...	2,50	2,50	2,50	2,00	2,25	3,00	2,30	2,20	2,20	2,20	2,20
Manjuba	1,60	1,60	1,60	1,75	1,75	2,25	2,25	...	2,00	1,80	1,80	1,80	1,80
Mistura	0,90	0,95	0,90	1,05	1,00	1,12	1,22	1,05	1,23	1,25	1,25	1,25	1,25
Papa terra	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,50	1,80	1,40	1,50	2,00	2,00	2,00	2,00
Pescada comum grande	3,50	3,50	3,75	3,90	3,90	4,25	4,09	3,75	3,60	4,00	4,00	4,00	4,00
Pescada comum média	2,60	2,70	2,90	3,15	3,25	3,45	3,50	2,70	3,00	3,10	3,10	3,00	3,00
Pescada comum pequena	1,60	1,60	1,90	2,25	2,40	2,50	2,54	2,00	2,30	2,54	2,60	2,60	2,60
Pescada goete grande	1,65	1,65	1,60	1,65	1,80	1,50	1,55	2,02	1,60	1,80	1,90	1,90	1,90
Pescada goete média	1,30	1,30	1,30	1,35	1,35	1,22	1,30	1,67	1,30	1,55	1,65	1,65	1,65
Pescada goete pequena	1,00	1,00	0,95	1,00	1,05	0,90	1,00	1,57	1,10	1,30	1,45	1,45	1,45
Pescada maria mole grande	1,85	1,85	1,85	1,85	1,85	2,10	2,00	2,20	2,05	2,00	2,04	2,00	2,00
Pescada maria mole média	1,55	1,55	1,45	1,45	1,45	1,45	1,70	1,50	1,75	1,80	1,80	1,80	1,80
Pescada maria mole pequena	1,15	1,15	1,05	1,10	1,10	1,07	1,35	1,35	1,35	1,45	1,50	1,50	1,50
Porco grande	1,40	1,40	1,40	1,40	1,40	1,10	1,10	0,80	1,20	1,60	1,60	1,60	1,60
Porco médio	1,20	1,20	1,10	1,10	1,10	0,90	0,90	0,60	1,00	1,40	1,40	1,40	1,40
Porco pequeno	1,00	1,00	0,80	0,80	0,80	0,65	0,65	0,40	0,80	1,20	1,20	1,20	1,20
Sardinha fresca grande	1,00	0,80	1,10	1,30	1,30	1,50	1,00	0,45	1,00	1,00	1,00	...	...
Sardinha fresca média	0,90	0,50	0,75	0,90	0,90	1,25	0,80	0,35	0,80	0,80	0,80	...	...
Sardinha fresca pequena	0,55	...	0,70	0,70	0,70	0,90	0,90	...	0,70	0,70	0,70	...	...
Tainha grande	2,50	2,85	2,85	3,00	3,00	2,50	2,54	3,45	2,35	2,25	2,20	2,15	2,15
Tainha média	2,10	2,25	2,25	2,35	2,40	1,50	1,95	2,32	1,85	1,75	1,65	1,60	1,60
Tainha pequena	1,80	1,80	1,40	1,80	1,80	1,25	1,50	1,30	1,45	1,20	1,20	1,20	1,20

(...) Dado desconhecido.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 33/III. Preços médios mensais recebidos pelos aqüicultores em Santa Catarina

(R\$)

Especificação	Mercado	Região	Unidade de medida	Mês/ano				Variação (%)		
				Set./05 A	Ago./05 B	Set./04 C	Ago./04 C	A/B D	A/C	B/D
Bagre africano (ind.)	Produtor	Média SC	kg	1,70	1,63	1,50	1,53	4,3	13,3	6,5
Bagre africano (vivo)	Produtor	Média SC	kg	2,72	2,63	1,90	2,10	3,4	43,2	25,2
Bagre americano (ind.)	Produtor	Média SC	kg	1,70	1,70	1,55	1,50	0,0	9,7	13,3
Bagre americano (vivo)	Produtor	Média SC	kg	2,57	2,57	2,03	2,00	0,0	26,6	28,5
Carpa chinesa (ind.)	Produtor	Média SC	kg	1,66	1,66	1,46	1,49	0,0	13,7	11,4
Carpa chinesa (vivo)	Produtor	Média SC	kg	2,41	2,39	1,87	2,01	0,8	28,9	18,9
Carpa comum (ind.)	Produtor	Média SC	kg	1,63	1,63	1,41	1,46	0,0	15,6	11,6
Carpa comum (vivo)	Produtor	Média SC	kg	2,30	2,34	1,87	2,01	-1,7	23,0	16,4
Tilápia (ind.)	Produtor	Média SC	kg	1,73	1,80	1,60	1,60	-3,9	8,1	12,5
Tilápia (vivo)	Produtor	Média SC	kg	2,40	2,49	2,10	2,21	-3,6	14,3	12,7
Truta (ind.)	Produtor	Média SC	kg	5,00	5,00	5,00	5,00	0,0	0,0	0,0
Truta (vivo)	Produtor	Média SC	kg	7,67	7,67	7,75	7,75	0,0	-1,0	-1,0
Camarão (12g)	Produtor	Média SC	kg	...	...	...	...	...	...	...
Ostra média (sem SIF)	Produtor	Fpolis	Dúzia	2,80	2,80	3,50	3,50	0,0	-20,0	-20,0
Ostra média (com SIF)	Produtor	Fpolis	Dúzia	5,00	5,00	5,00	5,00	0,0	0,0	0,0
Ostra grande (sem SIF)	Produtor	Fpolis	Dúzia	4,00	4,00	5,00	5,00	0,0	-20,0	-20,0
Ostra grande (com SIF)	Produtor	Fpolis	Dúzia	6,00	6,00	6,00	6,00	0,0	0,0	0,0
Marisco c/casca (sem SIF)	Produtor	Fpolis	kg	1,00	1,00	1,40	1,40	0,0	-28,6	-28,6
Marisco c/casca (com SIF)	Produtor	Fpolis	kg	2,50	2,50	2,50	2,50	0,0	0,0	0,0
Marisco s/casca (sem SIF)	Produtor	Fpolis	kg	6,00	6,00	7,00	7,00	0,0	-14,3	-14,3
Marisco s/casca (com SIF)	Produtor	Fpolis	kg	7,00	7,00	7,00	7,00	0,0	0,0	0,0

(...) Dado desconhecido.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Tabela 34/II. Equivalência entre preços pagos e recebidos pelos agricultores catarinenses

Especificação	Unidade de medida	Insumo/produto <sup>(1)</sup>				Variação (%)		
		Set./05 A	Ago./05 B	Set./04 C	Ago./04 D	A/B	A/C	B/D
<b>Arroz irrigado</b>								
Satanil E	20L	26,7	25,8	16,5	16,4	3,2	61,4	57,8
Microtrator (14 a 15 CV)	unid	997,8	953,7	566,3	576,3	4,6	76,2	65,5
Uréia	sc 50kg	2,5	2,5	1,8	1,8	0,4	38,0	38,3
<b>Feijão preto</b>								
Adubo 05-20-10	sc 50kg	0,4	0,5	0,7	0,7	-6,4	-33,3	-30,9
Calcário ensacado	t	1,2	1,2	1,4	1,3	2,6	-11,1	-10,0
Dithane PM	kg	0,3	0,3	0,3	0,3	-3,7	-21,2	-20,6
<b>Milho</b>								
Adubo 07-30-13	sc 50kg	2,5	2,5	2,6	2,7	0,8	-1,2	-6,7
Calcário ensacado	t	5,1	4,9	4,6	4,5	4,9	11,5	8,9
Primestra	5L	6,7	7,1	7,5	7,7	-6,1	-11,0	-7,6
Trator 62-65 CV		4.199,4	4.112,8	3.636,3	3.670,3	2,1	15,5	12,1
<b>Soja</b>								
Adubo 03-30-15	sc 50kg	1,5	1,4	1,3	1,4	2,8	9,0	2,2
Calcário ensacado	t	3,2	3,0	2,3	2,3	8,4	40,3	31,7
Trifluralina 445	L	0,6	0,5	0,4	0,4	3,7	36,6	28,6
Trator 62-65 CV		2.647,0	2.518,4	1.821,7	1.852,8	5,1	45,3	35,9
<b>Trigo</b>								
Adubo 05-25-25	sc 50kg	2,2	2,2	2,1	2,1	-2,2	5,8	8,7
Uréia	sc 50kg	2,3	2,4	2,1	2,0	-1,7	13,1	19,1
Tilt 250 CE	L	5,9	5,9	5,2	5,0	1,5	14,9	17,2
<b>Batata</b>								
Adubo 05-20-10	sc 50kg	1,7	1,5	0,9	1,0	11,2	79,8	49,0
Manzate BR	Kg	1,0	0,9	0,5	0,5	13,8	110,6	74,0
Super fosfato triplo	sc 50kg	2,3	2,0	1,2	1,3	14,6	86,1	52,3
<b>Banana</b>								
Adubo 00-20-20	sc 50kg	15,8	19,0	7,2	6,3	-16,7	120,9	203,7
Óleo mineral	200L	238,1	281,8	-	-	-15,5	-	-
Roundup 480	L	6,5	7,8	2,8	2,4	-17,0	129,0	221,4
<b>Cebola</b>								
Adubo 05-20-10	sc 50kg	-	-	-	-	-	-	-
Microtrator (14 a 15 Cv)		-	-	-	-	-	-	-
<b>Fumo (TO2)</b>								
Diária trabalhador rural	unid	5,7	5,6	5,4	-	1,4	4,4	0,0
Lenha (eucalipto/bracatinga)	mst	6,1	6,0	4,9	-	2,5	22,3	0,0
<b>Tomate</b>								
Adubo 05-20-10	sc 50kg	1,8	2,0	1,5	1,0	-10,6	18,8	52,0
Ridomil + Mancozeb	kg	4,2	4,5	3,1	2,0	-6,7	34,7	54,7
Decis	250ml	0,9	1,0	0,7	0,5	-6,3	27,1	52,2
Diária trabalhador rural	dia	1,4	1,5	0,8	0,5	-4,1	74,1	58,8
<b>Boi gordo</b>								
Arame farpado	500m	2,7	2,7	2,2	2,1	1,5	24,2	25,2
Bezerro desmamado		7,7	7,8	7,4	7,5	-1,4	4,4	-0,5
<b>Leite</b>								
Arame farpado	500m	323,7	299,5	248,7	241,0	8,1	30,2	24,3
Ração p/bovinos lactação	sc 40kg	48,1	45,4	44,0	44,3	6,1	9,4	2,3
Vaca leit. s/registro		1.759,9	1.689,6	1.665,0	1.642,0	4,2	5,7	2,9
<b>Suíno</b>								
Concentrado p/suínos terminação	sc 40kg	10,7	10,9	10,3	10,8	-1,8	3,6	0,1
Milho (produtor)	sc 60kg	7,4	7,6	6,6	7,0	-2,1	12,8	8,5
Ração p/suínos inicial	sc 40kg	13,6	13,8	11,6	12,0	-1,2	16,8	14,6

<sup>(1)</sup>Índice que expressa a quantidade de produto necessário para adquirir o insumo nas unidades de medida estabelecidas.

Fonte: Epagri/Cepa.

# ANEXO I

## Secretarias de desenvolvimento Regional - Dados gerais do setor rural Santa Catarina

### Dados Gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Secretarias regionais	nº	2005	30
Municípios	nº	2005	293
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	95.286,1
População total <sup>1</sup>	hab.	2004	5.774.178
População urbana	hab.	2000	4.217.931
População rural	hab.	2000	1.138.429
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	386,21
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	206,58

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per capita.

Fonte: IBGE.

### Outras Atividades Agrícolas

Produto	Ano	Unidade	Quantidade
Piscicultura	2003	t	20.900
Produção orgânica	2002	Nº produtores	8.753
		Valor (R\$)	27.466.965,00
Turismo rural	2002	Nº unidades	1.174

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção de Origem Florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	15.778
Lenha	m <sup>3</sup>	6.648.021
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	9.787.113
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	6.109.935

Fonte: IBGE.

### Produção Agrícola - 2004

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	1.498	11.428	7.629
Arroz	150.852	1.011.592	6.706
Banana	30.069	655.680	21.806
Batata	8.666	120.555	13.911
Cana-de-açúcar	16.480	603.075	36.594
Cebola	21.417	436.597	20.386
Feijão	134.568	143.859	1.069
Fumo	143.082	284.825	1.991
Maçã	17.644	583.205	33.054
Mandioca	32.141	591.997	18.419
Milho	783.623	3.257.770	4.157
Soja	314.439	641.748	2.041
Tomate	2.390	129.054	53.997
Trigo	84.909	190.133	2.239
Uva	3.949	46.007	11.650

Fonte: IBGE.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	(cab.)	3.189.825
Suínos	(cab.)	5.432.143
Ovino	(cab.)	202.412
Aves	(cab.)	145.652.604
Leite	1.000 l	1.332.277
Mel	t	4.511
Ovos	1.000 dz.	176.922

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Secretaria de desenvolvimento regional - Dados do setor rural

### Araranguá



#### Dados Gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	15
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	2.975,2
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	171.005
População urbana	hab	2000	101.390
População rural	hab	2000	58.779
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	322,04
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	183,25

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

#### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	463.200
Produção orgânica	Nº produtores	62
	Valor (R\$)	102.150,00
Turismo rural	Nº unidades	109

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Produção Animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	63.770
Suínos	Efetivo (cab.)	49.050
Aves	Efetivo (cab.)	4.657.500
Leite	1.000 litros	11.376
Mel	kg	81.000
Ovos	1.000 dúzias	8.146
VBP animal	R\$ 1.000	69.328,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

#### Produção Agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	49.200	292.826	5.952
Banana	5.661	22.495	3.974
C.-de-açúcar	680	15.230	22.397
Feijão	1.845	1.047	567
Fumo	17.025	34.964	2.054
Mandioca	1.316	10.389	7.894
Milho	8.260	18.003	2.180

Fonte: IBGE.

#### Produção de Origem Florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	844
Lenha	m <sup>3</sup>	69.000
Toras(outras)	m <sup>3</sup>	132.930
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Blumenau



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	9
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.103,7
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	473.242
População urbana	hab	2000	374.616
População rural	hab	2000	56.757
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	443,17
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	239,98

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.596.130
Produção orgânica	Nº produtores	86
	Valor (R\$)	59.973,00
Turismo rural	Nº unidades	87

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção Animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	63.770
Bovinos	Efetivo (cab.)	70.960
Suínos	Efetivo (cab.)	44.485
Aves	Efetivo (cab.)	1.020.479
Leite	1.000 litros	28.550
Mel	kg	48.150
Ovos	1.000 dúzias	6.812
VBP animal	R\$ 1.000	37.884,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção Agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	7.237	59.665	8.244
Banana	738	13.475	18.259
C.-de-açúcar	984	33.710	34.258
Feijão	154	142	922
Fumo	31	62	2.000
Mandioca	1.626	28.505	17.531
Milho	4.473	12.535	2.802
Tomate	67	2.680	40.000

Fonte: IBGE.

### Produção de Origem Florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	2.153
Lenha	m <sup>3</sup>	264.166
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	121.750
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	4.245

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Brusque



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	8
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	2.095,8
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	167.258
População urbana	hab	2000	128.033
População rural	hab	2000	25.116
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	401,11
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	198,22

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	577.950
Produção orgânica	Nº produtores	21
	Valor (R\$)	1.398.150,00
Turismo rural	Nº unidades	31

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	36.950
Suínos	Efetivo (cab.)	6.520
Aves	Efetivo (cab.)	350.200
Leite	1.000 litros	7.042
Mel	kg	122.700
Ovos	1.000 dúzias	1.823
VBP animal	R\$ 1.000	11.473,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	2.455	17.213	7.011
Banana	359	5.817	16.203
Feijão	606	564	931
Fumo	2.033	4.277	2.104
Mandioca	1.754	33.212	18.935
Milho	3.650	16.270	4.458
Uva	107	1.834	17.140

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	86
Lenha	m <sup>3</sup>	165.500
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	8.850
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Caçador



### Dados Gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	6
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.748,3
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	104.756
População urbana	hab	2000	69.219
População rural	hab	2000	23.782
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	266,45
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	157,97

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

Fonte: IBGE

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	534.200
Produção orgânica	Nº produtores	518
	Valor (R\$)	427.432,00
Turismo rural	Nº unidades	14

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção Animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	69.840
Suínos	Efetivo (cab.)	87.470
Aves	Efetivo (cab.)	2.626.055
Leite	1.000 litros	9.602
Mel	kg	121.000
Ovos	1.000 dúzias	5.682
VBP animal	R\$ 1.000	46.399,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção Agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Alho	63	320	5.079
Cebola	866	20214	23.342
Feijão	4420	4390	993
Maçã	1286	46236	35.953
Milho	15760	52424	3.326
Tomate	835	47865	57.323
Uva	435	6102	14.028

Fonte: IBGE.

### Produção de Origem Florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	2.134
Erva mate	(t)	3.727
Lenha	m <sup>3</sup>	166.400
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	1.914.578
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	1.073.200

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Campos Novos



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	8
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.362,3
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	55.348
População urbana	hab	2000	35.124
População rural	hab	2000	18.947
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	263,63
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	124,84

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per capita.

Fonte: IBGE.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	305.200
Produção orgânica	Nº produtores	99
	Valor (R\$)	823.994,00
Turismo rural	Nº unidades	7

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção Animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	95.390
Suínos	Efetivo (cab.)	116.551
Aves	Efetivo (cab.)	2.430.561
Leite	1.000 litros	13.689
Mel	kg	98.090
Ovos	1.000 dúzias	5.308
VBP animal	R\$ 1.000	50.041,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Alho	63	320	5.079
Cebola	193	2.395	12.409
Feijão	17.210	13.215	768
Fumo	1.015	1.903	1.875
Maçã	1.009	41.305	40.937
Milho	36.350	128.735	3.542
Soja	38.600	53.382	1.383
Trigo	19.980	57.384	2.872

Fonte: IBGE.

### Produção de Origem Florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	7
Lenha	m <sup>3</sup>	127.640
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	646.820
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	613.400

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Canoinhas



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Município	nº	2005	7
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	4.505,4
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	126.535
População urbana	hab	2000	85.689
População rural	hab	2000	40.489
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	286,31
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	150,82

Fonte: IBGE

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	163.250
Produção orgânica	Nº produtores	1.039
	Valor (R\$)	769.663,00
Turismo rural	Nº unidades	24

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	74.760
Suínos	Efetivo (cab.)	79.595
Aves	Efetivo (cab.)	520.700
Leite	1.000 litros	24.570
Mel	kg	122.000
Ovos	1.000 dúzias	1.424
VBP animal	R\$ 1.000	30.961,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	231	381	1.649
Batata	240	4.060	16.917
Feijão	6.290	10.425	1.657
Fumo	13.796	28.759	2.085
Milho	33.500	180.220	5.380
soja	39.300	97.290	2.476
trigo	4.270	11.679	2.735

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	1.884
Lenha	m <sup>3</sup>	763.000
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	928.208
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	676.000

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Chapecó



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	11
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	1.832,8
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	207.070
População urbana	hab	2000	147.772
População rural	hab	2000	42.010
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	345,11
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	220,57

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per capita.

Fonte: IBGE.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	604.450
Produção orgânica	Nº produtores	317
	Valor (R\$)	793.130,00
Turismo rural	Nº unidades	28

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	118.695
Suínos	Efetivo (cab.)	298.441
Aves	Efetivo (cab.)	12.843.799
Leite	1.000 litros	56.073
Mel	kg	60.550
Ovos	1.000 dúzias	2.682
VBP animal	R\$ 1.000	198.260,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	365	330	904
Feijão	5.004	3991	798
Fumo	3.510	6281	1.789
Mandioca	606	7151	11.800
Milho	46.360	184743	3.985
Soja	15.690	22600	1.440
Trigo	5.980	11259	1.883

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	100
Lenha	m <sup>3</sup>	284.045
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	32.900
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Concórdia



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	16
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.311,4
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	145.662
População urbana	hab	2000	78.971
População rural	hab	2000	63.115
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	370,70
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	247,09

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per capita.

Fonte: IBGE.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	406.150
Produção orgânica	Nº produtores	514
	Valor (R\$)	588.962,00
Turismo rural	Nº unidades	38

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção Animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	212.062
Suínos	Efetivo (cab.)	1.394.185
Aves	Efetivo (cab.)	32.517.073
Leite	1.000 litros	153.663
Mel	kg	189.325
Ovos	1.000 dúzias	16.992
VBP animal	R\$ 1.000	633.814,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	951	903	950
C.-de-açúcar	1.086	34.131	31.428
Feijão	2.560	2.772	1.083
Fumo	1.060	1.984	1.872
Mandioca	941	16.637	17.680
Milho	76.100	253.084	3.326
Trigo	2.290	2.458	1.073

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	6
Lenha	m <sup>3</sup>	368.499
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	147.353
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	103.385

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Criciúma



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	10
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	2.082,7
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	368.783
População urbana	hab	2000	268.172
População rural	hab	2000	56.575
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	365,05
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	245,63

Fonte: IBGE

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	206.200
Produção orgânica	Nº produtores	-
	Valor (R\$)	-
Turismo rural	Nº unidades	74

Fonte: Epagri/Cepa.

Obs.: A região não produzia produtos orgânicos em 2002.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	68.461
Suínos	Efetivo (cab.)	125.529
Aves	Efetivo (cab.)	6.075.791
Leite	1.000 litros	21.594
Mel	kg	1.039.822
Ovos	1.000 dúzias	5.854
VBP animal	R\$ 1.000	74.721,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	19.766	134.088	6.784
Banana	2.020	16.540	8.188
Batata	532	7.655	14.389
Feijão	7.610	5.358	704
Fumo	10.470	21.937	2.095
Mandioca	850	13.865	16.312
Milho	13.262	53.353	4.023

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	250
Lenha	m <sup>3</sup>	309.207
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	20.759
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Curitibanos



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	6
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.574,1
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	65.003
População urbana	hab	2000	53.382
População rural	hab	2000	13.345
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	245,46
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	117,90

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	405.700
Produção orgânica	Nº produtores	26
	Valor (R\$)	159.648,00
Turismo rural	Nº unidades	5

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	81.927
Suínos	Efetivo (cab.)	10.095
Aves	Efetivo (cab.)	81.880
Leite	1.000 litros	3.032
Mel	kg	43.712
Ovos	1.000 dúzias	419
VBP animal	R\$ 1.000	17.718,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Alho	985	7900	8.020
Batata	81	1.418	17.506
Cebola	304	5.982	19.678
Feijão	8.100	7.434	918
Maçã	408	10.234	25.083
Milho	10.750	38.430	3.575
Soja	5.978	10.520	1.760

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	130
Lenha	m <sup>3</sup>	99.950
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	1.210.950
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	918.480

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Dionísio Cerqueira



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	6
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	13.681
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	50.576
População urbana	hab	2000	23.743
População rural	hab	2000	26.833
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	279,04
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	153,72

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	
Produção orgânica	Nº produtores	
	Valor (R\$)	
Turismo rural	Nº unidades	

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	105.390
Suínos	Efetivo (cab.)	120.433
Aves	Efetivo (cab.)	570.010
Leite	1.000 litros	83.492
Mel	kg	113.500
Ovos	1.000 dúzias	1.123
VBP animal	R\$ 1.000	-

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	280	186	664
C.-de-açúcar	270	6.570	24.333
Feijão	1.060	1.212	1.143
Fumo	3.940	6.903	1.752
Mandioca	700	13.370	19.100
Milho	33.010	121.104	3.669
Soja	12.980	26.248	2.022
Trigo	2.970	5.648	1.902
Uva	91	808	8.879

Fonte: IBGE.

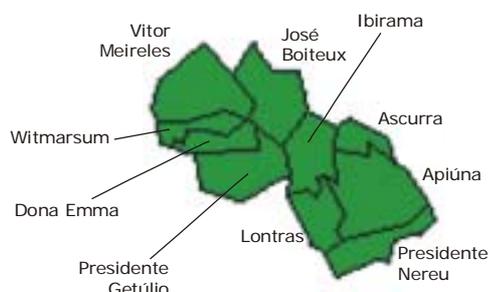
### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	54
Lenha	m <sup>3</sup>	26.130
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	8.255
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	3.856

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Ibirama



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	10
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	2.676,2
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	73.067
População urbana	hab	2000	41.336
População rural	hab	2000	29.612
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	317,77
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	191,43

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	886.772
Produção orgânica	Nº produtores	637
	Valor (R\$)	148.728,00
Turismo rural	Nº unidades	77

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	66.439
Suínos	Efetivo (cab.)	45.165
Aves	Efetivo (cab.)	634.350
Leite	1.000 litros	35.997
Mel	kg	122.150
Ovos	1.000 dúzias	956
VBP animal	R\$ 1.000	28.423,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	1.067	7.784	7.295
Batata	210	1.873	8.919
Cebola	297	5.601	18.859
Feijão	410	474	1.156
Fumo	10.311	20.555	1.994
Mandioca	1.237	30.696	24.815
Milho	8.920	23.235	2.605

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	457
Lenha	m <sup>3</sup>	236.220
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	35.780
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Itajaí



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº		11
Superfície	km <sup>2</sup>		1.520,0
População total <sup>(1)</sup>	hab		457.722
População urbana	hab		368.129
População rural	hab		26.008
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês		409,71
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês		280,85

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	362.984
Produção orgânica	Nº produtores	-
	Valor (R\$)	-
Turismo rural	Nº unidades	54

Fonte: Instituto Cepa/SC e Epagri.

Obs.: A região não produzia produtos orgânicos em 2002.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	59.694
Suínos	Efetivo (cab.)	18.856
Aves	Efetivo (cab.)	2.475.221
Leite	1.000 litros	10.597
Mel	kg	9.230
Ovos	1.000 dúzias	3.753
VBP animal	R\$ 1.000	36.483,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	7.360	66.170	8.990
Banana	5.031	163.600	32.518
C.-de-açúcar	407	15.360	37.740
Mandioca	165	2.380	14.424
Milho	62	152	2.452
Tomate	3	120	40.000

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	1.454
Lenha	m <sup>3</sup>	392.791
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	228.184
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Ituporanga



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	10
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	2.713,2
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	68.133
População urbana	hab	2000	27.395
População rural	hab	2000	41.898
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	322,09
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	200,35

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	931.353
Produção orgânica	Nº produtores	215
	Valor (R\$)	188.257,00
Turismo rural	Nº unidades	36

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	91.050
Suínos	Efetivo (cab.)	78.120
Aves	Efetivo (cab.)	472.300
Leite	1.000 litros	43.380
Mel	kg	180.100
Ovos	1.000 dúzias	1.660
VBP animal	R\$ 1.000	40.774,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	360	2.521	7.003
Batata	625	6.743	10.789
Cebola	15.160	346.550	22.859
Feijão	4.350	5.627	1.294
Fumo	17.730	35.068	1.978
Mandioca	1.175	26.525	22.574
Milho	22.765	97.608	4.288
Tomate	51	3.270	64.118

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	28
Lenha	m <sup>3</sup>	304.100
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	24.131
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	11.899

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Jaraguá do Sul



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	5
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	1.731,9
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	190.452
População urbana	hab	2000	138.090
População rural	hab	2000	29.413
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	404,51
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	247,53

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup>Estimativa.

<sup>(2)</sup>Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	978.825
Produção orgânica	Nº produtores	16
	Valor (R\$)	75.735,00
Turismo rural	Nº unidades	40

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	30.920
Suínos	Efetivo (cab.)	38.529
Aves	Efetivo (cab.)	2.841.100
Leite	1.000 litros	15.546
Mel	kg	11.815
Ovos	1.000 dúzias	845
VBP animal	R\$ 1.000	45.260,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção Agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	13.610	116.588	8.566
Banana	9.831	292.806	29.784
C.-de-açúcar	570	17.380	30.491
Fumo	30	64	2.133
Mandioca	755	16.335	21.636
Milho	1.135	4.251	3.745

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	27
Lenha	m <sup>3</sup>	60.350
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	170.340
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	5.712

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Joaçaba



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	12
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.469,2
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	118.394
População urbana	hab	2000	80.358
População rural	hab	2000	31.859
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	350,32
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	223,28

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	401.350
Produção orgânica	Nº produtores	16
	Valor (R\$)	15.325,00
Turismo rural	Nº unidades	26

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	156.100
Suínos	Efetivo (cab.)	445.940
Aves	Efetivo (cab.)	16.509.957
Leite	1.000 litros	61.573
Mel	kg	85.030
Ovos	1.000 dúzias	18.214
VBP animal	R\$ 1.000	282.326,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
C.-de-açúcar	395	9.026	22.851
Feijão	2.157	3.228	1.497
Fumo	488	891	1.826
Maçã	690	17.595	25.500
Milho	44.760	195.499	4.368
Soja	14.949	26.818	1.794
Trigo	3.315	6.905	2.083
Uva	90	861	9.567

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	463
Lenha	m <sup>3</sup>	319.080
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	290.913
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	247.700

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Joinville



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	8
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.180,3
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	587.839
População urbana	hab	2000	505.401
População rural	hab	2000	25.102
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	385,21
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	252,69

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.497.923
Produção orgânica	Nº produtores	41
	Valor (R\$)	279.636,00
Turismo rural	Nº unidades	58

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	34.436
Suínos	Efetivo (cab.)	10.278
Aves	Efetivo (cab.)	6.551.569
Leite	1.000 litros	6.740
Mel	kg	33.780
Ovos	1.000 dúzias	3.910
VBP animal	R\$ 1.000	34.436

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	8.730	59783	6.848
Banana	5.223	123681	23.680
C.-de-açúcar	136	6360	46.765
Feijão	71	66	930
Mandioca	612	8832	14.431
Milho	194	530	2.732
Tomate	3	135	45.000

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	300
Lenha	m <sup>3</sup>	112.502
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	124.256
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Lages



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	11
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	10.104,9
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	244.549
População urbana	hab	2000	192.527
População rural	hab	2000	39.506
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	320,61
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	132,53

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas – 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	668.100
Produção orgânica	Nº produtores	490
	Valor (R\$)	225.977,00
Turismo rural	Nº unidades	41

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	340.040
Suínos	Efetivo (cab.)	49.364
Aves	Efetivo (cab.)	542.404
Leite	1.000 litros	27.740
Mel	kg	241.035
Ovos	1.000 dúzias	2.708
VBP animal	R\$ 1.000	56.419,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Alho	130	1103	8.485
Arroz	670	810	1.209
Batata	675	7.360	10.904
Feijão	17.500	16.935	968
Fumo	276	453	1.641
Maçã	1.003	23.910	23.838
Milho	37.900	98.035	2.587
Soja	4.920	10.598	2.154
Trigo	1.916	5.689	2.969

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	297
Lenha	m <sup>3</sup>	299.500
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	1.139.271
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	1.446.390

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Laguna



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº		6
Superfície	km <sup>2</sup>		2.053,5
População total <sup>(1)</sup>	hab		136.024
População urbana	hab		100.234
População rural	hab		30.139
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês		261,29
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês		162,39

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	164.300
Produção orgânica	Nº produtores	109
	Valor (R\$)	425.184,00
Turismo rural	Nº unidades	23

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	50.051
Suínos	Efetivo (cab.)	21.238
Aves	Efetivo (cab.)	619.157
Leite	1.000 litros	7.585
Mel	kg	67.865
Ovos	1.000 dúzias	3.478
VBP animal	R\$ 1.000	16.864,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	12.250	84.998	6.939
Banana	76	972	12.789
C.-de-açúcar	1.000	56.725	56.725
Feijão	745	585	785
Fumo	1.024	2.179	2.128
Mandioca	4.770	77.410	16.229
Milho	730	2.369	3.245

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	34
Lenha	m <sup>3</sup>	43.452
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	7.474
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Mafra



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	7
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	5.942,4
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	224.694
População urbana	hab	2000	160.343
População rural	hab	2000	48.633
Renda urbana média <sup>(1)</sup>	R\$/mês	2000	279,87
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	155,88

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	262.900
Produção orgânica	Nº produtores	185
	Valor (R\$)	51.425
Turismo rural	Nº unidades	35

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	99.051
Suínos	Efetivo (cab.)	109.506
Aves	Efetivo (cab.)	4.182.015
Leite	1.000 litros	24.083
Mel	kg	173.730
Ovos	1.000 dúzias	1.733
VBP animal	R\$ 1.000	59.967,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	328	896	2.732
Batata	530	6.979	13.168
Feijão	7.605	13.633	1.793
Fumo	11.856	24.646	2.079
Milho	35.040	214.020	6.108
Soja	40.050	102.549	2.561
Tomate	26	1.540	59.231
Trigo	5.470	14.383	2.629

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	2.579
Lenha	m <sup>3</sup>	737.500
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	1.381.188
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	445.743

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Maravilha



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	12
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	1.522,4
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	66.854
População urbana	hab	2000	34.419
População rural	hab	2000	35.065
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	281,82
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	177,13

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	400.150
Produção orgânica	Nº produtores	110
	Valor (R\$)	305.090,00
Turismo rural	Nº unidades	21

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	110.934
Suínos	Efetivo (cab.)	153.649
Aves	Efetivo (cab.)	4.554.200
Leite	1.000 litros	75.162
Mel	kg	85.700
Ovos	1.000 dúzias	2.262
VBP animal	R\$ 1.000	100.600,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	565	387	685
C.-de-açúcar	884	24.999	28.279
Feijão	4.996	3.894	779
Fumo	5.795	10.293	1.776
Mandioca	1.642	31.114	18.949
Milho	49.930	198.767	3.981
Soja	9.160	14.882	1.625
Trigo	3.125	5.738	1.836

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	65
Lenha	m <sup>3</sup>	101.970
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	26.820
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Palmitos



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	8
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	1.500,9
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	63.479
População urbana	hab	2000	29.563
População rural	hab	2000	33.916
Renda urbana média <sup>(1)</sup>	R\$/mês	2000	358,39
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	245,50

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	580.630
Produção orgânica	Nº produtores	804
	Valor (R\$)	760.955,00
Turismo rural	Nº unidades	12

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	93.896
Suínos	Efetivo (cab.)	229.480
Aves	Efetivo (cab.)	4.018.005
Leite	1.000 litros	94.058
Mel	kg	106.325
Ovos	1.000 dúzias	1.160
VBP animal	R\$ 1.000	100.151,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	390	441	1.131
C.-de-açúcar	1.208	36.450	30.174
Feijão	9.543	8.939	937
Fumo	6.939	13.026	1.877
Mandioca	2.235	49.612	22.198
Milho	43.930	196.372	4.470
Soja	8.120	13.488	1.661
Trigo	1.050	1.710	1.629
Uva	69	557	8.072

Fonte: IBGE.

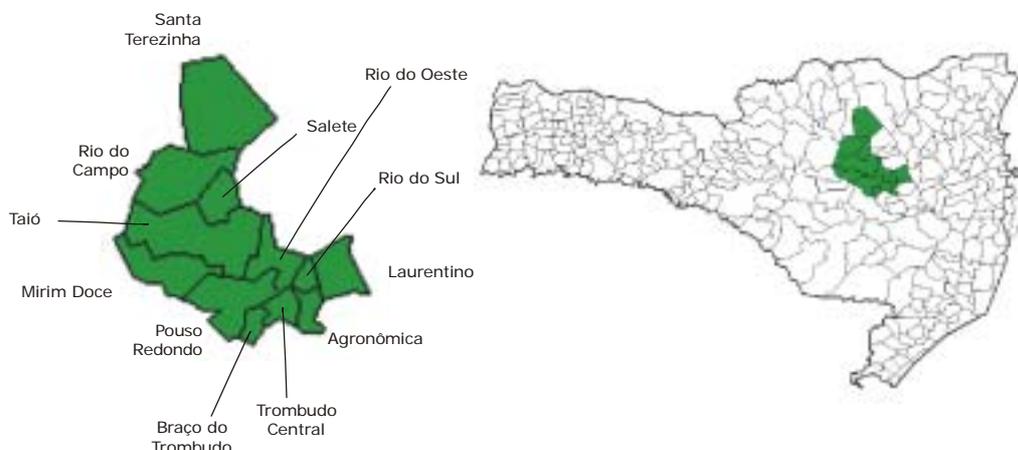
### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	31
Lenha	m <sup>3</sup>	116.000
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	15.000
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	1.000

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Rio do Sul



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	12
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.675,5
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	134.377
População urbana	hab	2000	83.356
População rural	hab	2000	47.063
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	363,93
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	202,82

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	854.076
Produção orgânica	Nº produtores	194
	Valor (R\$)	326.852,00
Turismo rural	Nº unidades	56

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	110.223
Suínos	Efetivo (cab.)	113.878
Aves	Efetivo (cab.)	2.360.100
Leite	1.000 litros	53.202
Mel	kg	250.100
Ovos	1.000 dúzias	2.209
VBP animal	R\$ 1.000	70.089,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	11.341	86.564	7.633
Batata	300	3.252	10.840
Cebola	545	7.764	14.246
Feijão	2.551	3.005	1.178
Fumo	15.704	32.680	2.081
Mandioca	3.000	66.000	22.000
Milho	19.330	65.315	3.379

Fonte: IBGE.

### Produção de origem Florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	129
Lenha	m <sup>3</sup>	223.100
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	127.025
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	77.700

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## São Joaquim



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	6
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	5.512,1
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	51.261
População urbana	hab	2000	31.987
População rural	hab	2000	18.088
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	236,52
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	197,35

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	242.000
Produção orgânica	Nº produtores	33
	Valor (R\$)	55.447,00
Turismo rural	Nº unidades	22

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	159.322
Suínos	Efetivo (cab.)	18.791
Aves	Efetivo (cab.)	353.859
Leite	1.000 litros	12.839
Mel	kg	318.910
Ovos	1.000 dúzias	2.721
VBP animal	R\$ 1.000	29.735,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Batata	1.520	17.812	11.718
Cebola	915	8.500	9.290
Feijão	1.481	1.674	1.130
Fumo	812	1.463	1.802
Maçã	7.166	209.302	29.208
Milho	6.125	22.811	3.724
Tomate	160	9.300	58.125

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	-
Lenha	m <sup>3</sup>	140.957
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	382.789
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	218.550

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## São José



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	13
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	4.163,6
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	815.642
População urbana	hab	2000	677.099
População rural	hab	2000	47.173
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	534,45
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	227,76

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	460.671
Produção orgânica	Nº produtores	500
	Valor (R\$)	15.859.235
Turismo rural	Nº unidades	67

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	94.815
Suínos	Efetivo (cab.)	20.262
Aves	Efetivo (cab.)	3.912.122
Leite	1.000 litros	28.983
Mel	kg	223.620
Ovos	1.000 dúzias	10.698
VBP animal	R\$ 1.000	54.547,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	1.710	9.966	5.828
Banana	684	8.777	12.832
Batata	1.114	13.931	12.505
C.-de-açúcar	2.015	74.920	37.181
Cebola	1.836	21.983	11.973
Feijão	1.212	1.332	1.099
Mandioca	1.795	31.485	17.540
Milho	6.085	21.475	3.529
Tomate	961	50.455	52.503

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	-
Lenha	m <sup>3</sup>	-
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	-
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## São Lourenço do Oeste



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	13
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	2.188,0
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	64.181
População urbana	hab	2000	32.368
População rural	hab	2000	35.460
Renda urbana média <sup>(3)</sup>	R\$/mês	2000	275,49
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	200,22

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	461.330
Produção orgânica	Nº produtores	293
	Valor (R\$)	554.729,00
Turismo rural	Nº unidades	22

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	140.715
Suínos	Efetivo (cab.)	215.548
Aves	Efetivo (cab.)	3.409.000
Leite	1.000 litros	116.297
Mel	kg	87.250
Ovos	1.000 dúzias	1.206
VBP animal	R\$ 1.000	113.806,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	775	549	708
C.-de-açúcar	764	27.117	35.493
Feijão	6.440	8.239	1.279
Fumo	1.312	2.374	1.809
Mandioca	1.247	12.815	10.277
Milho	75.430	320.260	4.246
Soja	26.625	56.795	2.133
Trigo	6.990	6.990	1.000
Uva	167	1.458	8.731

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	109
Lenha	m <sup>3</sup>	102.404
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	28.286
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## São Miguel do Oeste



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	18
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.567,5
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	96.290
População urbana	hab	2000	74.320
População rural	hab	2000	76.455
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	303,31
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	158,94

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.155.410
Produção orgânica	Nº produtores	1.127
	Valor (R\$)	753.395,00
Turismo rural	Nº unidades	39

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	211.970
Suínos	Efetivo (cab.)	312.601
Aves	Efetivo (cab.)	7.602.017
Leite	1.000 litros	155.391
Mel	kg	191.900
Ovos	1.000 dúzias	8.627
VBP animal	R\$ 1.000	290.317,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	449	535	1.192
C.-de-açúcar	905	40.550	44.807
Feijão	3.045	2.973	976
Fumo	7.263	12.642	1.741
Mandioca	1.870	46.905	25.083
Milho	50.837	172.221	3.388
Soja	5.408	8.423	1.558
Trigo	2.735	4.289	1.568
Uva	336	2.237	6.658

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	-
Lenha	m <sup>3</sup>	72.670
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	8.215
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Tubarão



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	14
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	3.026,6
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	208.386
População urbana	hab	2000	141.988
População rural	hab	2000	71.318
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	365,60
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	283,65

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.227.000
Produção orgânica	Nº produtores	1.239
	Valor (R\$)	2.231.827,00
Turismo rural	Nº unidades	87

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	130.223
Suínos	Efetivo (cab.)	341.615
Aves	Efetivo (cab.)	2.045.985
Leite	1.000 litros	46.301
Mel	kg	81.239
Ovos	1.000 dúzias	17.388
VBP animal	R\$ 1.000	173.782,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	8.919	65.306	7.322
Batata	901	14.956	16.599
Cana-de-açúcar	2.635	108.650	41.233
Feijão	3.814	3.643	955
Fumo	6.492	13.621	2.098
Mandioca	3.170	58.945	18.595
Milho	8.768	35.293	4.025
Uva	118	1.513	12.822

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	1.826
Lenha	m <sup>3</sup>	258.518
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	25.672
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Videira



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	7
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	1.663,8
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	103.369
População urbana	hab	2000	74.398
População rural	hab	2000	21.575
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	305,30
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	243,85

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa.

<sup>(2)</sup> Renda per capita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	357.235
Produção orgânica	Nº produtores	27
	Valor (R\$)	38.785,00
Turismo rural	Nº unidades	19

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	53.945
Suínos	Efetivo (cab.)	449.200
Aves	Efetivo (cab.)	6.430.900
Leite	1.000 litros	22.847
Mel	kg	84.000
Ovos	1.000 dúzias	6.083
VBP animal	R\$ 1.000	172.828,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	70	364	5.200
Arroz	305	321	1.052
Feijão	4.860	6.204	1.277
Fumo	385	700	1.818
Maçã	5.938	231.066	38.913
Milho	22.690	97.625	4.303
Uva	1.406	18.697	13.298

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	11
Lenha	m <sup>3</sup>	56.220
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	272.440
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	70.250

Fonte: IBGE.

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Xanxerê



### Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2005	14
Superfície	km <sup>2</sup>	2005	4.482,4
População total <sup>(1)</sup>	hab	2004	140.598
População urbana	hab	2000	82.252
População rural	hab	2000	51.231
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	305,44
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	201,07

Fonte: IBGE.

<sup>(1)</sup>Estimativa.

<sup>(2)</sup>Renda per cápita.

### Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	724.195
Produção orgânica	Nº produtores	35
	Valor (R\$)	47.290,00
Turismo rural	Nº unidades	22

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção animal - 2003

Espécie	Unidade	Quantidade
<b>Produto</b>		
Bovinos	Efetivo (cab.)	157.796
Suínos	Efetivo (cab.)	427.809
Aves	Efetivo (cab.)	12.444.295
Leite	1.000 litros	81.282
Mel	kg	117.415
Ovos	1.000 dúzias	31.053
VBP animal	R\$ 1.000	256.835,00

Fonte: Epagri/Cepa.

### Produção agrícola - 2004

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento(kg/ha)
Arroz	622	987	1.587
Feijão	8.886	12.819	1.443
Fumo	2.423	4.383	1.809
Milho	67.517	433.031	6.414
Soja	89.359	191.632	2.145
Trigo	23.455	49.639	2.116
Uva	159	1.488	9.358

Fonte: IBGE.

### Produção de origem florestal - 2003

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	(t)	324
Lenha	m <sup>3</sup>	427.150
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	325.976
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	191.475

Fonte: IBGE.

## ANEXO II

### Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação Mesorregiões, Microrregiões Geográficas e Municípios

---

Mesorregião Oeste Catarinense

---

**MRG São Miguel do Oeste**

---

Anchieta  
Bandeirante  
Barra Bonita  
Belmonte  
Descanso  
Dionísio Cerqueira  
Guaraciaba  
Guarujá do Sul  
Iporã do Oeste  
Itapiranga  
Mondai  
Palma Sola  
Paraíso  
Princesa  
Riqueza  
Romelândia  
Santa Helena  
São João do Oeste  
São José do Cedro  
São Miguel do Oeste  
Tunápolis

---

**MRG Chapecó**

---

Águas de Chapecó  
Águas Frias  
Bom Jesus do Oeste  
Caibi

---

(Continua)

(Continuação)

---

**MRG Chapecó**

---

Campo Erê  
Caxambú do Sul  
Chapecó  
Cordilheira Alta  
Coronel Freitas  
Cunha Porã  
Cunhataí  
Flor do Sertão  
Formosa do Sul  
Guatambu  
Iraceminha  
Iraí  
Jardinópolis  
Maravilha  
Modelo  
Nova Erechim  
Nova Itaberaba  
Novo Horizonte  
Palmitos  
Pinhalzinho  
Planalto Alegre  
Quilombo  
Saltinho  
Santa Terezinha do Progresso  
Santiago do Sul  
São Bernardino  
São Carlos  
São Lourenço do Oeste

---

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

---

### MRG Chapecó

---

São Miguel da Boa Vista  
Saudades  
Serra Alta  
Sul Brasil  
Tigrinhos  
União do Oeste

---

### MRG Xanxerê

---

Abelardo Luz  
Bom Jesus  
Coronel Martins  
Entre Rios  
Faxinal dos Guedes  
Galvão  
Ipuaçu  
Jupia  
Lajeado Grande  
Marema  
Ouro Verde  
Passos Maia  
Ponte Serrada  
São Domingos  
Vargeão  
Xanxerê  
Xaxim

---

### MRG Joaçaba

---

Água Doce  
Arroio Trinta  
Caçador  
Calmon  
Capinzal  
Catanduvas  
Erval Velho  
Fraiburgo  
Herval do Oeste  
Ibiam  
Ibicaré  
Iomerê  
Jaborá  
Joaçaba  
Lacerdópolis

---

(Continua)

(Continuação)

---

### MRG Joaçaba

---

Lebon Régis  
Luzerna  
Macieira  
Matos Costa  
OuroPinheiro Preto  
Rio das Antas  
Salto Veloso  
Tangará  
Treze Tilias  
Vargem Bonita  
Videira

---

### MRG Concórdia

---

Alto bela Vista  
Arabutã  
Arvoredo  
Concórdia  
Ipira  
Ipumirim  
Irani  
Itá  
Lindóia do Sul  
Paial  
Peritiba  
Piratuba  
Presidente Castelo Branco  
Seara  
Xavantina

---

### Mesorregião Norte Catarinense

---

### MRG Canoinhas

---

Bela Vista do Toldo  
Canoinhas  
Irineópolis  
Itaiópolis  
Mafra  
Major Vieira  
Monte Castelo  
Papanduva  
Porto União  
Santa Terezinha  
Timbó Grande  
Três Barras

---

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

### MRG São Bento do Sul

Campo Alegre  
Rio Negrinho  
São Bento do Sul

### MRG Joinville

Araquari  
Balneário Barra do Sul  
Corupá  
Garuva  
Guaramirim  
Itapoá  
Jaraguá do Sul  
Joinville  
Massaranduba  
São Francisco do Sul  
Schroeder

### Mesorregião Serrana

### MRG Curitibaanos

Abdon Batista  
Brunópolis  
Campos Novos  
Curitibaanos  
Frei Rogério  
Monte Carlo  
Ponte Alta  
Ponte Alta do Norte  
Santa Cecília  
São Cristovão do Sul  
Vargem  
Zortéa

### MRG Campos de Lages

Anita Garibaldi  
Bocaina do Sul  
Bom Jardim da Serra  
Bom Retiro  
Campo Belo do Sul  
Capão Alto  
Celso Ramos  
Cerro Negro  
Correia Pinto

(Continua)

(Continuação)

### MRG Campos de Lages

Lages  
Otacílio Costa  
Painel  
Palmeira  
Rio Rufino  
São Joaquim  
São José do Cerrito  
Urubici  
Urupema

### Mesorregião Vale do Itajaí

### MRG Rio do Sul

Agronômica  
Aurora  
Braço do Trombudo  
Doma Emma  
Ibirama  
José Boiteux  
Laurentino  
Lontras  
Mirim Doce  
Pouso Redondo  
Presidente Getúlio  
Presidente Nereu  
Rio do Campo  
Rio do Oeste  
Rio do Sul  
Salete  
Taió  
Trombudo Central  
Vitor Meireles  
Witmarsum

### MRG Blumenau

Apiuna  
Ascurrra  
Benedito Novo  
Blumenau  
Botuverá  
Brusque  
Doutor Pedrinho  
Gaspar

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

### MRG Blumenau

Guabiruba  
Indaial  
Luiz Alves  
Pomerode  
Rio dos Cedros  
Rodeio  
Timbó

### MRG Itajaí

Balneário Camboriú  
Barra Velha  
Bombinhas  
Camboriú  
Ilhota  
Itajaí  
Itapema  
Navegantes  
Penha  
Piçarras  
Porto Belo  
São João do Itaperiú

### MRG Ituporanga

Agrolândia  
Atalanta  
Chapadão do Lajeado  
Imbuia  
Ituporanga  
Petrolândia  
Vidal Ramos

### Mesorregião Grande Florianópolis

### MRG Tijucas

Angelina  
Canelinha  
Leoberto Leal  
Major Gercino  
Nova Trento  
São João Batista  
Tijucas

(Continua)

(Continuação)

### MRG Florianópolis

Antônio Carlos  
Biguaçu  
Florianópolis  
Governador Celso Ramos  
Palhoça  
Paulo Lopes  
Santo Amaro da Imperatriz  
São José  
São Pedro de Alcântara

### MRG Tabuleiro

Águas Mornas  
Alfredo Wagner  
Anitápolis  
Rancho Queimado  
São Bonifácio

### Mesorregião Sul Catarinense

### MRG Tubarão

Armazém  
Braço do Norte  
Capivari de Baixo  
Garopaba  
Grão Pará  
Gravatal  
Imarú  
Imbituba  
Jaguaruna  
Laguna  
Orleans  
Pedras Grandes  
Rio Fortuna  
Sangão  
Santa Rosa de Lima  
São Ludgero  
São Martinho  
Treze de Maio  
Tubarão

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

### MRG Criciúma

Cocal do Sul  
Criciúma  
Forquilha  
Içara  
Lauro Muller  
Morro da Fumaça  
Nova Veneza  
Siderópolis  
Treviso  
Urussanga

(Continua)

(Continuação)

### MRG Araranguá

Araranguá  
Balneário Arroio do Silva  
Balneário Gaivota  
Ermo  
Jacinto Machado  
Maracajá  
Meleiro  
Morro Grande  
Passo de Torres  
Praia Grande  
Santa Rosa do Sul  
São João do Sul  
Sombrio  
Timbé do Sul  
Turvo

Fonte:

## ANEXO III

### Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, segundo as Secretarias de Desenvolvimento Regional

Araranguá	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Ermo Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Passo de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul Sombrio Timbe do Sul Turvo
Blumenau	Benedito Novo Blumenau Doutor Pedrinho Gaspar Indaial Pomerode Rio dos Cedros Rodeio Timbo
Brusque	Botuvera Brusque Canelinha Guabiruba Major Gercino Nova Trento Sao Joao Batista Tijucas

(Continua)

Caçador	Caçador Calmon Lebon Regis Macieira Matos Costa Rio das Antas Timbo Grande
Campos Novos	Abdon Batista Brunopolis Campos Novos Celso Ramos Ibiam Monte Carlo Vargem Zortea
Canoinhas	Bela Vista do Toldo Canoinhas Irineopolis Major Vieira Porto Uniao Tres Barras
Chapecó	Aguas Frias Caxambu do Sul Chapeco Cordilheira Alta Coronel Freitas Guatambu Nova Erechim Nova Itaberaba Planalto Alegre Serra Alta Sul Brasil

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Concórdia	Alto Bela Vista Arabuta Arvoredo Concordia Ipira Ipumirim Irani Ita Jabora Lindóia do Sul Paial Peritiba Piratuba Presidente Castelo Branco Seara Xavantina
Criciúma	Cocal do Sul Criciúma Forquilha Icara Lauro Muller Morro da Fumaca Nova Veneza Orleans Siderópolis Treviso Urussanga
Curitibanos	Curitibanos Frei Rogério Ponte Alta do Norte Santa Cecília São Cristóvão do Sul
Dionísio Cerqueira	Anchieta Dionísio Cerqueira Guarujá do Sul Palma Sola Princesa São José do Cedro
Grande Florianópolis	Águas Mornas Angelina Anitópolis Antônio Carlos Biguaçu Florianópolis Governador Celso Ramos Palhoca Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São Bonifácio São José São Pedro de Alcântara

(Continua)

(Continuação)

Ibirama	Apiuna Ascurra Dona Emma Ibirama José Boiteux Lontras Presidente Getúlio Presidente Nereu Vitor Meireles Witmarsum
Itajaí	Balneário Camboriú Bombinhas Camboriú Ilhota Itajaí Itapema Luiz Alves Navegantes Penha Picarras Porto Belo Agrolândia Alfredo Wagner Atalanta Aurora Chapadão do Lajeado Imbuia Ituporanga Leoberto Leal Petrolândia Vidal Ramos Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba Schroeder Água Doce Capinzal Catanduvas Erval Velho Herval do Oeste Ibicaré Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Ouro Treze Tilias Vargem Bonita
Ituporanga	
Jaraguá do Sul	
Joaçaba	

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Joinville	Araquari Balneario Barra do Sul Barra Velha Garuva Itapoa Joinville Sao Francisco do Sul Sao Joao do Itaperiu
Lages	Anita Garibaldi Bocaina do Sul Campo Belo do Sul Capao Alto Cerro Negro Correia Pinto Lages Otacilio Costa Painel Palmeira Ponte Alta Sao Jose do Cerrito
Laguna	Garopaba Imarui Imbituba Jaguaruna Laguna Paulo Lopes
Mafra	Campo Alegre Itaiopolis Mafra Monte Castelo Papanduva Rio Negrinho Sao Bento do Sul
Maravilha	Bom Jesus do Oeste Flor do Sertao Iraceminha Maravilha Modelo Pinhalzinho Romelandia Saltinho Santa Terezinha do Progresso Sao Miguel da Boa Vista Saudades Tigrinhos

(Continua)

(Continuação)

Palmitos	Águas de Chapeco Caibi Cunha Porã Cunhatai Mondai Palmitos Riqueza Sao Carlos
Rio do Sul	Agronômica Braço do Trombudo Laurentino Mirim Doce Pouso Redondo Rio do Campo Rio do Oeste Rio do Sul Salete Santa Terezinha Taio Trombudo Central
São Joaquim	Bom Jardim da Serra Bom Retiro Rio Rufino Sao Joaquim Urubici Urupema
São Lourenço do Oeste	Campo Erê Coronel Martins Formosa do Sul Galvão Irati Jardinópolis Jupia Novo Horizonte Quilombo Santiago do Sul Sao Bernardino São Lourenço do Oeste União do Oeste

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

---

São Miguel do Oeste	Bandeirante
	Barra Bonita
	Belmonte
	Descanso
	Guaraciaba
	Ipora do Oeste
	Itapiranga
	Paraíso
	Santa Helena
	São João do Oeste
	São Miguel do Oeste
Tubarão	Tunapolis
	Armazem
	Braco do Norte
	Capivari de Baixo
	Grao Para
	Gravatal
	Pedras Grandes
	Rio Fortuna
	Sangão
	Santa Rosa de Lima
	São Ludgero
	São Martinho
	Treze de Maio
	Tubarão

---

(Continua)

(Continuação)

---

Videira	Arroio Trinta
	Fraiburgo
	Iomere
	Pinheiro Preto
	Salto Veloso
	Tangara
	Videira
Xanxerê	Abelardo Luz
	Bom Jesus
	Entre Rios
	Faxinal dos Guedes
	Ipuacu
	Lajeado Grande
	Marema
	Ouro Verde
	Passos Maia
	Ponte Serrada
	São Domingos
	Vargeão
	Xanxere
	Xaxim

---

Fonte: IBGE.

## ANEXO IV

### Associações de municípios do Estado de Santa Catarina

---

#### Associação dos municípios da região da Grande Florianópolis - GRANFPOLIS

---

Águas Mornas 80  
Alfredo Wagner  
Angelina  
Anitápolis  
Antônio Carlos  
Biguaçu  
Canelinha  
Florianópolis  
Garopaba  
Governador Celso Ramos  
Leoberto Leal  
Major Gercino  
Nova Trento  
Palhoça  
Paulo Lopes  
Rancho Queimado  
Santo Amaro da Imperatriz  
São Bonifácio  
São João Batista  
São José  
São Pedro de Alcântara  
Tijucas

---

#### Associação dos municípios da Foz do Rio Itajaí - AMFRI

---

Balneário Camboriú  
Bombinhas  
Camboriú  
Ilhota  
Itajaí  
Itapema  
Luiz Alves  
Navegantes  
Penha  
Piçarras  
Porto Belo

---

(Continua)

(Continuação)

---

#### Associação dos municípios do Médio Vale do Itajaí - AMMVI

---

Apiúna  
Acurra  
Benedito Novo  
Blumenau  
Botuverá  
Brusque  
Doutor Pedrinho  
Gaspar  
Guabiruba  
Indaial  
Pomerode  
Rio dos Cedros  
Rodeio  
Timbó

---

#### Associação dos municípios do Nordeste de Santa Catarina - AMUNESC

---

Araquari  
Balneário Barra do Sul  
Campo Alegre  
Garuva  
Itapoá  
Joinville  
Rio Negrinho  
São Bento do Sul  
São Francisco do Sul

---

#### Associação dos municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC

---

Águas de Chapecó  
Águas Frias  
Caxambu do Sul  
Chapecó

---

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

### Associação dos municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC

Cordilheira Alta  
Coronel Freitas  
Formosa do Sul  
Guatambu  
Iraí  
Jardínópolis  
Nova Erechim  
Nova Itaberaba  
Pinhalzinho  
Planalto Alegre  
Quilombo  
Santiago do Sul  
São Carlos  
Serra Alta  
Sul Brasil  
União do Oeste

### Associação dos municípios do Planalto Norte Catarinense - AMPLA

Itaiópolis  
Maíra  
Monte Castelo  
Papanduva

### Associação dos municípios da Região Carbonífera - AMREC

Cocal do Sul  
Criciúma  
Forquilha  
Içara  
Lauro Müller  
Morro da Fumaça  
Nova Veneza  
Siderópolis  
Treviso  
Urussanga

### Associação dos municípios do alto Uruguai Catarinense - AMAUC

Alto Bela Vista  
Arabutã  
Arvoredo  
Concórdia  
Ipira  
Ipumirim  
Irani  
Ita  
Lindóia do Sul  
Paial

(Continua)

(Continuação)

### Associação dos municípios do alto Uruguai Catarinense - AMAUC

Peritiba  
Piratuba  
Presidente Castelo Branco  
Seara  
Xavantina

### Associação dos municípios da Região de Laguna - AMUREL

Armazém  
Braço do Norte  
Capivari de Baixo  
Grão Pará  
Gravatal  
Imarui  
Imbituba  
Jaguaruna  
Laguna  
Orleans  
Pedras Grandes  
Rio Fortuna  
Sangão  
Santa Rosa de Lima  
São Ludgero  
São Martinho  
Treze de Maio  
Tubarão

### Associação dos municípios da Região Serrana - AMURES

Anita Garibaldi  
Bocaina do Sul  
Bom Jardim da Serra  
Bom Retiro  
Campo Belo do Sul  
Capão Alto  
Cerro Negro  
Correia Pinto  
Lages  
Otacílio Costa  
Painel  
Palmeira  
Ponte Alta  
Rio Rufino  
São Joaquim  
São José do Cerrito  
Urubici  
Urupema

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

---

### Associação dos municípios do alto Vale do Rio do Peixe - AMARP

---

Arroio Trinta  
Caçador  
Calmon  
Curitibanos  
Fraiburgo  
Frei Rogério  
Ibiam  
Iomerê  
Lebon Régis  
Macieira  
Pinheiro Preto  
Ponte Alta do Norte  
Rio das Antas  
Salto Veloso  
Santa Cecília  
São Cristóvão do Sul  
Timbó Grande  
Videira

---

### Associação dos municípios do alto Vale do Itajaí - AMAVI

---

Agrolândia  
Agronômica  
Atalanta  
Aurora  
Braço do Trombudo  
Chapadão do Lajeado  
Dona Emma  
Ibirama  
Imbuia  
Ituporanga  
José Boiteux  
Laurentino  
Lontras  
Mirim Doce  
Petrolândia  
Pouso Redondo  
Presidente Getúlio  
Presidente Nereu  
Rio do Campo  
Rio do Oeste  
Rio do Sul  
Salette  
Santa Terezinha  
Taió  
Trombudo Central  
Vidal Ramos  
Vitor Meireles  
Witmarsum

(Continua)

(Continuação)

---

### Associação dos municípios do Meio Oeste Catarinense - AMMOC

---

Água Doce  
Capinzal  
Catanduvas  
Erval Velho  
Herval do Oeste  
Ibicaré  
Jaborá  
Joaçaba  
Lacerdópolis  
Luzerna  
Ouro  
Tangará  
Treze Tilias  
Vargem Bonita

---

### Associação dos municípios do Extremo Oeste Catarinense - AMEOSC

---

Anchieta  
Bandeirante  
Barra Bonita  
Belmonte  
Descanso  
Dionísio Cerqueira  
Guaraciaba  
Guarujá do Sul  
Iporá do Oeste  
Itapiranga  
Mondai  
Palma Sola  
Paraíso  
Princesa  
Santa Helena  
São João do Oeste  
São José do Cedro  
São Miguel do Oeste  
Tunápolis

---

### Associação dos municípios do alto Irani - AMAI

---

Abelardo Luz  
Bom Jesus  
Coronel Martins  
Entre Rios  
Faxinal dos Guedes  
Galvão  
Ipuaçú  
Lajeado Grande  
Marema  
Ouro Verde

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

---

### Associação dos municípios do alto Irani - AMAI

---

Passos Maia  
Ponte Serrada  
São Domingos  
Vargeão  
Xanxerê  
Xaxim

---

### Associação dos municípios do Vale do Itapocu - AMVALI

---

Barra Velha  
Corupá  
Guaramirim  
Jaraguá do Sul  
Massaranduba  
São João do Itaperiú  
Schroeder

---

### Associação dos municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC

---

Araranguá  
Balneário Arroio do Silva  
Balneário Gaivota  
Ermo  
Jacinto Machado  
Maracajá  
Meleiro  
Morro Grande  
Passo de Torres  
Praia Grande  
Santa Rosa do Sul  
São João do Sul  
Sombrio  
Timbé do Sul  
Turvo

---

### Associação dos municípios da Região do Contestado - AMURC

---

Bela Vista do Toldo  
Canoinhas  
Irineópolis  
Major Vieira  
Matos Costa  
Porto União  
Três Barras

---

(Continua)

(Continuação)

---

### Associação dos municípios do Entre Rios - AMERIOS

---

Bom Jesus do Oeste  
Caibi  
Campo Erê  
Cunha Porã  
Cunhataí  
Flor do Sertão  
Iraceminha  
Maravilha  
Modelo  
Palmitos  
Riqueza  
Romelândia  
Saltinho  
Santa Terezinha do Progresso  
São Miguel da Boa Vista  
Saudades  
Tigrinhos

---

### Associação dos municípios do Noroeste Catarinense AMNOROESTE

---

Jupiá  
Novo Horizonte  
São Bernardino  
São Lourenço do Oeste

---

### Associação dos municípios do Planalto Sul Catarinense - AMPLASC

---

Abdon Batista  
Brunópolis  
Campos Novos  
Celso Ramos  
Monte Carlo  
Vargem  
Zortéa

---

## ANEXO V

### Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios

*Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das Regiões Hidrográficas e Municípios*

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-1 Extremo Oeste	Rio Peperi-Guaçu	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Itapiranga Paraíso Princesa Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel do Oeste Tunápolis
	Rio das Antas	Anchieta Caibi Campo Erê Cunha Porã Descanso Flor do Sertão Iporã do Oeste Iraceminha Maravilha Mondai Palma Sola Palmitos Riqueza Romelândia Santa Terezinha Progresso São Miguel da Boa Vista Tigrinhos

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-2 Meio Oeste	Rio Chapecó	Abelardo Luz Águas de Chapecó Águas Frias Bom Jesus do Oeste Caxambu do Sul Cordilheira Alta Coronel Freitas Coronel Martins Cunhataí Entre Rios Formosa do Sul Galvão Guatambu Ipuaçú Irati Jardinópolis Jupia Lajeado Grande Marema Modelo Nova Erechim Nova Itaberaba Novo Horizonte Ouro Verde Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo Saltinho Santiago do Sul São Bernadino São Carlos São Domingos São Lourenço do Oeste Saudades Serra Alta Sul Brasil União do Oeste
	Rio Irani	Arvoredo Bom Jesus Chapecó Faxinal dos Guedes Passos Maia Ponte Serrada Vargeão Xanxerê Xavantina Xaxim

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-3 Vale do Rio do Peixe	Rio do Peixe	Arroio Trinta Caçador Calmon Capinzal Ervai Velho Fraiburgo Herval do Oeste Ibiam Ibicaré Iomerê Ipira Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Macieira Ouro Peritiba Pinheiro Preto Piratuba Rio das Antas Salto Veloso Tangará Treze Tílias Videira
	Rio Jacutinga	Água Doce Alto Bela Vista Arabutã Catanduvas Concórdia Ipumirim Irani Itá Jaborá Lindóia do Sul Paial Presidente Castelo Branco Seara Vargem Bonita

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-4 Planalto de Lages	Rio Canoas	Abdon Batista Anita Garibaldi Bocaina do Sul Bom Retiro Brunópolis Capão Alto Campo Belo do Sul Campos Novos Celso Ramos Cerro Negro Correa Pinto Curitibanos Frei Rogério Lages Lebon Regis Monte Carlo Otacílio Costa Painel Palmeira Ponte Alta Ponte Alta do Norte Rio Rufino Santa Cecília São Cristovão do Sul São José do Cerrito Urubici Vargem Zortéa
	Rio Pelotas	Bom Jardim da Serra São Joaquim Urupema
RH-5 Planalto de Canoinhas	Rio Negro	Campo Alegre Mafra Rio Negrinho São Bento do Sul Três Barras
	Rio Canoinhas	Bela Vista do Toldo Canoinhas Itaiópolis Major Vieira Monte Castelo Papanduva
	Rio Iguaçú	Irineópolis Matos Costa Porto União Timbó Grande

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-6 Baixada Norte	Rio Cubatão	Garuva Itapoá Joinville São Francisco do Sul
	Rio Itapocu	Araquari Balneário Barra do Sul Barra Velha Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba São João do Itaperiú Schroeder
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Agrolândia Agronômica Alfredo Wagner Atalanta Aurora Apiuna Ascurra Balneário Camboriú Benedito Novo Blumenau Botuverá Braço do Trombudo Brusque Camboriú Chapadão do Lajeado Dona Emma Doutor Pedrinho Gaspar Guabiruba Ibirama Ilhota Imbuia Indaial Itajaí Ituporanga José Boiteux Laurentino Lontras Luiz Alves Mirim Doce Navegantes Penha Petrolândia Piçarras Pomerode

(Continuação)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Pouso Redondo Presidente Getúlio Presidente Nereu Rio do Campo Rio do Oeste Rio dos Cedros Rio do Sul Rodeio Salete Santa Terezinha Taió Timbó Trombudo Central Vidal Ramos Vitor Meirelles Witmarsum
RH-8 Litoral Centro	Rio Tijucas	Angelina Bombinhas Canelinha Governador Celso Ramos Itapema Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento Porto Belo São João Batista Tijucas
	Rio Biguaçu	Antonio Carlos Biguaçu Florianópolis
	Rio Cubatão do Sul	Águas Mornas Palhoça Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São José São Pedro de Alcântara
	Rio da Madre	Garopaba Paulo Lopes
RH-9 Sul Catarinense	Rio D'Una	Imarui Imbituba
	Rio Tubarão	Anitápolis Armazém Braço do Norte Capivari de Baixo Grão Pará Gravatal Jaguaruna

(Continua)

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-9 Sul Catarinense	Rio Tubarão	Laguna Lauro Muller Orleans Pedras Grandes Rio Fortuna Sangão Santa Rosa de Lima São Bonifácio São Ludgero São Martinho Treze de Maio Tubarão
RH-10 Extremo Sul Catarinense	Rio Urussanga	Cocal do Sul Içara Morro da Fumaça Urussanga
	Rio Araranguá	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Criciúma Ermo Forquilha Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Nova Veneza Siderópolis Sombrio Timbé do Sul Treviso Turvo
	Rio Mampituba	Passos de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul

## ANEXO VI

### Conceitos

*Consumo aparente de fertilizantes* - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

*Cooperativa* - Sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica.

*Erva-mate cancheada* - É a erva-mate que já passou pelo processo de sapeco e secagem e já foi triturada na cancha ou malhada; representa de 40% a 50% do peso da erva-mate em folha verde.

*Microrregião geográfica (MRG)* - Regionalização criada mediante a resolução PR nº 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

*Pessoal ocupado* - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

*População residente* - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

*População rural* - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

*População urbana* - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

*Precipitação pluviométrica* - Processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre.

*Preços médios ponderados* - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

*Produção* - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

*Produção extrativa vegetal* - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

*Produto* - Resultado de qualquer atividade específica.

*Produto Interno Bruto (PIB)* - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

*Semente fiscalizada* - Resultante da multiplicação da semente básica, produzida em campos específicos, de acordo com as normas estabelecidas pela entidade fiscalizadora e responsável pela qualificação do produto.

*Setor terciário* - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

*Situação de domicílio* - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

*Temperatura* - Aquecimento ou resfriamento do ar, governado pelo balanço da radiação solar na superfície terrestre.

*Temperatura máxima* - Valor máximo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

*Temperatura mínima* - Valor mínimo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

*Umidade relativa do ar* - Água na fase de vapor que existe na atmosfera.

*Valor Bruto da Produção (VBP)* - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

Fonte: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Metodologia do censo agropecuário de 1980*. Rio de Janeiro, 1985. 247 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 5).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Metodologia das pesquisas agropecuárias anuais - 1981*. Rio de Janeiro, 1983. 230 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 3).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas e Inquéritos. *Pesquisas agropecuárias contínuas*. Rio de Janeiro, 1988. v. 1, n. 2, 360 p.

## Lista de fontes

ANUÁRIO ESTATÍSTICO 2000-2004 [Anfavea]. São Paulo: Anfavea, 2004. Disponível em: <http://www.anfavea.com.br>

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CRÉDITO RURAL – 1999-2002. Brasília: BCB, 2000-2003. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br>

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO SETOR DE FERTILIZANTES - 1999 - 2003. São Paulo:Anda, 1999-2003. Disponível em: <http://www.anda.org.br>

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. {Relatório das unidades por UF e município - 10/05/04}. Brasília, 2004.

CONAB. Preços mínimos. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

FAO. Base de Dados Estadísticos. Disponível em: <http://www.fao.org>

IBGE. Banco de Dados Agregados – SIDRA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

OCESC. Informativo técnico. Estatísticas do cooperativismo catarinense. Disponível em: <http://www.ocesc.org.br>

SECEX/DECEX. Indicadores – Alice Web. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/indicadores> USDA. ([www.usda.gov](http://www.usda.gov))

## Lista de Figuras

### Desempenho do agronegócio catarinense

1. Produto interno bruto trimestral (%) - 2004-05 .....	15
---	----

### Desempenho da produção vegetal

#### Alho

1. Evolução da área plantada em Santa Catarina - Safras 1993/94 - 2003/04 .....	27
2. Evolução da produção catarinense - Safras 1996/97 - 2003/04 .....	28
3. Comportamento da produção brasileira - Safras 1994/05 - 2003/04 .....	30
4. Evolução da produtividade brasileira - Safras 1994/95 - 2003/04 .....	30
5. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2002/04 .....	32

#### Batata

1. Evolução da área plantada em Santa Catarina - Safras 1999/00 - 2003/04 .....	67
2. Comportamento da produção catarinense - Safras 1999/00 - 2003/04 .....	67
3. Comportamento da produção brasileira - Safras 1999/00 - 2003/04 .....	69
4. Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - 2003-04 .....	71

#### Cebola

1. Desempenho da produção brasileira - Safras 1999/00 - 2003/04 .....	72
2. Comportamento da área plantada no Brasil - Safras 1999/00 - 2003/04 .....	73
3. Evolução da produtividade média brasileira - Safras 1999/00 - 2003/04 .....	73
4. Participação dos estados no total da produção - Brasil - Safra 2003/04 .....	75
5. Preços médios mensais de comercialização - Entrepasto da Ceagesp/SP - 2004 .....	76
6. Preços médios mensais ponderados recebidos pelos produtores de Santa Catarina - Safras 2002/03 - 2003/04 .....	77
7. Importações brasileiras - 2000-004 .....	78

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

### Maçã

1. Quantidade e valor exportado - Brasil - 2000/05 .....	118
2. Quantidade importada - 2000-05 .....	118
3. Preço no atacado da Ceagesp - Jan.2002/Jun.2005 .....	119

### Mandioca

1. Raiz - Preços mensais recebidos pelo produtor - Sul Catarinense - 2003-05 .....	134
2. Raiz - Preços mensais recebidos pelo produtor - Alto Vale - 2003-05 .....	134
3. Farinha Grossa - Preço recebido na Região Sul Catarinense - 2003-05 .....	135
4. Farinha Fina - Preço recebido na Região Sul Catarinense - 2003-05 .....	135
5. Fécula - Preço na indústria - Região Sul Catarinense - 2003/05 .....	135
6. Fécula - Preço na indústria - Região do Alto Vale do Itajaí - 2003/05 .....	136
7. Polvilho azedo - Preço recebido - Região Sul Catarinense - 2003/05 .....	136

### Milho

1. Principais produtores - 03/04 .....	137
2. Evolução das cotações internacionais .....	139
3. Produção do Mercosul - 03/04 .....	139
4. Brasil - Principais estados produtores - 03/04 .....	140
5. Evolução da produção, do consumo e do déficit .....	141
6. Preços ao produtor de Chapecó .....	142

### Soja

1. Principais produtores mundiais - Safra 2003/04 .....	147
2. Cotações internacionais - 2003-05 .....	149
3. Produção do Mercosul - 2003/04 .....	149
4. Brasil - Principais estados produtores - 2003/04 .....	150
5. Produtor de chapecó - 2004-05 .....	151

### Tomate

1. Produção - Participação percentual dos principais países produtores - Safra 2003/04 .....	157
2. Área colhida - Participação percentual dos principais países produtores - Safra 2003/04 .....	157
3. Produção - Participação percentual dos principais países produtores - América do Sul - Safra 2003/04 .....	159
4. Área colhida - Participação percentual dos principais países produtores - América Latina - Safra 2003/04 .....	159
5. Área plantada - Participação percentual por estado - Safra 2003/04 .....	161
6. Produção - Participação percentual por estado - Safra 2003/04 .....	161
7. Área plantada - Principais microrregiões geográficas de Santa Catarina - Safra 2003/04 .....	165
8. Quantidade produzida nas principais regiões produtoras - Safra 2003/04 .....	165
9. Preços médios mensais recebidos pelo produtor de Santa Catarina - Safras 2000/01 - 2004/05 .....	167

### Uva e vinho

1. Participação relativa dos estados na produção - 2003-05 .....	181
--	-----

### Flores e plantas ornamentais

1. Percentual de área cultivada, por categoria de produção e técnica de plantio - Brasil - 2000-002 .....	190
2. Distribuição percentual dos canais de comercialização interna - Setor de flores - 2001-02 .....	200

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

## Desempenho da produção animal

### Carne bovina

1. Preços mensais recebidos pelo produtor catarinense - 2003-05 .....	219
---	-----

### Carne de frangos

1. Abate de Frangos com SIF - Participação dos estados brasileiros - 2004 .....	221
2. Participação do Brasil nas exportações mundiais - 2004 .....	222

### Carne suína

1. Destino das exportações brasileiras - 2004 .....	226
---	-----

### Mel

1. Preços anuais recebidos pelo produtor catarinense - Jan./2001 - Maio/2005 .....	254
--	-----

## Desempenho da pesca e aquíicultura

1. Valor das exportações e importações de pescados brasileiros - 1998-004 .....	255
2. Produção da piscicultura em águas interiores - Santa Catarina - 1992-004 .....	258
3. Camarão cultivado - Produção catarinense - 1998-004 .....	259
4. Ostras cultivadas - Santa Catarina - 1998-004 .....	261
5. Mexilhões cultivados - Santa Catarina - 1998-004 .....	261

## Desempenho do setor florestal

1. Participação dos principais estados nas exportações brasileira - 2004 .....	272
2. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada a papel e celulose - 2003 .....	274
3. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada ao processamento mecânico - 2003 .....	274
4. Participação dos estados na produção extrativa de madeira em toras no Brasil - 2003 .....	275
5. Exportações brasileiras de madeira e suas obras -1993-003 .....	278
6. Exportações brasileiras de móveis de madeira e suas partes - 1994-004 .....	285
7. Exportações brasileiras de papel e celulose - 1994-004 .....	285
8. Número de empresas do setor florestal, por segmento, em Santa Catarina - 2003 .....	289
9. Número de empregados do setor florestal, por segmento, em Santa Catarina - 2003 .....	289
10. Composição da cobertura do solo em Santa Catarina, 2004 .....	290
11. Preços médios recebidos pelos produtores pelos principais produtos florestais de Santa Catarina - 1995-005 .....	296
12. Madeira Industrial - Preços médios da matéria-prima - Jan./99 - maio/05 .....	297
13. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses - 1993-004 .....	298
14. Exportações florestais de Santa Catarina por segmento - 2004 .....	299

## Lista de tabelas

### Parte I

#### Desempenho do agronegócio catarinense

1. Área plantada, produção e posição de Santa Catarina na produção nacional, segundo os principais produtos agrícolas – Safra 2003/04 .....	17
2. Valor bruto da produção (VBP) e variação da produção e dos preços na agropecuária catarinense, segundo grupos dos principais produtos – 2003/04 .....	18
3. Estimativa da evolução da produção e dos preços ao produtor na agropecuária catarinense, segundo grupo dos principais produtos – Safras 2003/04 - 2004/05 .....	23

#### Desempenho da produção vegetal

##### Alho

1. Área plantada, produção e rendimento obtido por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2003/04 .....	27
2. Área plantada, produção e rendimento - Brasil e principais estados - 2001/02 – 2003/04 .....	33

##### Arroz

1. Arroz em casca no mundo - Produção, área cultivada e rendimento médio – 1999-2004 .....	34
2. Arroz em casca - Produção dos onze principais países - 1999-2004 .....	35
3. Comércio mundial - 1999-2003 .....	36
4. Arroz em casca no Mercosul - Produção, área cultivada e rendimento médio por país - 1999-2004 .....	38
5. Importações brasileiras oriundas dos demais países do Mercosul - 1999-2004 .....	39
6. Brasil - Arroz em casca - Balanço de oferta e demanda - Safras 1998/99 - 2002/03 - 2004/05 .....	40
7. Arroz em casca - Produção, área cultivada e rendimento médio - Brasil - 1999-2005 .....	40
8. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos principais estados produtores - Brasil - 1999-2005 .....	42
9. Arroz em casca - Evolução dos preços médios recebidos pelo produtor catarinense e gaúcho - Março/03 - Junho/05 .....	43
10. Arroz em casca - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina - 1999-2005 .....	44
11. Arroz irrigado em casca - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio por microrregião geográfica - Santa Catarina - 1999-2005 .....	47

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

### Banana

1. Quantidade produzida das principais frutas no mundo - 2000-004 .....	49
2. Evolução da cultura no mundo - 1998-004 .....	50
3. Plátanos - Evolução da cultura no mundo - 1998-004 .....	50
4. Área plantada, produção e rendimento no mundo e nos principais países produtores - 2003-04 .....	51
5. Plátanos - Área plantada, produção e rendimento no mundo e nos principais países produtores - 2003-04 .....	52
6. Principais frutas - Brasil - Quantidade produzida - 2000-004 .....	53
7. Consumo per cápita de frutas no Brasil - 1997-002 .....	54
8. Área plantada, produção e rendimento no Brasil e nos estados - 2002-04 .....	55
9. Área, produção e rendimento médio nas microrregiões de Santa Catarina - 2003-04 .....	57
10. Área, produção e rendimento médio nos principais municípios produtores de Santa Catarina - 2003-04 .....	57
11. Evolução do comércio mundial das exportações - 1999-003 .....	58
12. Evolução do comércio mundial das importações - 1999-003 .....	58
13. Volume e valor das importações, por país - 2003 .....	59
14. Volume e valor das exportações, por país - 2003 .....	60
15. Exportações brasileiras - 1996-004 .....	61
16. Evolução das exportações nos principais estados da Federação - Valor, volume e preço por tonelada - 1996-004 .....	62
17. Destino das exportações brasileiras - 1996-004 .....	63
18. Banana-caturra - Média dos preços em Santa Catarina - 2003-04 .....	64
19. Banana-prata - Média dos preços em Santa Catarina - 2003-04 .....	65

### Batata

1. Área plantada, produção e rendimento obtido por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2003/04 .....	68
2. Área plantada, produção e rendimento obtido - Brasil - 2003/04 .....	70
3. Área plantada, produção e rendimento por estado - 2001/02-2003/04 .....	71

### Cebola

1. Área plantada, produção e rendimento obtido - Brasil - 2003/04 .....	74
2. Área plantada, produção e rendimento, por estado - 2001/02-2003/04 .....	79

### Feijão

1. Feijão seco - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Mundo e principais países produtores - 2002-04 .....	81
2. Feijão seco - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Total mundial e principais países produtores - 1990-92 - 1996-98 - 2002-04 .....	83
3. Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Total mundial e países do Mercosul - 2002-04 .....	85
4. Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio - Total mundial e países do Mercosul - 1990-92 - 1996-98 - 2002-04 .....	86
5. Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 1990-92 - 1997-99 - 2003-05 .....	88
6. Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 2003-05 .....	90
7. Feijão 1ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 2003-05 .....	91
8. Feijão 2ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 2003-05 .....	93
9. Feijão 3ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - 2003-05 .....	94
10. Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 1990-92, 1997-99, 2003-05 .....	96
11. Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 2003-05 .....	97
12. Feijão 1ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 1990-92 - 1997-99 - 2003-05 .....	100
13. Feijão 1ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 2003-05 .....	101
14. Feijão 2ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 1990-92 - 1997-99 - 2003-05 .....	103
15. Feijão 2ª safra - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio - Santa Catarina e principais microrregiões geográficas - 2003-05 .....	104

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

### Fumo

1. Produção mundial e dos principais países – 1990-2004 .....	109
2. Comparativo das safras do Brasil – 1995/96 - 2004/05 .....	109
3. Comparativo das safras, segundo os estados e regiões do Brasil – 2001/02 - 2003/04 .....	110
4. Quantidade produzida e exportada pelo Brasil – 1992-004 .....	110
5. Exportações brasileiras – 1992-004 .....	111
6. Exportações brasileiras – 1995-004 .....	111
7. Exportações catarinenses – 1992-004 .....	111
8. Comparativo das safras da Região Sul do Brasil – 2002/03 - 2004/05 .....	112
9. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil – 1996/97 - 2004/05 .....	112
10. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil – 1996/97 - 2004/05 .....	112
11. Comparativo das safras de Santa Catarina - 1995/96 - 2004/05 .....	113
12. Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões de Santa Catarina - 2001/02 - 2003/04 .....	113

### Maçã

1. Área colhida e produção – Total e principais países – 2001/02 - 2003/04 .....	115
2. Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países - 2001-03 .....	115
3. Quantidade e valor das importações mundiais e principais países - 2001-03 .....	116
4. Área colhida e produção - Brasil e principais estados - 2001/02 - 2004/05 .....	117

### Mandioca

1. Raiz de mandioca – Área colhida, produção mundial e principais países produtores – 2001/02 - 2003/04 .....	123
2. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2001-03 .....	124
3. Amido de mandioca - Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países - 2001-03 .....	124
4. Farinha de mandioca - Quantidade e valor das importações mundiais e principais países - 2001-03 .....	125
5. Amido de mandioca - Quantidade e valor das importações mundiais e principais países - 2001-03 .....	125
6. Raiz de mandioca - Área colhida e produção - Brasil e principais estados - Safras 2002/03 - 2004/05 .....	126
7. Raiz de mandioca - Área colhida e produção - Santa Catarina e microrregiões geográficas - Safras 2001/02 - 2003/04 .....	132

### Milho

1. Oferta/demanda mundial e norte-americana – 2003/04 - 2004/05- 2005/06 .....	138
2. Oferta/demanda da Argentina – 2002/03 - 2003/04 - 2004/05 .....	140
3. Oferta/demanda – Brasil – 2001/02 - 2002/03 - 2004/05 .....	141
4. Oferta/demanda – Santa Catarina – 2002-05 .....	143
5. Área produção e rendimento mundial – Safras 2002/03 - 2004/05 .....	144
6. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 2002/03 - 2004/05 .....	145
7. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2002/03 - 2004/05 .....	146

### Soja

1. Soja-grão – Oferta/demanda mundial e norte-americana – 2002/03 - 2004/05 .....	148
2. Complexo soja – Brasil – Oferta/demanda – 2001/02 - 2002/03 .....	150
3. Área, produção e rendimento mundial e do Mercosul – Safras 2002/03 - 2004/05 .....	153
4. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras 2002/03 - 2004/05 .....	154
5. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – Safras 2002/03 - 2004/05 .....	154

### Tomate

1. Área plantada e produção obtida nos principais países produtores – 2001/02 - 2003/04 .....	156
2. Área plantada e quantidade produzida nos países da América do Sul – 2001/02 - 2003/04 .....	159
3. Área plantada, produção obtida e rendimento médio nos estados brasileiros – Safras 2001/02 - 2003/04 .....	162
4. Área colhida e quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina – Safras 2001/02 - 2003/04 .....	164
5. Preços médios mensais pagos aos produtores em Santa Catarina – 2001-05 .....	165

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

### Trigo

1. Balanço mundial de oferta e demanda – Safras 1994/95 - 2005/06 .....	171
2. Produção mundial e dos principais países produtores – 2001/02 - 2005/06 .....	172
3. Estimativa de exportação, dos principais países e mundial – 2001/02 - 2005/06 .....	172
4. Estimativa de importação dos principais países e mundial – 2001/02 - 2005/06 .....	173
5. Comparativo das safras do Brasil – Safras 1996/97 - 2005/06 .....	173
6. Área plantada, produção e rendimento, segundo os estados – Safras 2002/03 - 2004/05 .....	174
7. Oferta e demanda brasileiras – Safras 2000/01 - 2005/06 .....	174
8. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil – 1996-2004 .....	175
9. Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil – 1996-2004 .....	175
10. Comparativo das safras de Santa Catarina – Safras 1996/97 - 2005/06 .....	176
11. Comparativo de safra, segundo as microrregiões de Santa Catarina - Safras 2002/03 - 2004/05 .....	176
12. Preços mínimos de garantia - 2001-2005 .....	177
13. Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 2001-05 .....	177

### Flores e plantas ornamentais

1. Número de municípios e de propriedades cadastradas, por estado – 2001-02 .....	187
2. Área cultivada, por técnica de produção, por estado – 2001-02 .....	188
3. Área média e número de propriedades, por estado – 2001-02 .....	189
4. Área cultivada, por categoria de produção e técnica de plantio - Brasil - 2001-02 .....	189
5. Flores de corte – Área cultivada por espécie – Brasil – 2001-02 .....	190
6. Folhagem de corte – Área cultivada, por espécie, Brasil – 2001-02 .....	191
7. Flores em vaso – Área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-02 .....	191
8. Folhagem em vaso – Área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-02 .....	192
9. Mudanças de plantas ornamentais - árvores - Área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-02 .....	192
10. Mudanças de plantas ornamentais – palmeiras - Área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-02 .....	193
11. Mudanças de plantas ornamentais – arbustos e trepadeiras - Área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-02 .....	193
12. Mudanças de plantas ornamentais – forração e gramas – área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-02 .....	194
13. Outros produtos – Área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-02 .....	194
14. Atividade floricultura – Quantidade e capacidade das benfeitorias e instalações, por estado – 2001-02 .....	195
15. Quantidade média de empregos gerados, por propriedade e por área cultivada em cada estado brasileiro – 2001-02 .....	196
16. Quantidade de empregos gerados pelo setor, por estado – 2001-02 .....	196
17. Participação do setor em organizações de classe, por estado – 2001-02 .....	197
18. Perfil gerencial dos produtores do setor de flores, por estado – 2001-02 .....	198
19. Tipificação da assistência técnica no setor de flores, por estado – 2001-02 .....	199
20. Tipo de transporte utilizado no setor de flores, por estado – 2001-02 .....	200
21. Participação percentual, por grupo de produtos, na pauta de exportações brasileiras - 2002-04 .....	201
22. Ranking dos países importadores de flores e plantas ornamentais do Brasil - 2002-04 .....	202
23. Ranking dos estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais - 2002-04 .....	203
24. Brasil - Importações de flores e plantas ornamentais - 1999-004 .....	204
25. Evolução da floricultura catarinense - 1997-2002 .....	206
26. Santa Catarina - Produção, comercializada de flores - 2000 .....	209
27. Exportações de flores e plantas ornamentais - 1999-004 .....	210
28. Exportações catarinenses de produtos de floricultura - 2002-04 .....	211
29. Santa Catarina - Importações de flores e plantas ornamentais – 1999-004 .....	212
30. Comportamento dos preços mensais ao produtor, de flores e plantas ornamentais em Santa Catarina – 2004 .....	213
31. Balança comercial brasileira, plantas vivas e produtos da floricultura - 2004 .....	214

## Desempenho da produção animal

### Carne bovina

1. Produção mundial de carne de boi, de búfalo e de vitela - 2002-04 .....	216
--	-----

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

2. Exportação mundial de carne de boi, de búfalo e de vitela - 2002-05 .....	217
3. Rebanho bovino brasileiro - 2003 .....	217
4. Oferta e demanda nacional - 2000-005 .....	218
5. Bovinos de corte - Efetivo por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2000-003 .....	218
6. Santa Catarina - Abates mensais de bovinos - 2000-005 .....	219
7. Carne bovina - Oferta e demanda catarinense - 2000-004 .....	219

### Carne de frangos

1. Oferta e demanda brasileiras - 2003-05 .....	220
2. Produção brasileira -2001-05 .....	221
3. Exportações brasileiras e catarinenses - 2000-005 .....	222
4. Oferta e demanda catarinenses - 2003-04 .....	223
5. Abate de frangos em Santa Catarina - 2000-004 .....	223

### Carne suína

1. Principais países produtores no mundo - 2000-005 .....	224
2. Balanço da oferta e demanda nos principais países produtores - 2004 .....	225
3. Balanço da oferta e demanda no Brasil - 2000-004 .....	225
4. Destino das exportações brasileiras - 2004 .....	226
5. Estados produtores e exportadores no Brasil - 2004 .....	227
6. Balanço da oferta e demanda em Santa Catarina - 2001-04 .....	227
7. Exportações catarinenses - 1996-004 .....	227

### Leite

1. Produção mundial e dos principais países produtores - 1970-004 .....	233
2. Leite de vaca - Produção mundial e dos principais países produtores - 1970-2004 .....	233
3. Produção brasileira, segundo os estados - 1985-2003 .....	234
4. Comparativo entre a produção total e a destinada à industrialização, segundo os estados - 1999 e 2003 .....	235
5. Produção destinada à industrialização, segundo os estados - 1999-004 .....	236
6. Produção brasileira destinada à industrialização, segundo os meses - 1999-004 .....	237
7. Leite e derivados - Importações brasileiras -1992-004 .....	237
8. Leite e derivados - Importações brasileiras, segundo os principais países - 2002-04 .....	238
9. Leite e derivados - Importações brasileiras - janeiro a junho - 1992-005 .....	238
10. Leite e derivados - Exportações brasileiras - 1992-004 .....	239
11. Leite e derivados - Exportações brasileiras - janeiro a junho - 1992-005 .....	239
12. Produção catarinense, segundo as micro e mesorregiões - 1985-2004 .....	240
13. Produção inspecionada - Total das indústrias e postos de resfriamento catarinenses - 1999-004 .....	241
14. Produção destinada à industrialização em Santa Catarina, segundo os meses - 1999-004 .....	241
14. Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina - 2000-005 .....	242

### Mel

1. Quantidade produzida no mundo e nos principais países - 2002-04 .....	244
2. Quantidade e valor das exportações, total e nos principais países - 2001-03 .....	245
3. Quantidade e valor das importações, total e nos principais países - 2001-03 .....	245
4. Produção brasileira e dos principais estados - 2000-03 .....	247
5. Valor e quantidade das exportações brasileiras, por país de destino - 2003-05 .....	248
6. Quantidade e valor das exportações brasileiras, por estado - 2003-05 .....	249
7. Preços das exportações brasileiras - Média nacional e dos principais estados vendedores - 2003-05 .....	249
8. Período de colheita, tipo de florada, número de colmeia por apicultor e rendimento por colmeia, por mesorregião de Santa Catarina - 2003 .....	251
9. Quantidade produzida e participação percentual por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2000-003 .....	252

## Desempenho da pesca e aquíicultura

1. Exportação brasileira de camarão e outros pescados – 1998-004 .....	256
2. Exportação catarinense de camarão e outros pescados brasileiros – 1998-004 .....	257
3. Preço dos peixes destinados à indústria e ao pesque-pague – Média de Santa Catarina – 2002-04 .....	259
4. Camarão – Valor, quantidade e preço médio das exportações catarinenses – 1998-004 .....	260
5. Produção de ostras cultivadas, por município - Santa Catarina – 2004 .....	260
6. Preço das ostras cultivadas - Santa Catarina – 2002-04 .....	261
7. Preço dos mexilhões cultivados - Santa Catarina – 2002-04 .....	262

## Desempenho do setor florestal

1. Área de florestas naturais e plantadas no mundo - 2004 .....	263
2. Produção mundial de madeira em toras segundo os principais países - 2000-003 .....	264
3. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial, segundo os principais países - 2000-003 .....	265
4. Produção mundial de celulose segundo os principais países - 2000-003 .....	266
5. Produção mundial de papel e cartões, segundo os principais países - 2000-003 .....	267
6. Valor das exportações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2000-003 .....	268
7. Valor das importações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2000-003 .....	268
8. Produção dos principais produtos florestais - Brasil - 1999-003 .....	273
9. Produção e destino dos compensados - Brasil - 1999-003 .....	279
10. Produção e destino da madeira serrada - Brasil - 1994-003 .....	280
11. Produção e destino de produtos de maior valor agregado - Brasil - 1998-002 .....	281
12. Produção e destino dos painéis reconstituídos - Brasil - 1998-004 .....	282
13. Produção brasileira de celulose e papel - 2003-04 .....	286
14. Financiamentos concedidos a projetos de silvicultura em Santa Catarina pelos principais agentes financeiros - 2003-05 .....	291
15. Produção dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2000-004 .....	292
16. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2000-005 .....	294
17. Preço médio dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2000-005 .....	296
18. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 1998-004 .....	299

## Parte II

### Divisão política do território e informações climáticas

1. Área territorial, segundo os municípios – Santa Catarina -2000 .....	300
2. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2004 .....	305
3. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2004 .....	305
4. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2004 .....	306
5. Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2004 .....	306

### Caracterização socioeconômica

6. População residente, segundo a situação de domicílio – Brasil e Santa Catarina – 1991-003 .....	307
7. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade - Santa Catarina - 2001-03 .....	307
8. População residente total, rural e urbana, segundo os municípios – Santa Catarina – 2000 .....	308
9. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade – Santa Catarina – 2002-03 .....	314

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

10. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade – Santa Catarina – 2002-03 .....	315
11. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio – Santa Catarina – 2002-03 .....	315
12. Trabalhadores no agronegócio catarinense – 2000-003 .....	316

### Estrutura de produção e comercialização

13. Capacidade estática de armazenagem em meio ambiente não controlado, por tipo, dos armazéns cadastrados na Conab, segundo as microrregiões geográficas – Santa Catarina – 2005 .....	317
14. Cooperativas, segundo o tipo de atividade – Santa Catarina – 2000-004 .....	318
15. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa – Santa Catarina – 2000-004 .....	318
16. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos – Santa Catarina – 2000-004 .....	319
17. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo – Santa Catarina – 2000-004 .....	319
18. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo – Santa Catarina – 2000-004 .....	320
19. Produção de sementes certificadas, segundo os produtos agrícolas – Santa Catarina – 1998/99-2003/04 .....	320
20. Produção de sementes fiscalizadas, segundo os principais produtos agrícolas – Santa Catarina – 1998/99-2003/04 .....	321
21. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade – Santa Catarina - 1999-003 .....	321

### Informações econômicas da agropecuária

22. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais – Santa Catarina - Safras – 2003/04-2004/05 .....	322
23. Exportações do agronegócio catarinense - 2000-005 .....	323
24. Importações do agronegócio catarinense –2000-005 .....	324
25. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno bruto de Santa Catarina, segundo a atividade econômica do setor primário – Santa Catarina – 1999-004 .....	325
26. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense – 1999-004 .....	325
27. Índice de produtividade das principais culturas – Santa Catarina – 1986-004 .....	326

### Preços agrícolas

28. Preços mínimos vigentes, por produto, na região Centro-Sul – 2000-005 .....	327
29. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - Jan./Dez.-2004 .....	329
30. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários – Santa Catarina – Fev./Jun.-2005 .....	330
31. Índice de preços recebidos pelos agricultores catarinenses – IPR – 2005 .....	331
32. Preços médios mensais dos produtos da pesca em frigoríficos atacadistas de Santa Catarina – agosto de 2004 a setembro de 2005 .....	331
33. Preços médios mensais recebidos pelos aquícultores em Santa Catarina .....	333
34. Equivalência entre preços pagos e recebidos pelos agricultores catarinenses .....	334

## Índice Remissivo

Abate, 219, 223, 227  
Agronegócio, 9-25  
Alho, 26-33  
Área territorial, 300-303  
Armazenagem, 317  
Arroz, 34-47  
Associação de municípios, 376-379  
Aves, 220-223  
Bacias hidrográficas, 380-386  
Balanço de oferta e demanda, 322  
Banana, 48-65  
Batata, 66-71  
Calendário agrícola, 215  
Carne bovina, 216-219  
Carne de frango, 220-223  
Carne suína, 224-227  
Cebola, 72-79  
Cooperativas, 318-319  
Crédito rural, 321  
Divisão territorial, 367-375  
Equivalência de preços, 334  
Exportação, 323  
Feijão, 80-104  
Fertilizantes, 320  
Flores, 187-214  
Fumo, 105-113  
Importação, 324  
Índice de produtividade, 326  
Leite, 228-242  
Maçã, 114-121  
Mandioca, 122-136  
Máquinas agrícolas, 319  
Maricultura, 259-262

## Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004 - 2005

Mel de abelha, 243-254  
Meso e microrregiões geográficas, 367-375  
Milho, 137-146  
Pesca, 255-262  
Pessoal ocupado, 314-315  
PIB, 14-15  
Piscicultura de água doce, 257-259  
Plantas ornamentais, 187-214  
População residente, 307  
População rural, 307-314  
População urbana, 307-314  
Precipitação pluviométrica, 306  
Preços agrícolas, 327-331  
Preços mínimos, 327-328  
Preços recebidos, 329-333  
Produção agrícola, 17  
Produção animal, 216-227  
Produção vegetal, 26-215  
Produto interno bruto, 14-15  
Produtos florestais, 263-299  
Sementes certificadas, 320  
Sementes fiscalizadas, 321  
Soja, 147-154  
Temperatura máxima, 305  
Temperatura mínima, 305  
Tomate, 155-167  
Trabalhadores no agronegócio, 316  
Trigo, 168-177  
Umidade relativa, 306  
Uva, 178-186  
Valor bruto da produção, 18, 325-326  
Vinho, 178-186



**Os produtores de banana  
de Santa Catarina contam  
com o apoio do BRDE.**



A banana catarinense é conhecida em todo o país pela sua excelente qualidade. Os 7 milhões de reais em financiamento disponibilizados pelo BRDE são uma oportunidade para os bananicultores catarinenses elevar ainda mais a produtividade e melhorar a qualidade do produto.

